'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/cropped-Allan-Kardec.jpg', 'cropped-Allan-Kardec.jpg', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'cropped-allan-kardec-jpg', '', '', '2021-01-21 15:20:30', '2021-01-21 18:20:30', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/cropped-Allan-Kardec.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(141, 1, '2021-01-21 15:35:42', '2021-01-21 18:35:42', '', 'lÃ­rios do campo', 'Mt. Chike and Mt. Lioushidan are the two major places in Hualien for picturesque daylily fields from August till September every year. Where visitors may admire the mountains covered in a sea of golden-colored flowers wave in the wind during the Daylily Flower Blossoming Season.', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'lirios-do-campo', '', '', '2021-01-21 15:35:42', '2021-01-21 18:35:42', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirios-do-campo.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(143, 1, '2021-01-21 15:38:58', '2021-01-21 18:38:58', '', 'lÃ­rios do campo', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'lirios-do-campo-2', '', '', '2021-01-21 15:38:58', '2021-01-21 18:38:58', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirios-do-campo-1.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(145, 1, '2021-01-21 15:40:16', '2021-01-21 18:40:16', '', 'lÃ­rios do campo', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'lirios-do-campo-3', '', '', '2021-01-21 15:40:16', '2021-01-21 18:40:16', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirios-do-campo-2.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(150, 1, '2021-01-21 16:02:04', '2021-01-21 19:02:04', '<strong>\"</strong><i>NÃ£o acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrÃµes os desenterram e roubam; â€“ acumulai tesouros no cÃ©u, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; â€“ porquanto, onde estÃ¡ o vosso tesouro aÃ­ estÃ¡ tambÃ©m o vosso coraÃ§Ã£o.</i>\r\n\r\n<i>Eis por que vos d</i><i>igo: NÃ£o vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. NÃ£o Ã© a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?</i>\r\n\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-151\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/passaros-liriosdoscampos-272x300.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"300\" />\r\n<i>Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u: nÃ£o semeiam, nÃ£o ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. NÃ£o sois muito mais do que eles? </i>â€“ <i>e qual, dentre vÃ³s, o que</i><i> pode, com todos os seus esforÃ§os, aumentar de um cÃ´vado a sua estatura?</i>\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<strong><img class=\"alignnone wp-image-154\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirio-do-campo-flores-lirios14-320x240-1-300x225.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"204\" /></strong>\r\n\r\n<i>P</i><i>or </i><i>que, tambÃ©m, vos inquietais pelo vestuÃ¡rio? Observai como crescem os lÃ­rios dos campos: nÃ£o trabalham, nem fiam; </i>â€“ <i>entretanto, eu vos declaro que nem SalomÃ£o, em toda a sua glÃ³ria, jamais se vestiu como um deles. </i>â€“ <i>Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe</i><i> hoje e amanhÃ£ serÃ¡ lanÃ§ada na fornalha, quanto maior cuidado nÃ£o terÃ¡ em vos vestir, Ã³</i> <i>homens de pouca fÃ©!</i>\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<i>NÃ£o vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? </i>â€“ <i>como fazem os pagÃ£os, que andam Ã  procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.</i>\r\n\r\n<i>Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiÃ§a, que todas essas coisas vos serÃ£o dadas de acrÃ©scimo. â€“ Assim, pois, nÃ£o vos ponhais inquietos pelo dia de amanhÃ£, porquanto o amanhÃ£ cuidarÃ¡ de si. </i>A cada dia basta o seu mal.\"\r\n\r\n(S. MATEUS, 6:19 a 21 e 25 a 34.)', 'O Evangelho segundo o Espiritismo > CapÃ­tulo XXV - Buscai e achareis > Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u > 6', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'o-evangelho-segundo-o-espiritismo-capitulo-xxv-buscai-e-achareis-observai-os-passaros-do-ceu-6', '', '', '2021-01-21 16:07:13', '2021-01-21 19:07:13', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=150', 0, 'post', '', 0),

(151, 1, '2021-01-21 16:00:02', '2021-01-21 19:00:02', '', 'passaros-liriosdoscampos', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'passaros-liriosdoscampos', '', '', '2021-01-21 16:00:02', '2021-01-21 19:00:02', '', 150, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/passaros-liriosdoscampos.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(152, 1, '2021-01-21 16:00:48', '2021-01-21 19:00:48', '<strong>6. </strong><i>NÃ£o acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrÃµes os desenterram e roubam; â€“ acumulai tesouros no cÃ©u, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; â€“ porquanto, onde estÃ¡ o vosso tesouro aÃ­ estÃ¡ tambÃ©m o vosso coraÃ§Ã£o.</i>\r\n\r\n<i>Eis por que vos digo: NÃ£o vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. NÃ£o Ã© a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?</i>\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-151\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/passaros-liriosdoscampos-272x300.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"300\" />\r\n<i>Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u: nÃ£o semeiam, nÃ£o ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. NÃ£o sois muito mais do que eles? </i>â€“ <i>e qual, dentre vÃ³s, o que</i><i> pode, com todos os seus esforÃ§os, aumentar de um cÃ´vado a sua estatura?</i>\r\n\r\n<i>Por que, tambÃ©m, vos inquietais pelo vestuÃ¡rio? Observai como crescem os lÃ­rios dos campos: nÃ£o trabalham, nem fiam; </i>â€“ <i>entretanto, eu vos declaro que nem SalomÃ£o, em toda a sua glÃ³ria, jamais se vestiu como um deles. </i>â€“ <i>Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe</i><i> hoje e amanhÃ£ serÃ¡ lanÃ§ada na fornalha, quanto maior cuidado nÃ£o terÃ¡ em vos vestir, Ã³</i> <i>homens de pouca fÃ©!</i>\r\n\r\n<i>NÃ£o vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? </i>â€“ <i>como fazem os pagÃ£os, que andam Ã  procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.</i>\r\n\r\n<i>Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiÃ§a, que todas essas coisas vos serÃ£o dadas de acrÃ©scimo. â€“ Assim, pois, nÃ£o vos ponhais inquietos pelo dia de amanhÃ£, porquanto o amanhÃ£ cuidarÃ¡ de si. </i>A cada dia basta o seu mal.\r\n\r\n(S. MATEUS, 6:19 a 21 e 25 a 34.)', 'O Evangelho segundo o Espiritismo > CapÃ­tulo XXV - Buscai e achareis > Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u > 6', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '150-revision-v1', '', '', '2021-01-21 16:00:48', '2021-01-21 19:00:48', '', 150, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/150-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(153, 1, '2021-01-21 16:01:56', '2021-01-21 19:01:56', '<strong>\"</strong><i>NÃ£o acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrÃµes os desenterram e roubam; â€“ acumulai tesouros no cÃ©u, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; â€“ porquanto, onde estÃ¡ o vosso tesouro aÃ­ estÃ¡ tambÃ©m o vosso coraÃ§Ã£o.</i>\r\n\r\n<i>Eis por que vos digo: NÃ£o vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. NÃ£o Ã© a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?</i>\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-151\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/passaros-liriosdoscampos-272x300.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"300\" />\r\n<i>Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u: nÃ£o semeiam, nÃ£o ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. NÃ£o sois muito mais do que eles? </i>â€“ <i>e qual, dentre vÃ³s, o que</i><i> pode, com todos os seus esforÃ§os, aumentar de um cÃ´vado a sua estatura?</i>\r\n\r\n<i>Por que, tambÃ©m, vos inquietais pelo vestuÃ¡rio? Observai como crescem os lÃ­rios dos campos: nÃ£o trabalham, nem fiam; </i>â€“ <i>entretanto, eu vos declaro que nem SalomÃ£o, em toda a sua glÃ³ria, jamais se vestiu como um deles. </i>â€“ <i>Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe</i><i> hoje e amanhÃ£ serÃ¡ lanÃ§ada na fornalha, quanto maior cuidado nÃ£o terÃ¡ em vos vestir, Ã³</i> <i>homens de pouca fÃ©!</i>\r\n\r\n<i>NÃ£o vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? </i>â€“ <i>como fazem os pagÃ£os, que andam Ã  procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.</i>\r\n\r\n<i>Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiÃ§a, que todas essas coisas vos serÃ£o dadas de acrÃ©scimo. â€“ Assim, pois, nÃ£o vos ponhais inquietos pelo dia de amanhÃ£, porquanto o amanhÃ£ cuidarÃ¡ de si. </i>A cada dia basta o seu mal.\"\r\n\r\n(S. MATEUS, 6:19 a 21 e 25 a 34.)', 'O Evangelho segundo o Espiritismo > CapÃ­tulo XXV - Buscai e achareis > Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u > 6', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '150-revision-v1', '', '', '2021-01-21 16:01:56', '2021-01-21 19:01:56', '', 150, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/150-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(154, 1, '2021-01-21 16:04:32', '2021-01-21 19:04:32', '', 'lirio-do-campo-flores-lirios14-320x240', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'lirio-do-campo-flores-lirios14-320x240', '', '', '2021-01-21 16:04:32', '2021-01-21 19:04:32', '', 150, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirio-do-campo-flores-lirios14-320x240-1.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(155, 1, '2021-01-21 16:05:17', '2021-01-21 19:05:17', '<strong>\"</strong><i>NÃ£o acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrÃµes os desenterram e roubam; â€“ acumulai tesouros no cÃ©u, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; â€“ porquanto, onde estÃ¡ o vosso tesouro aÃ­ estÃ¡ tambÃ©m o vosso coraÃ§Ã£o.</i>\n\n<i>Eis por que vos d</i><i>igo: NÃ£o vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. NÃ£o Ã© a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?</i>\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-151\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/passaros-liriosdoscampos-272x300.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"300\" />\n<i>Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u: nÃ£o semeiam, nÃ£o ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. NÃ£o sois muito mais do que eles? </i>â€“ <i>e qual, dentre vÃ³s, o que</i><i> pode, com todos os seus esforÃ§os, aumentar de um cÃ´vado a sua estatura?</i>\n\n&nbsp;\n\n&nbsp;\n\n<i>P</i><strong><img class=\"alignnone size-medium wp-image-154\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirio-do-campo-flores-lirios14-320x240-1-300x225.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"225\" /></strong><i>or </i><i>que, tambÃ©m, vos inquietais pelo vestuÃ¡rio? Observai como crescem os lÃ­rios dos campos: nÃ£o trabalham, nem fiam; </i>â€“ <i>entretanto, eu vos declaro que nem SalomÃ£o, em toda a sua glÃ³ria, jamais se vestiu como um deles. </i>â€“ <i>Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe</i><i> hoje e amanhÃ£ serÃ¡ lanÃ§ada na fornalha, quanto maior cuidado nÃ£o terÃ¡ em vos vestir, Ã³</i> <i>homens de pouca fÃ©!</i>\n\n<i>NÃ£o vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? </i>â€“ <i>como fazem os pagÃ£os, que andam Ã  procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.</i>\n\n<i>Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiÃ§a, que todas essas coisas vos serÃ£o dadas de acrÃ©scimo. â€“ Assim, pois, nÃ£o vos ponhais inquietos pelo dia de amanhÃ£, porquanto o amanhÃ£ cuidarÃ¡ de si. </i>A cada dia basta o seu mal.\"\n\n(S. MATEUS, 6:19 a 21 e 25 a 34.)', 'O Evangelho segundo o Espiritismo > CapÃ­tulo XXV - Buscai e achareis > Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u > 6', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '150-autosave-v1', '', '', '2021-01-21 16:05:17', '2021-01-21 19:05:17', '', 150, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/150-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(156, 1, '2021-01-21 16:06:18', '2021-01-21 19:06:18', '<strong>\"</strong><i>NÃ£o acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrÃµes os desenterram e roubam; â€“ acumulai tesouros no cÃ©u, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; â€“ porquanto, onde estÃ¡ o vosso tesouro aÃ­ estÃ¡ tambÃ©m o vosso coraÃ§Ã£o.</i>\r\n\r\n<i>Eis por que vos d</i><i>igo: NÃ£o vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. NÃ£o Ã© a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?</i>\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-151\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/passaros-liriosdoscampos-272x300.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"300\" />\r\n<i>Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u: nÃ£o semeiam, nÃ£o ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. NÃ£o sois muito mais do que eles? </i>â€“ <i>e qual, dentre vÃ³s, o que</i><i> pode, com todos os seus esforÃ§os, aumentar de um cÃ´vado a sua estatura?</i>\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<strong><img class=\"alignnone wp-image-154\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirio-do-campo-flores-lirios14-320x240-1-300x225.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"204\" /></strong>\r\n\r\n<i>P</i><i>or </i><i>que, tambÃ©m, vos inquietais pelo vestuÃ¡rio? Observai como crescem os lÃ­rios dos campos: nÃ£o trabalham, nem fiam; </i>â€“ <i>entretanto, eu vos declaro que nem SalomÃ£o, em toda a sua glÃ³ria, jamais se vestiu como um deles. </i>â€“ <i>Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe</i><i> hoje e amanhÃ£ serÃ¡ lanÃ§ada na fornalha, quanto maior cuidado nÃ£o terÃ¡ em vos vestir, Ã³</i> <i>homens de pouca fÃ©!</i>\r\n\r\n<i>NÃ£o vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? </i>â€“ <i>como fazem os pagÃ£os, que andam Ã  procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.</i>\r\n\r\n<i>Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiÃ§a, que todas essas coisas vos serÃ£o dadas de acrÃ©scimo. â€“ Assim, pois, nÃ£o vos ponhais inquietos pelo dia de amanhÃ£, porquanto o amanhÃ£ cuidarÃ¡ de si. </i>A cada dia basta o seu mal.\"\r\n\r\n(S. MATEUS, 6:19 a 21 e 25 a 34.)', 'O Evangelho segundo o Espiritismo > CapÃ­tulo XXV - Buscai e achareis > Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u > 6', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '150-revision-v1', '', '', '2021-01-21 16:06:18', '2021-01-21 19:06:18', '', 150, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/150-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(157, 1, '2021-01-21 16:07:13', '2021-01-21 19:07:13', '<strong>\"</strong><i>NÃ£o acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrÃµes os desenterram e roubam; â€“ acumulai tesouros no cÃ©u, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; â€“ porquanto, onde estÃ¡ o vosso tesouro aÃ­ estÃ¡ tambÃ©m o vosso coraÃ§Ã£o.</i>\r\n\r\n<i>Eis por que vos d</i><i>igo: NÃ£o vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. NÃ£o Ã© a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?</i>\r\n\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-151\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/passaros-liriosdoscampos-272x300.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"300\" />\r\n<i>Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u: nÃ£o semeiam, nÃ£o ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. NÃ£o sois muito mais do que eles? </i>â€“ <i>e qual, dentre vÃ³s, o que</i><i> pode, com todos os seus esforÃ§os, aumentar de um cÃ´vado a sua estatura?</i>\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<strong><img class=\"alignnone wp-image-154\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/lirio-do-campo-flores-lirios14-320x240-1-300x225.jpg\" alt=\"\" width=\"272\" height=\"204\" /></strong>\r\n\r\n<i>P</i><i>or </i><i>que, tambÃ©m, vos inquietais pelo vestuÃ¡rio? Observai como crescem os lÃ­rios dos campos: nÃ£o trabalham, nem fiam; </i>â€“ <i>entretanto, eu vos declaro que nem SalomÃ£o, em toda a sua glÃ³ria, jamais se vestiu como um deles. </i>â€“ <i>Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe</i><i> hoje e amanhÃ£ serÃ¡ lanÃ§ada na fornalha, quanto maior cuidado nÃ£o terÃ¡ em vos vestir, Ã³</i> <i>homens de pouca fÃ©!</i>\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<i>NÃ£o vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? </i>â€“ <i>como fazem os pagÃ£os, que andam Ã  procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.</i>\r\n\r\n<i>Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiÃ§a, que todas essas coisas vos serÃ£o dadas de acrÃ©scimo. â€“ Assim, pois, nÃ£o vos ponhais inquietos pelo dia de amanhÃ£, porquanto o amanhÃ£ cuidarÃ¡ de si. </i>A cada dia basta o seu mal.\"\r\n\r\n(S. MATEUS, 6:19 a 21 e 25 a 34.)', 'O Evangelho segundo o Espiritismo > CapÃ­tulo XXV - Buscai e achareis > Observai os pÃ¡ssaros do cÃ©u > 6', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '150-revision-v1', '', '', '2021-01-21 16:07:13', '2021-01-21 19:07:13', '', 150, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/150-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(159, 1, '2021-01-22 17:17:29', '2021-01-22 20:17:29', 'SENHORITA INDERMUHLE\r\n\r\nSurda-muda de nascenÃ§a, 32 anos, viva, residente em Berna\r\n(SessÃ£o de 10 de fevereiro de 1860)\r\n\r\n1. [A SÃ£o LuÃ­s] Podemos entrar em comunicaÃ§Ã£o com\r\no EspÃ­rito da Srta. Indermuhle?\r\nResp. â€“ Podeis.\r\n\r\n2. EvocaÃ§Ã£o.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui, e o afirmo em nome de Deus.\r\n\r\n3. [A SÃ£o LuÃ­s] Podereis dizer-nos se o EspÃ­rito que\r\nresponde Ã© realmente o da Srta. Indermuhle?\r\nResp. â€“ Posso afirmar e vo-lo afirmo. Estais mais\r\nadiantados e credes que, se fosse um outro que respondesse em seu\r\nlugar, isto seria embaraÃ§oso? A afirmaÃ§Ã£o vos prova que ela estÃ¡\r\naqui. Compete a vÃ³s garantir uma boa comunicaÃ§Ã£o, pela natureza\r\ne o mÃ³vel de vossas perguntas.\r\n\r\n3.12 Sabeis exatamente onde estais neste momento?\r\nResp. â€“ Perfeitamente. Pensais que eu nÃ£o tenha sido\r\ninstruÃ­da sobre isso?\r\n\r\n4. Como podeis responder aqui, se vosso corpo estÃ¡ na\r\nSuÃ­Ã§a?\r\nResp. â€“ Porque nÃ£o Ã© meu corpo que responde. AliÃ¡s,\r\ncomo bem o sabeis, ele Ã© absolutamente incapaz de o fazer.\r\n\r\n5. Que faz vosso corpo neste momento?\r\nResp. â€“ Cochila.\r\n\r\n6. EstÃ¡ com saÃºde?\r\nResp. â€“ Excelente.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O irmÃ£o da Srta. Indermuhle, que se\r\nachava presente, confirma que realmente ela goza de boa saÃºde.\r\n\r\n7. Quanto tempo levastes para vir da SuÃ­Ã§a atÃ© aqui?\r\nResp. â€“ Um tempo inapreciÃ¡vel para vÃ³s.\r\n\r\n8. Vistes o caminho que percorrestes?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n9. Estais surpresa de vos achar nesta reuniÃ£o?\r\nResp. â€“ Minha primeira resposta vos prova que nÃ£o.\r\n\r\n10. Que aconteceria se vosso corpo despertasse,\r\nenquanto nos falais aqui?\r\nResp. â€“ Eu lÃ¡ estaria.\r\n\r\n11. Existe um laÃ§o qualquer entre o vosso EspÃ­rito, aqui\r\npresente, e o corpo, que se encontra na SuÃ­Ã§a?\r\nResp. â€“ Sim; nÃ£o fora assim, quem me advertiria de que\r\ndevo voltar a ele?\r\n\r\n12. Vede-nos bem distintamente?\r\nResp. â€“ Sim, perfeitamente.\r\n\r\n13. Compreendeis que possais ver-nos, mas que nÃ£o\r\nvos vejamos?\r\nResp. â€“ Mas, sem dÃºvida.\r\n\r\n14. Ouvis o ruÃ­do que faÃ§o neste momento, batendo?\r\nResp. â€“ Aqui nÃ£o sou surda.\r\n\r\n15. Como percebeis, visto que, por comparaÃ§Ã£o, nÃ£o\r\ntendes a lembranÃ§a do ruÃ­do em estado de vigÃ­lia?\r\nResp. â€“ Eu nÃ£o nasci ontem.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ A lembranÃ§a da sensaÃ§Ã£o do ruÃ­do lhe vem\r\ndas existÃªncias em que ela nÃ£o era surda. Esta resposta Ã©\r\nperfeitamente lÃ³gica.\r\n\r\n16. EscutarÃ­eis mÃºsica com prazer?\r\nResp. â€“ Com tanto mais prazer quanto hÃ¡ muito tempo\r\nisto nÃ£o me acontece. Cantai alguma coisa para mim.\r\n\r\n17. Lamentamos nÃ£o poder fazÃª-lo agora, e que aqui\r\nnÃ£o haja um instrumento para vos proporcionar este prazer. Mas\r\nnos parece que vosso EspÃ­rito, desprendendo-se todos os dias\r\ndurante o sono, deve transportar-se a lugares onde podeis ouvir\r\nmÃºsica.\r\nResp. â€“ Isto me acontece muito raramente.\r\n\r\n18. Como podeis responder-nos em francÃªs, jÃ¡ que sois\r\nalemÃ£ e nÃ£o conheceis a nossa lÃ­ngua?\r\nResp. â€“ O pensamento nÃ£o tem lÃ­ngua; eu o comunico\r\nao guia do mÃ©dium, que o traduz na lÃ­ngua que lhe Ã© familiar.\r\n\r\n19. Qual Ã© esse guia de que falais?\r\nResp. â€“ Seu EspÃ­rito familiar. Ã‰ sempre assim que\r\nrecebeis comunicaÃ§Ãµes de EspÃ­ritos estrangeiros, e Ã© desse modo\r\nque os EspÃ­ritos falam todas as lÃ­nguas.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Desta maneira, muitas vezes as respostas\r\nnÃ£o nos chegariam senÃ£o de terceira mÃ£o. O EspÃ­rito interrogado\r\ntransmite o pensamento ao EspÃ­rito familiar, este ao mÃ©dium e o\r\nmÃ©dium o traduz, seja pela escrita, seja pela palavra. Ora, podendo\r\no mÃ©dium ser assistido por EspÃ­ritos mais ou menos bons, isto\r\nexplica como, em muitas outras circunstÃ¢ncias, o pensamento do\r\nEspÃ­rito interrogado pode ser alterado. Assim, no comeÃ§o, SÃ£o LuÃ­s\r\ndisse que a presenÃ§a do EspÃ­rito evocado nem sempre Ã© suficiente\r\npara assegurar a integridade das respostas. Cabe a nÃ³s apreciÃ¡-las e\r\njulgar se sÃ£o lÃ³gicas e se estÃ£o em relaÃ§Ã£o com a natureza do\r\nEspÃ­rito. AliÃ¡s, segundo a Srta. Indermuhle, esta trÃ­plice fieira nÃ£o\r\nocorreria senÃ£o com os EspÃ­ritos estrangeiros.\r\n\r\n20. Qual a causa da enfermidade que vos afetou?\r\nResp. â€“ Uma causa voluntÃ¡ria.\r\n\r\n21. Por que singularidade todos os vossos irmÃ£os e\r\nirmÃ£s, em nÃºmero de seis, foram acometidos pela mesma\r\nenfermidade?\r\nResp. â€“ Pelas mesmas causas que eu.\r\n\r\n22. Assim, foi voluntariamente que todos escolhestes\r\nesta prova; pensamos que esta reuniÃ£o na mesma famÃ­lia deve ter\r\nocorrido como uma prova para os pais. Ã‰ uma boa razÃ£o?\r\nResp. â€“ Ela se aproxima da verdade.\r\n\r\n23. Vedes aqui vosso irmÃ£o?\r\nResp. â€“ Que pergunta!\r\n\r\n24. Estais contente de vÃª-lo?\r\nResp. â€“ Mesma resposta.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Sabe-se que os EspÃ­ritos nÃ£o gostam de\r\nrepetir. Nossa linguagem Ã© tÃ£o lenta para eles que evitam tudo\r\nquanto lhes parece inÃºtil. Eis um ponto que caracteriza os EspÃ­ritos\r\nsÃ©rios; os levianos, zombadores, obsessores e pseudo-sÃ¡bios\r\ngeralmente sÃ£o faladores e prolixos. Como os homens a quem falta\r\nbase, falam para nada dizer; as palavras substituem os pensamentos\r\ne eles julgam impor-se pelas frases redundantes e um estilo\r\npedante.\r\n\r\n25. GostarÃ­eis de dizer-lhe alguma coisa?\r\nResp. â€“ PeÃ§o-lhe que receba a expressÃ£o dos meus\r\nsinceros agradecimentos, pelo bom pensamento que teve de\r\nchamar-me aqui, onde felizmente me acho em contato com\r\nEspÃ­ritos bons, embora veja alguns que nÃ£o valem muito. Ganhei\r\nem instruÃ§Ã£o e nÃ£o esquecerei o que lhe devo.', 'SENHORITA INDERMUHLE Surda-muda de nascenÃ§a, 32 anos, viva, residente em Berna - SuiÃ§a (SessÃ£o de 10 de fevereiro de 1860)', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'senhorita-indermuhle-surda-muda-de-nascenca-32-anos-viva-residente-em-berna-suica-sessao-de-10-de-fevereiro-de-1860', '', '', '2021-01-22 17:17:29', '2021-01-22 20:17:29', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=159', 0, 'post', '', 0),

(160, 1, '2021-01-22 17:17:29', '2021-01-22 20:17:29', 'SENHORITA INDERMUHLE\r\n\r\nSurda-muda de nascenÃ§a, 32 anos, viva, residente em Berna\r\n(SessÃ£o de 10 de fevereiro de 1860)\r\n\r\n1. [A SÃ£o LuÃ­s] Podemos entrar em comunicaÃ§Ã£o com\r\no EspÃ­rito da Srta. Indermuhle?\r\nResp. â€“ Podeis.\r\n\r\n2. EvocaÃ§Ã£o.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui, e o afirmo em nome de Deus.\r\n\r\n3. [A SÃ£o LuÃ­s] Podereis dizer-nos se o EspÃ­rito que\r\nresponde Ã© realmente o da Srta. Indermuhle?\r\nResp. â€“ Posso afirmar e vo-lo afirmo. Estais mais\r\nadiantados e credes que, se fosse um outro que respondesse em seu\r\nlugar, isto seria embaraÃ§oso? A afirmaÃ§Ã£o vos prova que ela estÃ¡\r\naqui. Compete a vÃ³s garantir uma boa comunicaÃ§Ã£o, pela natureza\r\ne o mÃ³vel de vossas perguntas.\r\n\r\n3.12 Sabeis exatamente onde estais neste momento?\r\nResp. â€“ Perfeitamente. Pensais que eu nÃ£o tenha sido\r\ninstruÃ­da sobre isso?\r\n\r\n4. Como podeis responder aqui, se vosso corpo estÃ¡ na\r\nSuÃ­Ã§a?\r\nResp. â€“ Porque nÃ£o Ã© meu corpo que responde. AliÃ¡s,\r\ncomo bem o sabeis, ele Ã© absolutamente incapaz de o fazer.\r\n\r\n5. Que faz vosso corpo neste momento?\r\nResp. â€“ Cochila.\r\n\r\n6. EstÃ¡ com saÃºde?\r\nResp. â€“ Excelente.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O irmÃ£o da Srta. Indermuhle, que se\r\nachava presente, confirma que realmente ela goza de boa saÃºde.\r\n\r\n7. Quanto tempo levastes para vir da SuÃ­Ã§a atÃ© aqui?\r\nResp. â€“ Um tempo inapreciÃ¡vel para vÃ³s.\r\n\r\n8. Vistes o caminho que percorrestes?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n9. Estais surpresa de vos achar nesta reuniÃ£o?\r\nResp. â€“ Minha primeira resposta vos prova que nÃ£o.\r\n\r\n10. Que aconteceria se vosso corpo despertasse,\r\nenquanto nos falais aqui?\r\nResp. â€“ Eu lÃ¡ estaria.\r\n\r\n11. Existe um laÃ§o qualquer entre o vosso EspÃ­rito, aqui\r\npresente, e o corpo, que se encontra na SuÃ­Ã§a?\r\nResp. â€“ Sim; nÃ£o fora assim, quem me advertiria de que\r\ndevo voltar a ele?\r\n\r\n12. Vede-nos bem distintamente?\r\nResp. â€“ Sim, perfeitamente.\r\n\r\n13. Compreendeis que possais ver-nos, mas que nÃ£o\r\nvos vejamos?\r\nResp. â€“ Mas, sem dÃºvida.\r\n\r\n14. Ouvis o ruÃ­do que faÃ§o neste momento, batendo?\r\nResp. â€“ Aqui nÃ£o sou surda.\r\n\r\n15. Como percebeis, visto que, por comparaÃ§Ã£o, nÃ£o\r\ntendes a lembranÃ§a do ruÃ­do em estado de vigÃ­lia?\r\nResp. â€“ Eu nÃ£o nasci ontem.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ A lembranÃ§a da sensaÃ§Ã£o do ruÃ­do lhe vem\r\ndas existÃªncias em que ela nÃ£o era surda. Esta resposta Ã©\r\nperfeitamente lÃ³gica.\r\n\r\n16. EscutarÃ­eis mÃºsica com prazer?\r\nResp. â€“ Com tanto mais prazer quanto hÃ¡ muito tempo\r\nisto nÃ£o me acontece. Cantai alguma coisa para mim.\r\n\r\n17. Lamentamos nÃ£o poder fazÃª-lo agora, e que aqui\r\nnÃ£o haja um instrumento para vos proporcionar este prazer. Mas\r\nnos parece que vosso EspÃ­rito, desprendendo-se todos os dias\r\ndurante o sono, deve transportar-se a lugares onde podeis ouvir\r\nmÃºsica.\r\nResp. â€“ Isto me acontece muito raramente.\r\n\r\n18. Como podeis responder-nos em francÃªs, jÃ¡ que sois\r\nalemÃ£ e nÃ£o conheceis a nossa lÃ­ngua?\r\nResp. â€“ O pensamento nÃ£o tem lÃ­ngua; eu o comunico\r\nao guia do mÃ©dium, que o traduz na lÃ­ngua que lhe Ã© familiar.\r\n\r\n19. Qual Ã© esse guia de que falais?\r\nResp. â€“ Seu EspÃ­rito familiar. Ã‰ sempre assim que\r\nrecebeis comunicaÃ§Ãµes de EspÃ­ritos estrangeiros, e Ã© desse modo\r\nque os EspÃ­ritos falam todas as lÃ­nguas.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Desta maneira, muitas vezes as respostas\r\nnÃ£o nos chegariam senÃ£o de terceira mÃ£o. O EspÃ­rito interrogado\r\ntransmite o pensamento ao EspÃ­rito familiar, este ao mÃ©dium e o\r\nmÃ©dium o traduz, seja pela escrita, seja pela palavra. Ora, podendo\r\no mÃ©dium ser assistido por EspÃ­ritos mais ou menos bons, isto\r\nexplica como, em muitas outras circunstÃ¢ncias, o pensamento do\r\nEspÃ­rito interrogado pode ser alterado. Assim, no comeÃ§o, SÃ£o LuÃ­s\r\ndisse que a presenÃ§a do EspÃ­rito evocado nem sempre Ã© suficiente\r\npara assegurar a integridade das respostas. Cabe a nÃ³s apreciÃ¡-las e\r\njulgar se sÃ£o lÃ³gicas e se estÃ£o em relaÃ§Ã£o com a natureza do\r\nEspÃ­rito. AliÃ¡s, segundo a Srta. Indermuhle, esta trÃ­plice fieira nÃ£o\r\nocorreria senÃ£o com os EspÃ­ritos estrangeiros.\r\n\r\n20. Qual a causa da enfermidade que vos afetou?\r\nResp. â€“ Uma causa voluntÃ¡ria.\r\n\r\n21. Por que singularidade todos os vossos irmÃ£os e\r\nirmÃ£s, em nÃºmero de seis, foram acometidos pela mesma\r\nenfermidade?\r\nResp. â€“ Pelas mesmas causas que eu.\r\n\r\n22. Assim, foi voluntariamente que todos escolhestes\r\nesta prova; pensamos que esta reuniÃ£o na mesma famÃ­lia deve ter\r\nocorrido como uma prova para os pais. Ã‰ uma boa razÃ£o?\r\nResp. â€“ Ela se aproxima da verdade.\r\n\r\n23. Vedes aqui vosso irmÃ£o?\r\nResp. â€“ Que pergunta!\r\n\r\n24. Estais contente de vÃª-lo?\r\nResp. â€“ Mesma resposta.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Sabe-se que os EspÃ­ritos nÃ£o gostam de\r\nrepetir. Nossa linguagem Ã© tÃ£o lenta para eles que evitam tudo\r\nquanto lhes parece inÃºtil. Eis um ponto que caracteriza os EspÃ­ritos\r\nsÃ©rios; os levianos, zombadores, obsessores e pseudo-sÃ¡bios\r\ngeralmente sÃ£o faladores e prolixos. Como os homens a quem falta\r\nbase, falam para nada dizer; as palavras substituem os pensamentos\r\ne eles julgam impor-se pelas frases redundantes e um estilo\r\npedante.\r\n\r\n25. GostarÃ­eis de dizer-lhe alguma coisa?\r\nResp. â€“ PeÃ§o-lhe que receba a expressÃ£o dos meus\r\nsinceros agradecimentos, pelo bom pensamento que teve de\r\nchamar-me aqui, onde felizmente me acho em contato com\r\nEspÃ­ritos bons, embora veja alguns que nÃ£o valem muito. Ganhei\r\nem instruÃ§Ã£o e nÃ£o esquecerei o que lhe devo.', 'SENHORITA INDERMUHLE Surda-muda de nascenÃ§a, 32 anos, viva, residente em Berna - SuiÃ§a (SessÃ£o de 10 de fevereiro de 1860)', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '159-revision-v1', '', '', '2021-01-22 17:17:29', '2021-01-22 20:17:29', '', 159, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/159-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(162, 1, '2021-01-22 17:33:31', '2021-01-22 20:33:31', '<pre>Sou Hettani, um dos EspÃ­ritos que presidem Ã \r\nformaÃ§Ã£o das flores, Ã  diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou\r\nmelhor, somos nÃ³s, porquanto somos milhares de EspÃ­ritos, que\r\nornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto\r\npelas flores. NÃ£o poderÃ­amos ensinar-lhe a mutilaÃ§Ã£o que por vezes\r\nprotagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a\r\nembelezar suas formas, jÃ¡ tÃ£o graciosas. Entretanto, Ã©\r\nprincipalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se\r\nvolta toda a nossa atenÃ§Ã£o; a elas prodigalizamos mais cuidados\r\nainda: sÃ£o nossas preferidas. Como tudo quanto Ã© sÃ³ tem maior\r\nnecessidade de auxÃ­lio, eis porque delas cuidamos melhor.\r\nTambÃ©m somos encarregados de espalhar os perfumes.\r\nSomos nÃ³s que levamos ao exilado uma lembranÃ§a de seu paÃ­s,\r\nfazendo entrar em sua prisÃ£o o perfume das flores que ornavam o\r\njardim paterno. Ã€quele que ama, e ama realmente, levamos o\r\nperfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma\r\nlembranÃ§a dos que se foram, fazendo desabrochar em seus tÃºmulos\r\nas rosas e violetas que lembram as suas virtudes.\r\nQual de vÃ³s nÃ£o nos deve essas suaves emoÃ§Ãµes? Quem\r\nnÃ£o estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais\r\nperplexos, penso, ouvindo-nos dizer que hÃ¡ EspÃ­ritos para tudo\r\nisso e, no entanto, Ã© a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez\r\njamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns jÃ¡ foram\r\nhomens, mas poucos entre os EspÃ­ritos dos elementos. Nossa\r\nmissÃ£o, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vÃ³s,\r\nmas Ã© principalmente nesses planetas superiores que somos felizes.\r\nEm JÃºpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos\r\nas moradas aÃ©reas, das quais somente os ninhos de colibris vos\r\npodem dar uma pÃ¡lida idÃ©ia. Pela primeira vez far-vos-ei a descriÃ§Ã£o\r\nde algumas dessas flores, nÃ£o apenas magnÃ­ficas, mas sublimes e\r\ndignas dos elevados EspÃ­ritos, aos quais servem de morada.\r\nAdeus. Que um perfume de caridade vos anime. As\r\nprÃ³prias virtudes tÃªm seu perfume.\r\n\r\nPERGUNTAS SOBRE O GÃŠNIO DAS FLORES\r\n(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sr. Roze)\r\n\r\n1. [A SÃ£o LuÃ­s] Outro dia tivemos uma comunicaÃ§Ã£o\r\nespontÃ¢nea de um EspÃ­rito que disse presidir Ã s flores e seus\r\nperfumes; haverÃ¡ de fato EspÃ­ritos que podemos considerar como\r\ngÃªnios das flores?\r\nResp. â€“ Esta expressÃ£o Ã© poÃ©tica e se aplica bem ao\r\nassunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. NÃ£o deveis duvidar de\r\nque o EspÃ­rito preside, por toda a CriaÃ§Ã£o, ao trabalho que Deus\r\nlhe confia. Ã‰ assim que deve ser entendida essa comunicaÃ§Ã£o.\r\n\r\n2. Esse EspÃ­rito diz chamar-se Hettani. Como poderÃ¡\r\nter um nome, se jamais encarnou?\r\nResp. â€“ Ã‰ uma ficÃ§Ã£o. O EspÃ­rito nÃ£o preside, de\r\nmaneira particular, Ã  formaÃ§Ã£o das flores. Antes de passar pela sÃ©rie\r\nanimal, o EspÃ­rito elementar dirige sua aÃ§Ã£o fluÃ­dica para a criaÃ§Ã£o\r\ndos vegetais. Este ainda nÃ£o encarnou e somente age sob a direÃ§Ã£o\r\nde inteligÃªncias mais elevadas, que jÃ¡ viveram o bastante para\r\nadquirir a ciÃªncia necessÃ¡ria Ã  sua missÃ£o. Foi um desses que se\r\ncomunicou. Ele vos fez uma mistura poÃ©tica da aÃ§Ã£o de duas\r\nclasses de EspÃ­ritos que atuam na criaÃ§Ã£o vegetal.\r\n\r\n3. NÃ£o tendo ainda vivido, mesmo na vida animal,\r\ncomo esse EspÃ­rito pode ser tÃ£o poÃ©tico?\r\nResp. â€“ Relede.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Vide a observaÃ§Ã£o feita apÃ³s a pergunta 24.\r\n\r\n4. Assim, o EspÃ­rito que se comunicou nÃ£o Ã© o que\r\nhabita e anima a flor?\r\nResp. â€“ NÃ£o, nÃ£o. JÃ¡ vo-lo disse muito claramente: ele\r\nguia.\r\n\r\n5. Esse EspÃ­rito que nos falou esteve encarnado?\r\nResp. â€“ Esteve.\r\n\r\n6. O EspÃ­rito que dÃ¡ a vida Ã s plantas e Ã s flores tem um\r\npensamento, a inteligÃªncia do seu eu?\r\nResp. â€“ Nenhum pensamento, nenhum instinto.</pre>', 'O GÃŠNIO DAS FLORES (SessÃ£o de 23 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sra. de Boyer)', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'o-genio-das-flores-sessao-de-23-de-dezembro-de-1859-medium-sra-de-boyer', '', '', '2021-01-22 18:30:35', '2021-01-22 21:30:35', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=162', 0, 'post', '', 0),

(163, 1, '2021-01-22 17:33:31', '2021-01-22 20:33:31', 'Sou Hettani, um dos EspÃ­ritos que presidem Ã \r\nformaÃ§Ã£o das flores, Ã  diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou\r\nmelhor, somos nÃ³s, porquanto somos milhares de EspÃ­ritos, que\r\nornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto\r\npelas flores. NÃ£o poderÃ­amos ensinar-lhe a mutilaÃ§Ã£o que por vezes\r\nprotagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a\r\nembelezar suas formas, jÃ¡ tÃ£o graciosas. Entretanto, Ã©\r\nprincipalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se\r\nvolta toda a nossa atenÃ§Ã£o; a elas prodigalizamos mais cuidados\r\nainda: sÃ£o nossas preferidas. Como tudo quanto Ã© sÃ³ tem maior\r\nnecessidade de auxÃ­lio, eis porque delas cuidamos melhor.\r\nTambÃ©m somos encarregados de espalhar os perfumes.\r\nSomos nÃ³s que levamos ao exilado uma lembranÃ§a de seu paÃ­s,\r\nfazendo entrar em sua prisÃ£o o perfume das flores que ornavam o\r\njardim paterno. Ã€quele que ama, e ama realmente, levamos o\r\nperfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma\r\nlembranÃ§a dos que se foram, fazendo desabrochar em seus tÃºmulos\r\nas rosas e violetas que lembram as suas virtudes.\r\nQual de vÃ³s nÃ£o nos deve essas suaves emoÃ§Ãµes? Quem\r\nnÃ£o estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais\r\nperplexos, penso, ouvindo-nos dizer que hÃ¡ EspÃ­ritos para tudo\r\nisso e, no entanto, Ã© a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez\r\njamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns jÃ¡ foram\r\nhomens, mas poucos entre os EspÃ­ritos dos elementos. Nossa\r\nmissÃ£o, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vÃ³s,\r\nmas Ã© principalmente nesses planetas superiores que somos felizes.\r\nEm JÃºpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos\r\nas moradas aÃ©reas, das quais somente os ninhos de colibris vos\r\npodem dar uma pÃ¡lida idÃ©ia. Pela primeira vez far-vos-ei a descriÃ§Ã£o\r\nde algumas dessas flores, nÃ£o apenas magnÃ­ficas, mas sublimes e\r\ndignas dos elevados EspÃ­ritos, aos quais servem de morada.\r\nAdeus. Que um perfume de caridade vos anime. As\r\nprÃ³prias virtudes tÃªm seu perfume.\r\n\r\nPERGUNTAS SOBRE O GÃŠNIO DAS FLORES\r\n(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sr. Roze)\r\n\r\n1. [A SÃ£o LuÃ­s] Outro dia tivemos uma comunicaÃ§Ã£o\r\nespontÃ¢nea de um EspÃ­rito que disse presidir Ã s flores e seus\r\nperfumes; haverÃ¡ de fato EspÃ­ritos que podemos considerar como\r\ngÃªnios das flores?\r\nResp. â€“ Esta expressÃ£o Ã© poÃ©tica e se aplica bem ao\r\nassunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. NÃ£o deveis duvidar de\r\nque o EspÃ­rito preside, por toda a CriaÃ§Ã£o, ao trabalho que Deus\r\nlhe confia. Ã‰ assim que deve ser entendida essa comunicaÃ§Ã£o.\r\n\r\n2. Esse EspÃ­rito diz chamar-se Hettani. Como poderÃ¡\r\nter um nome, se jamais encarnou?\r\nResp. â€“ Ã‰ uma ficÃ§Ã£o. O EspÃ­rito nÃ£o preside, de\r\nmaneira particular, Ã  formaÃ§Ã£o das flores. Antes de passar pela sÃ©rie\r\nanimal, o EspÃ­rito elementar dirige sua aÃ§Ã£o fluÃ­dica para a criaÃ§Ã£o\r\ndos vegetais. Este ainda nÃ£o encarnou e somente age sob a direÃ§Ã£o\r\nde inteligÃªncias mais elevadas, que jÃ¡ viveram o bastante para\r\nadquirir a ciÃªncia necessÃ¡ria Ã  sua missÃ£o. Foi um desses que se\r\ncomunicou. Ele vos fez uma mistura poÃ©tica da aÃ§Ã£o de duas\r\nclasses de EspÃ­ritos que atuam na criaÃ§Ã£o vegetal.\r\n\r\n3. NÃ£o tendo ainda vivido, mesmo na vida animal,\r\ncomo esse EspÃ­rito pode ser tÃ£o poÃ©tico?\r\nResp. â€“ Relede.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Vide a observaÃ§Ã£o feita apÃ³s a pergunta 24.\r\n\r\n4. Assim, o EspÃ­rito que se comunicou nÃ£o Ã© o que\r\nhabita e anima a flor?\r\nResp. â€“ NÃ£o, nÃ£o. JÃ¡ vo-lo disse muito claramente: ele\r\nguia.\r\n\r\n5. Esse EspÃ­rito que nos falou esteve encarnado?\r\nResp. â€“ Esteve.\r\n\r\n6. O EspÃ­rito que dÃ¡ a vida Ã s plantas e Ã s flores tem um\r\npensamento, a inteligÃªncia do seu eu?\r\nResp. â€“ Nenhum pensamento, nenhum instinto.', 'O GÃŠNIO DAS FLORES (SessÃ£o de 23 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sra. de Boyer)', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '162-revision-v1', '', '', '2021-01-22 17:33:31', '2021-01-22 20:33:31', '', 162, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/162-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(164, 1, '2021-01-22 18:07:55', '2021-01-22 21:07:55', '<span class=\"fontstyle0\">A OSTENTAÃ‡ÃƒO</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 â€“ MÃ©dium: Srta. Huet)</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Numa bela tarde de primavera, um homem rico e\r\ngeneroso estava sentado em seu salÃ£o; sorvia, feliz, o perfume das\r\nflores de seu jardim. </span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Enumerava, complacente, todas as boas obras\r\nque tinha praticado durante o ano. A essa lembranÃ§a nÃ£o pÃ´de\r\ndeixar de lanÃ§ar um olhar quase desprezÃ­vel sobre a casa de um de\r\nseus vizinhos , que nÃ£o pudera dar senÃ£o mÃ³dica moeda para a\r\nconstruÃ§Ã£o da igreja paroquial. De minha parte, disse ele, dei mais\r\nde mil escudos para essa obra pia; deitei negligentemente uma</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">cÃ©dula de 500 francos na bolsa que me estendia aquela jovem\r\nduquesa, em favor dos pobres; dei muito para as festas de\r\nbeneficÃªncia, para toda sorte de loterias e creio que Deus me serÃ¡\r\ngrato por tanto bem que fiz. </span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Ah! ia esquecendo uma pequena\r\nesmola, que dei hÃ¡ pouco tempo a uma infeliz viÃºva, responsÃ¡vel\r\npor numerosa famÃ­lia e que ainda cria um Ã³rfÃ£o. Mas o que lhe dei\r\nÃ© tÃ£o pouco que, por certo, nÃ£o serÃ¡ por isso que o cÃ©u se me abrirÃ¡.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Tu te enganas, respondeu de repente uma voz que lhe fez\r\nvoltar a cabeÃ§a: Ã© a Ãºnica que Deus aceita, e eis a prova. No mesmo\r\ninstante uma mÃ£o apagou o papel em que ele havia escrito todas as\r\nsuas boas obras, deixando apenas a Ãºltima; ela o levou ao cÃ©u.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">NÃ£o Ã©, pois, a esmola dada com ostentaÃ§Ã£o que Ã© a\r\nmelhor, mas a que Ã© dada com toda a humildade do coraÃ§Ã£o.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Joinville, Amy de Loys</span>', 'A OSTENTAÃ‡ÃƒO', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'a-ostentacao', '', '', '2021-01-22 18:28:24', '2021-01-22 21:28:24', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=164', 0, 'post', '', 0),

(165, 1, '2021-01-22 18:06:23', '2021-01-22 21:06:23', '<h5><span class=\"fontstyle0\">A OSTENTAÃ‡ÃƒO</span></h5>\r\n<h5><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 â€“ MÃ©dium: Srta. Huet)</span></h5>\r\n<h5><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Numa bela tarde de primavera, um homem rico e\r\ngeneroso estava sentado em seu salÃ£o; sorvia, feliz, o perfume das\r\nflores de seu jardim. </span></h5>\r\n<h5><span class=\"fontstyle2\">Enumerava, complacente, todas as boas obras\r\nque tinha praticado durante o ano. A essa lembranÃ§a nÃ£o pÃ´de\r\ndeixar de lanÃ§ar um olhar quase desprezÃ­vel sobre a casa de um de\r\nseus vizinhos , que nÃ£o pudera dar senÃ£o mÃ³dica moeda para a\r\nconstruÃ§Ã£o da igreja paroquial. De minha parte, disse ele, dei mais\r\nde mil escudos para essa obra pia; deitei negligentemente uma</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">cÃ©dula de 500 francos na bolsa que me estendia aquela jovem\r\nduquesa, em favor dos pobres; dei muito para as festas de\r\nbeneficÃªncia, para toda sorte de loterias e creio que Deus me serÃ¡\r\ngrato por tanto bem que fiz. </span></h5>\r\n<h5><span class=\"fontstyle2\">Ah! ia esquecendo uma pequena\r\nesmola, que dei hÃ¡ pouco tempo a uma infeliz viÃºva, responsÃ¡vel\r\npor numerosa famÃ­lia e que ainda cria um Ã³rfÃ£o. Mas o que lhe dei\r\nÃ© tÃ£o pouco que, por certo, nÃ£o serÃ¡ por isso que o cÃ©u se me abrirÃ¡.\r\n</span></h5>\r\n<h5><span class=\"fontstyle2\">Tu te enganas, respondeu de repente uma voz que lhe fez\r\nvoltar a cabeÃ§a: Ã© a Ãºnica que Deus aceita, e eis a prova. No mesmo\r\ninstante uma mÃ£o apagou o papel em que ele havia escrito todas as\r\nsuas boas obras, deixando apenas a Ãºltima; ela o levou ao cÃ©u.</span></h5>\r\n<h5 style=\"text-align: left;\"><span class=\"fontstyle2\">NÃ£o Ã©, pois, a esmola dada com ostentaÃ§Ã£o que Ã© a\r\nmelhor, mas a que Ã© dada com toda a humildade do coraÃ§Ã£o.</span></h5>\r\n<h5 style=\"text-align: right;\"><span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Joinville, Amy de Loys</span></h5>', 'A OSTENTAÃ‡ÃƒO', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '164-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:06:23', '2021-01-22 21:06:23', '', 164, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/164-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(166, 1, '2021-01-22 18:07:14', '2021-01-22 21:07:14', '<h5><span class=\"fontstyle0\">A OSTENTAÃ‡ÃƒO</span></h5>\r\n<h6 style=\"text-align: center;\"><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 â€“ MÃ©dium: Srta. Huet)</span></h6>\r\n<h6 style=\"text-align: center;\"><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Numa bela tarde de primavera, um homem rico e\r\ngeneroso estava sentado em seu salÃ£o; sorvia, feliz, o perfume das\r\nflores de seu jardim. </span></h6>\r\n<h6 style=\"text-align: center;\"><span class=\"fontstyle2\">Enumerava, complacente, todas as boas obras\r\nque tinha praticado durante o ano. A essa lembranÃ§a nÃ£o pÃ´de\r\ndeixar de lanÃ§ar um olhar quase desprezÃ­vel sobre a casa de um de\r\nseus vizinhos , que nÃ£o pudera dar senÃ£o mÃ³dica moeda para a\r\nconstruÃ§Ã£o da igreja paroquial. De minha parte, disse ele, dei mais\r\nde mil escudos para essa obra pia; deitei negligentemente uma</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">cÃ©dula de 500 francos na bolsa que me estendia aquela jovem\r\nduquesa, em favor dos pobres; dei muito para as festas de\r\nbeneficÃªncia, para toda sorte de loterias e creio que Deus me serÃ¡\r\ngrato por tanto bem que fiz. </span></h6>\r\n<h6 style=\"text-align: center;\"><span class=\"fontstyle2\">Ah! ia esquecendo uma pequena\r\nesmola, que dei hÃ¡ pouco tempo a uma infeliz viÃºva, responsÃ¡vel\r\npor numerosa famÃ­lia e que ainda cria um Ã³rfÃ£o. Mas o que lhe dei\r\nÃ© tÃ£o pouco que, por certo, nÃ£o serÃ¡ por isso que o cÃ©u se me abrirÃ¡.\r\n</span></h6>\r\n<h6 style=\"text-align: center;\"><span class=\"fontstyle2\">Tu te enganas, respondeu de repente uma voz que lhe fez\r\nvoltar a cabeÃ§a: Ã© a Ãºnica que Deus aceita, e eis a prova. No mesmo\r\ninstante uma mÃ£o apagou o papel em que ele havia escrito todas as\r\nsuas boas obras, deixando apenas a Ãºltima; ela o levou ao cÃ©u.</span></h6>\r\n<h6 style=\"text-align: center;\"><span class=\"fontstyle2\">NÃ£o Ã©, pois, a esmola dada com ostentaÃ§Ã£o que Ã© a\r\nmelhor, mas a que Ã© dada com toda a humildade do coraÃ§Ã£o.</span></h6>\r\n<h6 style=\"text-align: center;\"><span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Joinville, Amy de Loys</span></h6>', 'A OSTENTAÃ‡ÃƒO', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '164-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:07:14', '2021-01-22 21:07:14', '', 164, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/164-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(167, 1, '2021-01-22 18:12:05', '2021-01-22 21:12:05', '<h6>Sou Hettani, um dos EspÃ­ritos que presidem Ã \r\nformaÃ§Ã£o das flores, Ã  diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou\r\nmelhor, somos nÃ³s, porquanto somos milhares de EspÃ­ritos, que\r\nornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto\r\npelas flores. NÃ£o poderÃ­amos ensinar-lhe a mutilaÃ§Ã£o que por vezes\r\nprotagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a\r\nembelezar suas formas, jÃ¡ tÃ£o graciosas. Entretanto, Ã©\r\nprincipalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se\r\nvolta toda a nossa atenÃ§Ã£o; a elas prodigalizamos mais cuidados\r\nainda: sÃ£o nossas preferidas. Como tudo quanto Ã© sÃ³ tem maior\r\nnecessidade de auxÃ­lio, eis porque delas cuidamos melhor.\r\nTambÃ©m somos encarregados de espalhar os perfumes.\r\nSomos nÃ³s que levamos ao exilado uma lembranÃ§a de seu paÃ­s,\r\nfazendo entrar em sua prisÃ£o o perfume das flores que ornavam o\r\njardim paterno. Ã€quele que ama, e ama realmente, levamos o\r\nperfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma\r\nlembranÃ§a dos que se foram, fazendo desabrochar em seus tÃºmulos\r\nas rosas e violetas que lembram as suas virtudes.\r\nQual de vÃ³s nÃ£o nos deve essas suaves emoÃ§Ãµes? Quem\r\nnÃ£o estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais\r\nperplexos, penso, ouvindo-nos dizer que hÃ¡ EspÃ­ritos para tudo\r\nisso e, no entanto, Ã© a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez\r\njamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns jÃ¡ foram\r\nhomens, mas poucos entre os EspÃ­ritos dos elementos. Nossa\r\nmissÃ£o, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vÃ³s,\r\nmas Ã© principalmente nesses planetas superiores que somos felizes.\r\nEm JÃºpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos\r\nas moradas aÃ©reas, das quais somente os ninhos de colibris vos\r\npodem dar uma pÃ¡lida idÃ©ia. Pela primeira vez far-vos-ei a descriÃ§Ã£o\r\nde algumas dessas flores, nÃ£o apenas magnÃ­ficas, mas sublimes e\r\ndignas dos elevados EspÃ­ritos, aos quais servem de morada.\r\nAdeus. Que um perfume de caridade vos anime. As\r\nprÃ³prias virtudes tÃªm seu perfume.</h6>\r\n<h6>PERGUNTAS SOBRE O GÃŠNIO DAS FLORES\r\n(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sr. Roze)</h6>\r\n<h6>1. [A SÃ£o LuÃ­s] Outro dia tivemos uma comunicaÃ§Ã£o\r\nespontÃ¢nea de um EspÃ­rito que disse presidir Ã s flores e seus\r\nperfumes; haverÃ¡ de fato EspÃ­ritos que podemos considerar como\r\ngÃªnios das flores?\r\nResp. â€“ Esta expressÃ£o Ã© poÃ©tica e se aplica bem ao\r\nassunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. NÃ£o deveis duvidar de\r\nque o EspÃ­rito preside, por toda a CriaÃ§Ã£o, ao trabalho que Deus\r\nlhe confia. Ã‰ assim que deve ser entendida essa comunicaÃ§Ã£o.</h6>\r\n<h6>2. Esse EspÃ­rito diz chamar-se Hettani. Como poderÃ¡\r\nter um nome, se jamais encarnou?\r\nResp. â€“ Ã‰ uma ficÃ§Ã£o. O EspÃ­rito nÃ£o preside, de\r\nmaneira particular, Ã  formaÃ§Ã£o das flores. Antes de passar pela sÃ©rie\r\nanimal, o EspÃ­rito elementar dirige sua aÃ§Ã£o fluÃ­dica para a criaÃ§Ã£o\r\ndos vegetais. Este ainda nÃ£o encarnou e somente age sob a direÃ§Ã£o\r\nde inteligÃªncias mais elevadas, que jÃ¡ viveram o bastante para\r\nadquirir a ciÃªncia necessÃ¡ria Ã  sua missÃ£o. Foi um desses que se\r\ncomunicou. Ele vos fez uma mistura poÃ©tica da aÃ§Ã£o de duas\r\nclasses de EspÃ­ritos que atuam na criaÃ§Ã£o vegetal.</h6>\r\n<h6>3. NÃ£o tendo ainda vivido, mesmo na vida animal,\r\ncomo esse EspÃ­rito pode ser tÃ£o poÃ©tico?\r\nResp. â€“ Relede.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Vide a observaÃ§Ã£o feita apÃ³s a pergunta 24.</h6>\r\n<h6>4. Assim, o EspÃ­rito que se comunicou nÃ£o Ã© o que\r\nhabita e anima a flor?\r\nResp. â€“ NÃ£o, nÃ£o. JÃ¡ vo-lo disse muito claramente: ele\r\nguia.</h6>\r\n<h6>5. Esse EspÃ­rito que nos falou esteve encarnado?\r\nResp. â€“ Esteve.</h6>\r\n<h6>6. O EspÃ­rito que dÃ¡ a vida Ã s plantas e Ã s flores tem um\r\npensamento, a inteligÃªncia do seu eu?\r\nResp. â€“ Nenhum pensamento, nenhum instinto.</h6>', 'O GÃŠNIO DAS FLORES (SessÃ£o de 23 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sra. de Boyer)', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '162-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:12:05', '2021-01-22 21:12:05', '', 162, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/162-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(168, 1, '2021-01-22 18:13:10', '2021-01-22 21:13:10', '<h6>Sou Hettani, um dos EspÃ­ritos que presidem Ã \nformaÃ§Ã£o das flores, Ã  diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou\nmelhor, somos nÃ³s, porquanto somos milhares de EspÃ­ritos, que\nornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto\npelas flores. NÃ£o poderÃ­amos ensinar-lhe a mutilaÃ§Ã£o que por vezes\nprotagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a\nembelezar suas formas, jÃ¡ tÃ£o graciosas. Entretanto, Ã©\nprincipalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se\nvolta toda a nossa atenÃ§Ã£o; a elas prodigalizamos mais cuidados\nainda: sÃ£o nossas preferidas. Como tudo quanto Ã© sÃ³ tem maior\nnecessidade de auxÃ­lio, eis porque delas cuidamos melhor.\nTambÃ©m somos encarregados de espalhar os perfumes.\nSomos nÃ³s que levamos ao exilado uma lembranÃ§a de seu paÃ­s,\nfazendo entrar em sua prisÃ£o o perfume das flores que ornavam o\njardim paterno. Ã€quele que ama, e ama realmente, levamos o\nperfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma\nlembranÃ§a dos que se foram, fazendo desabrochar em seus tÃºmulos\nas rosas e violetas que lembram as suas virtudes.\nQual de vÃ³s nÃ£o nos deve essas suaves emoÃ§Ãµes? Quem\nnÃ£o estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais\nperplexos, penso, ouvindo-nos dizer que hÃ¡ EspÃ­ritos para tudo\nisso e, no entanto, Ã© a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez\njamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns jÃ¡ foram\nhomens, mas poucos entre os EspÃ­ritos dos elementos. Nossa\nmissÃ£o, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vÃ³s,\nmas Ã© principalmente nesses planetas superiores que somos felizes.\nEm JÃºpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos\nas moradas aÃ©reas, das quais somente os ninhos de colibris vos\npodem dar uma pÃ¡lida idÃ©ia. Pela primeira vez far-vos-ei a descriÃ§Ã£o\nde algumas dessas flores, nÃ£o apenas magnÃ­ficas, mas sublimes e\ndignas dos elevados EspÃ­ritos, aos quais servem de morada.\nAdeus. Que um perfume de caridade vos anime. As\nprÃ³prias virtudes tÃªm seu perfume.</h6>\n<h6>PERGUNTAS SOBRE O GÃŠNIO DAS FLORES\n(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sr. Roze)</h6>\n<h6>1. [A SÃ£o LuÃ­s] Outro dia tivemos uma comunicaÃ§Ã£o\nespontÃ¢nea de um EspÃ­rito que disse presidir Ã s flores e seus\nperfumes; haverÃ¡ de fato EspÃ­ritos que podemos considerar como\ngÃªnios das flores?\nResp. â€“ Esta expressÃ£o Ã© poÃ©tica e se aplica bem ao\nassunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. NÃ£o deveis duvidar de\nque o EspÃ­rito preside, por toda a CriaÃ§Ã£o, ao trabalho que Deus\nlhe confia. Ã‰ assim que deve ser entendida essa comunicaÃ§Ã£o.</h6>\n<pre>2. Esse EspÃ­rito diz chamar-se Hettani. Como poderÃ¡\nter um nome, se jamais encarnou?\nResp. â€“ Ã‰ uma ficÃ§Ã£o. O EspÃ­rito nÃ£o preside, de\nmaneira particular, Ã  formaÃ§Ã£o das flores. Antes de passar pela sÃ©rie\nanimal, o EspÃ­rito elementar dirige sua aÃ§Ã£o fluÃ­dica para a criaÃ§Ã£o\ndos vegetais. Este ainda nÃ£o encarnou e somente age sob a direÃ§Ã£o\nde inteligÃªncias mais elevadas, que jÃ¡ viveram o bastante para\nadquirir a ciÃªncia necessÃ¡ria Ã  sua missÃ£o. Foi um desses que se\ncomunicou. Ele vos fez uma mistura poÃ©tica da aÃ§Ã£o de duas\nclasses de EspÃ­ritos que atuam na criaÃ§Ã£o vegetal.</pre>\n<h6>3. NÃ£o tendo ainda vivido, mesmo na vida animal,\ncomo esse EspÃ­rito pode ser tÃ£o poÃ©tico?\nResp. â€“ Relede.\nObservaÃ§Ã£o â€“ Vide a observaÃ§Ã£o feita apÃ³s a pergunta 24.</h6>\n<h6>4. Assim, o EspÃ­rito que se comunicou nÃ£o Ã© o que\nhabita e anima a flor?\nResp. â€“ NÃ£o, nÃ£o. JÃ¡ vo-lo disse muito claramente: ele\nguia.</h6>\n<h6>5. Esse EspÃ­rito que nos falou esteve encarnado?\nResp. â€“ Esteve.</h6>\n<h6>6. O EspÃ­rito que dÃ¡ a vida Ã s plantas e Ã s flores tem um\npensamento, a inteligÃªncia do seu eu?\nResp. â€“ Nenhum pensamento, nenhum instinto.</h6>', 'O GÃŠNIO DAS FLORES (SessÃ£o de 23 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sra. de Boyer)', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '162-autosave-v1', '', '', '2021-01-22 18:13:10', '2021-01-22 21:13:10', '', 162, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/162-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(169, 1, '2021-01-22 18:13:41', '2021-01-22 21:13:41', '<pre>Sou Hettani, um dos EspÃ­ritos que presidem Ã \r\nformaÃ§Ã£o das flores, Ã  diversidade de seus perfumes. Sou eu, ou\r\nmelhor, somos nÃ³s, porquanto somos milhares de EspÃ­ritos, que\r\nornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto\r\npelas flores. NÃ£o poderÃ­amos ensinar-lhe a mutilaÃ§Ã£o que por vezes\r\nprotagoniza; mas lhe ensinamos a variar seus perfumes, a\r\nembelezar suas formas, jÃ¡ tÃ£o graciosas. Entretanto, Ã©\r\nprincipalmente para as flores desabrochadas naturalmente que se\r\nvolta toda a nossa atenÃ§Ã£o; a elas prodigalizamos mais cuidados\r\nainda: sÃ£o nossas preferidas. Como tudo quanto Ã© sÃ³ tem maior\r\nnecessidade de auxÃ­lio, eis porque delas cuidamos melhor.\r\nTambÃ©m somos encarregados de espalhar os perfumes.\r\nSomos nÃ³s que levamos ao exilado uma lembranÃ§a de seu paÃ­s,\r\nfazendo entrar em sua prisÃ£o o perfume das flores que ornavam o\r\njardim paterno. Ã€quele que ama, e ama realmente, levamos o\r\nperfume das flores ofertadas pela sua noiva; ao que chora, uma\r\nlembranÃ§a dos que se foram, fazendo desabrochar em seus tÃºmulos\r\nas rosas e violetas que lembram as suas virtudes.\r\nQual de vÃ³s nÃ£o nos deve essas suaves emoÃ§Ãµes? Quem\r\nnÃ£o estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais\r\nperplexos, penso, ouvindo-nos dizer que hÃ¡ EspÃ­ritos para tudo\r\nisso e, no entanto, Ã© a pura verdade. Nunca encarnamos e talvez\r\njamais encarnaremos em vosso meio. Todavia, alguns jÃ¡ foram\r\nhomens, mas poucos entre os EspÃ­ritos dos elementos. Nossa\r\nmissÃ£o, em vossa Terra, nada representa; progredimos como vÃ³s,\r\nmas Ã© principalmente nesses planetas superiores que somos felizes.\r\nEm JÃºpiter nossas flores reproduzem sons melodiosos e formamos\r\nas moradas aÃ©reas, das quais somente os ninhos de colibris vos\r\npodem dar uma pÃ¡lida idÃ©ia. Pela primeira vez far-vos-ei a descriÃ§Ã£o\r\nde algumas dessas flores, nÃ£o apenas magnÃ­ficas, mas sublimes e\r\ndignas dos elevados EspÃ­ritos, aos quais servem de morada.\r\nAdeus. Que um perfume de caridade vos anime. As\r\nprÃ³prias virtudes tÃªm seu perfume.\r\n\r\nPERGUNTAS SOBRE O GÃŠNIO DAS FLORES\r\n(Sociedade, 30 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sr. Roze)\r\n\r\n1. [A SÃ£o LuÃ­s] Outro dia tivemos uma comunicaÃ§Ã£o\r\nespontÃ¢nea de um EspÃ­rito que disse presidir Ã s flores e seus\r\nperfumes; haverÃ¡ de fato EspÃ­ritos que podemos considerar como\r\ngÃªnios das flores?\r\nResp. â€“ Esta expressÃ£o Ã© poÃ©tica e se aplica bem ao\r\nassunto. Mas a bem dizer, seria defeituosa. NÃ£o deveis duvidar de\r\nque o EspÃ­rito preside, por toda a CriaÃ§Ã£o, ao trabalho que Deus\r\nlhe confia. Ã‰ assim que deve ser entendida essa comunicaÃ§Ã£o.\r\n\r\n2. Esse EspÃ­rito diz chamar-se Hettani. Como poderÃ¡\r\nter um nome, se jamais encarnou?\r\nResp. â€“ Ã‰ uma ficÃ§Ã£o. O EspÃ­rito nÃ£o preside, de\r\nmaneira particular, Ã  formaÃ§Ã£o das flores. Antes de passar pela sÃ©rie\r\nanimal, o EspÃ­rito elementar dirige sua aÃ§Ã£o fluÃ­dica para a criaÃ§Ã£o\r\ndos vegetais. Este ainda nÃ£o encarnou e somente age sob a direÃ§Ã£o\r\nde inteligÃªncias mais elevadas, que jÃ¡ viveram o bastante para\r\nadquirir a ciÃªncia necessÃ¡ria Ã  sua missÃ£o. Foi um desses que se\r\ncomunicou. Ele vos fez uma mistura poÃ©tica da aÃ§Ã£o de duas\r\nclasses de EspÃ­ritos que atuam na criaÃ§Ã£o vegetal.\r\n\r\n3. NÃ£o tendo ainda vivido, mesmo na vida animal,\r\ncomo esse EspÃ­rito pode ser tÃ£o poÃ©tico?\r\nResp. â€“ Relede.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Vide a observaÃ§Ã£o feita apÃ³s a pergunta 24.\r\n\r\n4. Assim, o EspÃ­rito que se comunicou nÃ£o Ã© o que\r\nhabita e anima a flor?\r\nResp. â€“ NÃ£o, nÃ£o. JÃ¡ vo-lo disse muito claramente: ele\r\nguia.\r\n\r\n5. Esse EspÃ­rito que nos falou esteve encarnado?\r\nResp. â€“ Esteve.\r\n\r\n6. O EspÃ­rito que dÃ¡ a vida Ã s plantas e Ã s flores tem um\r\npensamento, a inteligÃªncia do seu eu?\r\nResp. â€“ Nenhum pensamento, nenhum instinto.</pre>', 'O GÃŠNIO DAS FLORES (SessÃ£o de 23 de dezembro de 1859 â€“ MÃ©dium: Sra. de Boyer)', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '162-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:13:41', '2021-01-22 21:13:41', '', 162, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/uncategorized/162-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(171, 1, '2021-01-22 18:28:24', '2021-01-22 21:28:24', '<span class=\"fontstyle0\">A OSTENTAÃ‡ÃƒO</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 â€“ MÃ©dium: Srta. Huet)</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Numa bela tarde de primavera, um homem rico e\r\ngeneroso estava sentado em seu salÃ£o; sorvia, feliz, o perfume das\r\nflores de seu jardim. </span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Enumerava, complacente, todas as boas obras\r\nque tinha praticado durante o ano. A essa lembranÃ§a nÃ£o pÃ´de\r\ndeixar de lanÃ§ar um olhar quase desprezÃ­vel sobre a casa de um de\r\nseus vizinhos , que nÃ£o pudera dar senÃ£o mÃ³dica moeda para a\r\nconstruÃ§Ã£o da igreja paroquial. De minha parte, disse ele, dei mais\r\nde mil escudos para essa obra pia; deitei negligentemente uma</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">cÃ©dula de 500 francos na bolsa que me estendia aquela jovem\r\nduquesa, em favor dos pobres; dei muito para as festas de\r\nbeneficÃªncia, para toda sorte de loterias e creio que Deus me serÃ¡\r\ngrato por tanto bem que fiz. </span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Ah! ia esquecendo uma pequena\r\nesmola, que dei hÃ¡ pouco tempo a uma infeliz viÃºva, responsÃ¡vel\r\npor numerosa famÃ­lia e que ainda cria um Ã³rfÃ£o. Mas o que lhe dei\r\nÃ© tÃ£o pouco que, por certo, nÃ£o serÃ¡ por isso que o cÃ©u se me abrirÃ¡.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Tu te enganas, respondeu de repente uma voz que lhe fez\r\nvoltar a cabeÃ§a: Ã© a Ãºnica que Deus aceita, e eis a prova. No mesmo\r\ninstante uma mÃ£o apagou o papel em que ele havia escrito todas as\r\nsuas boas obras, deixando apenas a Ãºltima; ela o levou ao cÃ©u.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">NÃ£o Ã©, pois, a esmola dada com ostentaÃ§Ã£o que Ã© a\r\nmelhor, mas a que Ã© dada com toda a humildade do coraÃ§Ã£o.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Joinville, Amy de Loys</span>', 'A OSTENTAÃ‡ÃƒO', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '164-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:28:24', '2021-01-22 21:28:24', '', 164, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/164-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(172, 1, '2021-01-22 18:48:13', '2021-01-22 21:48:13', 'Este Ã© o link para ver a Rua, vista 360Âº.\r\n\r\n59 Rue Sainte-Anne, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<a href=\"https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI\">https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI</a>', 'ResidÃªncia a partir de 15 de julho de 1860, Paris', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'residencia-a-partir-de-15-de-julho-de-1860-paris', '', '', '2021-01-22 18:51:47', '2021-01-22 21:51:47', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=172', 0, 'post', '', 0),

(173, 1, '2021-01-22 18:48:13', '2021-01-22 21:48:13', 'Este Ã© o link para ver a Rua, vista 360Âº.\r\n\r\nhttps://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI', 'ResidÃªncia a partir de 15 de julho de 1860, Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '172-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:48:13', '2021-01-22 21:48:13', '', 172, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/172-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(174, 1, '2021-01-22 18:49:42', '2021-01-22 21:49:42', 'Este Ã© o link para ver a Rua, vista 360Âº.\r\n\r\n<a href=\"https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI\">https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI</a>', 'ResidÃªncia a partir de 15 de julho de 1860, Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '172-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:49:42', '2021-01-22 21:49:42', '', 172, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/172-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(175, 1, '2021-01-22 18:50:53', '2021-01-22 21:50:53', 'Este Ã© o link para ver a Rua, vista 360Âº.\n\n59 Rue Sainte-Anne, Paris, FranÃ§a\n\n<a href=\"https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI\">https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI</a>', 'ResidÃªncia a partir de 15 de julho de 1860, Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '172-autosave-v1', '', '', '2021-01-22 18:50:53', '2021-01-22 21:50:53', '', 172, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/172-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(176, 1, '2021-01-22 18:51:05', '2021-01-22 21:51:05', 'Este Ã© o link para ver a Rua, vista 360Âº.\r\n\r\n59 Rue Sainte-Anne, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<a href=\"https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI\">https://www.google.com/maps/place/59+Rue+Sainte-Anne,+75002+Paris,+FranÃ§a/@48.8679175,2.3362971,3a,75y,281.17h,88.61t/data=!3m6!1e1!3m4!1ssdKEiCIeQY28PXeVt0lUiQ!2e0!7i16384!8i8192!4m7!3m6!1s0x47e66e3ae8919667:0x63b0c5285fc47cc3!8m2!3d48.8679244!4d2.3362286!14m1!1BCgIgARICCAI</a>', 'ResidÃªncia a partir de 15 de julho de 1860, Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '172-revision-v1', '', '', '2021-01-22 18:51:05', '2021-01-22 21:51:05', '', 172, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/172-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(177, 1, '2021-01-23 11:41:13', '2021-01-23 14:41:13', 'ComunicaÃ§Ãµes diversas: (Revista EspÃ­rita - junho de 1860 - pÃ¡g. 247)\r\n\r\n1o. Leitura da comunicaÃ§Ã£o seguinte, recebida em sessÃ£o\r\nparticular, a propÃ³sito dos trabalhos da Ãºltima sessÃ£o, pela Sra. S...,\r\nmÃ©dium.\r\n\r\nP. â€“ Por que SÃ£o LuÃ­s nÃ£o se comunicou sexta-feira\r\npassada pelo Sr. Didier, e deixou falasse um EspÃ­rito enganador?\r\nResp. â€“ SÃ£o LuÃ­s estava presente, mas nÃ£o quis falar.\r\nAliÃ¡s, nÃ£o reconhecestes que nÃ£o era ele? Ã‰ o essencial. NÃ£o fostes\r\nenganados, desde que vos destes conta da impostura.\r\n\r\nP. Com que objetivo ele nÃ£o quis falar?\r\nResp. â€“ Podeis perguntar a ele mesmo. EstÃ¡ aqui.\r\n\r\nP. SÃ£o LuÃ­s poderia esclarecer o motivo de sua\r\nabstenÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ Ficastes contrariado com o que aconteceu;\r\nentretanto, deveis saber que nada acontece sem motivo. Muitas\r\nvezes hÃ¡ coisas, cujo objetivo nÃ£o compreendeis, que a princÃ­pio\r\nparecem mÃ¡s, porque sois muito impacientes, mas cuja sabedoria\r\nmais tarde reconheceis. Ficai, pois, tranquilos e nÃ£o vos inquieteis\r\npor nada; sabemos distinguir os que sÃ£o sinceros e velamos por\r\neles.\r\n\r\nP. Se foi uma liÃ§Ã£o que quisestes nos dar, eu a\r\ncompreenderia, quando estamos entre nÃ³s; mas em presenÃ§a de\r\nestranhos, que poderiam ficar mal impressionados, parece que o\r\nmal sobrepuja o bem.\r\n\r\nResp. â€“ Laborais em erro, vendo as coisas assim. O mal\r\nnÃ£o consiste naquilo em que acreditais, e eu vos asseguro que\r\nhouve pessoas aos olhos das quais essa espÃ©cie de revÃ©s foi uma\r\nprova da boa-fÃ© de vossa parte. AliÃ¡s, do mal muitas vezes resulta\r\no bem. Quando vedes um jardineiro cortar os belos ramos de uma\r\nÃ¡rvore, deplorais a perda da verdura, e isso vos parece um mal;\r\nporÃ©m, uma vez suprimidos esses ramos parasitas, os frutos sÃ£o\r\nmais belos e saborosos: eis o bem, e entÃ£o achais que o jardineiro\r\nfoi sÃ¡bio e mais prudente do que supÃºnheis. Do mesmo modo, se\r\nse amputa um membro de um doente, a perda do membro Ã© um\r\nmal, mas, apÃ³s a amputaÃ§Ã£o, se fica melhor, eis o bem, porque\r\ntalvez lhe tenham salvo a vida.\r\nRefleti bem nisto e havereis de compreender.\r\n\r\nP. Ã‰ muito justo. Mas como se explica que, apelando\r\naos EspÃ­ritos bons e lhes pedindo que afastem os impostores, o\r\napelo nÃ£o seja atendido?\r\nResp. â€“ Ã‰ atendido, nÃ£o o duvideis. Mas estais bem\r\nseguros de que o apelo procede do fundo do coraÃ§Ã£o de todos os\r\nassistentes, ou que nÃ£o haja alguÃ©m que, por um pensamento\r\npouco caridoso e malÃ©volo, ou pelo desejo, atraia para o meio de\r\nvÃ³s os EspÃ­ritos maus? Eis por que vos dizemos incessantemente:\r\nSede unidos; sede bons e benevolentes uns para com os outros.\r\nDisse Jesus: â€œQuando estiverdes reunidos em meu nome, estarei\r\nentre vÃ³sâ€. Acreditais, por isso, que basta pronunciar o seu nome?\r\nNÃ£o o penseis e convencei-vos de que Jesus nÃ£o vai senÃ£o aonde Ã©\r\nchamado pelos coraÃ§Ãµes puros; aos que praticam os seus preceitos,\r\nporquanto esses estÃ£o verdadeiramente reunidos em seu nome.\r\nNÃ£o vai aos orgulhosos, nem aos ambiciosos, nem aos hipÃ³critas,\r\nnem aos que falam mal do prÃ³ximo. Foi a eles que Jesus se referiu:\r\nâ€œNÃ£o entrarÃ£o no reino dos cÃ©usâ€.\r\n\r\nP. Compreendo que os EspÃ­ritos bons se afastem dos\r\nque nÃ£o lhes ouvem os conselhos; mas se, entre os assistentes, hÃ¡\r\nmal intencionados, Ã© isto uma razÃ£o para punir os outros?\r\nResp. â€“ Admiro-me de vossa insistÃªncia. Parece que me\r\nexpliquei com muita clareza para quem queira compreender. Ã‰\r\npreciso repetir que nÃ£o vos deveis preocupar com tais coisas, que\r\nsÃ£o puerilidades junto ao grande edifÃ­cio da doutrina, que se ergue?\r\nAcreditais que vossa casa vai cair porque se desprende uma telha?\r\nDuvidais de nosso poder, de nossa benevolÃªncia? NÃ£o? Pois bem!\r\ndeixai-nos entÃ£o agir e ficai certos de que todo pensamento, bom\r\nou mau, tem seu eco no seio do Eterno.\r\n\r\nP. Nada dissestes a respeito da invocaÃ§Ã£o geral que\r\nfazemos no comeÃ§o de cada sessÃ£o. Podeis dizer o que pensais?\r\nResp. â€“ Deveis sempre apelar aos EspÃ­ritos bons; a\r\nforma, bem o sabeis, Ã© insignificante: o pensamento Ã© tudo.\r\nAdmirai-vos do que se passou; mas examinastes bem o rosto dos\r\nque vos escutavam quando fazÃ­eis essa invocaÃ§Ã£o? NÃ£o percebestes,\r\nmais de uma vez, o sorriso de sarcasmo em certos lÃ¡bios? Que\r\nEspÃ­ritos pensais que tragam essas pessoas? EspÃ­ritos que, como\r\nelas, se riem das coisas mais sagradas. Ã‰ por isso que vos digo para\r\nnÃ£o admitirdes o primeiro que vier, evitando os curiosos e os que\r\nnÃ£o vÃªm para se instruÃ­rem. Cada coisa virÃ¡ a seu tempo e ninguÃ©m\r\npode prejulgar os desÃ­gnios de Deus. Em verdade vos digo que\r\naqueles que hoje sorriem destas coisas nÃ£o rirÃ£o por muito tempo.\r\n\r\nSÃ£o LuÃ­s', 'EspÃ­rito enganador', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'espirito-enganador', '', '', '2021-01-23 11:41:13', '2021-01-23 14:41:13', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=177', 0, 'post', '', 0),

(178, 1, '2021-01-23 11:41:13', '2021-01-23 14:41:13', 'ComunicaÃ§Ãµes diversas: (Revista EspÃ­rita - junho de 1860 - pÃ¡g. 247)\r\n\r\n1o. Leitura da comunicaÃ§Ã£o seguinte, recebida em sessÃ£o\r\nparticular, a propÃ³sito dos trabalhos da Ãºltima sessÃ£o, pela Sra. S...,\r\nmÃ©dium.\r\n\r\nP. â€“ Por que SÃ£o LuÃ­s nÃ£o se comunicou sexta-feira\r\npassada pelo Sr. Didier, e deixou falasse um EspÃ­rito enganador?\r\nResp. â€“ SÃ£o LuÃ­s estava presente, mas nÃ£o quis falar.\r\nAliÃ¡s, nÃ£o reconhecestes que nÃ£o era ele? Ã‰ o essencial. NÃ£o fostes\r\nenganados, desde que vos destes conta da impostura.\r\n\r\nP. Com que objetivo ele nÃ£o quis falar?\r\nResp. â€“ Podeis perguntar a ele mesmo. EstÃ¡ aqui.\r\n\r\nP. SÃ£o LuÃ­s poderia esclarecer o motivo de sua\r\nabstenÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ Ficastes contrariado com o que aconteceu;\r\nentretanto, deveis saber que nada acontece sem motivo. Muitas\r\nvezes hÃ¡ coisas, cujo objetivo nÃ£o compreendeis, que a princÃ­pio\r\nparecem mÃ¡s, porque sois muito impacientes, mas cuja sabedoria\r\nmais tarde reconheceis. Ficai, pois, tranquilos e nÃ£o vos inquieteis\r\npor nada; sabemos distinguir os que sÃ£o sinceros e velamos por\r\neles.\r\n\r\nP. Se foi uma liÃ§Ã£o que quisestes nos dar, eu a\r\ncompreenderia, quando estamos entre nÃ³s; mas em presenÃ§a de\r\nestranhos, que poderiam ficar mal impressionados, parece que o\r\nmal sobrepuja o bem.\r\n\r\nResp. â€“ Laborais em erro, vendo as coisas assim. O mal\r\nnÃ£o consiste naquilo em que acreditais, e eu vos asseguro que\r\nhouve pessoas aos olhos das quais essa espÃ©cie de revÃ©s foi uma\r\nprova da boa-fÃ© de vossa parte. AliÃ¡s, do mal muitas vezes resulta\r\no bem. Quando vedes um jardineiro cortar os belos ramos de uma\r\nÃ¡rvore, deplorais a perda da verdura, e isso vos parece um mal;\r\nporÃ©m, uma vez suprimidos esses ramos parasitas, os frutos sÃ£o\r\nmais belos e saborosos: eis o bem, e entÃ£o achais que o jardineiro\r\nfoi sÃ¡bio e mais prudente do que supÃºnheis. Do mesmo modo, se\r\nse amputa um membro de um doente, a perda do membro Ã© um\r\nmal, mas, apÃ³s a amputaÃ§Ã£o, se fica melhor, eis o bem, porque\r\ntalvez lhe tenham salvo a vida.\r\nRefleti bem nisto e havereis de compreender.\r\n\r\nP. Ã‰ muito justo. Mas como se explica que, apelando\r\naos EspÃ­ritos bons e lhes pedindo que afastem os impostores, o\r\napelo nÃ£o seja atendido?\r\nResp. â€“ Ã‰ atendido, nÃ£o o duvideis. Mas estais bem\r\nseguros de que o apelo procede do fundo do coraÃ§Ã£o de todos os\r\nassistentes, ou que nÃ£o haja alguÃ©m que, por um pensamento\r\npouco caridoso e malÃ©volo, ou pelo desejo, atraia para o meio de\r\nvÃ³s os EspÃ­ritos maus? Eis por que vos dizemos incessantemente:\r\nSede unidos; sede bons e benevolentes uns para com os outros.\r\nDisse Jesus: â€œQuando estiverdes reunidos em meu nome, estarei\r\nentre vÃ³sâ€. Acreditais, por isso, que basta pronunciar o seu nome?\r\nNÃ£o o penseis e convencei-vos de que Jesus nÃ£o vai senÃ£o aonde Ã©\r\nchamado pelos coraÃ§Ãµes puros; aos que praticam os seus preceitos,\r\nporquanto esses estÃ£o verdadeiramente reunidos em seu nome.\r\nNÃ£o vai aos orgulhosos, nem aos ambiciosos, nem aos hipÃ³critas,\r\nnem aos que falam mal do prÃ³ximo. Foi a eles que Jesus se referiu:\r\nâ€œNÃ£o entrarÃ£o no reino dos cÃ©usâ€.\r\n\r\nP. Compreendo que os EspÃ­ritos bons se afastem dos\r\nque nÃ£o lhes ouvem os conselhos; mas se, entre os assistentes, hÃ¡\r\nmal intencionados, Ã© isto uma razÃ£o para punir os outros?\r\nResp. â€“ Admiro-me de vossa insistÃªncia. Parece que me\r\nexpliquei com muita clareza para quem queira compreender. Ã‰\r\npreciso repetir que nÃ£o vos deveis preocupar com tais coisas, que\r\nsÃ£o puerilidades junto ao grande edifÃ­cio da doutrina, que se ergue?\r\nAcreditais que vossa casa vai cair porque se desprende uma telha?\r\nDuvidais de nosso poder, de nossa benevolÃªncia? NÃ£o? Pois bem!\r\ndeixai-nos entÃ£o agir e ficai certos de que todo pensamento, bom\r\nou mau, tem seu eco no seio do Eterno.\r\n\r\nP. Nada dissestes a respeito da invocaÃ§Ã£o geral que\r\nfazemos no comeÃ§o de cada sessÃ£o. Podeis dizer o que pensais?\r\nResp. â€“ Deveis sempre apelar aos EspÃ­ritos bons; a\r\nforma, bem o sabeis, Ã© insignificante: o pensamento Ã© tudo.\r\nAdmirai-vos do que se passou; mas examinastes bem o rosto dos\r\nque vos escutavam quando fazÃ­eis essa invocaÃ§Ã£o? NÃ£o percebestes,\r\nmais de uma vez, o sorriso de sarcasmo em certos lÃ¡bios? Que\r\nEspÃ­ritos pensais que tragam essas pessoas? EspÃ­ritos que, como\r\nelas, se riem das coisas mais sagradas. Ã‰ por isso que vos digo para\r\nnÃ£o admitirdes o primeiro que vier, evitando os curiosos e os que\r\nnÃ£o vÃªm para se instruÃ­rem. Cada coisa virÃ¡ a seu tempo e ninguÃ©m\r\npode prejulgar os desÃ­gnios de Deus. Em verdade vos digo que\r\naqueles que hoje sorriem destas coisas nÃ£o rirÃ£o por muito tempo.\r\n\r\nSÃ£o LuÃ­s', 'EspÃ­rito enganador', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '177-revision-v1', '', '', '2021-01-23 11:41:13', '2021-01-23 14:41:13', '', 177, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/177-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(180, 1, '2021-01-23 11:51:29', '2021-01-23 14:51:29', '<!-- wp:paragraph -->\n<p>Fineza enviar sua mensagem para o email</p>\n<p>espiritamoeda@online.bhz.br</p>\n<p>Obrigado.</p>\n<!-- /wp:paragraph -->', 'Contato', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '12-autosave-v1', '', '', '2021-01-23 11:51:29', '2021-01-23 14:51:29', '', 12, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/12-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(181, 1, '2021-01-23 11:51:33', '2021-01-23 14:51:33', '<!-- wp:paragraph -->\r\n<p>Fineza enviar sua mensagem para o e-mail</p>\r\n<p>espiritamoeda@online.bhz.br</p>\r\n<p>Obrigado.</p>\r\n<!-- /wp:paragraph -->', 'Contato', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '12-revision-v1', '', '', '2021-01-23 11:51:33', '2021-01-23 14:51:33', '', 12, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/12-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(182, 1, '2021-01-23 11:59:40', '2021-01-23 14:59:40', '1) Revista EspÃ­rita 1861, pÃ¡g.305, o EspÃ­rito Erasto sob o tÃ­tulo; EpÃ­stola de Erasto aos EspÃ­ritas Lioneses, lida no banquete de 19 de setembro de 1861, nos diz:\r\n\r\nâ€œNÃ£o pederÃ­eis crer o quanto estou orgulhoso em distribuir, a todos e a cada um, os elogios e os encorajamentos que oÂ <i>EspÃ­rito de verdade</i>,Â <b>nosso mestre bem amado</b>,Â <i>me ordenouÂ conceder</i>Â Ã s vossas piedosas coortes: a ti, Diloud, a ti, sua digna companheira e a todos vossos devotados missionÃ¡rios que derramais os benefÃ­cios do Espiritismo, obrigado pelo vosso concurso e pelo vosso zeloâ€.\r\n\r\n2) Revista EspÃ­rita 1864, pÃ¡g.16, O EspÃ­rito Hahnemann, sob o TÃ­tulo; Um caso de PossessÃ£o â€“ Senhorita Julie, relata:\r\n\r\nâ€œEssas obsessÃµes freqÃ¼entes terÃ£o tambÃ©m um lado muito bom, naquilo que sendo penetrada pela prece e pela forÃ§a moral, pode-se fazÃª-la cessar e adquirir o direito de expulsar os maus EspÃ­ritos, cada um procurarÃ¡, pela melhoria de sua conduta adquirir esse direito queÂ <b>o EspÃ­rito de Verdade, que dirige este globo</b>, conferirÃ¡ quando for merecido. Tende fÃ© e confianÃ§a em Deus, que nÃ£o permite que se sofra inutilmente e sem motivoâ€.\r\n\r\n3) Revista EspÃ­rita 1864, pÃ¡gs. 399, O EspÃ­rito de verdade, sob o tÃ­tulo; ComunicaÃ§Ã£o EspÃ­rita nos afirma:\r\n\r\n<i>â€œ<b>HÃ¡ vÃ¡rias moradas na casa de meu Pai, eu lhes disse hÃ¡ dezoito sÃ©culos.</b>Â </i>Estas palavras o Espiritismo veio fazer compreendÃª-las.\r\n\r\nE vÃ³s, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o ardor do dia, que credes ter a vos lamentar da injustiÃ§a da sorte, bendizei vossos sofrimentos; agradecei a Deus que vos dÃ¡ os meios de quitar as dÃ­vidas do passado; orai, nÃ£o dos lÃ¡bios, mas do vosso coraÃ§Ã£o melhorado, para vir tomar, naÂ <b>casa de meu PaiÂ </b>a melhor morada; porque os grandes serÃ£o rebaixados; mas, vÃ³s o sabeis, os pequenos e os humildes serÃ£o elevadosâ€<i>.</i>\r\n\r\n4) Revista EspÃ­rita 1866, pÃ¡g. 222, sob o tÃ­tulo; QualificaÃ§Ã£o de Santo aplicada a certos espÃ­ritos, ensina:\r\n\r\nâ€œ O EspÃ­rito que ditou a comunicaÃ§Ã£o acima Ã©, pois, muito absoluto no que concerne a qualificaÃ§Ã£o de santo,Â <i>e nÃ£o estÃ¡ na verdade dizendo que os EspÃ­ritos superiores se dizem simplesmente EspÃ­ritos de Verdade</i>,Â qualificaÃ§Ã£o que nÃ£o seria senÃ£o um orgulho mascarado sob outro nome, e que poderia induzir em erro se tomado ao pÃ© da letra, porque ninguÃ©m pode se gabar de possuir a verdade absoluta, nÃ£o mais do que a santidade absoluta.Â <b>A qualificaÃ§Ã£o de EspÃ­rito de verdade, nÃ£o pertenceÂ senÃ£o a umÂ e pode ser considerada como nome prÃ³prio; ela Ã© especificada no evangelho</b>.Â <i>De resto, esse EspÃ­rito se comunica raramente, e somente em circunstÃ¢ncias especiais</i>; deve-se manter em guarda contra aqueles que se apoderam indevidamente desse tÃ­tulo: sÃ£o fÃ¡ceis de se reconhecer, pela prolixidade e pela vulgaridade de sua linguagemâ€.\r\n\r\n5) Revista EspÃ­rita 1867, pÃ¡g 271, sob o tÃ­tulo; Caracteres da RevelaÃ§Ã£o EspÃ­rita, descreve:\r\n\r\nâ€œOra, como Ã© oÂ <b>EspÃ­rito de verdade</b><b>Â queÂ <i>preside ao grande movimento de regeneraÃ§Ã£o</i></b>, a promessa de seu advento se encontra do mesmo modo realizada, porque, por conseqÃ¼Ãªncia, ele Ã© que Ã© o verdadeiro Consolador.\r\n\r\n6) Revista EspÃ­rita 1868, pÃ¡g.49, o espÃ­rito LAMENNAIS, sob o tÃ­tulo; EspÃ­ritos Marcados, esclarece:\r\n\r\nâ€œSim, meus filhos, o povo caminharÃ¡ mais depressa naÂ <b>nova mensagem anunciada pelo prÃ³prio Cristo,</b>Â e todos virÃ£o escutar essa divina palavra, porque nela reconhecerÃ£oÂ <b>a linguagem da verdade e o caminho da salvaÃ§Ã£o.Â </b>Deus que permitiu esclarecer, sustentar vossa caminhada atÃ© esse dia, nos permitirÃ¡ ainda vos dar as instruÃ§Ãµes que vos sÃ£o necessÃ¡riasâ€.\r\n\r\n7) Revista EspÃ­rita 1868, pÃ¡g. 51, o espÃ­rito ERASTO, sob o tÃ­tulo Futuro do Espiritismo; informa:\r\n\r\n<i>â€œ</i>Eis, meus filhos, a verdadeira lei do Espiritismo, a verdadeira conquista de um futuro prÃ³ximo. Caminhai, pois, em vosso caminho imperturbavelmente, sem vos preocupar com as zombarias de uns e amor-prÃ³prio ferido de outros. Estamos e ficaremos convosco, sob<i>Â <b>a Ã©gide do EspÃ­rito de Verdade, meu senhor e o vossoâ€</b></i>.\r\n\r\nA seguir, passamos a transcrever trechos do contido em outras obras da codificaÃ§Ã£o do espiritismo, para melhor fundamentarmos nossa afirmaÃ§Ã£o em relaÃ§Ã£o ao assunto em pauta:\r\n\r\n8) Logo no primeiro CapÃ­tulo do Evangelho Segundo o Espiritismo, no item 7, encontramos o que abaixo transcrevemos:\r\n\r\nâ€œAssim como o Cristo disse: â€œNÃ£o vim destruir a lei, porÃ©m cumpri-laâ€, tambÃ©m o Espiritismo diz: â€œNÃ£o venho destruir a lei cristÃ£, mas dar-lhe execuÃ§Ã£o.â€ Nada ensina em contrÃ¡rio ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegÃ³rica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realizaÃ§Ã£o das coisas futuras.Â <i>Ele Ã©, pois, obra doÂ <b>Cristo</b></i>,<i>Â que<b>Â preside</b>, conforme igualmente o anunciou, Ã  regeneraÃ§Ã£o que se opera e prepara o reino de Deus na Terraâ€.</i>\r\n\r\n9) observemos agora, o teor da mensagem do EspÃ­rito de Verdade, relatada no Evangelho Segundo o Espiritismo, CapÃ­tulo VI; item 5:\r\n<p align=\"left\"><b>INSTRUÃ‡Ã•ES DOS ESPÃRITOS</b></p>\r\n<p align=\"left\"><b>Advento do EspÃ­rito de Verdade</b></p>\r\n<b><i>Venho, como outrora</i></b>Â aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas.Â <b><i>Escutai-me</i></b>. O Espiritismo, como o fez antigamente aÂ <b><i>minha palavra</i></b>, tem de lembrar aos incrÃ©dulos que acima deles reina a imutÃ¡vel verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas.Â <b><i>Revelei a doutrina divinal</i></b>.\r\n\r\n<b><i>Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: â€œVinde a mim, todos vÃ³s que sofreis.</i></b>â€\r\n\r\nMas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz aoÂ <b><i>reino de meu Pai</i></b>Â e enveredaram pelas Ã¡speras sendas da impiedade. Meu Pai nÃ£o quer aniquilar a raÃ§a humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto Ã©, mortos segundo a carne, porquanto nÃ£o existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faÃ§a ouvir nÃ£o mais a voz dos profetas e dos apÃ³stolos, mas a dos que jÃ¡ nÃ£o vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! pois que a morte Ã© a ressurreiÃ§Ã£o, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerÃ£o e se desenvolverÃ£o como o cedro.\r\n\r\nHomens fracos, que compreendeis as trevas das vossas inteligÃªncias, nÃ£o afasteis o facho que a clemÃªncia divina vos coloca nas mÃ£os para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaÃ§o de vosso Pai.\r\n\r\n<b><i>Sinto-me</i></b>Â por demais tomado de compaixÃ£o pelas vossas misÃ©rias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mÃ£o socorredora aos infelizes transviados que, vendo o cÃ©u, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos sÃ£o reveladas; nÃ£o mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.\r\n\r\n<i>EspÃ­ritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento;Â instruÃ­-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; sÃ£o de origem humana os erros que nele se enraizaram.</i>Â Eis que do alÃ©m-tÃºmulo, que julgÃ¡veis o nada, vozes vos clamam: â€œIrmÃ£os! Nada perece. Jesus-Cristo Ã© o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.â€ â€“Â <i>O EspÃ­rito de Verdade.Â </i>(Paris, 1860.)\r\n\r\n10) Livro dos MÃ©diuns CapÃ­tulo IV; item 48:\r\n\r\n<b><i>Sistema unispÃ­rita, ou mono-espÃ­rita</i></b><i>.</i>\r\n\r\n<i></i>â€œComo variedade do sistema otimista,temos o que se baseia na crenÃ§a de que um Ãºnico EspÃ­rito se comunica com os homens,Â <b>sendo esse EspÃ­rito o Cristo, que Ã© o protetor da Terra</b>. Diante das comunicaÃ§Ãµes da mais baixa trivialidade, de revoltante grosseria, impregnadas de malevolÃªncia e de maldade, haveria profanaÃ§Ã£o e impiedade em supor-se que pudessem emanarÂ <b>do EspÃ­rito do bem por excelÃªncia</b>. Se os que assim o crÃªem nunca tivessem obtido senÃ£o comunicaÃ§Ãµes inatacÃ¡veis, ainda se lhes conceberia a ilusÃ£o. A maioria deles, porÃ©m, concordam em que tÃªm recebido algumas muito ruins, o que explicam dizendo ser uma prova a que o bom EspÃ­rito os sujeita, com o lhes ditar coisas absurdas. Assim, enquanto uns atribuem todas as comunicaÃ§Ãµes ao diabo, que pode dizer coisas excelentes para tentar, pensam outros queÂ <b>sÃ³ JesusÂ </b>se manifesta e que pode dizer coisas detestÃ¡veis, para experimentar os homens. Entre estas duas opiniÃµes tÃ£o opostas, quem sentenciarÃ¡? O bom-senso e a experiÃªncia. Dizemos: a experiÃªncia, por ser impossÃ­vel que os que professam idÃ©ias tÃ£o exclusivas tudo tenham visto e visto bem.\r\n\r\nQuando se lhes objeta com os fatos de identidade, que atestam, por meio de manifestaÃ§Ãµes escritas, visuais, ou outras, a presenÃ§a de parentes ou conhecidos dos circunstantes, respondem que Ã© sempre o mesmo EspÃ­rito, o diabo, segundo aqueles,Â <i>o Cristo, segundo estes, que toma todas as formas</i>. PorÃ©m, nÃ£o nos dizem por que motivo os outros EspÃ­ritos nÃ£o se podem comunicar, com que fimÂ <b>o EspÃ­rito da Verdade</b>Â nos viria enganar, apresentando-se sob falsas aparÃªncias, iludir uma pobre mÃ£e, fazendo-lhe crer que tem ao seu lado o filho por quem derrama lÃ¡grimas.Â <b>A razÃ£o se nega a admitir que o EspÃ­rito, entre todos santo</b><i>,</i>Â desÃ§a a representar semelhante comÃ©dia. Demais, negar a possibilidade de qualquer outra comunicaÃ§Ã£o nÃ£o importa em subtrair ao Espiritismo o que este tem de mais suave: a consolaÃ§Ã£o dos aflitos? Digamos, pura e simplesmente, que tal sistema Ã© irracional e nÃ£o suporta exame sÃ©rioâ€.\r\n\r\n11) GÃªnese CapÃ­tulo I â€“ item 42:\r\n\r\nâ€œDemais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as aÃ§Ãµes da vida, por tornar quase tangÃ­veis as conseqÃ¼Ãªncias do bem e do mal, pela forÃ§a moral, a coragem e as consolaÃ§Ãµes que dÃ¡ nas afliÃ§Ãµes, mediante inalterÃ¡vel confianÃ§a no futuro, pela idÃ©ia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligÃªncia, sabedoria, moralidade, atÃ© Ã  Ãºltima hora da vida, nÃ£o fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do EspÃ­rito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado.Â <b>Ora, como Ã© o EspÃ­rito de VerdadeÂ que preside ao grande movimento da regeneraÃ§Ã£o, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, Ã© ele o verdadeiro Consoladorâ€.</b>\r\n\r\n12) GÃªnese CapÃ­tulo XVII â€“ item 37:\r\n\r\nâ€œAs religiÃµes que se fundaram no Evangelho nÃ£o podem, pois, dizer-se possuidoras de toda a verdade, porquantoÂ <b>ele, Jesus, reservou para si a complementaÃ§Ã£o ulterior de seus ensinamentosâ€.</b>\r\n\r\n13) GÃªnese CapÃ­tulo XVII â€“ item 39:\r\n\r\nâ€œO Consolador Ã©, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificaÃ§Ã£o de uma doutrina soberanamente consoladora,Â <b>cujo inspirador hÃ¡ de ser o EspÃ­rito de Verdadeâ€</b>.\r\n<p align=\"left\">14) Obras PÃ³stumas â€“ Segunda parte, 13Âª ediÃ§Ã£o:</p>\r\n<i>Perguntas de Kardec, pÃ¡ginas: 271/272/274/275;</i>\r\n\r\na) ReconhecÃª-lo-ei, depois de minha morte, no mundo dos EspÃ­ritos?\r\n\r\nResposta: Sobre isso nÃ£o pode haver dÃºvida; serÃ¡ ele quem virÃ¡ receber-te e felicitar-te, se houveres desempenhado bem tua tarefa.\r\n\r\nb) Meu espÃ­rito familiar, quem quer que tu sejas, agradeÃ§o-te o me teres vindo visitar. ConsentirÃ¡s em dizer-me quem Ã©s?\r\n\r\nResposta: Para ti chamar-me-eiÂ <b>A VERDADE</b>Â e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei Ã  tua disposiÃ§Ã£o.\r\n\r\nc) TerÃ¡s animado na terra alguma personagem conhecida?\r\n\r\nResposta: JÃ¡ ti disse que,Â <b>para ti</b>Â souÂ <b>A</b>Â <b>VERDADE</b>; isto,Â <b>para ti,</b>Â quer dizer discriÃ§Ã£o; nada mais saberÃ¡s a respeito.\r\n\r\nOutras Obras Complementares:\r\n\r\n15) Livro, MissionÃ¡rios da Luz â€“ CapÃ­tulo 9:\r\n\r\nO sÃ¡bio instrutor Alexandre esclarece: â€“ â€œMediunidade constitui â€œmeio de comunicaÃ§Ã£oâ€, e o prÃ³prio Jesus nos afirma: â€œeu sou a portaâ€¦ se alguÃ©m entrar por mim serÃ¡ salvo e entrarÃ¡, sairÃ¡ e acharÃ¡ pastagensâ€!Â <b>Porque audÃ¡cia incompreensÃ­vel imaginais a realizaÃ§Ã£o sublime sem vos afeiÃ§oardes ao EspÃ­rito de Verdade, que Ã© o prÃ³prio Senhor?</b>â€ Ouvi-me irmÃ£os meus!â€¦ Se vos dispondes ao serviÃ§o divino,Â <b>nÃ£o hÃ¡ outro caminho senÃ£o Ele</b>, que detÃ©m a infinita luz da verdade e a fonte inesgotÃ¡vel da vida! NÃ£o existe outra porta para a mediunidade celeste, para o acesso ao equilÃ­brio divino que anelais no recÃ´ndito santuÃ¡rio do coraÃ§Ã£o! Somente atravÃ©s dELE, vivendo-lhe as sublimes liÃ§Ãµes, alcanÃ§areis a sagrada liberdade de entrar nos domÃ­nios da Espiritualidade e deles sair, conquistando o pÃ£o eterno que vos saciarÃ¡ a fome para sempre.Â <b>Sem o Cristo</b>, a mediunidade Ã© simples â€œmeio de comunicaÃ§Ã£oâ€ e nada mais, mera possibilidade de informaÃ§Ã£o, como tantas outras, da qual poderÃ£o assenhorear-se tambÃ©m os interessados em perturbaÃ§Ãµes, multiplicando presas infelizesâ€.', 'EspÃ­rito de Verdade . Ã‰ Jesus? Estude um pouco e tire suas conclusÃµes.', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'espirito-de-verdade-e-jesus-estude-um-pouco-e-tire-suas-conclusoes', '', '', '2021-01-23 11:59:40', '2021-01-23 14:59:40', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=182', 0, 'post', '', 0),

(183, 1, '2021-01-23 11:59:40', '2021-01-23 14:59:40', '1) Revista EspÃ­rita 1861, pÃ¡g.305, o EspÃ­rito Erasto sob o tÃ­tulo; EpÃ­stola de Erasto aos EspÃ­ritas Lioneses, lida no banquete de 19 de setembro de 1861, nos diz:\r\n\r\nâ€œNÃ£o pederÃ­eis crer o quanto estou orgulhoso em distribuir, a todos e a cada um, os elogios e os encorajamentos que oÂ <i>EspÃ­rito de verdade</i>,Â <b>nosso mestre bem amado</b>,Â <i>me ordenouÂ conceder</i>Â Ã s vossas piedosas coortes: a ti, Diloud, a ti, sua digna companheira e a todos vossos devotados missionÃ¡rios que derramais os benefÃ­cios do Espiritismo, obrigado pelo vosso concurso e pelo vosso zeloâ€.\r\n\r\n2) Revista EspÃ­rita 1864, pÃ¡g.16, O EspÃ­rito Hahnemann, sob o TÃ­tulo; Um caso de PossessÃ£o â€“ Senhorita Julie, relata:\r\n\r\nâ€œEssas obsessÃµes freqÃ¼entes terÃ£o tambÃ©m um lado muito bom, naquilo que sendo penetrada pela prece e pela forÃ§a moral, pode-se fazÃª-la cessar e adquirir o direito de expulsar os maus EspÃ­ritos, cada um procurarÃ¡, pela melhoria de sua conduta adquirir esse direito queÂ <b>o EspÃ­rito de Verdade, que dirige este globo</b>, conferirÃ¡ quando for merecido. Tende fÃ© e confianÃ§a em Deus, que nÃ£o permite que se sofra inutilmente e sem motivoâ€.\r\n\r\n3) Revista EspÃ­rita 1864, pÃ¡gs. 399, O EspÃ­rito de verdade, sob o tÃ­tulo; ComunicaÃ§Ã£o EspÃ­rita nos afirma:\r\n\r\n<i>â€œ<b>HÃ¡ vÃ¡rias moradas na casa de meu Pai, eu lhes disse hÃ¡ dezoito sÃ©culos.</b>Â </i>Estas palavras o Espiritismo veio fazer compreendÃª-las.\r\n\r\nE vÃ³s, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o ardor do dia, que credes ter a vos lamentar da injustiÃ§a da sorte, bendizei vossos sofrimentos; agradecei a Deus que vos dÃ¡ os meios de quitar as dÃ­vidas do passado; orai, nÃ£o dos lÃ¡bios, mas do vosso coraÃ§Ã£o melhorado, para vir tomar, naÂ <b>casa de meu PaiÂ </b>a melhor morada; porque os grandes serÃ£o rebaixados; mas, vÃ³s o sabeis, os pequenos e os humildes serÃ£o elevadosâ€<i>.</i>\r\n\r\n4) Revista EspÃ­rita 1866, pÃ¡g. 222, sob o tÃ­tulo; QualificaÃ§Ã£o de Santo aplicada a certos espÃ­ritos, ensina:\r\n\r\nâ€œ O EspÃ­rito que ditou a comunicaÃ§Ã£o acima Ã©, pois, muito absoluto no que concerne a qualificaÃ§Ã£o de santo,Â <i>e nÃ£o estÃ¡ na verdade dizendo que os EspÃ­ritos superiores se dizem simplesmente EspÃ­ritos de Verdade</i>,Â qualificaÃ§Ã£o que nÃ£o seria senÃ£o um orgulho mascarado sob outro nome, e que poderia induzir em erro se tomado ao pÃ© da letra, porque ninguÃ©m pode se gabar de possuir a verdade absoluta, nÃ£o mais do que a santidade absoluta.Â <b>A qualificaÃ§Ã£o de EspÃ­rito de verdade, nÃ£o pertenceÂ senÃ£o a umÂ e pode ser considerada como nome prÃ³prio; ela Ã© especificada no evangelho</b>.Â <i>De resto, esse EspÃ­rito se comunica raramente, e somente em circunstÃ¢ncias especiais</i>; deve-se manter em guarda contra aqueles que se apoderam indevidamente desse tÃ­tulo: sÃ£o fÃ¡ceis de se reconhecer, pela prolixidade e pela vulgaridade de sua linguagemâ€.\r\n\r\n5) Revista EspÃ­rita 1867, pÃ¡g 271, sob o tÃ­tulo; Caracteres da RevelaÃ§Ã£o EspÃ­rita, descreve:\r\n\r\nâ€œOra, como Ã© oÂ <b>EspÃ­rito de verdade</b><b>Â queÂ <i>preside ao grande movimento de regeneraÃ§Ã£o</i></b>, a promessa de seu advento se encontra do mesmo modo realizada, porque, por conseqÃ¼Ãªncia, ele Ã© que Ã© o verdadeiro Consolador.\r\n\r\n6) Revista EspÃ­rita 1868, pÃ¡g.49, o espÃ­rito LAMENNAIS, sob o tÃ­tulo; EspÃ­ritos Marcados, esclarece:\r\n\r\nâ€œSim, meus filhos, o povo caminharÃ¡ mais depressa naÂ <b>nova mensagem anunciada pelo prÃ³prio Cristo,</b>Â e todos virÃ£o escutar essa divina palavra, porque nela reconhecerÃ£oÂ <b>a linguagem da verdade e o caminho da salvaÃ§Ã£o.Â </b>Deus que permitiu esclarecer, sustentar vossa caminhada atÃ© esse dia, nos permitirÃ¡ ainda vos dar as instruÃ§Ãµes que vos sÃ£o necessÃ¡riasâ€.\r\n\r\n7) Revista EspÃ­rita 1868, pÃ¡g. 51, o espÃ­rito ERASTO, sob o tÃ­tulo Futuro do Espiritismo; informa:\r\n\r\n<i>â€œ</i>Eis, meus filhos, a verdadeira lei do Espiritismo, a verdadeira conquista de um futuro prÃ³ximo. Caminhai, pois, em vosso caminho imperturbavelmente, sem vos preocupar com as zombarias de uns e amor-prÃ³prio ferido de outros. Estamos e ficaremos convosco, sob<i>Â <b>a Ã©gide do EspÃ­rito de Verdade, meu senhor e o vossoâ€</b></i>.\r\n\r\nA seguir, passamos a transcrever trechos do contido em outras obras da codificaÃ§Ã£o do espiritismo, para melhor fundamentarmos nossa afirmaÃ§Ã£o em relaÃ§Ã£o ao assunto em pauta:\r\n\r\n8) Logo no primeiro CapÃ­tulo do Evangelho Segundo o Espiritismo, no item 7, encontramos o que abaixo transcrevemos:\r\n\r\nâ€œAssim como o Cristo disse: â€œNÃ£o vim destruir a lei, porÃ©m cumpri-laâ€, tambÃ©m o Espiritismo diz: â€œNÃ£o venho destruir a lei cristÃ£, mas dar-lhe execuÃ§Ã£o.â€ Nada ensina em contrÃ¡rio ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegÃ³rica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realizaÃ§Ã£o das coisas futuras.Â <i>Ele Ã©, pois, obra doÂ <b>Cristo</b></i>,<i>Â que<b>Â preside</b>, conforme igualmente o anunciou, Ã  regeneraÃ§Ã£o que se opera e prepara o reino de Deus na Terraâ€.</i>\r\n\r\n9) observemos agora, o teor da mensagem do EspÃ­rito de Verdade, relatada no Evangelho Segundo o Espiritismo, CapÃ­tulo VI; item 5:\r\n<p align=\"left\"><b>INSTRUÃ‡Ã•ES DOS ESPÃRITOS</b></p>\r\n<p align=\"left\"><b>Advento do EspÃ­rito de Verdade</b></p>\r\n<b><i>Venho, como outrora</i></b>Â aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas.Â <b><i>Escutai-me</i></b>. O Espiritismo, como o fez antigamente aÂ <b><i>minha palavra</i></b>, tem de lembrar aos incrÃ©dulos que acima deles reina a imutÃ¡vel verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas.Â <b><i>Revelei a doutrina divinal</i></b>.\r\n\r\n<b><i>Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: â€œVinde a mim, todos vÃ³s que sofreis.</i></b>â€\r\n\r\nMas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz aoÂ <b><i>reino de meu Pai</i></b>Â e enveredaram pelas Ã¡speras sendas da impiedade. Meu Pai nÃ£o quer aniquilar a raÃ§a humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto Ã©, mortos segundo a carne, porquanto nÃ£o existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faÃ§a ouvir nÃ£o mais a voz dos profetas e dos apÃ³stolos, mas a dos que jÃ¡ nÃ£o vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! pois que a morte Ã© a ressurreiÃ§Ã£o, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerÃ£o e se desenvolverÃ£o como o cedro.\r\n\r\nHomens fracos, que compreendeis as trevas das vossas inteligÃªncias, nÃ£o afasteis o facho que a clemÃªncia divina vos coloca nas mÃ£os para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaÃ§o de vosso Pai.\r\n\r\n<b><i>Sinto-me</i></b>Â por demais tomado de compaixÃ£o pelas vossas misÃ©rias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mÃ£o socorredora aos infelizes transviados que, vendo o cÃ©u, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos sÃ£o reveladas; nÃ£o mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.\r\n\r\n<i>EspÃ­ritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento;Â instruÃ­-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; sÃ£o de origem humana os erros que nele se enraizaram.</i>Â Eis que do alÃ©m-tÃºmulo, que julgÃ¡veis o nada, vozes vos clamam: â€œIrmÃ£os! Nada perece. Jesus-Cristo Ã© o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.â€ â€“Â <i>O EspÃ­rito de Verdade.Â </i>(Paris, 1860.)\r\n\r\n10) Livro dos MÃ©diuns CapÃ­tulo IV; item 48:\r\n\r\n<b><i>Sistema unispÃ­rita, ou mono-espÃ­rita</i></b><i>.</i>\r\n\r\n<i></i>â€œComo variedade do sistema otimista,temos o que se baseia na crenÃ§a de que um Ãºnico EspÃ­rito se comunica com os homens,Â <b>sendo esse EspÃ­rito o Cristo, que Ã© o protetor da Terra</b>. Diante das comunicaÃ§Ãµes da mais baixa trivialidade, de revoltante grosseria, impregnadas de malevolÃªncia e de maldade, haveria profanaÃ§Ã£o e impiedade em supor-se que pudessem emanarÂ <b>do EspÃ­rito do bem por excelÃªncia</b>. Se os que assim o crÃªem nunca tivessem obtido senÃ£o comunicaÃ§Ãµes inatacÃ¡veis, ainda se lhes conceberia a ilusÃ£o. A maioria deles, porÃ©m, concordam em que tÃªm recebido algumas muito ruins, o que explicam dizendo ser uma prova a que o bom EspÃ­rito os sujeita, com o lhes ditar coisas absurdas. Assim, enquanto uns atribuem todas as comunicaÃ§Ãµes ao diabo, que pode dizer coisas excelentes para tentar, pensam outros queÂ <b>sÃ³ JesusÂ </b>se manifesta e que pode dizer coisas detestÃ¡veis, para experimentar os homens. Entre estas duas opiniÃµes tÃ£o opostas, quem sentenciarÃ¡? O bom-senso e a experiÃªncia. Dizemos: a experiÃªncia, por ser impossÃ­vel que os que professam idÃ©ias tÃ£o exclusivas tudo tenham visto e visto bem.\r\n\r\nQuando se lhes objeta com os fatos de identidade, que atestam, por meio de manifestaÃ§Ãµes escritas, visuais, ou outras, a presenÃ§a de parentes ou conhecidos dos circunstantes, respondem que Ã© sempre o mesmo EspÃ­rito, o diabo, segundo aqueles,Â <i>o Cristo, segundo estes, que toma todas as formas</i>. PorÃ©m, nÃ£o nos dizem por que motivo os outros EspÃ­ritos nÃ£o se podem comunicar, com que fimÂ <b>o EspÃ­rito da Verdade</b>Â nos viria enganar, apresentando-se sob falsas aparÃªncias, iludir uma pobre mÃ£e, fazendo-lhe crer que tem ao seu lado o filho por quem derrama lÃ¡grimas.Â <b>A razÃ£o se nega a admitir que o EspÃ­rito, entre todos santo</b><i>,</i>Â desÃ§a a representar semelhante comÃ©dia. Demais, negar a possibilidade de qualquer outra comunicaÃ§Ã£o nÃ£o importa em subtrair ao Espiritismo o que este tem de mais suave: a consolaÃ§Ã£o dos aflitos? Digamos, pura e simplesmente, que tal sistema Ã© irracional e nÃ£o suporta exame sÃ©rioâ€.\r\n\r\n11) GÃªnese CapÃ­tulo I â€“ item 42:\r\n\r\nâ€œDemais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as aÃ§Ãµes da vida, por tornar quase tangÃ­veis as conseqÃ¼Ãªncias do bem e do mal, pela forÃ§a moral, a coragem e as consolaÃ§Ãµes que dÃ¡ nas afliÃ§Ãµes, mediante inalterÃ¡vel confianÃ§a no futuro, pela idÃ©ia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligÃªncia, sabedoria, moralidade, atÃ© Ã  Ãºltima hora da vida, nÃ£o fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do EspÃ­rito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado.Â <b>Ora, como Ã© o EspÃ­rito de VerdadeÂ que preside ao grande movimento da regeneraÃ§Ã£o, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, Ã© ele o verdadeiro Consoladorâ€.</b>\r\n\r\n12) GÃªnese CapÃ­tulo XVII â€“ item 37:\r\n\r\nâ€œAs religiÃµes que se fundaram no Evangelho nÃ£o podem, pois, dizer-se possuidoras de toda a verdade, porquantoÂ <b>ele, Jesus, reservou para si a complementaÃ§Ã£o ulterior de seus ensinamentosâ€.</b>\r\n\r\n13) GÃªnese CapÃ­tulo XVII â€“ item 39:\r\n\r\nâ€œO Consolador Ã©, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificaÃ§Ã£o de uma doutrina soberanamente consoladora,Â <b>cujo inspirador hÃ¡ de ser o EspÃ­rito de Verdadeâ€</b>.\r\n<p align=\"left\">14) Obras PÃ³stumas â€“ Segunda parte, 13Âª ediÃ§Ã£o:</p>\r\n<i>Perguntas de Kardec, pÃ¡ginas: 271/272/274/275;</i>\r\n\r\na) ReconhecÃª-lo-ei, depois de minha morte, no mundo dos EspÃ­ritos?\r\n\r\nResposta: Sobre isso nÃ£o pode haver dÃºvida; serÃ¡ ele quem virÃ¡ receber-te e felicitar-te, se houveres desempenhado bem tua tarefa.\r\n\r\nb) Meu espÃ­rito familiar, quem quer que tu sejas, agradeÃ§o-te o me teres vindo visitar. ConsentirÃ¡s em dizer-me quem Ã©s?\r\n\r\nResposta: Para ti chamar-me-eiÂ <b>A VERDADE</b>Â e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei Ã  tua disposiÃ§Ã£o.\r\n\r\nc) TerÃ¡s animado na terra alguma personagem conhecida?\r\n\r\nResposta: JÃ¡ ti disse que,Â <b>para ti</b>Â souÂ <b>A</b>Â <b>VERDADE</b>; isto,Â <b>para ti,</b>Â quer dizer discriÃ§Ã£o; nada mais saberÃ¡s a respeito.\r\n\r\nOutras Obras Complementares:\r\n\r\n15) Livro, MissionÃ¡rios da Luz â€“ CapÃ­tulo 9:\r\n\r\nO sÃ¡bio instrutor Alexandre esclarece: â€“ â€œMediunidade constitui â€œmeio de comunicaÃ§Ã£oâ€, e o prÃ³prio Jesus nos afirma: â€œeu sou a portaâ€¦ se alguÃ©m entrar por mim serÃ¡ salvo e entrarÃ¡, sairÃ¡ e acharÃ¡ pastagensâ€!Â <b>Porque audÃ¡cia incompreensÃ­vel imaginais a realizaÃ§Ã£o sublime sem vos afeiÃ§oardes ao EspÃ­rito de Verdade, que Ã© o prÃ³prio Senhor?</b>â€ Ouvi-me irmÃ£os meus!â€¦ Se vos dispondes ao serviÃ§o divino,Â <b>nÃ£o hÃ¡ outro caminho senÃ£o Ele</b>, que detÃ©m a infinita luz da verdade e a fonte inesgotÃ¡vel da vida! NÃ£o existe outra porta para a mediunidade celeste, para o acesso ao equilÃ­brio divino que anelais no recÃ´ndito santuÃ¡rio do coraÃ§Ã£o! Somente atravÃ©s dELE, vivendo-lhe as sublimes liÃ§Ãµes, alcanÃ§areis a sagrada liberdade de entrar nos domÃ­nios da Espiritualidade e deles sair, conquistando o pÃ£o eterno que vos saciarÃ¡ a fome para sempre.Â <b>Sem o Cristo</b>, a mediunidade Ã© simples â€œmeio de comunicaÃ§Ã£oâ€ e nada mais, mera possibilidade de informaÃ§Ã£o, como tantas outras, da qual poderÃ£o assenhorear-se tambÃ©m os interessados em perturbaÃ§Ãµes, multiplicando presas infelizesâ€.', 'EspÃ­rito de Verdade . Ã‰ Jesus? Estude um pouco e tire suas conclusÃµes.', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '182-revision-v1', '', '', '2021-01-23 11:59:40', '2021-01-23 14:59:40', '', 182, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/182-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(185, 1, '2021-01-23 12:07:39', '2021-01-23 15:07:39', '<!-- wp:paragraph -->\n<p>Os EspÃ­ritos do Senhor â€“ que sÃ£o as virtudes dos CÃ©us â€“ como um<br />imenso exÃ©rcito que se movimenta ao receber a ordem de comando,<br />espalham-se por toda a face da Terra.<br />Semelhantes Ã s estrelas cadentes, vÃªm iluminar o caminho e abrir os<br />olhos aos cegos.<br />Eu vos digo, em verdade, que sÃ£o chegados os tempos em que todas as<br />coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar<br />as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.<br />As grandes vozes do CÃ©u ressoam como o toque da trombeta, e os<br />coros dos anjos se reÃºnem. Homens, nÃ³s vos convidamos ao divino<br />concerto. Que vossas mÃ£os tomem a lira, que vossas vozes se unam,<br />e, num hino sagrado, se estendam e vibrem de um ponto a outro do<br />Universo.<br />Homens, irmÃ£os amados, estamos junto de vÃ³s: amai-vos uns aos<br />outros e dizei, do fundo de vossos coraÃ§Ãµes, fazendo a vontade do Pai<br />que estÃ¡ no CÃ©u: â€œSenhor! Senhor!â€ e podereis entrar no reino dos CÃ©us.<br />O EspÃ­rito de Verdade</p>\n<!-- /wp:paragraph -->', 'Sobre', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '11-autosave-v1', '', '', '2021-01-23 12:07:39', '2021-01-23 15:07:39', '', 11, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/11-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(186, 1, '2021-01-23 12:09:00', '2021-01-23 15:09:00', '<!-- wp:paragraph -->\r\n<p>PREFÃCIO do EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO</p>\r\n<p>&nbsp;</p>\r\n<p>Os EspÃ­ritos do Senhor â€“ que sÃ£o as virtudes dos CÃ©us â€“ como um<br />imenso exÃ©rcito que se movimenta ao receber a ordem de comando,<br />espalham-se por toda a face da Terra.</p>\r\n<p><br />Semelhantes Ã s estrelas cadentes, vÃªm iluminar o caminho e abrir os<br />olhos aos cegos.</p>\r\n<p><br />Eu vos digo, em verdade, que sÃ£o chegados os tempos em que todas as<br />coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar<br />as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.</p>\r\n<p><br />As grandes vozes do CÃ©u ressoam como o toque da trombeta, e os<br />coros dos anjos se reÃºnem. Homens, nÃ³s vos convidamos ao divino<br />concerto. Que vossas mÃ£os tomem a lira, que vossas vozes se unam,<br />e, num hino sagrado, se estendam e vibrem de um ponto a outro do<br />Universo.</p>\r\n<p><br />Homens, irmÃ£os amados, estamos junto de vÃ³s: amai-vos uns aos<br />outros e dizei, do fundo de vossos coraÃ§Ãµes, fazendo a vontade do Pai<br />que estÃ¡ no CÃ©u: â€œSenhor! Senhor!â€ e podereis entrar no reino dos CÃ©us.</p>\r\n<p><br />O EspÃ­rito de Verdade</p>\r\n<!-- /wp:paragraph -->', 'Sobre', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '11-revision-v1', '', '', '2021-01-23 12:09:00', '2021-01-23 15:09:00', '', 11, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/11-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(187, 1, '2021-01-23 12:12:18', '2021-01-23 15:12:18', 'Disse Jesus: â€œPorque onde estiverem dois ou trÃªs\r\nreunidos em meu nome, ali estarei no meio delesâ€.\r\nMateus, XVIII:20\r\n\r\nSUGESTÃ•ES PARA REALIZAR\r\nO EVANGELHO NO LAR\r\n\r\nDefina um dia e horÃ¡rio fixo da semana, de sua conveniÃªncia, para nÃ£o ser\r\ninterrompido.\r\nColoque, se preferir, uma jarra com Ã¡gua para ser fluidificada, durante o\r\nestudo e a prece e, ao fim da reuniÃ£o, serÃ¡ oferecida aos presentes.\r\nAo iniciar o estudo, faÃ§a uma prece, rogando o amparo dos Amigos Espirituais;\r\nrealize a leitura de um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo, mantendo\r\nna ordem sequencial dos capÃ­tulos, evitando assim abrir no mesmo capÃ­tulo\r\nsucessivas vezes.\r\nComente com os integrantes do estudo o assunto lido, evidenciando o ensino\r\nmoral, e ao tÃ©rmino da explanaÃ§Ã£o peÃ§a a Deus, a Jesus e aos EspÃ­ritos de Luz,\r\nem favor da harmonia do lar e dos familiares presentes e desencarnados. Neste\r\nmomento, mentalize a paz entre os povos, governantes e aqueles que sofrem\r\n(do corpo e da alma).\r\nAo encerrar, profira uma prece, agradecendo a proteÃ§Ã£o dos Amigos Espirituais.\r\nObs.: A prÃ¡tica do Evangelho no Lar nÃ£o Ã© uma reuniÃ£o mediÃºnica. Os\r\nmÃ©diuns que desejem trabalhar nas reuniÃµes mediÃºnicas, especializadas nesse\r\nassunto, devem dirigir-se Ã s Casas EspÃ­ritas.\r\nÃ€ medida que o grupo vai se fortalecendo, os familiares podem ser convidados\r\na se revezar para a leitura e a prece, durante o Evangelho no Lar.\r\nPara outros esclarecimentos, leia a obra O Evangelho no Lar, elaborada pelo Conselho DoutrinÃ¡rio do\r\nCentro EspÃ­rita Nosso Lar â€“ Casas AndrÃ© Luiz, pela Mundo Maior Editora. Em forma de perguntas\r\ne respostas, mostra, de maneira clara e de fÃ¡cil compreensÃ£o, as questÃµes mais comuns para as dÃºvidas\r\nde Como, Onde e Por que fazer o Evangelho no Lar. (www.mundomaior.com.br)', 'SUGESTÃ•ES PARA REALIZAR O CULTO DO EVANGELHO NO LAR', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'sugestoes-para-realizar-o-culto-do-evangelho-no-lar', '', '', '2021-01-23 12:12:18', '2021-01-23 15:12:18', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=187', 0, 'post', '', 0),

(188, 1, '2021-01-23 12:12:18', '2021-01-23 15:12:18', 'Disse Jesus: â€œPorque onde estiverem dois ou trÃªs\r\nreunidos em meu nome, ali estarei no meio delesâ€.\r\nMateus, XVIII:20\r\n\r\nSUGESTÃ•ES PARA REALIZAR\r\nO EVANGELHO NO LAR\r\n\r\nDefina um dia e horÃ¡rio fixo da semana, de sua conveniÃªncia, para nÃ£o ser\r\ninterrompido.\r\nColoque, se preferir, uma jarra com Ã¡gua para ser fluidificada, durante o\r\nestudo e a prece e, ao fim da reuniÃ£o, serÃ¡ oferecida aos presentes.\r\nAo iniciar o estudo, faÃ§a uma prece, rogando o amparo dos Amigos Espirituais;\r\nrealize a leitura de um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo, mantendo\r\nna ordem sequencial dos capÃ­tulos, evitando assim abrir no mesmo capÃ­tulo\r\nsucessivas vezes.\r\nComente com os integrantes do estudo o assunto lido, evidenciando o ensino\r\nmoral, e ao tÃ©rmino da explanaÃ§Ã£o peÃ§a a Deus, a Jesus e aos EspÃ­ritos de Luz,\r\nem favor da harmonia do lar e dos familiares presentes e desencarnados. Neste\r\nmomento, mentalize a paz entre os povos, governantes e aqueles que sofrem\r\n(do corpo e da alma).\r\nAo encerrar, profira uma prece, agradecendo a proteÃ§Ã£o dos Amigos Espirituais.\r\nObs.: A prÃ¡tica do Evangelho no Lar nÃ£o Ã© uma reuniÃ£o mediÃºnica. Os\r\nmÃ©diuns que desejem trabalhar nas reuniÃµes mediÃºnicas, especializadas nesse\r\nassunto, devem dirigir-se Ã s Casas EspÃ­ritas.\r\nÃ€ medida que o grupo vai se fortalecendo, os familiares podem ser convidados\r\na se revezar para a leitura e a prece, durante o Evangelho no Lar.\r\nPara outros esclarecimentos, leia a obra O Evangelho no Lar, elaborada pelo Conselho DoutrinÃ¡rio do\r\nCentro EspÃ­rita Nosso Lar â€“ Casas AndrÃ© Luiz, pela Mundo Maior Editora. Em forma de perguntas\r\ne respostas, mostra, de maneira clara e de fÃ¡cil compreensÃ£o, as questÃµes mais comuns para as dÃºvidas\r\nde Como, Onde e Por que fazer o Evangelho no Lar. (www.mundomaior.com.br)', 'SUGESTÃ•ES PARA REALIZAR O CULTO DO EVANGELHO NO LAR', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '187-revision-v1', '', '', '2021-01-23 12:12:18', '2021-01-23 15:12:18', '', 187, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/187-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(191, 1, '2021-01-24 16:42:46', '0000-00-00 00:00:00', '', 'Conversas Familiares de AlÃ©m-TÃºmulo O TAMBOR DE BERESINA Tendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas, com vistas a constatar certas manifestaÃ§Ãµes, produziram-se os fatos que se seguem, no curso de vÃ¡rias sessÃµes, originando a conversa que vamos relatar, e que apresenta um grande interesse do ponto de vista do estudo. Manifestou-se o EspÃ­rito por pancadas, que nÃ£o eram dadas com o pÃ© da mesa, mas na prÃ³pria intimidade da madeira. A troca de idÃ©ias que entÃ£o ocorreu, entre os presentes e o ser invisÃ­vel, nÃ£o permitia duvidar da intervenÃ§Ã£o de uma inteligÃªncia oculta. AlÃ©m das respostas a vÃ¡rias perguntas, seja por sim, seja por nÃ£o, seja ainda por meio da tiptologia alfabÃ©tica, os golpes batiam Ã  vontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma Ã¡ria, imitavam a fuzilaria e o canhonheio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do sapateiro; faziam eco com admirÃ¡vel precisÃ£o, etc. Depois ocorreu o movimento de uma mesa e sua translaÃ§Ã£o sem qualquer contato das mÃ£os, uma vez que os assistentes se mantinham afastados; colocada sobre a mesa, em vez de girar uma saladeira pÃ´s-se a deslizar em linha reta, igualmente sem contato com as mÃ£os. Os golpes eram ouvidos do mesmo modo, nos diversos mÃ³veis do quarto, algumas vezes simultaneamente; outras, como se estivessem respondendo. O EspÃ­rito parecia ter uma marcante predileÃ§Ã£o pelo toque de tambor, pois que os repetia a cada instante sem que se lhe pedisse. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas, batia a generala ou tocava o reunir. Interrogado sobre vÃ¡rias particularidades de sua vida, disse chamar-se CÃ©lima, ter nascido em Paris, falecido aos quarenta e cinco anos e sido tocador de tambor. Entre os assistentes, alÃ©m do mÃ©dium especial de efeitos fÃ­sicos que produzia as manifestaÃ§Ãµes, havia um excelente mÃ©dium psicÃ³grafo que serviu de intÃ©rprete ao EspÃ­rito, o que nos permitiu obter respostas mais explÃ­citas. Tendo confirmado, pela escrita, o que havia dito pela tiptologia a propÃ³sito de seu nome, lugar de nascimento e Ã©poca da morte, foi-lhe dirigida a sÃ©rie de perguntas que se segue, cujas respostas oferecem vÃ¡rios traÃ§os caracterÃ­sticos que corroboram certas partes essenciais da teoria. 1. Escreve qualquer coisa, o que quiseres. Resp. â€“ Ran plan plan, ran, plan, plan. 2. Por que escreveste isso? Resp. â€“ Eu era tocador de tambor. 3. Havias recebido alguma instruÃ§Ã£o? Resp. â€“ Sim. 4. Onde fizeste teus estudos? Resp. â€“ Nos Ignorantins 44 5. Pareces jovial. Resp. â€“ Eu o sou bastante. 6. Uma vez nos disseste que, em vida, gostavas muito de beber; Ã© verdade? Resp. â€“ Eu gostava de tudo o que era bom. 7. Eras militar? Resp. â€“ Claro que sim, pois que era tocador de tambor. 8. Sob que governo serviste? Resp. â€“ Sob NapoleÃ£o, o Grande. 9. Podes citar-nos uma das batalhas em que tomaste parte? Resp. â€“ A de Beresina. 10. Foi lÃ¡ que morreste? Resp. â€“ NÃ£o. 11. Estavas em Moscou? Resp. â€“ NÃ£o. 12. Onde morreste? Resp. â€“ Na neve. 13. Em que corpo servias? Resp. â€“ Nos fuzileiros da guarda. 14. Gostavas muito de NapoleÃ£o, o Grande? Resp. â€“ Como todos nÃ³s o amÃ¡vamos, e sem saber o porquÃª! 15. Sabes em que se tornou NapoleÃ£o depois de sua morte? Resp. â€“ Depois de minha morte sÃ³ me ocupei de mim mesmo. 16. EstÃ¡s reencarnado? Resp. â€“ NÃ£o, pois que venho conversar convosco. 17. Por que te manifestas por pancadas, sem que tenhas sido chamado? Resp. â€“ Ã‰ preciso fazer barulho para aqueles cujo coraÃ§Ã£o nada crÃª. Se nÃ£o tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais. 18. Ã‰ de tua prÃ³pria vontade que vieste bater, ou um outro EspÃ­rito obrigou-te a fazÃª-lo? Resp. â€“ Venho por minha vontade; hÃ¡ um outro, a quem chamais Verdade, que pode forÃ§ar-me a isto tambÃ©m. Mas hÃ¡ muito tempo que eu queria vir. 19. Com que objetivo querias vir? Resp. â€“ Para conversar convosco; era o que queria; havia, porÃ©m, alguma coisa que mo impedia. Fui forÃ§ado por um EspÃ­rito familiar da casa, que me exortou a tornar-me Ãºtil Ã s pessoas que me fizessem perguntas. â€“ Esse EspÃ­rito, entÃ£o, tem muito poder, visto comandar outros EspÃ­ritos? Resp. â€“ Mais do que imaginais, e nÃ£o o emprega senÃ£o para o bem. ObservaÃ§Ã£o â€“ O EspÃ­rito familiar da casa deu-se a conhecer sob o nome alegÃ³rico de Verdade, circunstÃ¢ncia ignorada do mÃ©dium. 20. O que te impedia de vir? Resp. â€“ NÃ£o sei; alguma coisa que nÃ£o compreendo. 21. Lamentas a vida? Resp. â€“ NÃ£o; nada lamento. 22. Qual a existÃªncia que preferes: a atual ou a terrestre? Resp. â€“ Prefiro a existÃªncia do EspÃ­rito Ã  do corpo. 23. Por quÃª? Resp. â€“ Porque estamos bem melhor do que na Terra. A Terra Ã© um purgatÃ³rio; durante todo o tempo em que nela vivi, sempre desejei a morte. 24. Sofres em tua nova situaÃ§Ã£o? Resp. â€“ NÃ£o; mas ainda nÃ£o sou feliz. 25. Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existÃªncia corporal? Resp. â€“ Sim, porque sei que devo elevar-me. 26. Quem te disse isso? Resp. â€“ Eu o sei bem. 27. ReencarnarÃ¡s logo? Resp. â€“ NÃ£o sei. 28. VÃªs outros EspÃ­ritos Ã  tua volta? Resp. â€“ Sim; muitos. 29. Como sabes que sÃ£o EspÃ­ritos? Resp. â€“ Entre nÃ³s, vemo-nos tais quais somos. 30. Sob qual aparÃªncia os vÃªs? Resp. â€“ Como se podem ver os EspÃ­ritos; mas nÃ£o pelos olhos. 31. E tu, sob que forma estÃ¡s aqui? Resp. â€“ Sob a que tinha quando vivo, isto Ã©, como tocador de tambor. 32. E os outros EspÃ­ritos? Tu os vÃª sob a forma que possuÃ­am quando estavam encarnados? Resp. â€“ NÃ£o; sÃ³ tomamos uma aparÃªncia quando somos evocados, de outro modo nos vemos sem forma. 33. Tu nos vÃªs tÃ£o claramente como se estivesses vivo? Resp. â€“ Sim, perfeitamente. 34. Ã‰ atravÃ©s dos olhos que nos vÃªs? Resp. â€“ NÃ£o; temos uma forma, mas nÃ£o temos sentidos; nossa forma Ã© apenas aparente. ObservaÃ§Ã£o â€“ Seguramente os EspÃ­ritos tÃªm sensaÃ§Ãµes, jÃ¡ que percebem; se assim nÃ£o fora, seriam inertes; contudo, suas sensaÃ§Ãµes nÃ£o sÃ£o localizadas, como quando tÃªm um corpo, mas inerentes a todo o ser. 35. Dize-nos positivamente em que lugar estÃ¡s aqui. Resp. â€“ Perto da mesa, entre vÃ³s e o mÃ©dium. 36. Quando bates, estÃ¡s sob a mesa, em cima dela ou na intimidade da madeira? Resp. â€“ Estou ao lado; nÃ£o me meto na madeira: bastame tocar a mesa. 37. Como produzes os ruÃ­dos que fazes ouvir? Resp. â€“ Creio que Ã© por intermÃ©dio de uma espÃ©cie de concentraÃ§Ã£o de nossa forÃ§a. 38. Poderias explicar-nos a maneira pela qual sÃ£o produzidos os diferentes ruÃ­dos que imitas, as arranhaduras, por exemplo? Resp. â€“ Eu nÃ£o saberia precisar muito a natureza dos ruÃ­dos; Ã© difÃ­cil de explicar. Sei que arranho, mas nÃ£o posso explicar como produzo esse ruÃ­do que chamais de arranhadura. 39. Poderias produzir os mesmos ruÃ­dos com qualquer outro mÃ©dium? Resp. â€“ NÃ£o; hÃ¡ especialidade em todos os mÃ©diuns; nem todos podem agir da mesma forma. 40. VÃªs entre nÃ³s, alÃ©m do jovem S... (o mÃ©dium de efeitos fÃ­sicos pelo qual o EspÃ­rito se manifesta), alguÃ©m que poderia te ajudar a produzir os mesmos efeitos? Resp. â€“ No momento nÃ£o vejo ninguÃ©m; com ele eu estaria muito disposto a fazÃª-lo. 41. Por que com ele e nÃ£o com outro? Resp. â€“ Porque o conheÃ§o mais; depois, porque estÃ¡ mais apto do que qualquer outro a esse gÃªnero de manifestaÃ§Ãµes. 42. Tu o conhecias hÃ¡ muito tempo? Antes de sua atual existÃªncia? Resp. â€“ NÃ£o; sÃ³ o conheÃ§o hÃ¡ bem pouco tempo; de alguma sorte a ele fui atraÃ­do para que se tornasse meu instrumento. 43. Quando uma mesa se eleva no ar, sem ponto de apoio, quem a sustenta? Resp. â€“ Nossa vontade, que lhe ordenou obedecer e, tambÃ©m, o fluido que lhe transmitimos. ObservaÃ§Ã£o â€“ Essa resposta vem apoiar a teoria que nos foi dada sobre a causa das manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas e que relatamos nos nÃºmeros 5 e 6 desta Revista. 44. Poderias fazÃª-lo? Resp. â€“ Creio que sim; tentarei quando o mÃ©dium vier (nesse momento ele estava ausente). 45. De que depende isso? Resp. â€“ Depende de mim, pois me sirvo do mÃ©dium como de um instrumento. 46. Mas a qualidade do instrumento nÃ£o conta para alguma coisa? Resp. â€“ Sim, auxilia-me muito; tanto Ã© assim que eu disse nÃ£o poder fazÃª-lo hoje com outros mÃ©diuns. ObservaÃ§Ã£o â€“ No curso da sessÃ£o tentou-se levantar a mesa, mas nÃ£o se obteve Ãªxito, talvez porque nÃ£o tivesse havido bastante perseveranÃ§a; houve esforÃ§os evidentes e movimentos de translaÃ§Ã£o sem contato nem imposiÃ§Ã£o das mÃ£os. Entre as experiÃªncias feitas destacou-se a da abertura da mesa, que era elÃ¡stica; porque oferecesse muita resistÃªncia, em face de um defeito de construÃ§Ã£o, foi posta de lado, enquanto o EspÃ­rito tomava uma outra e conseguia abri-la. 47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se detinham a cada vez que um de nÃ³s tomava de uma luz para olhar embaixo dela? Resp. â€“ Porque eu queria punir a vossa curiosidade. 48. De que te ocupas em tua existÃªncia de EspÃ­rito, considerando que nÃ£o deves passar o tempo todo somente a bater? Resp. â€“ Muitas vezes tenho missÃµes a cumprir; devemos obedecer a ordens superiores e, sobretudo, fazer o bem aos seres humanos que estÃ£o sob nossa influÃªncia. 49. Por certo tua vida terrestre nÃ£o foi isenta de faltas; reconhece-as, agora? Resp. â€“ Sim; e por isso as expio, permanecendo estacionÃ¡rio entre os EspÃ­ritos inferiores; sÃ³ poderei purificar-me bastante quando tomar um outro corpo. 50. Quando aplicavas os golpes na mesa e, ao mesmo tempo, em outro mÃ³vel, eras tu quem os produzia, ou era um outro EspÃ­rito? Resp. â€“ Era eu mesmo. 51. Estavas sÃ³, portanto? Resp. â€“ NÃ£o, mas realizava sozinho o trabalho de bater. 52. Os demais EspÃ­ritos que lÃ¡ se encontravam nÃ£o te auxiliavam em alguma coisa? Resp. â€“ NÃ£o para bater, mas para falar. 53. EntÃ£o nÃ£o eram EspÃ­ritos batedores? Resp. â€“ NÃ£o; a Verdade somente a mim havia permitido bater. 54. Algumas vezes os EspÃ­ritos batedores nÃ£o se reuniam em maior nÃºmero, com o fim de haver mais forÃ§a na produÃ§Ã£o de certos fenÃ´menos? Resp. â€“ Sim, mas para aqueles que eu podia fazer, a mim sÃ³ bastava. 55. EstÃ¡s sempre na Terra, em tua existÃªncia espiritual? Resp. â€“ Mais freqÃ¼entemente no espaÃ§o. 56. Vais algumas vezes a outros mundos, isto Ã©, a outros globos? R. NÃ£o aos mais perfeitos, mas aos mundos inferiores. 57. Por vezes te divertes em ver e ouvir o que fazem os homens? Resp. â€“ NÃ£o; entretanto, algumas vezes tenho piedade deles. 58. De preferÃªncia, quais aqueles que procuras? Resp. â€“ Os que querem crer de boa-fÃ©. 59. Poderias ler os nossos pensamentos? Resp. â€“ NÃ£o; nÃ£o leio nas almas; nÃ£o sou bastante perfeito para isso. 60. Todavia, deves conhecer nossos pensamentos, jÃ¡ que vens entre nÃ³s; de outra forma, como poderias saber se cremos de boa-fÃ©? Resp. â€“ NÃ£o leio, mas compreendo. ObservaÃ§Ã£o â€“ A pergunta 58 tinha por objetivo saber a quem, espontanemente, dirigia sua preferÃªncia na vida de EspÃ­rito, sem ser evocado; atravÃ©s da evocaÃ§Ã£o, como EspÃ­rito de uma ordem pouco elevada, poderia ser constrangido a vir a um meio que lhe desagradasse. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos pensamentos, por certo poderia ver que as pessoas ali reunidas nÃ£o o faziam senÃ£o com um objetivo sÃ©rio e, pela natureza das perguntas e da conversa que ouvisse, seria capaz de julgar se a assemblÃ©ia era composta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem. 61. Encontraste alguns dos teus antigos companheiros do ExÃ©rcito no mundo dos EspÃ­ritos? Resp. â€“ Sim, mas suas posiÃ§Ãµes eram tÃ£o diferentes que nÃ£o os reconheci a todos. 62. Em que consistia essa diferenÃ§a? Resp. â€“ Na situaÃ§Ã£o feliz ou infeliz de cada um. 63. Como entendias essa subida para Deus? Resp. â€“ Cada degrau transposto Ã© um degrau a mais atÃ© Ele. 64. Disseste que morreste na neve; foi em conseqÃ¼Ãªncia do frio? Resp. â€“ De frio e de necessidade. 65. Tiveste consciÃªncia imediata de tua nova existÃªncia? Resp. â€“ NÃ£o, mas jÃ¡ nÃ£o sentia mais frio. 66. Alguma vez retornaste ao local onde deixaste teu corpo? Resp. â€“ NÃ£o, ele me fez sofrer bastante. 67. NÃ³s te agradecemos as explicaÃ§Ãµes que tiveste a bondade de dar-nos. Elas nos forneceram material de observaÃ§Ã£o muito Ãºtil para o nosso aperfeiÃ§oamento na ciÃªncia espÃ­rita. Resp. â€“ Estou inteiramente Ã s vossas ordens. ObservaÃ§Ã£o â€“ Pouco avanÃ§ado na hierarquia espÃ­rita, como se vÃª, o prÃ³prio EspÃ­rito reconhecia a sua inferioridade. Seus conhecimentos sÃ£o limitados; mas tem bom senso, sentimentos louvÃ¡veis e benevolÃªncia. Como EspÃ­rito, sua missÃ£o carecia de significado, visto que desempenhava o papel de EspÃ­rito batedor para chamar os incrÃ©dulos Ã  fÃ©; contudo, mesmo no teatro, a humilde indumentÃ¡ria de comparsa nÃ£o pode envolver um coraÃ§Ã£o honesto? Suas respostas tÃªm a simplicidade da ignorÃ¢ncia; entretanto, pelo fato de nÃ£o possuÃ­rem a elevaÃ§Ã£o da linguagem filosÃ³fica dos EspÃ­ritos superiores, nem por isso deixam de ser menos instrutivas, sobretudo para o estudo dos costumes espÃ­ritas, se assim nos podemos exprimir. Ã‰ somente estudando todas as classes desse mundo que nos aguarda que podemos chegar a conhecÃª-lo e nele marcar, de algum modo, por antecipaÃ§Ã£o, o lugar que a cada um de nÃ³s serÃ¡ dado ocupar. Vendo a situaÃ§Ã£o que, por seus vÃ­cios e virtudes, criaram os homens, nossos iguais aqui na Terra, sentimonos encorajados para nos elevar o mais rapidamente possÃ­vel desde esta vida: Ã© o exemplo ao lado da teoria. Para conhecermos bem alguma coisa, e dela fazermos uma idÃ©ia isenta de ilusÃµes, Ã© preciso dissecÃ¡-la em todos os seus aspectos, assim como o botÃ¢nico nÃ£o pode conhecer o reino vegetal a nÃ£o ser observando desde o mais humilde criptÃ³gamo, que o musgo oculta, atÃ© o carvalh', '', 'draft', 'open', 'open', '', '', '', '', '2021-01-24 16:42:46', '2021-01-24 19:42:46', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=191', 0, 'post', '', 0),

(192, 1, '2021-01-24 16:46:02', '2021-01-24 19:46:02', 'Revista EspÃ­rita 1858, pÃ¡g. 287,Â  julho, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nConversas Familiares de AlÃ©m-TÃºmulo\r\n\r\nO TAMBOR DE BERESINA\r\n\r\nTendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas, com\r\nvistas a constatar certas manifestaÃ§Ãµes, produziram-se os fatos que\r\nse seguem, no curso de vÃ¡rias sessÃµes, originando a conversa que\r\nvamos relatar, e que apresenta um grande interesse do ponto de\r\nvista do estudo.\r\n\r\nManifestou-se o EspÃ­rito por pancadas, que nÃ£o eram\r\ndadas com o pÃ© da mesa, mas na prÃ³pria intimidade da madeira. A\r\ntroca de idÃ©ias que entÃ£o ocorreu, entre os presentes e o ser invisÃ­vel,\r\nnÃ£o permitia duvidar da intervenÃ§Ã£o de uma inteligÃªncia oculta.\r\nAlÃ©m das respostas a vÃ¡rias perguntas, seja por sim, seja por nÃ£o,\r\nseja ainda por meio da tiptologia alfabÃ©tica, os golpes batiam Ã \r\nvontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma Ã¡ria, imitavam a\r\nfuzilaria e o canhonheio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do\r\nsapateiro; faziam eco com admirÃ¡vel precisÃ£o, etc. Depois ocorreu\r\no movimento de uma mesa e sua translaÃ§Ã£o sem qualquer contato das\r\nmÃ£os, uma vez que os assistentes se mantinham afastados; colocada\r\nsobre a mesa, em vez de girar uma saladeira pÃ´s-se a deslizar em\r\nlinha reta, igualmente sem contato com as mÃ£os. Os golpes eram\r\nouvidos do mesmo modo, nos diversos mÃ³veis do quarto, algumas\r\nvezes simultaneamente; outras, como se estivessem respondendo.\r\nO EspÃ­rito parecia ter uma marcante predileÃ§Ã£o pelo\r\ntoque de tambor, pois que os repetia a cada instante sem que se lhe\r\npedisse. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas,\r\nbatia a generala ou tocava o reunir. Interrogado sobre vÃ¡rias\r\nparticularidades de sua vida, disse chamar-se CÃ©lima, ter nascido\r\nem Paris, falecido aos quarenta e cinco anos e sido tocador de\r\ntambor.\r\n\r\nEntre os assistentes, alÃ©m do mÃ©dium especial de efeitos\r\nfÃ­sicos que produzia as manifestaÃ§Ãµes, havia um excelente mÃ©dium\r\npsicÃ³grafo que serviu de intÃ©rprete ao EspÃ­rito, o que nos permitiu\r\nobter respostas mais explÃ­citas. Tendo confirmado, pela escrita, o\r\nque havia dito pela tiptologia a propÃ³sito de seu nome, lugar de\r\nnascimento e Ã©poca da morte, foi-lhe dirigida a sÃ©rie de perguntas\r\nque se segue, cujas respostas oferecem vÃ¡rios traÃ§os caracterÃ­sticos\r\nque corroboram certas partes essenciais da teoria.\r\n\r\n1. Escreve qualquer coisa, o que quiseres.\r\nResp. â€“ Ran plan plan, ran, plan, plan.\r\n\r\n2. Por que escreveste isso?\r\nResp. â€“ Eu era tocador de tambor.\r\n\r\n3. Havias recebido alguma instruÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ Sim.\r\n4. Onde fizeste teus estudos?\r\nResp. â€“ Nos Ignorantins\r\n\r\n5. Pareces jovial.\r\nResp. â€“ Eu o sou bastante.\r\n\r\n6. Uma vez nos disseste que, em vida, gostavas muito de\r\nbeber; Ã© verdade?\r\nResp. â€“ Eu gostava de tudo o que era bom.\r\n\r\n7. Eras militar?\r\nResp. â€“ Claro que sim, pois que era tocador de tambor.\r\n\r\n8. Sob que governo serviste?\r\nResp. â€“ Sob NapoleÃ£o, o Grande.\r\n\r\n9. Podes citar-nos uma das batalhas em que tomaste parte?\r\nResp. â€“ A de Beresina.\r\n\r\n10. Foi lÃ¡ que morreste?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n11. Estavas em Moscou?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n12. Onde morreste?\r\nResp. â€“ Na neve.\r\n\r\n13. Em que corpo servias?\r\nResp. â€“ Nos fuzileiros da guarda.\r\n\r\n14. Gostavas muito de NapoleÃ£o, o Grande?\r\nResp. â€“ Como todos nÃ³s o amÃ¡vamos, e sem saber o porquÃª!\r\n\r\n15. Sabes em que se tornou NapoleÃ£o depois de sua\r\nmorte?\r\nResp. â€“ Depois de minha morte sÃ³ me ocupei de mim\r\nmesmo.\r\n\r\n16. EstÃ¡s reencarnado?\r\nResp. â€“ NÃ£o, pois que venho conversar convosco.\r\n\r\n17. Por que te manifestas por pancadas, sem que tenhas\r\nsido chamado?\r\nResp. â€“ Ã‰ preciso fazer barulho para aqueles cujo coraÃ§Ã£o\r\nnada crÃª. Se nÃ£o tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais.\r\n\r\n18. Ã‰ de tua prÃ³pria vontade que vieste bater, ou um\r\noutro EspÃ­rito obrigou-te a fazÃª-lo?\r\nResp. â€“ Venho por minha vontade; hÃ¡ um outro, a quem\r\nchamais Verdade, que pode forÃ§ar-me a isto tambÃ©m. Mas hÃ¡ muito\r\ntempo que eu queria vir.\r\n\r\n19. Com que objetivo querias vir?\r\nResp. â€“ Para conversar convosco; era o que queria; havia,\r\nporÃ©m, alguma coisa que mo impedia. Fui forÃ§ado por um EspÃ­rito\r\nfamiliar da casa, que me exortou a tornar-me Ãºtil Ã s pessoas que me\r\nfizessem perguntas. â€“ Esse EspÃ­rito, entÃ£o, tem muito poder, visto\r\ncomandar outros EspÃ­ritos? Resp. â€“ Mais do que imaginais, e nÃ£o o\r\nemprega senÃ£o para o bem.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O EspÃ­rito familiar da casa deu-se a conhecer\r\nsob o nome alegÃ³rico de Verdade, circunstÃ¢ncia ignorada do mÃ©dium.\r\n\r\n20. O que te impedia de vir?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei; alguma coisa que nÃ£o compreendo.\r\n\r\n21. Lamentas a vida?\r\nResp. â€“ NÃ£o; nada lamento.\r\n\r\n22. Qual a existÃªncia que preferes: a atual ou a terrestre?\r\nResp. â€“ Prefiro a existÃªncia do EspÃ­rito Ã  do corpo.\r\n\r\n23. Por quÃª?\r\nResp. â€“ Porque estamos bem melhor do que na Terra. A\r\nTerra Ã© um purgatÃ³rio; durante todo o tempo em que nela vivi, sempre\r\ndesejei a morte.\r\n\r\n24. Sofres em tua nova situaÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ NÃ£o; mas ainda nÃ£o sou feliz.\r\n\r\n25. Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existÃªncia\r\ncorporal?\r\nResp. â€“ Sim, porque sei que devo elevar-me.\r\n\r\n26. Quem te disse isso?\r\nResp. â€“ Eu o sei bem.\r\n\r\n27. ReencarnarÃ¡s logo?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei.\r\n\r\n28. VÃªs outros EspÃ­ritos Ã  tua volta?\r\nResp. â€“ Sim; muitos.\r\n\r\n29. Como sabes que sÃ£o EspÃ­ritos?\r\nResp. â€“ Entre nÃ³s, vemo-nos tais quais somos.\r\n\r\n30. Sob qual aparÃªncia os vÃªs?\r\nResp. â€“ Como se podem ver os EspÃ­ritos; mas nÃ£o pelos\r\nolhos.\r\n\r\n31. E tu, sob que forma estÃ¡s aqui?\r\nResp. â€“ Sob a que tinha quando vivo, isto Ã©, como\r\ntocador de tambor.\r\n\r\n32. E os outros EspÃ­ritos? Tu os vÃª sob a forma que\r\npossuÃ­am quando estavam encarnados?\r\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ tomamos uma aparÃªncia quando somos\r\nevocados, de outro modo nos vemos sem forma.\r\n\r\n33. Tu nos vÃªs tÃ£o claramente como se estivesses vivo?\r\nResp. â€“ Sim, perfeitamente.\r\n\r\n34. Ã‰ atravÃ©s dos olhos que nos vÃªs?\r\nResp. â€“ NÃ£o; temos uma forma, mas nÃ£o temos sentidos;\r\nnossa forma Ã© apenas aparente.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Seguramente os EspÃ­ritos tÃªm sensaÃ§Ãµes,\r\njÃ¡ que percebem; se assim nÃ£o fora, seriam inertes; contudo, suas\r\nsensaÃ§Ãµes nÃ£o sÃ£o localizadas, como quando tÃªm um corpo, mas\r\ninerentes a todo o ser.\r\n\r\n35. Dize-nos positivamente em que lugar estÃ¡s aqui.\r\nResp. â€“ Perto da mesa, entre vÃ³s e o mÃ©dium.\r\n\r\n36. Quando bates, estÃ¡s sob a mesa, em cima dela ou\r\nna intimidade da madeira?\r\nResp. â€“ Estou ao lado; nÃ£o me meto na madeira: bastame tocar a mesa.\r\n\r\n37. Como produzes os ruÃ­dos que fazes ouvir?\r\nResp. â€“ Creio que Ã© por intermÃ©dio de uma espÃ©cie de\r\nconcentraÃ§Ã£o de nossa forÃ§a.\r\n\r\n38. Poderias explicar-nos a maneira pela qual sÃ£o\r\nproduzidos os diferentes ruÃ­dos que imitas, as arranhaduras, por\r\nexemplo?\r\nResp. â€“ Eu nÃ£o saberia precisar muito a natureza dos\r\nruÃ­dos; Ã© difÃ­cil de explicar. Sei que arranho, mas nÃ£o posso explicar\r\ncomo produzo esse ruÃ­do que chamais de arranhadura.\r\n\r\n39. Poderias produzir os mesmos ruÃ­dos com qualquer\r\noutro mÃ©dium?\r\nResp. â€“ NÃ£o; hÃ¡ especialidade em todos os mÃ©diuns;\r\nnem todos podem agir da mesma forma.\r\n\r\n40. VÃªs entre nÃ³s, alÃ©m do jovem S... (o mÃ©dium de\r\nefeitos fÃ­sicos pelo qual o EspÃ­rito se manifesta), alguÃ©m que poderia\r\nte ajudar a produzir os mesmos efeitos?\r\nResp. â€“ No momento nÃ£o vejo ninguÃ©m; com ele eu\r\nestaria muito disposto a fazÃª-lo.\r\n\r\n41. Por que com ele e nÃ£o com outro?\r\nResp. â€“ Porque o conheÃ§o mais; depois, porque estÃ¡ mais\r\napto do que qualquer outro a esse gÃªnero de manifestaÃ§Ãµes.\r\n\r\n42. Tu o conhecias hÃ¡ muito tempo? Antes de sua atual\r\nexistÃªncia?\r\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ o conheÃ§o hÃ¡ bem pouco tempo; de\r\nalguma sorte a ele fui atraÃ­do para que se tornasse meu instrumento.\r\n\r\n43. Quando uma mesa se eleva no ar, sem ponto de\r\napoio, quem a sustenta?\r\nResp. â€“ Nossa vontade, que lhe ordenou obedecer e,\r\ntambÃ©m, o fluido que lhe transmitimos.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Essa resposta vem apoiar a teoria que nos\r\nfoi dada sobre a causa das manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas e que relatamos\r\nnos nÃºmeros 5 e 6 desta Revista.\r\n\r\n44. Poderias fazÃª-lo?\r\nResp. â€“ Creio que sim; tentarei quando o mÃ©dium vier\r\n(nesse momento ele estava ausente).\r\n\r\n45. De que depende isso?\r\nResp. â€“ Depende de mim, pois me sirvo do mÃ©dium como\r\nde um instrumento.\r\n\r\n46. Mas a qualidade do instrumento nÃ£o conta para\r\nalguma coisa?\r\nResp. â€“ Sim, auxilia-me muito; tanto Ã© assim que eu disse\r\nnÃ£o poder fazÃª-lo hoje com outros mÃ©diuns.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ No curso da sessÃ£o tentou-se levantar a mesa,\r\nmas nÃ£o se obteve Ãªxito, talvez porque nÃ£o tivesse havido bastante\r\nperseveranÃ§a; houve esforÃ§os evidentes e movimentos de translaÃ§Ã£o\r\nsem contato nem imposiÃ§Ã£o das mÃ£os. Entre as experiÃªncias feitas\r\ndestacou-se a da abertura da mesa, que era elÃ¡stica; porque oferecesse\r\nmuita resistÃªncia, em face de um defeito de construÃ§Ã£o, foi posta de\r\nlado, enquanto o EspÃ­rito tomava uma outra e conseguia abri-la.\r\n\r\n47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se\r\ndetinham a cada vez que um de nÃ³s tomava de uma luz para olhar\r\nembaixo dela?\r\nResp. â€“ Porque eu queria punir a vossa curiosidade.\r\n\r\n48. De que te ocupas em tua existÃªncia de EspÃ­rito,\r\nconsiderando que nÃ£o deves passar o tempo todo somente a bater?\r\nResp. â€“ Muitas vezes tenho missÃµes a cumprir; devemos\r\nobedecer a ordens superiores e, sobretudo, fazer o bem aos seres\r\nhumanos que estÃ£o sob nossa influÃªncia.\r\n\r\n49. Por certo tua vida terrestre nÃ£o foi isenta de faltas;\r\nreconhece-as, agora?\r\nResp. â€“ Sim; e por isso as expio, permanecendo\r\nestacionÃ¡rio entre os EspÃ­ritos inferiores; sÃ³ poderei purificar-me\r\nbastante quando tomar um outro corpo.\r\n\r\n50. Quando aplicavas os golpes na mesa e, ao mesmo tempo,\r\nem outro mÃ³vel, eras tu quem os produzia, ou era um outro EspÃ­rito?\r\nResp. â€“ Era eu mesmo.\r\n\r\n51. Estavas sÃ³, portanto?\r\nResp. â€“ NÃ£o, mas realizava sozinho o trabalho de bater.\r\n\r\n52. Os demais EspÃ­ritos que lÃ¡ se encontravam nÃ£o te\r\nauxiliavam em alguma coisa?\r\nResp. â€“ NÃ£o para bater, mas para falar.\r\n\r\n53. EntÃ£o nÃ£o eram EspÃ­ritos batedores?\r\nResp. â€“ NÃ£o; a Verdade somente a mim havia permitido bater.\r\n\r\n54. Algumas vezes os EspÃ­ritos batedores nÃ£o se reuniam\r\nem maior nÃºmero, com o fim de haver mais forÃ§a na produÃ§Ã£o de\r\ncertos fenÃ´menos?\r\nResp. â€“ Sim, mas para aqueles que eu podia fazer, a mim\r\nsÃ³ bastava.\r\n\r\n55. EstÃ¡s sempre na Terra, em tua existÃªncia espiritual?\r\nResp. â€“ Mais freqÃ¼entemente no espaÃ§o.\r\n\r\n56. Vais algumas vezes a outros mundos, isto Ã©, a outros\r\nglobos?\r\nR. NÃ£o aos mais perfeitos, mas aos mundos inferiores.\r\n\r\n57. Por vezes te divertes em ver e ouvir o que fazem os\r\nhomens?\r\nResp. â€“ NÃ£o; entretanto, algumas vezes tenho piedade\r\ndeles.\r\n\r\n58. De preferÃªncia, quais aqueles que procuras?\r\nResp. â€“ Os que querem crer de boa-fÃ©.\r\n\r\n59. Poderias ler os nossos pensamentos?\r\nResp. â€“ NÃ£o; nÃ£o leio nas almas; nÃ£o sou bastante perfeito\r\npara isso.\r\n\r\n60. Todavia, deves conhecer nossos pensamentos, jÃ¡ que vens\r\nentre nÃ³s; de outra forma, como poderias saber se cremos de boa-fÃ©?\r\nResp. â€“ NÃ£o leio, mas compreendo.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ A pergunta 58 tinha por objetivo saber a\r\nquem, espontanemente, dirigia sua preferÃªncia na vida de EspÃ­rito,\r\nsem ser evocado; atravÃ©s da evocaÃ§Ã£o, como EspÃ­rito de uma ordem\r\npouco elevada, poderia ser constrangido a vir a um meio que lhe\r\ndesagradasse. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos\r\npensamentos, por certo poderia ver que as pessoas ali reunidas nÃ£o\r\no faziam senÃ£o com um objetivo sÃ©rio e, pela natureza das perguntas\r\ne da conversa que ouvisse, seria capaz de julgar se a assemblÃ©ia era\r\ncomposta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem.\r\n\r\n61. Encontraste alguns dos teus antigos companheiros\r\ndo ExÃ©rcito no mundo dos EspÃ­ritos?\r\nResp. â€“ Sim, mas suas posiÃ§Ãµes eram tÃ£o diferentes que\r\nnÃ£o os reconheci a todos.\r\n\r\n62. Em que consistia essa diferenÃ§a?\r\nResp. â€“ Na situaÃ§Ã£o feliz ou infeliz de cada um.\r\n\r\n63. Como entendias essa subida para Deus?\r\nResp. â€“ Cada degrau transposto Ã© um degrau a mais\r\natÃ© Ele.\r\n\r\n64. Disseste que morreste na neve; foi em conseqÃ¼Ãªncia\r\ndo frio?\r\nResp. â€“ De frio e de necessidade.\r\n\r\n65. Tiveste consciÃªncia imediata de tua nova existÃªncia?\r\nResp. â€“ NÃ£o, mas jÃ¡ nÃ£o sentia mais frio.\r\n\r\n66. Alguma vez retornaste ao local onde deixaste teu\r\ncorpo?\r\nResp. â€“ NÃ£o, ele me fez sofrer bastante.\r\n\r\n67. NÃ³s te agradecemos as explicaÃ§Ãµes que tiveste a\r\nbondade de dar-nos. Elas nos forneceram material de observaÃ§Ã£o\r\nmuito Ãºtil para o nosso aperfeiÃ§oamento na ciÃªncia espÃ­rita.\r\nResp. â€“ Estou inteiramente Ã s vossas ordens.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Pouco avanÃ§ado na hierarquia espÃ­rita, como\r\nse vÃª, o prÃ³prio EspÃ­rito reconhecia a sua inferioridade. Seus\r\nconhecimentos sÃ£o limitados; mas tem bom senso, sentimentos\r\nlouvÃ¡veis e benevolÃªncia. Como EspÃ­rito, sua missÃ£o carecia de\r\nsignificado, visto que desempenhava o papel de EspÃ­rito batedor\r\npara chamar os incrÃ©dulos Ã  fÃ©; contudo, mesmo no teatro, a humilde\r\nindumentÃ¡ria de comparsa nÃ£o pode envolver um coraÃ§Ã£o honesto?\r\nSuas respostas tÃªm a simplicidade da ignorÃ¢ncia; entretanto, pelo\r\nfato de nÃ£o possuÃ­rem a elevaÃ§Ã£o da linguagem filosÃ³fica dos\r\nEspÃ­ritos superiores, nem por isso deixam de ser menos instrutivas,\r\nsobretudo para o estudo dos costumes espÃ­ritas, se assim nos\r\npodemos exprimir. Ã‰ somente estudando todas as classes desse\r\nmundo que nos aguarda que podemos chegar a conhecÃª-lo e nele\r\nmarcar, de algum modo, por antecipaÃ§Ã£o, o lugar que a cada um de\r\nnÃ³s serÃ¡ dado ocupar. Vendo a situaÃ§Ã£o que, por seus vÃ­cios e\r\nvirtudes, criaram os homens, nossos iguais aqui na Terra, sentimonos\r\nencorajados para nos elevar o mais rapidamente possÃ­vel desde\r\nesta vida: Ã© o exemplo ao lado da teoria. Para conhecermos bem\r\nalguma coisa, e dela fazermos uma idÃ©ia isenta de ilusÃµes, Ã© preciso\r\ndissecÃ¡-la em todos os seus aspectos, assim como o botÃ¢nico nÃ£o\r\npode conhecer o reino vegetal a nÃ£o ser observando desde o mais\r\nhumilde criptÃ³gamo, que o musgo oculta, atÃ© o carvalho altaneiro,\r\nque se eleva nos ares.', 'O TAMBOR DE BERESINA', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'o-tambor-de-beresina', '', '', '2021-01-24 16:48:56', '2021-01-24 19:48:56', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=192', 0, 'post', '', 0),

(193, 1, '2021-01-24 16:45:36', '2021-01-24 19:45:36', 'Conversas Familiares de AlÃ©m-TÃºmulo\r\n\r\nO TAMBOR DE BERESINA\r\n\r\nTendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas, com\r\nvistas a constatar certas manifestaÃ§Ãµes, produziram-se os fatos que\r\nse seguem, no curso de vÃ¡rias sessÃµes, originando a conversa que\r\nvamos relatar, e que apresenta um grande interesse do ponto de\r\nvista do estudo.\r\n\r\nManifestou-se o EspÃ­rito por pancadas, que nÃ£o eram\r\ndadas com o pÃ© da mesa, mas na prÃ³pria intimidade da madeira. A\r\ntroca de idÃ©ias que entÃ£o ocorreu, entre os presentes e o ser invisÃ­vel,\r\nnÃ£o permitia duvidar da intervenÃ§Ã£o de uma inteligÃªncia oculta.\r\nAlÃ©m das respostas a vÃ¡rias perguntas, seja por sim, seja por nÃ£o,\r\nseja ainda por meio da tiptologia alfabÃ©tica, os golpes batiam Ã \r\nvontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma Ã¡ria, imitavam a\r\nfuzilaria e o canhonheio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do\r\nsapateiro; faziam eco com admirÃ¡vel precisÃ£o, etc. Depois ocorreu\r\no movimento de uma mesa e sua translaÃ§Ã£o sem qualquer contato das\r\nmÃ£os, uma vez que os assistentes se mantinham afastados; colocada\r\nsobre a mesa, em vez de girar uma saladeira pÃ´s-se a deslizar em\r\nlinha reta, igualmente sem contato com as mÃ£os. Os golpes eram\r\nouvidos do mesmo modo, nos diversos mÃ³veis do quarto, algumas\r\nvezes simultaneamente; outras, como se estivessem respondendo.\r\nO EspÃ­rito parecia ter uma marcante predileÃ§Ã£o pelo\r\ntoque de tambor, pois que os repetia a cada instante sem que se lhe\r\npedisse. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas,\r\nbatia a generala ou tocava o reunir. Interrogado sobre vÃ¡rias\r\nparticularidades de sua vida, disse chamar-se CÃ©lima, ter nascido\r\nem Paris, falecido aos quarenta e cinco anos e sido tocador de\r\ntambor.\r\n\r\nEntre os assistentes, alÃ©m do mÃ©dium especial de efeitos\r\nfÃ­sicos que produzia as manifestaÃ§Ãµes, havia um excelente mÃ©dium\r\npsicÃ³grafo que serviu de intÃ©rprete ao EspÃ­rito, o que nos permitiu\r\nobter respostas mais explÃ­citas. Tendo confirmado, pela escrita, o\r\nque havia dito pela tiptologia a propÃ³sito de seu nome, lugar de\r\nnascimento e Ã©poca da morte, foi-lhe dirigida a sÃ©rie de perguntas\r\nque se segue, cujas respostas oferecem vÃ¡rios traÃ§os caracterÃ­sticos\r\nque corroboram certas partes essenciais da teoria.\r\n\r\n1. Escreve qualquer coisa, o que quiseres.\r\nResp. â€“ Ran plan plan, ran, plan, plan.\r\n\r\n2. Por que escreveste isso?\r\nResp. â€“ Eu era tocador de tambor.\r\n\r\n3. Havias recebido alguma instruÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ Sim.\r\n4. Onde fizeste teus estudos?\r\nResp. â€“ Nos Ignorantins\r\n\r\n5. Pareces jovial.\r\nResp. â€“ Eu o sou bastante.\r\n\r\n6. Uma vez nos disseste que, em vida, gostavas muito de\r\nbeber; Ã© verdade?\r\nResp. â€“ Eu gostava de tudo o que era bom.\r\n\r\n7. Eras militar?\r\nResp. â€“ Claro que sim, pois que era tocador de tambor.\r\n\r\n8. Sob que governo serviste?\r\nResp. â€“ Sob NapoleÃ£o, o Grande.\r\n\r\n9. Podes citar-nos uma das batalhas em que tomaste parte?\r\nResp. â€“ A de Beresina.\r\n\r\n10. Foi lÃ¡ que morreste?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n11. Estavas em Moscou?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n12. Onde morreste?\r\nResp. â€“ Na neve.\r\n\r\n13. Em que corpo servias?\r\nResp. â€“ Nos fuzileiros da guarda.\r\n\r\n14. Gostavas muito de NapoleÃ£o, o Grande?\r\nResp. â€“ Como todos nÃ³s o amÃ¡vamos, e sem saber o porquÃª!\r\n\r\n15. Sabes em que se tornou NapoleÃ£o depois de sua\r\nmorte?\r\nResp. â€“ Depois de minha morte sÃ³ me ocupei de mim\r\nmesmo.\r\n\r\n16. EstÃ¡s reencarnado?\r\nResp. â€“ NÃ£o, pois que venho conversar convosco.\r\n\r\n17. Por que te manifestas por pancadas, sem que tenhas\r\nsido chamado?\r\nResp. â€“ Ã‰ preciso fazer barulho para aqueles cujo coraÃ§Ã£o\r\nnada crÃª. Se nÃ£o tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais.\r\n\r\n18. Ã‰ de tua prÃ³pria vontade que vieste bater, ou um\r\noutro EspÃ­rito obrigou-te a fazÃª-lo?\r\nResp. â€“ Venho por minha vontade; hÃ¡ um outro, a quem\r\nchamais Verdade, que pode forÃ§ar-me a isto tambÃ©m. Mas hÃ¡ muito\r\ntempo que eu queria vir.\r\n\r\n19. Com que objetivo querias vir?\r\nResp. â€“ Para conversar convosco; era o que queria; havia,\r\nporÃ©m, alguma coisa que mo impedia. Fui forÃ§ado por um EspÃ­rito\r\nfamiliar da casa, que me exortou a tornar-me Ãºtil Ã s pessoas que me\r\nfizessem perguntas. â€“ Esse EspÃ­rito, entÃ£o, tem muito poder, visto\r\ncomandar outros EspÃ­ritos? Resp. â€“ Mais do que imaginais, e nÃ£o o\r\nemprega senÃ£o para o bem.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O EspÃ­rito familiar da casa deu-se a conhecer\r\nsob o nome alegÃ³rico de Verdade, circunstÃ¢ncia ignorada do mÃ©dium.\r\n\r\n20. O que te impedia de vir?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei; alguma coisa que nÃ£o compreendo.\r\n\r\n21. Lamentas a vida?\r\nResp. â€“ NÃ£o; nada lamento.\r\n\r\n22. Qual a existÃªncia que preferes: a atual ou a terrestre?\r\nResp. â€“ Prefiro a existÃªncia do EspÃ­rito Ã  do corpo.\r\n\r\n23. Por quÃª?\r\nResp. â€“ Porque estamos bem melhor do que na Terra. A\r\nTerra Ã© um purgatÃ³rio; durante todo o tempo em que nela vivi, sempre\r\ndesejei a morte.\r\n\r\n24. Sofres em tua nova situaÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ NÃ£o; mas ainda nÃ£o sou feliz.\r\n\r\n25. Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existÃªncia\r\ncorporal?\r\nResp. â€“ Sim, porque sei que devo elevar-me.\r\n\r\n26. Quem te disse isso?\r\nResp. â€“ Eu o sei bem.\r\n\r\n27. ReencarnarÃ¡s logo?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei.\r\n\r\n28. VÃªs outros EspÃ­ritos Ã  tua volta?\r\nResp. â€“ Sim; muitos.\r\n\r\n29. Como sabes que sÃ£o EspÃ­ritos?\r\nResp. â€“ Entre nÃ³s, vemo-nos tais quais somos.\r\n\r\n30. Sob qual aparÃªncia os vÃªs?\r\nResp. â€“ Como se podem ver os EspÃ­ritos; mas nÃ£o pelos\r\nolhos.\r\n\r\n31. E tu, sob que forma estÃ¡s aqui?\r\nResp. â€“ Sob a que tinha quando vivo, isto Ã©, como\r\ntocador de tambor.\r\n\r\n32. E os outros EspÃ­ritos? Tu os vÃª sob a forma que\r\npossuÃ­am quando estavam encarnados?\r\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ tomamos uma aparÃªncia quando somos\r\nevocados, de outro modo nos vemos sem forma.\r\n\r\n33. Tu nos vÃªs tÃ£o claramente como se estivesses vivo?\r\nResp. â€“ Sim, perfeitamente.\r\n\r\n34. Ã‰ atravÃ©s dos olhos que nos vÃªs?\r\nResp. â€“ NÃ£o; temos uma forma, mas nÃ£o temos sentidos;\r\nnossa forma Ã© apenas aparente.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Seguramente os EspÃ­ritos tÃªm sensaÃ§Ãµes,\r\njÃ¡ que percebem; se assim nÃ£o fora, seriam inertes; contudo, suas\r\nsensaÃ§Ãµes nÃ£o sÃ£o localizadas, como quando tÃªm um corpo, mas\r\ninerentes a todo o ser.\r\n\r\n35. Dize-nos positivamente em que lugar estÃ¡s aqui.\r\nResp. â€“ Perto da mesa, entre vÃ³s e o mÃ©dium.\r\n\r\n36. Quando bates, estÃ¡s sob a mesa, em cima dela ou\r\nna intimidade da madeira?\r\nResp. â€“ Estou ao lado; nÃ£o me meto na madeira: bastame tocar a mesa.\r\n\r\n37. Como produzes os ruÃ­dos que fazes ouvir?\r\nResp. â€“ Creio que Ã© por intermÃ©dio de uma espÃ©cie de\r\nconcentraÃ§Ã£o de nossa forÃ§a.\r\n\r\n38. Poderias explicar-nos a maneira pela qual sÃ£o\r\nproduzidos os diferentes ruÃ­dos que imitas, as arranhaduras, por\r\nexemplo?\r\nResp. â€“ Eu nÃ£o saberia precisar muito a natureza dos\r\nruÃ­dos; Ã© difÃ­cil de explicar. Sei que arranho, mas nÃ£o posso explicar\r\ncomo produzo esse ruÃ­do que chamais de arranhadura.\r\n\r\n39. Poderias produzir os mesmos ruÃ­dos com qualquer\r\noutro mÃ©dium?\r\nResp. â€“ NÃ£o; hÃ¡ especialidade em todos os mÃ©diuns;\r\nnem todos podem agir da mesma forma.\r\n\r\n40. VÃªs entre nÃ³s, alÃ©m do jovem S... (o mÃ©dium de\r\nefeitos fÃ­sicos pelo qual o EspÃ­rito se manifesta), alguÃ©m que poderia\r\nte ajudar a produzir os mesmos efeitos?\r\nResp. â€“ No momento nÃ£o vejo ninguÃ©m; com ele eu\r\nestaria muito disposto a fazÃª-lo.\r\n\r\n41. Por que com ele e nÃ£o com outro?\r\nResp. â€“ Porque o conheÃ§o mais; depois, porque estÃ¡ mais\r\napto do que qualquer outro a esse gÃªnero de manifestaÃ§Ãµes.\r\n\r\n42. Tu o conhecias hÃ¡ muito tempo? Antes de sua atual\r\nexistÃªncia?\r\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ o conheÃ§o hÃ¡ bem pouco tempo; de\r\nalguma sorte a ele fui atraÃ­do para que se tornasse meu instrumento.\r\n\r\n43. Quando uma mesa se eleva no ar, sem ponto de\r\napoio, quem a sustenta?\r\nResp. â€“ Nossa vontade, que lhe ordenou obedecer e,\r\ntambÃ©m, o fluido que lhe transmitimos.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Essa resposta vem apoiar a teoria que nos\r\nfoi dada sobre a causa das manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas e que relatamos\r\nnos nÃºmeros 5 e 6 desta Revista.\r\n\r\n44. Poderias fazÃª-lo?\r\nResp. â€“ Creio que sim; tentarei quando o mÃ©dium vier\r\n(nesse momento ele estava ausente).\r\n\r\n45. De que depende isso?\r\nResp. â€“ Depende de mim, pois me sirvo do mÃ©dium como\r\nde um instrumento.\r\n\r\n46. Mas a qualidade do instrumento nÃ£o conta para\r\nalguma coisa?\r\nResp. â€“ Sim, auxilia-me muito; tanto Ã© assim que eu disse\r\nnÃ£o poder fazÃª-lo hoje com outros mÃ©diuns.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ No curso da sessÃ£o tentou-se levantar a mesa,\r\nmas nÃ£o se obteve Ãªxito, talvez porque nÃ£o tivesse havido bastante\r\nperseveranÃ§a; houve esforÃ§os evidentes e movimentos de translaÃ§Ã£o\r\nsem contato nem imposiÃ§Ã£o das mÃ£os. Entre as experiÃªncias feitas\r\ndestacou-se a da abertura da mesa, que era elÃ¡stica; porque oferecesse\r\nmuita resistÃªncia, em face de um defeito de construÃ§Ã£o, foi posta de\r\nlado, enquanto o EspÃ­rito tomava uma outra e conseguia abri-la.\r\n\r\n47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se\r\ndetinham a cada vez que um de nÃ³s tomava de uma luz para olhar\r\nembaixo dela?\r\nResp. â€“ Porque eu queria punir a vossa curiosidade.\r\n\r\n48. De que te ocupas em tua existÃªncia de EspÃ­rito,\r\nconsiderando que nÃ£o deves passar o tempo todo somente a bater?\r\nResp. â€“ Muitas vezes tenho missÃµes a cumprir; devemos\r\nobedecer a ordens superiores e, sobretudo, fazer o bem aos seres\r\nhumanos que estÃ£o sob nossa influÃªncia.\r\n\r\n49. Por certo tua vida terrestre nÃ£o foi isenta de faltas;\r\nreconhece-as, agora?\r\nResp. â€“ Sim; e por isso as expio, permanecendo\r\nestacionÃ¡rio entre os EspÃ­ritos inferiores; sÃ³ poderei purificar-me\r\nbastante quando tomar um outro corpo.\r\n\r\n50. Quando aplicavas os golpes na mesa e, ao mesmo tempo,\r\nem outro mÃ³vel, eras tu quem os produzia, ou era um outro EspÃ­rito?\r\nResp. â€“ Era eu mesmo.\r\n\r\n51. Estavas sÃ³, portanto?\r\nResp. â€“ NÃ£o, mas realizava sozinho o trabalho de bater.\r\n\r\n52. Os demais EspÃ­ritos que lÃ¡ se encontravam nÃ£o te\r\nauxiliavam em alguma coisa?\r\nResp. â€“ NÃ£o para bater, mas para falar.\r\n\r\n53. EntÃ£o nÃ£o eram EspÃ­ritos batedores?\r\nResp. â€“ NÃ£o; a Verdade somente a mim havia permitido bater.\r\n\r\n54. Algumas vezes os EspÃ­ritos batedores nÃ£o se reuniam\r\nem maior nÃºmero, com o fim de haver mais forÃ§a na produÃ§Ã£o de\r\ncertos fenÃ´menos?\r\nResp. â€“ Sim, mas para aqueles que eu podia fazer, a mim\r\nsÃ³ bastava.\r\n\r\n55. EstÃ¡s sempre na Terra, em tua existÃªncia espiritual?\r\nResp. â€“ Mais freqÃ¼entemente no espaÃ§o.\r\n\r\n56. Vais algumas vezes a outros mundos, isto Ã©, a outros\r\nglobos?\r\nR. NÃ£o aos mais perfeitos, mas aos mundos inferiores.\r\n\r\n57. Por vezes te divertes em ver e ouvir o que fazem os\r\nhomens?\r\nResp. â€“ NÃ£o; entretanto, algumas vezes tenho piedade\r\ndeles.\r\n\r\n58. De preferÃªncia, quais aqueles que procuras?\r\nResp. â€“ Os que querem crer de boa-fÃ©.\r\n\r\n59. Poderias ler os nossos pensamentos?\r\nResp. â€“ NÃ£o; nÃ£o leio nas almas; nÃ£o sou bastante perfeito\r\npara isso.\r\n\r\n60. Todavia, deves conhecer nossos pensamentos, jÃ¡ que vens\r\nentre nÃ³s; de outra forma, como poderias saber se cremos de boa-fÃ©?\r\nResp. â€“ NÃ£o leio, mas compreendo.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ A pergunta 58 tinha por objetivo saber a\r\nquem, espontanemente, dirigia sua preferÃªncia na vida de EspÃ­rito,\r\nsem ser evocado; atravÃ©s da evocaÃ§Ã£o, como EspÃ­rito de uma ordem\r\npouco elevada, poderia ser constrangido a vir a um meio que lhe\r\ndesagradasse. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos\r\npensamentos, por certo poderia ver que as pessoas ali reunidas nÃ£o\r\no faziam senÃ£o com um objetivo sÃ©rio e, pela natureza das perguntas\r\ne da conversa que ouvisse, seria capaz de julgar se a assemblÃ©ia era\r\ncomposta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem.\r\n\r\n61. Encontraste alguns dos teus antigos companheiros\r\ndo ExÃ©rcito no mundo dos EspÃ­ritos?\r\nResp. â€“ Sim, mas suas posiÃ§Ãµes eram tÃ£o diferentes que\r\nnÃ£o os reconheci a todos.\r\n\r\n62. Em que consistia essa diferenÃ§a?\r\nResp. â€“ Na situaÃ§Ã£o feliz ou infeliz de cada um.\r\n\r\n63. Como entendias essa subida para Deus?\r\nResp. â€“ Cada degrau transposto Ã© um degrau a mais\r\natÃ© Ele.\r\n\r\n64. Disseste que morreste na neve; foi em conseqÃ¼Ãªncia\r\ndo frio?\r\nResp. â€“ De frio e de necessidade.\r\n\r\n65. Tiveste consciÃªncia imediata de tua nova existÃªncia?\r\nResp. â€“ NÃ£o, mas jÃ¡ nÃ£o sentia mais frio.\r\n\r\n66. Alguma vez retornaste ao local onde deixaste teu\r\ncorpo?\r\nResp. â€“ NÃ£o, ele me fez sofrer bastante.\r\n\r\n67. NÃ³s te agradecemos as explicaÃ§Ãµes que tiveste a\r\nbondade de dar-nos. Elas nos forneceram material de observaÃ§Ã£o\r\nmuito Ãºtil para o nosso aperfeiÃ§oamento na ciÃªncia espÃ­rita.\r\nResp. â€“ Estou inteiramente Ã s vossas ordens.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Pouco avanÃ§ado na hierarquia espÃ­rita, como\r\nse vÃª, o prÃ³prio EspÃ­rito reconhecia a sua inferioridade. Seus\r\nconhecimentos sÃ£o limitados; mas tem bom senso, sentimentos\r\nlouvÃ¡veis e benevolÃªncia. Como EspÃ­rito, sua missÃ£o carecia de\r\nsignificado, visto que desempenhava o papel de EspÃ­rito batedor\r\npara chamar os incrÃ©dulos Ã  fÃ©; contudo, mesmo no teatro, a humilde\r\nindumentÃ¡ria de comparsa nÃ£o pode envolver um coraÃ§Ã£o honesto?\r\nSuas respostas tÃªm a simplicidade da ignorÃ¢ncia; entretanto, pelo\r\nfato de nÃ£o possuÃ­rem a elevaÃ§Ã£o da linguagem filosÃ³fica dos\r\nEspÃ­ritos superiores, nem por isso deixam de ser menos instrutivas,\r\nsobretudo para o estudo dos costumes espÃ­ritas, se assim nos\r\npodemos exprimir. Ã‰ somente estudando todas as classes desse\r\nmundo que nos aguarda que podemos chegar a conhecÃª-lo e nele\r\nmarcar, de algum modo, por antecipaÃ§Ã£o, o lugar que a cada um de\r\nnÃ³s serÃ¡ dado ocupar. Vendo a situaÃ§Ã£o que, por seus vÃ­cios e\r\nvirtudes, criaram os homens, nossos iguais aqui na Terra, sentimonos\r\nencorajados para nos elevar o mais rapidamente possÃ­vel desde\r\nesta vida: Ã© o exemplo ao lado da teoria. Para conhecermos bem\r\nalguma coisa, e dela fazermos uma idÃ©ia isenta de ilusÃµes, Ã© preciso\r\ndissecÃ¡-la em todos os seus aspectos, assim como o botÃ¢nico nÃ£o\r\npode conhecer o reino vegetal a nÃ£o ser observando desde o mais\r\nhumilde criptÃ³gamo, que o musgo oculta, atÃ© o carvalho altaneiro,\r\nque se eleva nos ares.', 'O TAMBOR DE BERESINA', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '192-revision-v1', '', '', '2021-01-24 16:45:36', '2021-01-24 19:45:36', '', 192, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/192-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(194, 1, '2021-01-24 16:47:08', '2021-01-24 19:47:08', 'Revista EspÃ­rita, 18Conversas Familiares de AlÃ©m-TÃºmulo\n\nO TAMBOR DE BERESINA\n\nTendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas, com\nvistas a constatar certas manifestaÃ§Ãµes, produziram-se os fatos que\nse seguem, no curso de vÃ¡rias sessÃµes, originando a conversa que\nvamos relatar, e que apresenta um grande interesse do ponto de\nvista do estudo.\n\nManifestou-se o EspÃ­rito por pancadas, que nÃ£o eram\ndadas com o pÃ© da mesa, mas na prÃ³pria intimidade da madeira. A\ntroca de idÃ©ias que entÃ£o ocorreu, entre os presentes e o ser invisÃ­vel,\nnÃ£o permitia duvidar da intervenÃ§Ã£o de uma inteligÃªncia oculta.\nAlÃ©m das respostas a vÃ¡rias perguntas, seja por sim, seja por nÃ£o,\nseja ainda por meio da tiptologia alfabÃ©tica, os golpes batiam Ã \nvontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma Ã¡ria, imitavam a\nfuzilaria e o canhonheio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do\nsapateiro; faziam eco com admirÃ¡vel precisÃ£o, etc. Depois ocorreu\no movimento de uma mesa e sua translaÃ§Ã£o sem qualquer contato das\nmÃ£os, uma vez que os assistentes se mantinham afastados; colocada\nsobre a mesa, em vez de girar uma saladeira pÃ´s-se a deslizar em\nlinha reta, igualmente sem contato com as mÃ£os. Os golpes eram\nouvidos do mesmo modo, nos diversos mÃ³veis do quarto, algumas\nvezes simultaneamente; outras, como se estivessem respondendo.\nO EspÃ­rito parecia ter uma marcante predileÃ§Ã£o pelo\ntoque de tambor, pois que os repetia a cada instante sem que se lhe\npedisse. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas,\nbatia a generala ou tocava o reunir. Interrogado sobre vÃ¡rias\nparticularidades de sua vida, disse chamar-se CÃ©lima, ter nascido\nem Paris, falecido aos quarenta e cinco anos e sido tocador de\ntambor.\n\nEntre os assistentes, alÃ©m do mÃ©dium especial de efeitos\nfÃ­sicos que produzia as manifestaÃ§Ãµes, havia um excelente mÃ©dium\npsicÃ³grafo que serviu de intÃ©rprete ao EspÃ­rito, o que nos permitiu\nobter respostas mais explÃ­citas. Tendo confirmado, pela escrita, o\nque havia dito pela tiptologia a propÃ³sito de seu nome, lugar de\nnascimento e Ã©poca da morte, foi-lhe dirigida a sÃ©rie de perguntas\nque se segue, cujas respostas oferecem vÃ¡rios traÃ§os caracterÃ­sticos\nque corroboram certas partes essenciais da teoria.\n\n1. Escreve qualquer coisa, o que quiseres.\nResp. â€“ Ran plan plan, ran, plan, plan.\n\n2. Por que escreveste isso?\nResp. â€“ Eu era tocador de tambor.\n\n3. Havias recebido alguma instruÃ§Ã£o?\nResp. â€“ Sim.\n4. Onde fizeste teus estudos?\nResp. â€“ Nos Ignorantins\n\n5. Pareces jovial.\nResp. â€“ Eu o sou bastante.\n\n6. Uma vez nos disseste que, em vida, gostavas muito de\nbeber; Ã© verdade?\nResp. â€“ Eu gostava de tudo o que era bom.\n\n7. Eras militar?\nResp. â€“ Claro que sim, pois que era tocador de tambor.\n\n8. Sob que governo serviste?\nResp. â€“ Sob NapoleÃ£o, o Grande.\n\n9. Podes citar-nos uma das batalhas em que tomaste parte?\nResp. â€“ A de Beresina.\n\n10. Foi lÃ¡ que morreste?\nResp. â€“ NÃ£o.\n\n11. Estavas em Moscou?\nResp. â€“ NÃ£o.\n\n12. Onde morreste?\nResp. â€“ Na neve.\n\n13. Em que corpo servias?\nResp. â€“ Nos fuzileiros da guarda.\n\n14. Gostavas muito de NapoleÃ£o, o Grande?\nResp. â€“ Como todos nÃ³s o amÃ¡vamos, e sem saber o porquÃª!\n\n15. Sabes em que se tornou NapoleÃ£o depois de sua\nmorte?\nResp. â€“ Depois de minha morte sÃ³ me ocupei de mim\nmesmo.\n\n16. EstÃ¡s reencarnado?\nResp. â€“ NÃ£o, pois que venho conversar convosco.\n\n17. Por que te manifestas por pancadas, sem que tenhas\nsido chamado?\nResp. â€“ Ã‰ preciso fazer barulho para aqueles cujo coraÃ§Ã£o\nnada crÃª. Se nÃ£o tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais.\n\n18. Ã‰ de tua prÃ³pria vontade que vieste bater, ou um\noutro EspÃ­rito obrigou-te a fazÃª-lo?\nResp. â€“ Venho por minha vontade; hÃ¡ um outro, a quem\nchamais Verdade, que pode forÃ§ar-me a isto tambÃ©m. Mas hÃ¡ muito\ntempo que eu queria vir.\n\n19. Com que objetivo querias vir?\nResp. â€“ Para conversar convosco; era o que queria; havia,\nporÃ©m, alguma coisa que mo impedia. Fui forÃ§ado por um EspÃ­rito\nfamiliar da casa, que me exortou a tornar-me Ãºtil Ã s pessoas que me\nfizessem perguntas. â€“ Esse EspÃ­rito, entÃ£o, tem muito poder, visto\ncomandar outros EspÃ­ritos? Resp. â€“ Mais do que imaginais, e nÃ£o o\nemprega senÃ£o para o bem.\nObservaÃ§Ã£o â€“ O EspÃ­rito familiar da casa deu-se a conhecer\nsob o nome alegÃ³rico de Verdade, circunstÃ¢ncia ignorada do mÃ©dium.\n\n20. O que te impedia de vir?\nResp. â€“ NÃ£o sei; alguma coisa que nÃ£o compreendo.\n\n21. Lamentas a vida?\nResp. â€“ NÃ£o; nada lamento.\n\n22. Qual a existÃªncia que preferes: a atual ou a terrestre?\nResp. â€“ Prefiro a existÃªncia do EspÃ­rito Ã  do corpo.\n\n23. Por quÃª?\nResp. â€“ Porque estamos bem melhor do que na Terra. A\nTerra Ã© um purgatÃ³rio; durante todo o tempo em que nela vivi, sempre\ndesejei a morte.\n\n24. Sofres em tua nova situaÃ§Ã£o?\nResp. â€“ NÃ£o; mas ainda nÃ£o sou feliz.\n\n25. Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existÃªncia\ncorporal?\nResp. â€“ Sim, porque sei que devo elevar-me.\n\n26. Quem te disse isso?\nResp. â€“ Eu o sei bem.\n\n27. ReencarnarÃ¡s logo?\nResp. â€“ NÃ£o sei.\n\n28. VÃªs outros EspÃ­ritos Ã  tua volta?\nResp. â€“ Sim; muitos.\n\n29. Como sabes que sÃ£o EspÃ­ritos?\nResp. â€“ Entre nÃ³s, vemo-nos tais quais somos.\n\n30. Sob qual aparÃªncia os vÃªs?\nResp. â€“ Como se podem ver os EspÃ­ritos; mas nÃ£o pelos\nolhos.\n\n31. E tu, sob que forma estÃ¡s aqui?\nResp. â€“ Sob a que tinha quando vivo, isto Ã©, como\ntocador de tambor.\n\n32. E os outros EspÃ­ritos? Tu os vÃª sob a forma que\npossuÃ­am quando estavam encarnados?\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ tomamos uma aparÃªncia quando somos\nevocados, de outro modo nos vemos sem forma.\n\n33. Tu nos vÃªs tÃ£o claramente como se estivesses vivo?\nResp. â€“ Sim, perfeitamente.\n\n34. Ã‰ atravÃ©s dos olhos que nos vÃªs?\nResp. â€“ NÃ£o; temos uma forma, mas nÃ£o temos sentidos;\nnossa forma Ã© apenas aparente.\nObservaÃ§Ã£o â€“ Seguramente os EspÃ­ritos tÃªm sensaÃ§Ãµes,\njÃ¡ que percebem; se assim nÃ£o fora, seriam inertes; contudo, suas\nsensaÃ§Ãµes nÃ£o sÃ£o localizadas, como quando tÃªm um corpo, mas\ninerentes a todo o ser.\n\n35. Dize-nos positivamente em que lugar estÃ¡s aqui.\nResp. â€“ Perto da mesa, entre vÃ³s e o mÃ©dium.\n\n36. Quando bates, estÃ¡s sob a mesa, em cima dela ou\nna intimidade da madeira?\nResp. â€“ Estou ao lado; nÃ£o me meto na madeira: bastame tocar a mesa.\n\n37. Como produzes os ruÃ­dos que fazes ouvir?\nResp. â€“ Creio que Ã© por intermÃ©dio de uma espÃ©cie de\nconcentraÃ§Ã£o de nossa forÃ§a.\n\n38. Poderias explicar-nos a maneira pela qual sÃ£o\nproduzidos os diferentes ruÃ­dos que imitas, as arranhaduras, por\nexemplo?\nResp. â€“ Eu nÃ£o saberia precisar muito a natureza dos\nruÃ­dos; Ã© difÃ­cil de explicar. Sei que arranho, mas nÃ£o posso explicar\ncomo produzo esse ruÃ­do que chamais de arranhadura.\n\n39. Poderias produzir os mesmos ruÃ­dos com qualquer\noutro mÃ©dium?\nResp. â€“ NÃ£o; hÃ¡ especialidade em todos os mÃ©diuns;\nnem todos podem agir da mesma forma.\n\n40. VÃªs entre nÃ³s, alÃ©m do jovem S... (o mÃ©dium de\nefeitos fÃ­sicos pelo qual o EspÃ­rito se manifesta), alguÃ©m que poderia\nte ajudar a produzir os mesmos efeitos?\nResp. â€“ No momento nÃ£o vejo ninguÃ©m; com ele eu\nestaria muito disposto a fazÃª-lo.\n\n41. Por que com ele e nÃ£o com outro?\nResp. â€“ Porque o conheÃ§o mais; depois, porque estÃ¡ mais\napto do que qualquer outro a esse gÃªnero de manifestaÃ§Ãµes.\n\n42. Tu o conhecias hÃ¡ muito tempo? Antes de sua atual\nexistÃªncia?\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ o conheÃ§o hÃ¡ bem pouco tempo; de\nalguma sorte a ele fui atraÃ­do para que se tornasse meu instrumento.\n\n43. Quando uma mesa se eleva no ar, sem ponto de\napoio, quem a sustenta?\nResp. â€“ Nossa vontade, que lhe ordenou obedecer e,\ntambÃ©m, o fluido que lhe transmitimos.\nObservaÃ§Ã£o â€“ Essa resposta vem apoiar a teoria que nos\nfoi dada sobre a causa das manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas e que relatamos\nnos nÃºmeros 5 e 6 desta Revista.\n\n44. Poderias fazÃª-lo?\nResp. â€“ Creio que sim; tentarei quando o mÃ©dium vier\n(nesse momento ele estava ausente).\n\n45. De que depende isso?\nResp. â€“ Depende de mim, pois me sirvo do mÃ©dium como\nde um instrumento.\n\n46. Mas a qualidade do instrumento nÃ£o conta para\nalguma coisa?\nResp. â€“ Sim, auxilia-me muito; tanto Ã© assim que eu disse\nnÃ£o poder fazÃª-lo hoje com outros mÃ©diuns.\nObservaÃ§Ã£o â€“ No curso da sessÃ£o tentou-se levantar a mesa,\nmas nÃ£o se obteve Ãªxito, talvez porque nÃ£o tivesse havido bastante\nperseveranÃ§a; houve esforÃ§os evidentes e movimentos de translaÃ§Ã£o\nsem contato nem imposiÃ§Ã£o das mÃ£os. Entre as experiÃªncias feitas\ndestacou-se a da abertura da mesa, que era elÃ¡stica; porque oferecesse\nmuita resistÃªncia, em face de um defeito de construÃ§Ã£o, foi posta de\nlado, enquanto o EspÃ­rito tomava uma outra e conseguia abri-la.\n\n47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se\ndetinham a cada vez que um de nÃ³s tomava de uma luz para olhar\nembaixo dela?\nResp. â€“ Porque eu queria punir a vossa curiosidade.\n\n48. De que te ocupas em tua existÃªncia de EspÃ­rito,\nconsiderando que nÃ£o deves passar o tempo todo somente a bater?\nResp. â€“ Muitas vezes tenho missÃµes a cumprir; devemos\nobedecer a ordens superiores e, sobretudo, fazer o bem aos seres\nhumanos que estÃ£o sob nossa influÃªncia.\n\n49. Por certo tua vida terrestre nÃ£o foi isenta de faltas;\nreconhece-as, agora?\nResp. â€“ Sim; e por isso as expio, permanecendo\nestacionÃ¡rio entre os EspÃ­ritos inferiores; sÃ³ poderei purificar-me\nbastante quando tomar um outro corpo.\n\n50. Quando aplicavas os golpes na mesa e, ao mesmo tempo,\nem outro mÃ³vel, eras tu quem os produzia, ou era um outro EspÃ­rito?\nResp. â€“ Era eu mesmo.\n\n51. Estavas sÃ³, portanto?\nResp. â€“ NÃ£o, mas realizava sozinho o trabalho de bater.\n\n52. Os demais EspÃ­ritos que lÃ¡ se encontravam nÃ£o te\nauxiliavam em alguma coisa?\nResp. â€“ NÃ£o para bater, mas para falar.\n\n53. EntÃ£o nÃ£o eram EspÃ­ritos batedores?\nResp. â€“ NÃ£o; a Verdade somente a mim havia permitido bater.\n\n54. Algumas vezes os EspÃ­ritos batedores nÃ£o se reuniam\nem maior nÃºmero, com o fim de haver mais forÃ§a na produÃ§Ã£o de\ncertos fenÃ´menos?\nResp. â€“ Sim, mas para aqueles que eu podia fazer, a mim\nsÃ³ bastava.\n\n55. EstÃ¡s sempre na Terra, em tua existÃªncia espiritual?\nResp. â€“ Mais freqÃ¼entemente no espaÃ§o.\n\n56. Vais algumas vezes a outros mundos, isto Ã©, a outros\nglobos?\nR. NÃ£o aos mais perfeitos, mas aos mundos inferiores.\n\n57. Por vezes te divertes em ver e ouvir o que fazem os\nhomens?\nResp. â€“ NÃ£o; entretanto, algumas vezes tenho piedade\ndeles.\n\n58. De preferÃªncia, quais aqueles que procuras?\nResp. â€“ Os que querem crer de boa-fÃ©.\n\n59. Poderias ler os nossos pensamentos?\nResp. â€“ NÃ£o; nÃ£o leio nas almas; nÃ£o sou bastante perfeito\npara isso.\n\n60. Todavia, deves conhecer nossos pensamentos, jÃ¡ que vens\nentre nÃ³s; de outra forma, como poderias saber se cremos de boa-fÃ©?\nResp. â€“ NÃ£o leio, mas compreendo.\nObservaÃ§Ã£o â€“ A pergunta 58 tinha por objetivo saber a\nquem, espontanemente, dirigia sua preferÃªncia na vida de EspÃ­rito,\nsem ser evocado; atravÃ©s da evocaÃ§Ã£o, como EspÃ­rito de uma ordem\npouco elevada, poderia ser constrangido a vir a um meio que lhe\ndesagradasse. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos\npensamentos, por certo poderia ver que as pessoas ali reunidas nÃ£o\no faziam senÃ£o com um objetivo sÃ©rio e, pela natureza das perguntas\ne da conversa que ouvisse, seria capaz de julgar se a assemblÃ©ia era\ncomposta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem.\n\n61. Encontraste alguns dos teus antigos companheiros\ndo ExÃ©rcito no mundo dos EspÃ­ritos?\nResp. â€“ Sim, mas suas posiÃ§Ãµes eram tÃ£o diferentes que\nnÃ£o os reconheci a todos.\n\n62. Em que consistia essa diferenÃ§a?\nResp. â€“ Na situaÃ§Ã£o feliz ou infeliz de cada um.\n\n63. Como entendias essa subida para Deus?\nResp. â€“ Cada degrau transposto Ã© um degrau a mais\natÃ© Ele.\n\n64. Disseste que morreste na neve; foi em conseqÃ¼Ãªncia\ndo frio?\nResp. â€“ De frio e de necessidade.\n\n65. Tiveste consciÃªncia imediata de tua nova existÃªncia?\nResp. â€“ NÃ£o, mas jÃ¡ nÃ£o sentia mais frio.\n\n66. Alguma vez retornaste ao local onde deixaste teu\ncorpo?\nResp. â€“ NÃ£o, ele me fez sofrer bastante.\n\n67. NÃ³s te agradecemos as explicaÃ§Ãµes que tiveste a\nbondade de dar-nos. Elas nos forneceram material de observaÃ§Ã£o\nmuito Ãºtil para o nosso aperfeiÃ§oamento na ciÃªncia espÃ­rita.\nResp. â€“ Estou inteiramente Ã s vossas ordens.\n\nObservaÃ§Ã£o â€“ Pouco avanÃ§ado na hierarquia espÃ­rita, como\nse vÃª, o prÃ³prio EspÃ­rito reconhecia a sua inferioridade. Seus\nconhecimentos sÃ£o limitados; mas tem bom senso, sentimentos\nlouvÃ¡veis e benevolÃªncia. Como EspÃ­rito, sua missÃ£o carecia de\nsignificado, visto que desempenhava o papel de EspÃ­rito batedor\npara chamar os incrÃ©dulos Ã  fÃ©; contudo, mesmo no teatro, a humilde\nindumentÃ¡ria de comparsa nÃ£o pode envolver um coraÃ§Ã£o honesto?\nSuas respostas tÃªm a simplicidade da ignorÃ¢ncia; entretanto, pelo\nfato de nÃ£o possuÃ­rem a elevaÃ§Ã£o da linguagem filosÃ³fica dos\nEspÃ­ritos superiores, nem por isso deixam de ser menos instrutivas,\nsobretudo para o estudo dos costumes espÃ­ritas, se assim nos\npodemos exprimir. Ã‰ somente estudando todas as classes desse\nmundo que nos aguarda que podemos chegar a conhecÃª-lo e nele\nmarcar, de algum modo, por antecipaÃ§Ã£o, o lugar que a cada um de\nnÃ³s serÃ¡ dado ocupar. Vendo a situaÃ§Ã£o que, por seus vÃ­cios e\nvirtudes, criaram os homens, nossos iguais aqui na Terra, sentimonos\nencorajados para nos elevar o mais rapidamente possÃ­vel desde\nesta vida: Ã© o exemplo ao lado da teoria. Para conhecermos bem\nalguma coisa, e dela fazermos uma idÃ©ia isenta de ilusÃµes, Ã© preciso\ndissecÃ¡-la em todos os seus aspectos, assim como o botÃ¢nico nÃ£o\npode conhecer o reino vegetal a nÃ£o ser observando desde o mais\nhumilde criptÃ³gamo, que o musgo oculta, atÃ© o carvalho altaneiro,\nque se eleva nos ares.', 'O TAMBOR DE BERESINA', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '192-autosave-v1', '', '', '2021-01-24 16:47:08', '2021-01-24 19:47:08', '', 192, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/192-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(195, 1, '2021-01-24 16:48:56', '2021-01-24 19:48:56', 'Revista EspÃ­rita 1858, pÃ¡g. 287,Â  julho, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nConversas Familiares de AlÃ©m-TÃºmulo\r\n\r\nO TAMBOR DE BERESINA\r\n\r\nTendo-se reunido em nossa casa algumas pessoas, com\r\nvistas a constatar certas manifestaÃ§Ãµes, produziram-se os fatos que\r\nse seguem, no curso de vÃ¡rias sessÃµes, originando a conversa que\r\nvamos relatar, e que apresenta um grande interesse do ponto de\r\nvista do estudo.\r\n\r\nManifestou-se o EspÃ­rito por pancadas, que nÃ£o eram\r\ndadas com o pÃ© da mesa, mas na prÃ³pria intimidade da madeira. A\r\ntroca de idÃ©ias que entÃ£o ocorreu, entre os presentes e o ser invisÃ­vel,\r\nnÃ£o permitia duvidar da intervenÃ§Ã£o de uma inteligÃªncia oculta.\r\nAlÃ©m das respostas a vÃ¡rias perguntas, seja por sim, seja por nÃ£o,\r\nseja ainda por meio da tiptologia alfabÃ©tica, os golpes batiam Ã \r\nvontade uma marcha qualquer, o ritmo de uma Ã¡ria, imitavam a\r\nfuzilaria e o canhonheio de uma batalha, o barulho do tanoeiro e do\r\nsapateiro; faziam eco com admirÃ¡vel precisÃ£o, etc. Depois ocorreu\r\no movimento de uma mesa e sua translaÃ§Ã£o sem qualquer contato das\r\nmÃ£os, uma vez que os assistentes se mantinham afastados; colocada\r\nsobre a mesa, em vez de girar uma saladeira pÃ´s-se a deslizar em\r\nlinha reta, igualmente sem contato com as mÃ£os. Os golpes eram\r\nouvidos do mesmo modo, nos diversos mÃ³veis do quarto, algumas\r\nvezes simultaneamente; outras, como se estivessem respondendo.\r\nO EspÃ­rito parecia ter uma marcante predileÃ§Ã£o pelo\r\ntoque de tambor, pois que os repetia a cada instante sem que se lhe\r\npedisse. Muitas vezes, em lugar de responder a certas perguntas,\r\nbatia a generala ou tocava o reunir. Interrogado sobre vÃ¡rias\r\nparticularidades de sua vida, disse chamar-se CÃ©lima, ter nascido\r\nem Paris, falecido aos quarenta e cinco anos e sido tocador de\r\ntambor.\r\n\r\nEntre os assistentes, alÃ©m do mÃ©dium especial de efeitos\r\nfÃ­sicos que produzia as manifestaÃ§Ãµes, havia um excelente mÃ©dium\r\npsicÃ³grafo que serviu de intÃ©rprete ao EspÃ­rito, o que nos permitiu\r\nobter respostas mais explÃ­citas. Tendo confirmado, pela escrita, o\r\nque havia dito pela tiptologia a propÃ³sito de seu nome, lugar de\r\nnascimento e Ã©poca da morte, foi-lhe dirigida a sÃ©rie de perguntas\r\nque se segue, cujas respostas oferecem vÃ¡rios traÃ§os caracterÃ­sticos\r\nque corroboram certas partes essenciais da teoria.\r\n\r\n1. Escreve qualquer coisa, o que quiseres.\r\nResp. â€“ Ran plan plan, ran, plan, plan.\r\n\r\n2. Por que escreveste isso?\r\nResp. â€“ Eu era tocador de tambor.\r\n\r\n3. Havias recebido alguma instruÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ Sim.\r\n4. Onde fizeste teus estudos?\r\nResp. â€“ Nos Ignorantins\r\n\r\n5. Pareces jovial.\r\nResp. â€“ Eu o sou bastante.\r\n\r\n6. Uma vez nos disseste que, em vida, gostavas muito de\r\nbeber; Ã© verdade?\r\nResp. â€“ Eu gostava de tudo o que era bom.\r\n\r\n7. Eras militar?\r\nResp. â€“ Claro que sim, pois que era tocador de tambor.\r\n\r\n8. Sob que governo serviste?\r\nResp. â€“ Sob NapoleÃ£o, o Grande.\r\n\r\n9. Podes citar-nos uma das batalhas em que tomaste parte?\r\nResp. â€“ A de Beresina.\r\n\r\n10. Foi lÃ¡ que morreste?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n11. Estavas em Moscou?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n12. Onde morreste?\r\nResp. â€“ Na neve.\r\n\r\n13. Em que corpo servias?\r\nResp. â€“ Nos fuzileiros da guarda.\r\n\r\n14. Gostavas muito de NapoleÃ£o, o Grande?\r\nResp. â€“ Como todos nÃ³s o amÃ¡vamos, e sem saber o porquÃª!\r\n\r\n15. Sabes em que se tornou NapoleÃ£o depois de sua\r\nmorte?\r\nResp. â€“ Depois de minha morte sÃ³ me ocupei de mim\r\nmesmo.\r\n\r\n16. EstÃ¡s reencarnado?\r\nResp. â€“ NÃ£o, pois que venho conversar convosco.\r\n\r\n17. Por que te manifestas por pancadas, sem que tenhas\r\nsido chamado?\r\nResp. â€“ Ã‰ preciso fazer barulho para aqueles cujo coraÃ§Ã£o\r\nnada crÃª. Se nÃ£o tendes o bastante, dar-vos-ei ainda mais.\r\n\r\n18. Ã‰ de tua prÃ³pria vontade que vieste bater, ou um\r\noutro EspÃ­rito obrigou-te a fazÃª-lo?\r\nResp. â€“ Venho por minha vontade; hÃ¡ um outro, a quem\r\nchamais Verdade, que pode forÃ§ar-me a isto tambÃ©m. Mas hÃ¡ muito\r\ntempo que eu queria vir.\r\n\r\n19. Com que objetivo querias vir?\r\nResp. â€“ Para conversar convosco; era o que queria; havia,\r\nporÃ©m, alguma coisa que mo impedia. Fui forÃ§ado por um EspÃ­rito\r\nfamiliar da casa, que me exortou a tornar-me Ãºtil Ã s pessoas que me\r\nfizessem perguntas. â€“ Esse EspÃ­rito, entÃ£o, tem muito poder, visto\r\ncomandar outros EspÃ­ritos? Resp. â€“ Mais do que imaginais, e nÃ£o o\r\nemprega senÃ£o para o bem.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O EspÃ­rito familiar da casa deu-se a conhecer\r\nsob o nome alegÃ³rico de Verdade, circunstÃ¢ncia ignorada do mÃ©dium.\r\n\r\n20. O que te impedia de vir?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei; alguma coisa que nÃ£o compreendo.\r\n\r\n21. Lamentas a vida?\r\nResp. â€“ NÃ£o; nada lamento.\r\n\r\n22. Qual a existÃªncia que preferes: a atual ou a terrestre?\r\nResp. â€“ Prefiro a existÃªncia do EspÃ­rito Ã  do corpo.\r\n\r\n23. Por quÃª?\r\nResp. â€“ Porque estamos bem melhor do que na Terra. A\r\nTerra Ã© um purgatÃ³rio; durante todo o tempo em que nela vivi, sempre\r\ndesejei a morte.\r\n\r\n24. Sofres em tua nova situaÃ§Ã£o?\r\nResp. â€“ NÃ£o; mas ainda nÃ£o sou feliz.\r\n\r\n25. Ficarias satisfeito se tivesses uma nova existÃªncia\r\ncorporal?\r\nResp. â€“ Sim, porque sei que devo elevar-me.\r\n\r\n26. Quem te disse isso?\r\nResp. â€“ Eu o sei bem.\r\n\r\n27. ReencarnarÃ¡s logo?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei.\r\n\r\n28. VÃªs outros EspÃ­ritos Ã  tua volta?\r\nResp. â€“ Sim; muitos.\r\n\r\n29. Como sabes que sÃ£o EspÃ­ritos?\r\nResp. â€“ Entre nÃ³s, vemo-nos tais quais somos.\r\n\r\n30. Sob qual aparÃªncia os vÃªs?\r\nResp. â€“ Como se podem ver os EspÃ­ritos; mas nÃ£o pelos\r\nolhos.\r\n\r\n31. E tu, sob que forma estÃ¡s aqui?\r\nResp. â€“ Sob a que tinha quando vivo, isto Ã©, como\r\ntocador de tambor.\r\n\r\n32. E os outros EspÃ­ritos? Tu os vÃª sob a forma que\r\npossuÃ­am quando estavam encarnados?\r\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ tomamos uma aparÃªncia quando somos\r\nevocados, de outro modo nos vemos sem forma.\r\n\r\n33. Tu nos vÃªs tÃ£o claramente como se estivesses vivo?\r\nResp. â€“ Sim, perfeitamente.\r\n\r\n34. Ã‰ atravÃ©s dos olhos que nos vÃªs?\r\nResp. â€“ NÃ£o; temos uma forma, mas nÃ£o temos sentidos;\r\nnossa forma Ã© apenas aparente.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Seguramente os EspÃ­ritos tÃªm sensaÃ§Ãµes,\r\njÃ¡ que percebem; se assim nÃ£o fora, seriam inertes; contudo, suas\r\nsensaÃ§Ãµes nÃ£o sÃ£o localizadas, como quando tÃªm um corpo, mas\r\ninerentes a todo o ser.\r\n\r\n35. Dize-nos positivamente em que lugar estÃ¡s aqui.\r\nResp. â€“ Perto da mesa, entre vÃ³s e o mÃ©dium.\r\n\r\n36. Quando bates, estÃ¡s sob a mesa, em cima dela ou\r\nna intimidade da madeira?\r\nResp. â€“ Estou ao lado; nÃ£o me meto na madeira: bastame tocar a mesa.\r\n\r\n37. Como produzes os ruÃ­dos que fazes ouvir?\r\nResp. â€“ Creio que Ã© por intermÃ©dio de uma espÃ©cie de\r\nconcentraÃ§Ã£o de nossa forÃ§a.\r\n\r\n38. Poderias explicar-nos a maneira pela qual sÃ£o\r\nproduzidos os diferentes ruÃ­dos que imitas, as arranhaduras, por\r\nexemplo?\r\nResp. â€“ Eu nÃ£o saberia precisar muito a natureza dos\r\nruÃ­dos; Ã© difÃ­cil de explicar. Sei que arranho, mas nÃ£o posso explicar\r\ncomo produzo esse ruÃ­do que chamais de arranhadura.\r\n\r\n39. Poderias produzir os mesmos ruÃ­dos com qualquer\r\noutro mÃ©dium?\r\nResp. â€“ NÃ£o; hÃ¡ especialidade em todos os mÃ©diuns;\r\nnem todos podem agir da mesma forma.\r\n\r\n40. VÃªs entre nÃ³s, alÃ©m do jovem S... (o mÃ©dium de\r\nefeitos fÃ­sicos pelo qual o EspÃ­rito se manifesta), alguÃ©m que poderia\r\nte ajudar a produzir os mesmos efeitos?\r\nResp. â€“ No momento nÃ£o vejo ninguÃ©m; com ele eu\r\nestaria muito disposto a fazÃª-lo.\r\n\r\n41. Por que com ele e nÃ£o com outro?\r\nResp. â€“ Porque o conheÃ§o mais; depois, porque estÃ¡ mais\r\napto do que qualquer outro a esse gÃªnero de manifestaÃ§Ãµes.\r\n\r\n42. Tu o conhecias hÃ¡ muito tempo? Antes de sua atual\r\nexistÃªncia?\r\nResp. â€“ NÃ£o; sÃ³ o conheÃ§o hÃ¡ bem pouco tempo; de\r\nalguma sorte a ele fui atraÃ­do para que se tornasse meu instrumento.\r\n\r\n43. Quando uma mesa se eleva no ar, sem ponto de\r\napoio, quem a sustenta?\r\nResp. â€“ Nossa vontade, que lhe ordenou obedecer e,\r\ntambÃ©m, o fluido que lhe transmitimos.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Essa resposta vem apoiar a teoria que nos\r\nfoi dada sobre a causa das manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas e que relatamos\r\nnos nÃºmeros 5 e 6 desta Revista.\r\n\r\n44. Poderias fazÃª-lo?\r\nResp. â€“ Creio que sim; tentarei quando o mÃ©dium vier\r\n(nesse momento ele estava ausente).\r\n\r\n45. De que depende isso?\r\nResp. â€“ Depende de mim, pois me sirvo do mÃ©dium como\r\nde um instrumento.\r\n\r\n46. Mas a qualidade do instrumento nÃ£o conta para\r\nalguma coisa?\r\nResp. â€“ Sim, auxilia-me muito; tanto Ã© assim que eu disse\r\nnÃ£o poder fazÃª-lo hoje com outros mÃ©diuns.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ No curso da sessÃ£o tentou-se levantar a mesa,\r\nmas nÃ£o se obteve Ãªxito, talvez porque nÃ£o tivesse havido bastante\r\nperseveranÃ§a; houve esforÃ§os evidentes e movimentos de translaÃ§Ã£o\r\nsem contato nem imposiÃ§Ã£o das mÃ£os. Entre as experiÃªncias feitas\r\ndestacou-se a da abertura da mesa, que era elÃ¡stica; porque oferecesse\r\nmuita resistÃªncia, em face de um defeito de construÃ§Ã£o, foi posta de\r\nlado, enquanto o EspÃ­rito tomava uma outra e conseguia abri-la.\r\n\r\n47. Por que, outro dia, os movimentos da mesa se\r\ndetinham a cada vez que um de nÃ³s tomava de uma luz para olhar\r\nembaixo dela?\r\nResp. â€“ Porque eu queria punir a vossa curiosidade.\r\n\r\n48. De que te ocupas em tua existÃªncia de EspÃ­rito,\r\nconsiderando que nÃ£o deves passar o tempo todo somente a bater?\r\nResp. â€“ Muitas vezes tenho missÃµes a cumprir; devemos\r\nobedecer a ordens superiores e, sobretudo, fazer o bem aos seres\r\nhumanos que estÃ£o sob nossa influÃªncia.\r\n\r\n49. Por certo tua vida terrestre nÃ£o foi isenta de faltas;\r\nreconhece-as, agora?\r\nResp. â€“ Sim; e por isso as expio, permanecendo\r\nestacionÃ¡rio entre os EspÃ­ritos inferiores; sÃ³ poderei purificar-me\r\nbastante quando tomar um outro corpo.\r\n\r\n50. Quando aplicavas os golpes na mesa e, ao mesmo tempo,\r\nem outro mÃ³vel, eras tu quem os produzia, ou era um outro EspÃ­rito?\r\nResp. â€“ Era eu mesmo.\r\n\r\n51. Estavas sÃ³, portanto?\r\nResp. â€“ NÃ£o, mas realizava sozinho o trabalho de bater.\r\n\r\n52. Os demais EspÃ­ritos que lÃ¡ se encontravam nÃ£o te\r\nauxiliavam em alguma coisa?\r\nResp. â€“ NÃ£o para bater, mas para falar.\r\n\r\n53. EntÃ£o nÃ£o eram EspÃ­ritos batedores?\r\nResp. â€“ NÃ£o; a Verdade somente a mim havia permitido bater.\r\n\r\n54. Algumas vezes os EspÃ­ritos batedores nÃ£o se reuniam\r\nem maior nÃºmero, com o fim de haver mais forÃ§a na produÃ§Ã£o de\r\ncertos fenÃ´menos?\r\nResp. â€“ Sim, mas para aqueles que eu podia fazer, a mim\r\nsÃ³ bastava.\r\n\r\n55. EstÃ¡s sempre na Terra, em tua existÃªncia espiritual?\r\nResp. â€“ Mais freqÃ¼entemente no espaÃ§o.\r\n\r\n56. Vais algumas vezes a outros mundos, isto Ã©, a outros\r\nglobos?\r\nR. NÃ£o aos mais perfeitos, mas aos mundos inferiores.\r\n\r\n57. Por vezes te divertes em ver e ouvir o que fazem os\r\nhomens?\r\nResp. â€“ NÃ£o; entretanto, algumas vezes tenho piedade\r\ndeles.\r\n\r\n58. De preferÃªncia, quais aqueles que procuras?\r\nResp. â€“ Os que querem crer de boa-fÃ©.\r\n\r\n59. Poderias ler os nossos pensamentos?\r\nResp. â€“ NÃ£o; nÃ£o leio nas almas; nÃ£o sou bastante perfeito\r\npara isso.\r\n\r\n60. Todavia, deves conhecer nossos pensamentos, jÃ¡ que vens\r\nentre nÃ³s; de outra forma, como poderias saber se cremos de boa-fÃ©?\r\nResp. â€“ NÃ£o leio, mas compreendo.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ A pergunta 58 tinha por objetivo saber a\r\nquem, espontanemente, dirigia sua preferÃªncia na vida de EspÃ­rito,\r\nsem ser evocado; atravÃ©s da evocaÃ§Ã£o, como EspÃ­rito de uma ordem\r\npouco elevada, poderia ser constrangido a vir a um meio que lhe\r\ndesagradasse. Por outro lado, sem ler propriamente os nossos\r\npensamentos, por certo poderia ver que as pessoas ali reunidas nÃ£o\r\no faziam senÃ£o com um objetivo sÃ©rio e, pela natureza das perguntas\r\ne da conversa que ouvisse, seria capaz de julgar se a assemblÃ©ia era\r\ncomposta de pessoas sinceramente desejosas de se esclarecerem.\r\n\r\n61. Encontraste alguns dos teus antigos companheiros\r\ndo ExÃ©rcito no mundo dos EspÃ­ritos?\r\nResp. â€“ Sim, mas suas posiÃ§Ãµes eram tÃ£o diferentes que\r\nnÃ£o os reconheci a todos.\r\n\r\n62. Em que consistia essa diferenÃ§a?\r\nResp. â€“ Na situaÃ§Ã£o feliz ou infeliz de cada um.\r\n\r\n63. Como entendias essa subida para Deus?\r\nResp. â€“ Cada degrau transposto Ã© um degrau a mais\r\natÃ© Ele.\r\n\r\n64. Disseste que morreste na neve; foi em conseqÃ¼Ãªncia\r\ndo frio?\r\nResp. â€“ De frio e de necessidade.\r\n\r\n65. Tiveste consciÃªncia imediata de tua nova existÃªncia?\r\nResp. â€“ NÃ£o, mas jÃ¡ nÃ£o sentia mais frio.\r\n\r\n66. Alguma vez retornaste ao local onde deixaste teu\r\ncorpo?\r\nResp. â€“ NÃ£o, ele me fez sofrer bastante.\r\n\r\n67. NÃ³s te agradecemos as explicaÃ§Ãµes que tiveste a\r\nbondade de dar-nos. Elas nos forneceram material de observaÃ§Ã£o\r\nmuito Ãºtil para o nosso aperfeiÃ§oamento na ciÃªncia espÃ­rita.\r\nResp. â€“ Estou inteiramente Ã s vossas ordens.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Pouco avanÃ§ado na hierarquia espÃ­rita, como\r\nse vÃª, o prÃ³prio EspÃ­rito reconhecia a sua inferioridade. Seus\r\nconhecimentos sÃ£o limitados; mas tem bom senso, sentimentos\r\nlouvÃ¡veis e benevolÃªncia. Como EspÃ­rito, sua missÃ£o carecia de\r\nsignificado, visto que desempenhava o papel de EspÃ­rito batedor\r\npara chamar os incrÃ©dulos Ã  fÃ©; contudo, mesmo no teatro, a humilde\r\nindumentÃ¡ria de comparsa nÃ£o pode envolver um coraÃ§Ã£o honesto?\r\nSuas respostas tÃªm a simplicidade da ignorÃ¢ncia; entretanto, pelo\r\nfato de nÃ£o possuÃ­rem a elevaÃ§Ã£o da linguagem filosÃ³fica dos\r\nEspÃ­ritos superiores, nem por isso deixam de ser menos instrutivas,\r\nsobretudo para o estudo dos costumes espÃ­ritas, se assim nos\r\npodemos exprimir. Ã‰ somente estudando todas as classes desse\r\nmundo que nos aguarda que podemos chegar a conhecÃª-lo e nele\r\nmarcar, de algum modo, por antecipaÃ§Ã£o, o lugar que a cada um de\r\nnÃ³s serÃ¡ dado ocupar. Vendo a situaÃ§Ã£o que, por seus vÃ­cios e\r\nvirtudes, criaram os homens, nossos iguais aqui na Terra, sentimonos\r\nencorajados para nos elevar o mais rapidamente possÃ­vel desde\r\nesta vida: Ã© o exemplo ao lado da teoria. Para conhecermos bem\r\nalguma coisa, e dela fazermos uma idÃ©ia isenta de ilusÃµes, Ã© preciso\r\ndissecÃ¡-la em todos os seus aspectos, assim como o botÃ¢nico nÃ£o\r\npode conhecer o reino vegetal a nÃ£o ser observando desde o mais\r\nhumilde criptÃ³gamo, que o musgo oculta, atÃ© o carvalho altaneiro,\r\nque se eleva nos ares.', 'O TAMBOR DE BERESINA', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '192-revision-v1', '', '', '2021-01-24 16:48:56', '2021-01-24 19:48:56', '', 192, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/192-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(196, 1, '2021-01-24 17:33:43', '2021-01-24 20:33:43', 'Revista EspÃ­rita, 1858, pÃ¡g. 396, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nProblemas Morais\r\n\r\nSUICÃDIO POR AMOR\r\n\r\nHavia sete para oito meses que LuÃ­s G..., oficial\r\nsapateiro, namorava uma jovem, Victorine R..., com a qual em\r\nbreve deveria casar-se, jÃ¡ tendo mesmo corrido os proclamas do\r\ncasamento.\r\n\r\nNeste pÃ© as coisas, consideravam-se quase\r\ndefinitivamente ligados e, como medida econÃ´mica, diariamente\r\nvinha o sapateiro almoÃ§ar e jantar em casa da noiva.\r\nQuarta-feira passada, ao jantar, sobreveio uma\r\ncontrovÃ©rsia a propÃ³sito de qualquer futilidade, e, obstinando-se os\r\ndois nas opiniÃµes, foram as coisas a ponto de LuÃ­s abandonar a mesa,\r\nprotestando nÃ£o mais voltar.\r\n\r\nApesar disso, no dia seguinte, muito embaraÃ§ado, veio\r\npedir perdÃ£o. A noite Ã© boa conselheira, como se sabe, mas a moÃ§a,\r\nprejulgando talvez pela cena da vÃ©spera o que poderia acontecer\r\nquando nÃ£o mais houvesse tempo para remediar o mal, recusou-se\r\nÃ  reconciliaÃ§Ã£o. Nem protestos, nem lÃ¡grimas, nem desesperos\r\npuderam demovÃª-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando que\r\nsua amada fosse mais razoÃ¡vel, atÃ© que resolveu fazer uma Ãºltima\r\ntentativa: â€“ Chegando a casa da moÃ§a, bateu de modo a ser\r\nreconhecido, mas a porta permaneceu fechada; recusaram abrir-lha.\r\nNovas sÃºplicas do repelido; novos protestos, nÃ£o ecoaram no\r\ncoraÃ§Ã£o da sua pretendida. â€œAdeus, pois, cruel! â€“ exclamou o pobre\r\nmoÃ§o â€“ adeus para sempre. Trata de procurar um marido que te\r\nestime tanto como eu.â€ Ao mesmo tempo a moÃ§a ouvia um gemido\r\nabafado e logo apÃ³s o baque como que de um corpo escorregando\r\npela porta. Pelo silÃªncio que se seguiu, a moÃ§a julgou que LuÃ­s se\r\nassentara Ã  soleira da porta, e protestou a si mesma nÃ£o sair enquanto\r\nele ali se conservasse.\r\n\r\nDecorrido um quarto de hora Ã© que um locatÃ¡rio,\r\npassando pela calÃ§ada e levando luz, gritou espantado e pediu socorro.\r\nLogo os vizinhos chegaram; abrindo tambÃ©m a porta, a Srta.\r\nVictorine soltou um grito de horror ao perceber o noivo estendido\r\nno chÃ£o, pÃ¡lido e inanimado. Todos se apressaram em lhe prestar\r\nsocorro; cogitaram chamar um mÃ©dico, mas logo perceberam que\r\ntudo seria inÃºtil, visto como ele deixara de existir. O desgraÃ§ado\r\nmoÃ§o enterrara uma faca na regiÃ£o do coraÃ§Ã£o, e o ferro ficara-lhe\r\ncravado na ferida.\r\n\r\nEsse fato, que encontramos no SiÃ¨cle, de 7 de abril Ãºltimo,\r\ndespertou-nos a idÃ©ia de dirigir a um EspÃ­rito superior algumas\r\nperguntas sobre as suas conseqÃ¼Ãªncias morais. Aqui estÃ£o, assim\r\ncomo as respostas que nos foram dadas pelo EspÃ­rito SÃ£o LuÃ­s, na\r\nsessÃ£o da Sociedade, no dia 10 de agosto de 1858.\r\n\r\n1. A moÃ§a, causadora involuntÃ¡ria do suicÃ­dio, tem\r\nresponsabilidade?\r\nResp. â€“ Sim, porque o nÃ£o amava.\r\n2. EntÃ£o, para prevenir a desgraÃ§a, deveria desposÃ¡-lo\r\na despeito da repugnÃ¢ncia que lhe causava?\r\nResp. â€“ Ela procurava uma ocasiÃ£o de descartar-se dele,\r\ne assim fez em comeÃ§o da ligaÃ§Ã£o o que viria a fazer mais tarde.\r\n3. Neste caso, a sua responsabilidade decorre de haver\r\nalimentado sentimentos dos quais nÃ£o participava e que deram em\r\nresultado o suicÃ­dio do moÃ§o?\r\nResp. â€“ Sim, exatamente.\r\n4. Mas entÃ£o essa responsabilidade deve ser proporcional\r\nÃ  falta, e nÃ£o tÃ£o grande como se consciente e voluntariamente\r\nhouvesse provocado o suicÃ­dio...\r\nResp. â€“ Ã‰ evidente.\r\n5. E o suicÃ­dio de LuÃ­s tem desculpa pelo desvario que\r\nlhe acarretou a obstinaÃ§Ã£o de Victorine?\r\nResp. â€“ Sim, pois o suicÃ­dio oriundo do amor Ã© menos\r\ncriminoso aos olhos de Deus, do que o suicÃ­dio de quem procura\r\nlibertar-se da vida por motivos de covardia.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Dizendo que este suicÃ­dio Ã© menos criminoso\r\naos olhos de Deus, isso significa, evidentemente, que hÃ¡\r\ncriminalidade, embora em menor grau. A falta consiste na fraqueza\r\nque ele nÃ£o soube vencer. Era, sem dÃºvida, uma prova a que\r\nsucumbiu. Ora, os EspÃ­ritos nos ensinam que o mÃ©rito consiste em\r\nlutar vitoriosamente contra as provas de todos os gÃªneros, que sÃ£o\r\na prÃ³pria essÃªncia da vida terrena.\r\n\r\nAo EspÃ­rito LuÃ­s G..., evocado mais tarde, foram feitas\r\nas seguintes perguntas:\r\n1. Que julgais da aÃ§Ã£o que praticastes?\r\nResp. â€“ Victorine era uma ingrata, e eu fiz mal em\r\nsuicidar-me por sua causa, pois ela nÃ£o o merecia.\r\n2. EntÃ£o nÃ£o vos amava?\r\nResp. â€“ NÃ£o. A princÃ­pio iludia-se, mas a desavenÃ§a que\r\ntivemos abriu-lhe os olhos, e ela atÃ© se deu por feliz achando um\r\npretexto para se desembaraÃ§ar de mim.\r\n3. E o vosso amor por ela era sincero?\r\nResp. â€“ PaixÃ£o somente, creia; pois se o amor fosse puro\r\neu me teria poupado de lhe causar um desgosto.\r\n4. E se acaso ela adivinhasse a vossa intenÃ§Ã£o persistiria\r\nna sua recusa?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei, penso mesmo que nÃ£o, porque ela nÃ£o\r\nÃ© mÃ¡. Mas, ainda assim, nÃ£o seria feliz, e melhor foi para ela que as\r\ncoisas se passassem de tal forma.\r\n5. Batendo-lhe Ã  porta, tÃ­nheis jÃ¡ a idÃ©ia de vos matar,\r\ncaso se desse a recusa?\r\nResp. â€“ NÃ£o, em tal nÃ£o pensava, porque tambÃ©m nÃ£o\r\ncontava com a sua obstinaÃ§Ã£o. Foi somente Ã  vista desta que perdi\r\na razÃ£o.\r\n6. Parece que nÃ£o deplorais o suicÃ­dio senÃ£o pelo fato\r\nde Victorine o nÃ£o merecer... Ã‰ realmente o vosso Ãºnico pesar?\r\nResp. â€“ Neste momento, sim; estou ainda perturbado,\r\nafigura-se-me estar ainda Ã  porta, conquanto tambÃ©m experimente\r\noutra sensaÃ§Ã£o que nÃ£o posso definir.\r\n7. Chegareis a compreendÃª-la mais tarde?\r\nResp. â€“ Sim, quando estiver livre desta perturbaÃ§Ã£o. Fiz\r\nmal, deveria resignar-me... Fui fraco e sofro as conseqÃ¼Ãªncias da\r\nminha fraqueza. A paixÃ£o cega o homem a ponto de praticar\r\nloucuras, e infelizmente ele sÃ³ o compreende bastante tarde.\r\n8. Dizeis que tendes um desgosto... qual Ã©?\r\nResp. â€“ Fiz mal em abreviar a vida. NÃ£o deveria fazÃª-lo.\r\nEra preferÃ­vel tudo suportar a morrer antes do tempo. Sou, portanto,\r\ninfeliz; sofro, e Ã© sempre ela que me faz sofrer, a ingrata. Parece-me\r\nestar sempre Ã  sua porta, mas... nÃ£o falemos nem pensemos mais\r\nnisso, que me incomoda muito. Adeus.', 'SuicÃ­dio por amor', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'suicidio-por-amor', '', '', '2021-01-24 17:33:43', '2021-01-24 20:33:43', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=196', 0, 'post', '', 0),

(197, 1, '2021-01-24 17:33:43', '2021-01-24 20:33:43', 'Revista EspÃ­rita, 1858, pÃ¡g. 396, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nProblemas Morais\r\n\r\nSUICÃDIO POR AMOR\r\n\r\nHavia sete para oito meses que LuÃ­s G..., oficial\r\nsapateiro, namorava uma jovem, Victorine R..., com a qual em\r\nbreve deveria casar-se, jÃ¡ tendo mesmo corrido os proclamas do\r\ncasamento.\r\n\r\nNeste pÃ© as coisas, consideravam-se quase\r\ndefinitivamente ligados e, como medida econÃ´mica, diariamente\r\nvinha o sapateiro almoÃ§ar e jantar em casa da noiva.\r\nQuarta-feira passada, ao jantar, sobreveio uma\r\ncontrovÃ©rsia a propÃ³sito de qualquer futilidade, e, obstinando-se os\r\ndois nas opiniÃµes, foram as coisas a ponto de LuÃ­s abandonar a mesa,\r\nprotestando nÃ£o mais voltar.\r\n\r\nApesar disso, no dia seguinte, muito embaraÃ§ado, veio\r\npedir perdÃ£o. A noite Ã© boa conselheira, como se sabe, mas a moÃ§a,\r\nprejulgando talvez pela cena da vÃ©spera o que poderia acontecer\r\nquando nÃ£o mais houvesse tempo para remediar o mal, recusou-se\r\nÃ  reconciliaÃ§Ã£o. Nem protestos, nem lÃ¡grimas, nem desesperos\r\npuderam demovÃª-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando que\r\nsua amada fosse mais razoÃ¡vel, atÃ© que resolveu fazer uma Ãºltima\r\ntentativa: â€“ Chegando a casa da moÃ§a, bateu de modo a ser\r\nreconhecido, mas a porta permaneceu fechada; recusaram abrir-lha.\r\nNovas sÃºplicas do repelido; novos protestos, nÃ£o ecoaram no\r\ncoraÃ§Ã£o da sua pretendida. â€œAdeus, pois, cruel! â€“ exclamou o pobre\r\nmoÃ§o â€“ adeus para sempre. Trata de procurar um marido que te\r\nestime tanto como eu.â€ Ao mesmo tempo a moÃ§a ouvia um gemido\r\nabafado e logo apÃ³s o baque como que de um corpo escorregando\r\npela porta. Pelo silÃªncio que se seguiu, a moÃ§a julgou que LuÃ­s se\r\nassentara Ã  soleira da porta, e protestou a si mesma nÃ£o sair enquanto\r\nele ali se conservasse.\r\n\r\nDecorrido um quarto de hora Ã© que um locatÃ¡rio,\r\npassando pela calÃ§ada e levando luz, gritou espantado e pediu socorro.\r\nLogo os vizinhos chegaram; abrindo tambÃ©m a porta, a Srta.\r\nVictorine soltou um grito de horror ao perceber o noivo estendido\r\nno chÃ£o, pÃ¡lido e inanimado. Todos se apressaram em lhe prestar\r\nsocorro; cogitaram chamar um mÃ©dico, mas logo perceberam que\r\ntudo seria inÃºtil, visto como ele deixara de existir. O desgraÃ§ado\r\nmoÃ§o enterrara uma faca na regiÃ£o do coraÃ§Ã£o, e o ferro ficara-lhe\r\ncravado na ferida.\r\n\r\nEsse fato, que encontramos no SiÃ¨cle, de 7 de abril Ãºltimo,\r\ndespertou-nos a idÃ©ia de dirigir a um EspÃ­rito superior algumas\r\nperguntas sobre as suas conseqÃ¼Ãªncias morais. Aqui estÃ£o, assim\r\ncomo as respostas que nos foram dadas pelo EspÃ­rito SÃ£o LuÃ­s, na\r\nsessÃ£o da Sociedade, no dia 10 de agosto de 1858.\r\n\r\n1. A moÃ§a, causadora involuntÃ¡ria do suicÃ­dio, tem\r\nresponsabilidade?\r\nResp. â€“ Sim, porque o nÃ£o amava.\r\n2. EntÃ£o, para prevenir a desgraÃ§a, deveria desposÃ¡-lo\r\na despeito da repugnÃ¢ncia que lhe causava?\r\nResp. â€“ Ela procurava uma ocasiÃ£o de descartar-se dele,\r\ne assim fez em comeÃ§o da ligaÃ§Ã£o o que viria a fazer mais tarde.\r\n3. Neste caso, a sua responsabilidade decorre de haver\r\nalimentado sentimentos dos quais nÃ£o participava e que deram em\r\nresultado o suicÃ­dio do moÃ§o?\r\nResp. â€“ Sim, exatamente.\r\n4. Mas entÃ£o essa responsabilidade deve ser proporcional\r\nÃ  falta, e nÃ£o tÃ£o grande como se consciente e voluntariamente\r\nhouvesse provocado o suicÃ­dio...\r\nResp. â€“ Ã‰ evidente.\r\n5. E o suicÃ­dio de LuÃ­s tem desculpa pelo desvario que\r\nlhe acarretou a obstinaÃ§Ã£o de Victorine?\r\nResp. â€“ Sim, pois o suicÃ­dio oriundo do amor Ã© menos\r\ncriminoso aos olhos de Deus, do que o suicÃ­dio de quem procura\r\nlibertar-se da vida por motivos de covardia.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Dizendo que este suicÃ­dio Ã© menos criminoso\r\naos olhos de Deus, isso significa, evidentemente, que hÃ¡\r\ncriminalidade, embora em menor grau. A falta consiste na fraqueza\r\nque ele nÃ£o soube vencer. Era, sem dÃºvida, uma prova a que\r\nsucumbiu. Ora, os EspÃ­ritos nos ensinam que o mÃ©rito consiste em\r\nlutar vitoriosamente contra as provas de todos os gÃªneros, que sÃ£o\r\na prÃ³pria essÃªncia da vida terrena.\r\n\r\nAo EspÃ­rito LuÃ­s G..., evocado mais tarde, foram feitas\r\nas seguintes perguntas:\r\n1. Que julgais da aÃ§Ã£o que praticastes?\r\nResp. â€“ Victorine era uma ingrata, e eu fiz mal em\r\nsuicidar-me por sua causa, pois ela nÃ£o o merecia.\r\n2. EntÃ£o nÃ£o vos amava?\r\nResp. â€“ NÃ£o. A princÃ­pio iludia-se, mas a desavenÃ§a que\r\ntivemos abriu-lhe os olhos, e ela atÃ© se deu por feliz achando um\r\npretexto para se desembaraÃ§ar de mim.\r\n3. E o vosso amor por ela era sincero?\r\nResp. â€“ PaixÃ£o somente, creia; pois se o amor fosse puro\r\neu me teria poupado de lhe causar um desgosto.\r\n4. E se acaso ela adivinhasse a vossa intenÃ§Ã£o persistiria\r\nna sua recusa?\r\nResp. â€“ NÃ£o sei, penso mesmo que nÃ£o, porque ela nÃ£o\r\nÃ© mÃ¡. Mas, ainda assim, nÃ£o seria feliz, e melhor foi para ela que as\r\ncoisas se passassem de tal forma.\r\n5. Batendo-lhe Ã  porta, tÃ­nheis jÃ¡ a idÃ©ia de vos matar,\r\ncaso se desse a recusa?\r\nResp. â€“ NÃ£o, em tal nÃ£o pensava, porque tambÃ©m nÃ£o\r\ncontava com a sua obstinaÃ§Ã£o. Foi somente Ã  vista desta que perdi\r\na razÃ£o.\r\n6. Parece que nÃ£o deplorais o suicÃ­dio senÃ£o pelo fato\r\nde Victorine o nÃ£o merecer... Ã‰ realmente o vosso Ãºnico pesar?\r\nResp. â€“ Neste momento, sim; estou ainda perturbado,\r\nafigura-se-me estar ainda Ã  porta, conquanto tambÃ©m experimente\r\noutra sensaÃ§Ã£o que nÃ£o posso definir.\r\n7. Chegareis a compreendÃª-la mais tarde?\r\nResp. â€“ Sim, quando estiver livre desta perturbaÃ§Ã£o. Fiz\r\nmal, deveria resignar-me... Fui fraco e sofro as conseqÃ¼Ãªncias da\r\nminha fraqueza. A paixÃ£o cega o homem a ponto de praticar\r\nloucuras, e infelizmente ele sÃ³ o compreende bastante tarde.\r\n8. Dizeis que tendes um desgosto... qual Ã©?\r\nResp. â€“ Fiz mal em abreviar a vida. NÃ£o deveria fazÃª-lo.\r\nEra preferÃ­vel tudo suportar a morrer antes do tempo. Sou, portanto,\r\ninfeliz; sofro, e Ã© sempre ela que me faz sofrer, a ingrata. Parece-me\r\nestar sempre Ã  sua porta, mas... nÃ£o falemos nem pensemos mais\r\nnisso, que me incomoda muito. Adeus.', 'SuicÃ­dio por amor', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '196-revision-v1', '', '', '2021-01-24 17:33:43', '2021-01-24 20:33:43', '', 196, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/196-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(198, 1, '2021-01-24 17:55:54', '2021-01-24 20:55:54', 'Revista EspÃ­rita, 1858, pÃ¡g.457, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nMEHEMET-ALI (sacerdote egÃ­pcio)\r\n(Segunda conversa)\r\n\r\n1. Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo ao EspÃ­rito\r\nMehmet-Ali que consinta em comunicar-se conosco.\r\nResp. â€“ Sim; sei o motivo.\r\n\r\n2. Prometestes vir atÃ© nÃ³s, a fim de instruir-nos; terÃ­eis\r\na bondade de nos ouvir e de nos responder?\r\nResp. â€“ NÃ£o prometo, desde que nÃ£o me comprometi.\r\n\r\n3. Seja; em lugar de prometestes, coloquemos que nos\r\nfizestes esperar.\r\nResp. â€“ Isto Ã©, para satisfazer a vossa curiosidade; nÃ£o\r\nimporta! Prestar-me-ei um pouco a isso.\r\n\r\n4. Pois que vivestes ao tempo dos faraÃ³s, poderÃ­eis dizernos com que finalidade foram as pirÃ¢mides construÃ­das?\r\nResp. â€“ SÃ£o sepulcros; sepulcros e templos: ali ocorriam\r\ngrandes manifestaÃ§Ãµes.\r\n\r\n5. Tinham tambÃ©m um fim cientÃ­fico?\r\nResp. â€“ NÃ£o; o interesse religioso absorvia tudo.\r\n\r\n6. Seria preciso que os egÃ­pcios fossem, desde aquela\r\nÃ©poca, muito adiantados nas artes mecÃ¢nicas para realizarem\r\ntrabalhos que exigiam forÃ§as tÃ£o considerÃ¡veis. PoderÃ­eis dar-nos\r\numa idÃ©ia dos meios que empregaram?\r\nResp. â€“ Massas humanas gemeram sob o peso de pedras\r\nque atravessaram os sÃ©culos: o homem era a mÃ¡quina.\r\n\r\n7. Que classe de homens se ocupava desses grandes\r\ntrabalhos?\r\nResp. â€“ A que chamais de povo.\r\n\r\n8. Estava o povo em estado de escravidÃ£o ou recebia\r\num salÃ¡rio?\r\nResp. â€“ Ã€ forÃ§a.\r\n\r\n9. Donde veio aos egÃ­pcios o gosto das coisas colossais,\r\nem vez do das coisas graciosas que distinguia os gregos, embora\r\ntivessem a mesma origem?\r\nResp. â€“ O egÃ­pcio era tocado pela grandeza de Deus; a\r\nEle procurava igualar-se, superando as prÃ³prias forÃ§as. Sempre o\r\nhomem!\r\n\r\n10. Considerando-se que Ã©reis sacerdote Ã quela Ã©poca,\r\npoderÃ­eis dizer-nos alguma coisa acerca da religiÃ£o dos antigos\r\negÃ­pcios? Qual era a crenÃ§a do povo em relaÃ§Ã£o Ã  Divindade?\r\nResp. â€“ Corrompidos, acreditavam em seus sacerdotes;\r\neram deuses para eles, a quem se curvavam.\r\n\r\n11. Que pensavam da alma apÃ³s a morte?\r\nResp. â€“ Acreditavam no que lhes diziam os sacerdotes.\r\n\r\n12. Sob o duplo ponto de vista de Deus e da alma,\r\ntinham os sacerdotes idÃ©ias mais sadias que o povo?\r\nResp. â€“ Sim, tinham a luz nas mÃ£os; ocultando-as dos\r\noutros, ainda assim a percebiam.\r\n\r\n13. Os grandes do Estado partilhavam da crenÃ§a do\r\npovo ou da dos sacerdotes?\r\nResp. â€“ Estavam entre as duas.\r\n\r\n14. Qual a origem do culto prestado aos animais?\r\nResp. â€“ Queriam desviar de Deus o homem e mantÃª-\r\nlo sob seu domÃ­nio, dando-lhe como deuses seres inferiores.\r\n\r\n15. AtÃ© certo ponto concebe-se o culto dos animais\r\ndomÃ©sticos, mas nÃ£o se compreende o dos animais imundos e\r\nprejudiciais, tais como as serpentes, crocodilos, etc.!\r\nResp. â€“ O homem adora aquilo que teme. Era um jugo para\r\no povo. Podiam os sacerdotes acreditar em deuses saÃ­dos de suas mÃ£os?\r\n\r\n16. NÃ£o seria um paradoxo adorarem o crocodilo e os\r\nrÃ©pteis e, ao mesmo tempo, o icnÃªumon e o Ã­bis, que os destruÃ­am?\r\nResp. â€“ AberraÃ§Ã£o do EspÃ­rito; o homem procura\r\ndeuses por toda parte para se ocultar do que Ã©.\r\n\r\n17. Por que OsÃ­ris era representado com uma cabeÃ§a\r\nde gaviÃ£o e AnÃºbis com a de um cÃ£o?\r\nResp. â€“ O egÃ­pcio gostava de personificar sob a forma\r\nde emblemas claros: AnÃºbis era bom; o gaviÃ£o que estraÃ§alha\r\nrepresentava o cruel OsÃ­ris.\r\n\r\n18. Como conciliar o respeito dos egÃ­pcios pelos mortos,\r\ncom o desprezo e o horror por aqueles que os enterravam e mumificavam?\r\nResp. â€“ O cadÃ¡ver era um instrumento de manifestaÃ§Ãµes:\r\nsegundo eles o EspÃ­rito retornava ao corpo que havia animado.\r\nComo um dos instrumentos de culto, o cadÃ¡ver era sagrado e o\r\ndesprezo perseguia aquele que ousava violar a santidade da morte.\r\n\r\n19. A conservaÃ§Ã£o dos corpos dava lugar a\r\nmanifestaÃ§Ãµes mais numerosas?\r\nResp. â€“ Mais longas, isto Ã©, o EspÃ­rito voltava por mais\r\ntempo, desde que o instrumento fosse dÃ³cil.\r\n\r\n20. A conservaÃ§Ã£o dos corpos visava tambÃ©m Ã \r\nsalubridade, em razÃ£o das inundaÃ§Ãµes do Nilo?\r\nResp. â€“ Sim, para os do povo.\r\n\r\n21. A iniciaÃ§Ã£o nos mistÃ©rios fazia-se no Egito com\r\nprÃ¡ticas tÃ£o rigorosas quanto na GrÃ©cia?\r\nResp. â€“ Mais rigorosas.\r\n\r\n22. Com que fim eram impostas aos iniciados condiÃ§Ãµes\r\ntÃ£o difÃ­ceis de preencher?\r\nResp. â€“ Para nÃ£o haver senÃ£o almas superiores; estas\r\nsabiam compreender e calar.\r\n\r\n23. O ensino dado nos mistÃ©rios tinha por finalidade\r\nÃºnica a revelaÃ§Ã£o das coisas extra-humanas, ou ali eram ensinados\r\ntambÃ©m os preceitos da moral e do amor ao prÃ³ximo?\r\nResp. â€“ Tudo isso era bem corrompido. O objetivo dos\r\nsacerdotes era dominar e nÃ£o instruir.', 'MEHEMET-ALI (sacerdote egÃ­pcio)', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'mehemet-ali-sacerdote-egipcio', '', '', '2021-01-25 03:54:15', '2021-01-25 06:54:15', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=198', 0, 'post', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(199, 1, '2021-01-24 17:55:54', '2021-01-24 20:55:54', 'Revista EspÃ­rita, 1858, pÃ¡g.457, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nMEHEMET-ALI (sacerdote egÃ­pcio)\r\n(Segunda conversa)\r\n\r\n1. Em nome de Deus Todo-Poderoso, rogo ao EspÃ­rito\r\nMehmet-Ali que consinta em comunicar-se conosco.\r\nResp. â€“ Sim; sei o motivo.\r\n\r\n2. Prometestes vir atÃ© nÃ³s, a fim de instruir-nos; terÃ­eis\r\na bondade de nos ouvir e de nos responder?\r\nResp. â€“ NÃ£o prometo, desde que nÃ£o me comprometi.\r\n\r\n3. Seja; em lugar de prometestes, coloquemos que nos\r\nfizestes esperar.\r\nResp. â€“ Isto Ã©, para satisfazer a vossa curiosidade; nÃ£o\r\nimporta! Prestar-me-ei um pouco a isso.\r\n\r\n4. Pois que vivestes ao tempo dos faraÃ³s, poderÃ­eis dizernos com que finalidade foram as pirÃ¢mides construÃ­das?\r\nResp. â€“ SÃ£o sepulcros; sepulcros e templos: ali ocorriam\r\ngrandes manifestaÃ§Ãµes.\r\n\r\n5. Tinham tambÃ©m um fim cientÃ­fico?\r\nResp. â€“ NÃ£o; o interesse religioso absorvia tudo.\r\n\r\n6. Seria preciso que os egÃ­pcios fossem, desde aquela\r\nÃ©poca, muito adiantados nas artes mecÃ¢nicas para realizarem\r\ntrabalhos que exigiam forÃ§as tÃ£o considerÃ¡veis. PoderÃ­eis dar-nos\r\numa idÃ©ia dos meios que empregaram?\r\nResp. â€“ Massas humanas gemeram sob o peso de pedras\r\nque atravessaram os sÃ©culos: o homem era a mÃ¡quina.\r\n\r\n7. Que classe de homens se ocupava desses grandes\r\ntrabalhos?\r\nResp. â€“ A que chamais de povo.\r\n\r\n8. Estava o povo em estado de escravidÃ£o ou recebia\r\num salÃ¡rio?\r\nResp. â€“ Ã€ forÃ§a.\r\n\r\n9. Donde veio aos egÃ­pcios o gosto das coisas colossais,\r\nem vez do das coisas graciosas que distinguia os gregos, embora\r\ntivessem a mesma origem?\r\nResp. â€“ O egÃ­pcio era tocado pela grandeza de Deus; a\r\nEle procurava igualar-se, superando as prÃ³prias forÃ§as. Sempre o\r\nhomem!\r\n\r\n10. Considerando-se que Ã©reis sacerdote Ã quela Ã©poca,\r\npoderÃ­eis dizer-nos alguma coisa acerca da religiÃ£o dos antigos\r\negÃ­pcios? Qual era a crenÃ§a do povo em relaÃ§Ã£o Ã  Divindade?\r\nResp. â€“ Corrompidos, acreditavam em seus sacerdotes;\r\neram deuses para eles, a quem se curvavam.\r\n\r\n11. Que pensavam da alma apÃ³s a morte?\r\nResp. â€“ Acreditavam no que lhes diziam os sacerdotes.\r\n\r\n12. Sob o duplo ponto de vista de Deus e da alma,\r\ntinham os sacerdotes idÃ©ias mais sadias que o povo?\r\nResp. â€“ Sim, tinham a luz nas mÃ£os; ocultando-as dos\r\noutros, ainda assim a percebiam.\r\n\r\n13. Os grandes do Estado partilhavam da crenÃ§a do\r\npovo ou da dos sacerdotes?\r\nResp. â€“ Estavam entre as duas.\r\n\r\n14. Qual a origem do culto prestado aos animais?\r\nResp. â€“ Queriam desviar de Deus o homem e mantÃª-\r\nlo sob seu domÃ­nio, dando-lhe como deuses seres inferiores.\r\n\r\n15. AtÃ© certo ponto concebe-se o culto dos animais\r\ndomÃ©sticos, mas nÃ£o se compreende o dos animais imundos e\r\nprejudiciais, tais como as serpentes, crocodilos, etc.!\r\nResp. â€“ O homem adora aquilo que teme. Era um jugo para\r\no povo. Podiam os sacerdotes acreditar em deuses saÃ­dos de suas mÃ£os?\r\n\r\n16. NÃ£o seria um paradoxo adorarem o crocodilo e os\r\nrÃ©pteis e, ao mesmo tempo, o icnÃªumon e o Ã­bis, que os destruÃ­am?\r\nResp. â€“ AberraÃ§Ã£o do EspÃ­rito; o homem procura\r\ndeuses por toda parte para se ocultar do que Ã©.\r\n\r\n17. Por que OsÃ­ris era representado com uma cabeÃ§a\r\nde gaviÃ£o e AnÃºbis com a de um cÃ£o?\r\nResp. â€“ O egÃ­pcio gostava de personificar sob a forma\r\nde emblemas claros: AnÃºbis era bom; o gaviÃ£o que estraÃ§alha\r\nrepresentava o cruel OsÃ­ris.\r\n\r\n18. Como conciliar o respeito dos egÃ­pcios pelos mortos,\r\ncom o desprezo e o horror por aqueles que os enterravam e mumificavam?\r\nResp. â€“ O cadÃ¡ver era um instrumento de manifestaÃ§Ãµes:\r\nsegundo eles o EspÃ­rito retornava ao corpo que havia animado.\r\nComo um dos instrumentos de culto, o cadÃ¡ver era sagrado e o\r\ndesprezo perseguia aquele que ousava violar a santidade da morte.\r\n\r\n19. A conservaÃ§Ã£o dos corpos dava lugar a\r\nmanifestaÃ§Ãµes mais numerosas?\r\nResp. â€“ Mais longas, isto Ã©, o EspÃ­rito voltava por mais\r\ntempo, desde que o instrumento fosse dÃ³cil.\r\n\r\n20. A conservaÃ§Ã£o dos corpos visava tambÃ©m Ã \r\nsalubridade, em razÃ£o das inundaÃ§Ãµes do Nilo?\r\nResp. â€“ Sim, para os do povo.\r\n\r\n21. A iniciaÃ§Ã£o nos mistÃ©rios fazia-se no Egito com\r\nprÃ¡ticas tÃ£o rigorosas quanto na GrÃ©cia?\r\nResp. â€“ Mais rigorosas.\r\n\r\n22. Com que fim eram impostas aos iniciados condiÃ§Ãµes\r\ntÃ£o difÃ­ceis de preencher?\r\nResp. â€“ Para nÃ£o haver senÃ£o almas superiores; estas\r\nsabiam compreender e calar.\r\n\r\n23. O ensino dado nos mistÃ©rios tinha por finalidade\r\nÃºnica a revelaÃ§Ã£o das coisas extra-humanas, ou ali eram ensinados\r\ntambÃ©m os preceitos da moral e do amor ao prÃ³ximo?\r\nResp. â€“ Tudo isso era bem corrompido. O objetivo dos\r\nsacerdotes era dominar e nÃ£o instruir.', 'MEHEMET-ALI (sacerdote egÃ­pcio)', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '198-revision-v1', '', '', '2021-01-24 17:55:54', '2021-01-24 20:55:54', '', 198, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/198-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(200, 1, '2021-01-24 18:24:09', '2021-01-24 21:24:09', 'Um EspÃ­rito nos Funerais de seu Corpo\r\n\r\nRevista EspÃ­rita 1858, pÃ¡g. 490, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nEstado da alma no momento da morte\r\n\r\nOs EspÃ­ritos sempre nos disseram que a separaÃ§Ã£o da\r\nalma e do corpo nÃ£o se dÃ¡ instantaneamente; algumas vezes comeÃ§a\r\nantes da morte real, durante a agonia; quando a Ãºltima pulsaÃ§Ã£o se\r\nfaz sentir, o desprendimento ainda nÃ£o se completou, operando-se\r\nmais ou menos lentamente, conforme as circunstÃ¢ncias e, atÃ© sua\r\ncompleta liberaÃ§Ã£o, experimenta uma perturbaÃ§Ã£o, uma confusÃ£o que lhe nÃ£o permitem dar-se conta de sua situaÃ§Ã£o; encontra-se no estado de alguÃ©m que desperta e cujas idÃ©ias sÃ£o confusas. Tal estado nada tem de penoso para o homem cuja consciÃªncia Ã© pura; sem saber explicar bem o que vÃª, estÃ¡ calmo, esperando, sem temor, o completo despertar; Ã©, ao contrÃ¡rio, cheio de angÃºstia e de terror para quem teme o futuro. Dizemos que a duraÃ§Ã£o dessa perturbaÃ§Ã£o Ã© variÃ¡vel;\r\nÃ© bem menor nos que, durante a vida, jÃ¡ elevaram seus pensamentos\r\ne purificaram a alma, sendo suficientes dois ou trÃªs dias, enquanto\r\na outros sÃ£o necessÃ¡rios, por vezes, oito dias ou mais. Temos\r\npresenciado freqÃ¼entemente esse momento solene e sempre vimos\r\na mesma coisa; nÃ£o Ã©, pois, uma teoria, mas o resultado de\r\nobservaÃ§Ãµes, desde que Ã© o EspÃ­rito quem fala e pinta a sua prÃ³pria\r\nsituaÃ§Ã£o.\r\n\r\nEis a seguir um exemplo muito mais caracterÃ­stico e\r\ninteressante para o observador, jÃ¡ que nÃ£o se refere a um EspÃ­rito\r\ninvisÃ­vel escrevendo atravÃ©s de um mÃ©dium, mas a um EspÃ­rito que\r\nÃ© visto e ouvido na presenÃ§a de seu corpo, seja na cÃ¢mara mortuÃ¡ria,\r\nseja na igreja, durante o serviÃ§o fÃºnebre:\r\n\r\nO Sr. X... acabava de ser acometido de um ataque de\r\napoplexia; algumas horas depois de sua morte o Sr. Adrien, um de\r\nseus amigos, achava-se na cÃ¢mara mortuÃ¡ria com a esposa do\r\ndefunto; viu o EspÃ­rito deste, muito distintamente, caminhar em\r\ntodos os sentidos, olhar alternadamente para seu corpo e para as\r\npessoas presentes e, depois, assentar-se numa poltrona; tinha\r\nexatamente a mesma aparÃªncia que possuÃ­a em vida; vestia-se do\r\nmesmo modo: sobrecasaca e calÃ§a pretas; tinha as mÃ£os no bolso e\r\no ar preocupado.\r\n\r\nDurante esse tempo sua mulher procurava um papel na\r\nsecretÃ¡ria. Olhando-a, o marido disse: â€œPor mais que procures, nada\r\nencontrarÃ¡s.â€ Ela nada suspeitava do que entÃ£o se passava, pois o Sr.\r\nX... era visÃ­vel apenas ao Sr. Adrien.\r\n\r\nNo dia seguinte, durante o serviÃ§o fÃºnebre, o Sr. Adrien\r\nviu novamente o EspÃ­rito do amigo vagando ao lado do caixÃ£o,\r\nembora nÃ£o mais portasse o costume da vÃ©spera; fazia-se envolver\r\npor uma espÃ©cie de tÃºnica, estabelecendo-se entre ambos a seguinte\r\nconversa. Notemos, de passagem, que o Sr. Adrien absolutamente\r\nnÃ£o Ã© sonÃ¢mbulo e que nesse momento, tanto quanto no dia anterior,\r\nestava perfeitamente desperto e o EspÃ­rito lhe aparecia como se\r\nfosse um dos assistentes do enterro.\r\n\r\nP. Dize-me uma coisa, meu caro EspÃ­rito: que sentes agora?\r\nResp. â€“ Bem e sofrimento.\r\n\r\nP. NÃ£o compreendo isso.\r\nResp. â€“ Sinto que estou vivendo minha verdadeira vida e,\r\nno entanto, vejo meu corpo aqui neste caixÃ£o; apalpo-me e nÃ£o me\r\npercebo, contudo, sinto que vivo, que existo. Sou, pois, dois seres?\r\nAh! Deixai-me sair desta noite: tenho pesadelo.\r\n\r\nP. PermanecerÃ¡s por muito tempo assim?\r\nResp. â€“ Oh! NÃ£o; graÃ§as a Deus, meu amigo; sinto que\r\nlogo despertarei. De outro modo seria horrÃ­vel; tenho as idÃ©ias\r\nconfusas; tudo Ã© nevoeiro; sonho na grande divisÃ£o que acaba de ser\r\nfeita... e da qual ainda nada compreendo.\r\n\r\nP. Que efeito vos produziu a morte?\r\nResp. â€“ A morte! NÃ£o estou morto, meu filho; tu te\r\nenganas. Levantava e, de repente, fui tomado por uma escuridÃ£o\r\nque me desceu sobre os olhos; depois me ergui: julga o meu espanto\r\nao me ver e me sentir vivo, percebendo, ao lado, sobre a laje, meu\r\noutro ego deitado. Minhas idÃ©ias eram confusas; errei para me\r\nrefazer, mas nÃ£o pude; vi chegar minha esposa, velar-me, lamentar-\r\nse, e me perguntei: Por quÃª? Consolei-a, falei-lhe, mas nÃ£o\r\nrespondia nem me compreendia; foi isso que me torturou, deixando-\r\nme o EspÃ­rito ainda mais perturbado. Somente tu me fizeste o\r\nbem, porque me ouviste e compreendes o que quero; tu me auxilias\r\na pÃ´r em ordem minhas idÃ©ias e me fazes um grande bem; mas por\r\nque os outros nÃ£o fazem o mesmo? Eis o que me tortura... O\r\ncÃ©rebro estÃ¡ esmagado em face dessa dor... Irei vÃª-la; quem sabe\r\nela me entenda agora... AtÃ© logo, caro amigo; chama-me e irei\r\nver-te... Far-te-ei uma visita de amigo... Surpreender-te-ei...\r\nAtÃ© logo.\r\n\r\nA seguir o Sr. Adrien o viu aproximar-se do filho, que\r\nchorava. Curvou-se sobre ele, permaneceu alguns instantes nessa\r\nposiÃ§Ã£o e, depois, partiu rapidamente. NÃ£o havia sido entendido, mas\r\nimaginava, por certo, ter produzido um som. Quanto ao Sr. Adrien,\r\nestava persuadido de que aquilo que dizia o Sr. X... chegava atÃ© o\r\ncoraÃ§Ã£o do filho, comprometendo-se a provÃ¡-lo. Mais tarde viu o\r\nrapaz: estava mais calmo.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Esta narraÃ§Ã£o concorda com tudo aquilo\r\nque havÃ­amos observado sobre o fenÃ´meno da separaÃ§Ã£o da alma;\r\nconfirma, em circunstÃ¢ncias bastante especiais, essa verdade: apÃ³s\r\na morte o EspÃ­rito ainda estÃ¡ ali presente. Enquanto todos acreditam\r\nter diante de si um corpo inerte, ele vÃª e escuta tudo quanto se\r\npassa Ã  sua volta, penetra o pensamento dos assistentes e sabe que,\r\nentre si e estes Ãºltimos, a Ãºnica diferenÃ§a que existe Ã© a visibilidade\r\ne a invisibilidade; as lÃ¡grimas hipÃ³critas dos Ã¡vidos herdeiros nÃ£o o\r\nenganam. Quantas decepÃ§Ãµes devem os EspÃ­ritos experimentar\r\nnesse momento!', 'Um EspÃ­rito nos Funerais de seu Corpo', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'um-espirito-nos-funerais-de-seu-corpo', '', '', '2021-01-24 18:24:09', '2021-01-24 21:24:09', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=200', 0, 'post', '', 0),

(201, 1, '2021-01-24 18:24:09', '2021-01-24 21:24:09', 'Um EspÃ­rito nos Funerais de seu Corpo\r\n\r\nRevista EspÃ­rita 1858, pÃ¡g. 490, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nEstado da alma no momento da morte\r\n\r\nOs EspÃ­ritos sempre nos disseram que a separaÃ§Ã£o da\r\nalma e do corpo nÃ£o se dÃ¡ instantaneamente; algumas vezes comeÃ§a\r\nantes da morte real, durante a agonia; quando a Ãºltima pulsaÃ§Ã£o se\r\nfaz sentir, o desprendimento ainda nÃ£o se completou, operando-se\r\nmais ou menos lentamente, conforme as circunstÃ¢ncias e, atÃ© sua\r\ncompleta liberaÃ§Ã£o, experimenta uma perturbaÃ§Ã£o, uma confusÃ£o que lhe nÃ£o permitem dar-se conta de sua situaÃ§Ã£o; encontra-se no estado de alguÃ©m que desperta e cujas idÃ©ias sÃ£o confusas. Tal estado nada tem de penoso para o homem cuja consciÃªncia Ã© pura; sem saber explicar bem o que vÃª, estÃ¡ calmo, esperando, sem temor, o completo despertar; Ã©, ao contrÃ¡rio, cheio de angÃºstia e de terror para quem teme o futuro. Dizemos que a duraÃ§Ã£o dessa perturbaÃ§Ã£o Ã© variÃ¡vel;\r\nÃ© bem menor nos que, durante a vida, jÃ¡ elevaram seus pensamentos\r\ne purificaram a alma, sendo suficientes dois ou trÃªs dias, enquanto\r\na outros sÃ£o necessÃ¡rios, por vezes, oito dias ou mais. Temos\r\npresenciado freqÃ¼entemente esse momento solene e sempre vimos\r\na mesma coisa; nÃ£o Ã©, pois, uma teoria, mas o resultado de\r\nobservaÃ§Ãµes, desde que Ã© o EspÃ­rito quem fala e pinta a sua prÃ³pria\r\nsituaÃ§Ã£o.\r\n\r\nEis a seguir um exemplo muito mais caracterÃ­stico e\r\ninteressante para o observador, jÃ¡ que nÃ£o se refere a um EspÃ­rito\r\ninvisÃ­vel escrevendo atravÃ©s de um mÃ©dium, mas a um EspÃ­rito que\r\nÃ© visto e ouvido na presenÃ§a de seu corpo, seja na cÃ¢mara mortuÃ¡ria,\r\nseja na igreja, durante o serviÃ§o fÃºnebre:\r\n\r\nO Sr. X... acabava de ser acometido de um ataque de\r\napoplexia; algumas horas depois de sua morte o Sr. Adrien, um de\r\nseus amigos, achava-se na cÃ¢mara mortuÃ¡ria com a esposa do\r\ndefunto; viu o EspÃ­rito deste, muito distintamente, caminhar em\r\ntodos os sentidos, olhar alternadamente para seu corpo e para as\r\npessoas presentes e, depois, assentar-se numa poltrona; tinha\r\nexatamente a mesma aparÃªncia que possuÃ­a em vida; vestia-se do\r\nmesmo modo: sobrecasaca e calÃ§a pretas; tinha as mÃ£os no bolso e\r\no ar preocupado.\r\n\r\nDurante esse tempo sua mulher procurava um papel na\r\nsecretÃ¡ria. Olhando-a, o marido disse: â€œPor mais que procures, nada\r\nencontrarÃ¡s.â€ Ela nada suspeitava do que entÃ£o se passava, pois o Sr.\r\nX... era visÃ­vel apenas ao Sr. Adrien.\r\n\r\nNo dia seguinte, durante o serviÃ§o fÃºnebre, o Sr. Adrien\r\nviu novamente o EspÃ­rito do amigo vagando ao lado do caixÃ£o,\r\nembora nÃ£o mais portasse o costume da vÃ©spera; fazia-se envolver\r\npor uma espÃ©cie de tÃºnica, estabelecendo-se entre ambos a seguinte\r\nconversa. Notemos, de passagem, que o Sr. Adrien absolutamente\r\nnÃ£o Ã© sonÃ¢mbulo e que nesse momento, tanto quanto no dia anterior,\r\nestava perfeitamente desperto e o EspÃ­rito lhe aparecia como se\r\nfosse um dos assistentes do enterro.\r\n\r\nP. Dize-me uma coisa, meu caro EspÃ­rito: que sentes agora?\r\nResp. â€“ Bem e sofrimento.\r\n\r\nP. NÃ£o compreendo isso.\r\nResp. â€“ Sinto que estou vivendo minha verdadeira vida e,\r\nno entanto, vejo meu corpo aqui neste caixÃ£o; apalpo-me e nÃ£o me\r\npercebo, contudo, sinto que vivo, que existo. Sou, pois, dois seres?\r\nAh! Deixai-me sair desta noite: tenho pesadelo.\r\n\r\nP. PermanecerÃ¡s por muito tempo assim?\r\nResp. â€“ Oh! NÃ£o; graÃ§as a Deus, meu amigo; sinto que\r\nlogo despertarei. De outro modo seria horrÃ­vel; tenho as idÃ©ias\r\nconfusas; tudo Ã© nevoeiro; sonho na grande divisÃ£o que acaba de ser\r\nfeita... e da qual ainda nada compreendo.\r\n\r\nP. Que efeito vos produziu a morte?\r\nResp. â€“ A morte! NÃ£o estou morto, meu filho; tu te\r\nenganas. Levantava e, de repente, fui tomado por uma escuridÃ£o\r\nque me desceu sobre os olhos; depois me ergui: julga o meu espanto\r\nao me ver e me sentir vivo, percebendo, ao lado, sobre a laje, meu\r\noutro ego deitado. Minhas idÃ©ias eram confusas; errei para me\r\nrefazer, mas nÃ£o pude; vi chegar minha esposa, velar-me, lamentar-\r\nse, e me perguntei: Por quÃª? Consolei-a, falei-lhe, mas nÃ£o\r\nrespondia nem me compreendia; foi isso que me torturou, deixando-\r\nme o EspÃ­rito ainda mais perturbado. Somente tu me fizeste o\r\nbem, porque me ouviste e compreendes o que quero; tu me auxilias\r\na pÃ´r em ordem minhas idÃ©ias e me fazes um grande bem; mas por\r\nque os outros nÃ£o fazem o mesmo? Eis o que me tortura... O\r\ncÃ©rebro estÃ¡ esmagado em face dessa dor... Irei vÃª-la; quem sabe\r\nela me entenda agora... AtÃ© logo, caro amigo; chama-me e irei\r\nver-te... Far-te-ei uma visita de amigo... Surpreender-te-ei...\r\nAtÃ© logo.\r\n\r\nA seguir o Sr. Adrien o viu aproximar-se do filho, que\r\nchorava. Curvou-se sobre ele, permaneceu alguns instantes nessa\r\nposiÃ§Ã£o e, depois, partiu rapidamente. NÃ£o havia sido entendido, mas\r\nimaginava, por certo, ter produzido um som. Quanto ao Sr. Adrien,\r\nestava persuadido de que aquilo que dizia o Sr. X... chegava atÃ© o\r\ncoraÃ§Ã£o do filho, comprometendo-se a provÃ¡-lo. Mais tarde viu o\r\nrapaz: estava mais calmo.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Esta narraÃ§Ã£o concorda com tudo aquilo\r\nque havÃ­amos observado sobre o fenÃ´meno da separaÃ§Ã£o da alma;\r\nconfirma, em circunstÃ¢ncias bastante especiais, essa verdade: apÃ³s\r\na morte o EspÃ­rito ainda estÃ¡ ali presente. Enquanto todos acreditam\r\nter diante de si um corpo inerte, ele vÃª e escuta tudo quanto se\r\npassa Ã  sua volta, penetra o pensamento dos assistentes e sabe que,\r\nentre si e estes Ãºltimos, a Ãºnica diferenÃ§a que existe Ã© a visibilidade\r\ne a invisibilidade; as lÃ¡grimas hipÃ³critas dos Ã¡vidos herdeiros nÃ£o o\r\nenganam. Quantas decepÃ§Ãµes devem os EspÃ­ritos experimentar\r\nnesse momento!', 'Um EspÃ­rito nos Funerais de seu Corpo', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '200-revision-v1', '', '', '2021-01-24 18:24:09', '2021-01-24 21:24:09', '', 200, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/200-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(202, 1, '2021-01-24 18:24:17', '2021-01-24 21:24:17', 'Um EspÃ­rito nos Funerais de seu Corpo\n\nRevista EspÃ­rita 1858, pÃ¡g. 490, Paris, FranÃ§a\n\nEstado da alma no momento da morte\n\nOs EspÃ­ritos sempre nos disseram que a separaÃ§Ã£o da\nalma e do corpo nÃ£o se dÃ¡ instantaneamente; algumas vezes comeÃ§a\nantes da morte real, durante a agonia; quando a Ãºltima pulsaÃ§Ã£o se\nfaz sentir, o desprendimento ainda nÃ£o se completou, operando-se\nmais ou menos lentamente, conforme as circunstÃ¢ncias e, atÃ© sua\ncompleta liberaÃ§Ã£o, experimenta uma perturbaÃ§Ã£o, uma confusÃ£o que lhe nÃ£o permitem dar-se conta de sua situaÃ§Ã£o; encontra-se no estado de alguÃ©m que desperta e cujas idÃ©ias sÃ£o confusas. Tal estado nada tem de penoso para o homem cuja consciÃªncia Ã© pura; sem saber explicar bem o que vÃª, estÃ¡ calmo, esperando, sem temor, o completo despertar; Ã©, ao contrÃ¡rio, cheio de angÃºstia e de terror para quem teme o futuro. Dizemos que a duraÃ§Ã£o dessa perturbaÃ§Ã£o Ã© variÃ¡vel;\nÃ© bem menor nos que, durante a vida, jÃ¡ elevaram seus pensamentos\ne purificaram a alma, sendo suficientes dois ou trÃªs dias, enquanto\na outros sÃ£o necessÃ¡rios, por vezes, oito dias ou mais. Temos\npresenciado freqÃ¼entemente esse momento solene e sempre vimos\na mesma coisa; nÃ£o Ã©, pois, uma teoria, mas o resultado de\nobservaÃ§Ãµes, desde que Ã© o EspÃ­rito quem fala e pinta a sua prÃ³pria\nsituaÃ§Ã£o.\n\nEis a seguir um exemplo muito mais caracterÃ­stico e\ninteressante para o observador, jÃ¡ que nÃ£o se refere a um EspÃ­rito\ninvisÃ­vel escrevendo atravÃ©s de um mÃ©dium, mas a um EspÃ­rito que\nÃ© visto e ouvido na presenÃ§a de seu corpo, seja na cÃ¢mara mortuÃ¡ria,\nseja na igreja, durante o serviÃ§o fÃºnebre:\n\nO Sr. X... acabava de ser acometido de um ataque de\napoplexia; algumas horas depois de sua morte o Sr. Adrien, um de\nseus amigos, achava-se na cÃ¢mara mortuÃ¡ria com a esposa do\ndefunto; viu o EspÃ­rito deste, muito distintamente, caminhar em\ntodos os sentidos, olhar alternadamente para seu corpo e para as\npessoas presentes e, depois, assentar-se numa poltrona; tinha\nexatamente a mesma aparÃªncia que possuÃ­a em vida; vestia-se do\nmesmo modo: sobrecasaca e calÃ§a pretas; tinha as mÃ£os no bolso e\no ar preocupado.\n\nDurante esse tempo sua mulher procurava um papel na\nsecretÃ¡ria. Olhando-a, o marido disse: â€œPor mais que procures, nada\nencontrarÃ¡s.â€ Ela nada suspeitava do que entÃ£o se passava, pois o Sr.\nX... era visÃ­vel apenas ao Sr. Adrien.\n\nNo dia seguinte, durante o serviÃ§o fÃºnebre, o Sr. Adrien\nviu novamente o EspÃ­rito do amigo vagando ao lado do caixÃ£o,\nembora nÃ£o mais portasse o costume da vÃ©spera; fazia-se envolver\npor uma espÃ©cie de tÃºnica, estabelecendo-se entre ambos a seguinte\nconversa. Notemos, de passagem, que o Sr. Adrien absolutamente\nnÃ£o Ã© sonÃ¢mbulo e que nesse momento, tanto quanto no dia anterior,\nestava perfeitamente desperto e o EspÃ­rito lhe aparecia como se\nfosse um dos assistentes do enterro.\n\nP. Dize-me uma coisa, meu caro EspÃ­rito: que sentes agora?\nResp. â€“ Bem e sofrimento.\n\nP. NÃ£o compreendo isso.\nResp. â€“ Sinto que estou vivendo minha verdadeira vida e,\nno entanto, vejo meu corpo aqui neste caixÃ£o; apalpo-me e nÃ£o me\npercebo, contudo, sinto que vivo, que existo. Sou, pois, dois seres?\nAh! Deixai-me sair desta noite: tenho pesadelo.\n\nP. PermanecerÃ¡s por muito tempo assim?\nResp. â€“ Oh! NÃ£o; graÃ§as a Deus, meu amigo; sinto que\nlogo despertarei. De outro modo seria horrÃ­vel; tenho as idÃ©ias\nconfusas; tudo Ã© nevoeiro; sonho na grande divisÃ£o que acaba de ser\nfeita... e da qual ainda nada compreendo.\n\nP. Que efeito vos produziu a morte?\nResp. â€“ A morte! NÃ£o estou morto, meu filho; tu te\nenganas. Levantava e, de repente, fui tomado por uma escuridÃ£o\nque me desceu sobre os olhos; depois me ergui: julga o meu espanto\nao me ver e me sentir vivo, percebendo, ao lado, sobre a laje, meu\noutro ego deitado. Minhas idÃ©ias eram confusas; errei para me\nrefazer, mas nÃ£o pude; vi chegar minha esposa, velar-me, lamentar-\nse, e me perguntei: Por quÃª? Consolei-a, falei-lhe, mas nÃ£o\nrespondia nem me compreendia; foi isso que me torturou, deixando-\nme o EspÃ­rito ainda mais perturbado. Somente tu me fizeste o\nbem, porque me ouviste e compreendes o que quero; tu me auxilias\na pÃ´r em ordem minhas idÃ©ias e me fazes um grande bem; mas por\nque os outros nÃ£o fazem o mesmo? Eis o que me tortura... O\ncÃ©rebro estÃ¡ esmagado em face dessa dor... Irei vÃª-la; quem sabe\nela me entenda agora... AtÃ© logo, caro amigo; chama-me e irei\nver-te... Far-te-ei uma visita de amigo... Surpreender-te-ei...\nAtÃ© logo.\n\nA seguir o Sr. Adrien o viu aproximar-se do filho, que\nchorava. Curvou-se sobre ele, permaneceu alguns instantes nessa\nposiÃ§Ã£o e, depois, partiu rapidamente. NÃ£o havia sido entendido, mas\nimaginava, por certo, ter produzido um som. Quanto ao Sr. Adrien,\nestava persuadido de que aquilo que dizia o Sr. X... chegava atÃ© o\ncoraÃ§Ã£o do filho, comprometendo-se a provÃ¡-lo. Mais tarde viu o\nrapaz: estava mais calmo.\n\nObservaÃ§Ã£o â€“ Esta narraÃ§Ã£o concorda com tudo aquilo\nque havÃ­amos observado sobre o fenÃ´meno da separaÃ§Ã£o da alma;\nconfirma, em circunstÃ¢ncias bastante especiais, essa verdade: apÃ³s\na morte o EspÃ­rito ainda estÃ¡ ali presente. Enquanto todos acreditam\nter diante de si um corpo inerte, ele vÃª e escuta tudo quanto se\npassa Ã  sua volta, penetra o pensamento dos assistentes e sabe que,\nentre si e estes Ãºltimos, a Ãºnica diferenÃ§a que existe Ã© a visibilidade\ne a invisibilidade; as lÃ¡grimas hipÃ³critas dos Ã¡vidos herdeiros nÃ£o o\nenganam. Quantas decepÃ§Ãµes devem os EspÃ­ritos experimentar\nnesse momento!', 'Um EspÃ­rito nos Funerais de seu Corpo', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '200-autosave-v1', '', '', '2021-01-24 18:24:17', '2021-01-24 21:24:17', '', 200, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/200-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(204, 1, '2021-01-25 06:38:12', '2021-01-25 09:38:12', '{\n \"spintech::spintech\_h1\_font\_size\": {\n \"value\": \"36\",\n \"type\": \"theme\_mod\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-25 09:38:12\"\n }\n}', '', '', 'trash', 'closed', 'closed', '', '4028ba8a-cfdc-44df-b7e4-757cf83b66ff', '', '', '2021-01-25 06:38:12', '2021-01-25 09:38:12', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=204', 0, 'customize\_changeset', '', 0),

(205, 1, '2021-01-25 06:51:12', '2021-01-25 09:51:12', '{\n \"spintech::background\_position\_x\": {\n \"value\": \"center\",\n \"type\": \"theme\_mod\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-25 09:51:10\"\n },\n \"spintech::background\_position\_y\": {\n \"value\": \"bottom\",\n \"type\": \"theme\_mod\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-25 09:51:10\"\n },\n \"spintech::background\_repeat\": {\n \"value\": \"repeat\",\n \"type\": \"theme\_mod\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-25 09:51:12\"\n }\n}', '', '', 'trash', 'closed', 'closed', '', '7e219ac5-7008-43a9-aaeb-e6fe894e26eb', '', '', '2021-01-25 06:51:12', '2021-01-25 09:51:12', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=205', 0, 'customize\_changeset', '', 0),

(206, 1, '2021-01-25 09:05:33', '2021-01-25 12:05:33', 'DissertaÃ§Ãµes de AlÃ©m-TÃºmulo\r\n\r\nRevista EspÃ­rita 1858, pÃ¡g. 507, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<strong>O SONO</strong>\r\n\r\nPobres homens! Como conheceis pouco os mais\r\nordinÃ¡rios fenÃ´menos que fazem vossa vida! Acreditais ser bastante\r\nsÃ¡bios, julgais possuir uma vasta erudiÃ§Ã£o e, a estas simples\r\nperguntas de todas as crianÃ§as: â€œO que fazemos quando dormimos?\r\no que sÃ£o os sonhos?â€, ficais mudos. NÃ£o tenho a pretensÃ£o de vos\r\nfazer compreender o que vou explicar, porquanto hÃ¡ coisas para as\r\nquais vosso EspÃ­rito nÃ£o pode, ainda, submeter-se, por nÃ£o admitir\r\nsenÃ£o o que compreende.\r\n\r\nO sono liberta inteiramente a alma do corpo. Quando\r\ndormimos, ficamos momentaneamente no estado em que nos\r\nencontraremos, de maneira definitiva, apÃ³s a morte. Os EspÃ­ritos\r\nque cedo se desprenderam da matÃ©ria por ocasiÃ£o da morte tiveram\r\nsono inteligente; quando dormem, se reÃºnem Ã  companhia de outros\r\nseres superiores a eles: viajam, conversam e com eles se instruem.\r\nTrabalham atÃ© em obras que, ao morrer, acham concluÃ­das. Isso nos\r\ndeve ensinar uma vez mais a nÃ£o temer a morte, visto que, conforme\r\na palavra de um santo, morreis diariamente.\r\nIsto quanto aos EspÃ­ritos elevados; para a massa dos\r\nhomens, porÃ©m, que com a morte devem ficar longas horas nessa\r\nperturbaÃ§Ã£o, nessa incerteza da qual falaram, ou irÃ£o para mundos\r\ninferiores Ã  Terra, onde os chamam antigas afeiÃ§Ãµes, ou talvez\r\nbuscarÃ£o prazeres mais deprimentes ainda do que os daqui; vÃ£o\r\naprender doutrinas ainda mais vis, mais ignÃ³beis e mais nocivas do\r\nque as professadas em vosso meio. E o que faz a simpatia na Terra\r\noutra coisa nÃ£o Ã© senÃ£o o fato de nos sentirmos, ao despertar,\r\naproximados pelo coraÃ§Ã£o daqueles com quem acabamos de passar\r\noito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que tambÃ©m explica\r\nessas antipatias invencÃ­veis Ã© que sabemos, no fundo do coraÃ§Ã£o,\r\nque essas criaturas tÃªm uma outra consciÃªncia, diferente da nossa,\r\npois as conhecemos sem jamais as termos visto com os olhos. Ã‰\r\nainda o que explica a indiferenÃ§a, pois que nÃ£o intentamos fazer\r\nnovos amigos, quando sabemos que hÃ¡ outros que nos amam e nos\r\nquerem bem. Numa palavra, o sono influi em vossas vidas muito\r\nmais do que pensais.\r\n\r\nPor efeito do sono os EspÃ­ritos encarnados estÃ£o sempre\r\nem contato com o mundo dos EspÃ­ritos, e Ã© isso que faz com que os\r\nEspÃ­ritos superiores consintam, sem muita repulsa, em reencarnar\r\nentre vÃ³s. Quis Deus que durante seu contato com o vÃ­cio eles\r\nviessem retemperar-se na fonte do bem, a fim de eles mesmos nÃ£o\r\nfalirem, logo eles que vinham instruir os outros. O sono Ã© a porta\r\nque Deus lhes abriu para os amigos do cÃ©u; Ã© a recreaÃ§Ã£o apÃ³s o\r\ntrabalho, Ã  espera da grande libertaÃ§Ã£o, a libertaÃ§Ã£o final que os\r\ndeve reconduzir ao seu verdadeiro ambiente.\r\n\r\nO sonho Ã© a lembranÃ§a do que viu o vosso EspÃ­rito\r\ndurante o sono, mas notai que nem sempre sonhais, porque nem\r\nsempre vos lembrais daquilo que vistes ou de tudo o que vistes;\r\nnÃ£o Ã© vossa alma em todo o seu desdobramento; muitas vezes nÃ£o\r\nÃ© senÃ£o a lembranÃ§a da perturbaÃ§Ã£o que acompanha vossa partida\r\nou chegada, a que se junta a recordaÃ§Ã£o daquilo que fizestes ou que\r\nvos preocupa no estado de vigÃ­lia; sem isso, como explicarÃ­eis esses\r\nsonhos absurdos, que tanto tÃªm os mais sÃ¡bios quanto os mais\r\nsimples? Os EspÃ­ritos maus tambÃ©m se servem dos sonhos para\r\natormentar as almas frÃ¡geis e pusilÃ¢nimes.\r\n\r\nAliÃ¡s, em breve vereis desenvolver-se uma nova espÃ©cie\r\nde sonhos, tÃ£o antiga quanto a que conheceis, mas que ignorais. O\r\nsonho de Joana, o sonho de JacÃ³, o sonho dos profetas judeus e de\r\nalguns profetas indianos: esse sonho Ã© a lembranÃ§a da alma\r\ninteiramente desprendida do corpo, a lembranÃ§a dessa segunda vida\r\nde que vos falava hÃ¡ pouco.\r\n\r\nProcurai distinguir bem essas duas espÃ©cies de sonhos,\r\ndentre aqueles de que vos recordais, sem o que entrareis em\r\ncontradiÃ§Ãµes e em erros que seriam funestos Ã  vossa fÃ©.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O EspÃ­rito que ditou essa comunicaÃ§Ã£o,\r\nsolicitado a declinar o nome, respondeu: â€œPara quÃª? Acreditais que\r\nsomente os EspÃ­ritos dos grandes homens vos vÃªm dizer coisas boas?\r\nNÃ£o levais em nenhuma consideraÃ§Ã£o aqueles que nÃ£o conheceis\r\nou que sÃ£o ignorados na vossa Terra? Ficai sabendo que muitos nÃ£o\r\ntomam um nome senÃ£o para vos contentar.â€', 'O sono', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'o-sono', '', '', '2021-01-25 09:06:22', '2021-01-25 12:06:22', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=206', 0, 'post', '', 0),

(207, 1, '2021-01-25 09:05:33', '2021-01-25 12:05:33', 'DissertaÃ§Ãµes de AlÃ©m-TÃºmulo\r\n\r\nRevista EspÃ­rita 1858, pÃ¡g. 507, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<strong>O SONO</strong>\r\n\r\nPobres homens! Como conheceis pouco os mais\r\nordinÃ¡rios fenÃ´menos que fazem vossa vida! Acreditais ser bastante\r\nsÃ¡bios, julgais possuir uma vasta erudiÃ§Ã£o e, a estas simples\r\nperguntas de todas as crianÃ§as: â€œO que fazemos quando dormimos?\r\no que sÃ£o os sonhos?â€, ficais mudos. NÃ£o tenho a pretensÃ£o de vos\r\nfazer compreender o que vou explicar, porquanto hÃ¡ coisas para as\r\nquais vosso EspÃ­rito nÃ£o pode, ainda, submeter-se, por nÃ£o admitir\r\nsenÃ£o o que compreende.\r\n\r\nO sono liberta inteiramente a alma do corpo. Quando\r\ndormimos, ficamos momentaneamente no estado em que nos\r\nencontraremos, de maneira definitiva, apÃ³s a morte. Os EspÃ­ritos\r\nque cedo se desprenderam da matÃ©ria por ocasiÃ£o da morte tiveram\r\nsono inteligente; quando dormem, se reÃºnem Ã  companhia de outros\r\nseres superiores a eles: viajam, conversam e com eles se instruem.\r\nTrabalham atÃ© em obras que, ao morrer, acham concluÃ­das. Isso nos\r\ndeve ensinar uma vez mais a nÃ£o temer a morte, visto que, conforme\r\na palavra de um santo, morreis diariamente.\r\nIsto quanto aos EspÃ­ritos elevados; para a massa dos\r\nhomens, porÃ©m, que com a morte devem ficar longas horas nessa\r\nperturbaÃ§Ã£o, nessa incerteza da qual falaram, ou irÃ£o para mundos\r\ninferiores Ã  Terra, onde os chamam antigas afeiÃ§Ãµes, ou talvez\r\nbuscarÃ£o prazeres mais deprimentes ainda do que os daqui; vÃ£o\r\naprender doutrinas ainda mais vis, mais ignÃ³beis e mais nocivas do\r\nque as professadas em vosso meio. E o que faz a simpatia na Terra\r\noutra coisa nÃ£o Ã© senÃ£o o fato de nos sentirmos, ao despertar,\r\naproximados pelo coraÃ§Ã£o daqueles com quem acabamos de passar\r\noito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que tambÃ©m explica\r\nessas antipatias invencÃ­veis Ã© que sabemos, no fundo do coraÃ§Ã£o,\r\nque essas criaturas tÃªm uma outra consciÃªncia, diferente da nossa,\r\npois as conhecemos sem jamais as termos visto com os olhos. Ã‰\r\nainda o que explica a indiferenÃ§a, pois que nÃ£o intentamos fazer\r\nnovos amigos, quando sabemos que hÃ¡ outros que nos amam e nos\r\nquerem bem. Numa palavra, o sono influi em vossas vidas muito\r\nmais do que pensais.\r\n\r\nPor efeito do sono os EspÃ­ritos encarnados estÃ£o sempre\r\nem contato com o mundo dos EspÃ­ritos, e Ã© isso que faz com que os\r\nEspÃ­ritos superiores consintam, sem muita repulsa, em reencarnar\r\nentre vÃ³s. Quis Deus que durante seu contato com o vÃ­cio eles\r\nviessem retemperar-se na fonte do bem, a fim de eles mesmos nÃ£o\r\nfalirem, logo eles que vinham instruir os outros. O sono Ã© a porta\r\nque Deus lhes abriu para os amigos do cÃ©u; Ã© a recreaÃ§Ã£o apÃ³s o\r\ntrabalho, Ã  espera da grande libertaÃ§Ã£o, a libertaÃ§Ã£o final que os\r\ndeve reconduzir ao seu verdadeiro ambiente.\r\n\r\nO sonho Ã© a lembranÃ§a do que viu o vosso EspÃ­rito\r\ndurante o sono, mas notai que nem sempre sonhais, porque nem\r\nsempre vos lembrais daquilo que vistes ou de tudo o que vistes;\r\nnÃ£o Ã© vossa alma em todo o seu desdobramento; muitas vezes nÃ£o\r\nÃ© senÃ£o a lembranÃ§a da perturbaÃ§Ã£o que acompanha vossa partida\r\nou chegada, a que se junta a recordaÃ§Ã£o daquilo que fizestes ou que\r\nvos preocupa no estado de vigÃ­lia; sem isso, como explicarÃ­eis esses\r\nsonhos absurdos, que tanto tÃªm os mais sÃ¡bios quanto os mais\r\nsimples? Os EspÃ­ritos maus tambÃ©m se servem dos sonhos para\r\natormentar as almas frÃ¡geis e pusilÃ¢nimes.\r\n\r\nAliÃ¡s, em breve vereis desenvolver-se uma nova espÃ©cie\r\nde sonhos, tÃ£o antiga quanto a que conheceis, mas que ignorais. O\r\nsonho de Joana, o sonho de JacÃ³, o sonho dos profetas judeus e de\r\nalguns profetas indianos: esse sonho Ã© a lembranÃ§a da alma\r\ninteiramente desprendida do corpo, a lembranÃ§a dessa segunda vida\r\nde que vos falava hÃ¡ pouco.\r\n\r\nProcurai distinguir bem essas duas espÃ©cies de sonhos,\r\ndentre aqueles de que vos recordais, sem o que entrareis em\r\ncontradiÃ§Ãµes e em erros que seriam funestos Ã  vossa fÃ©.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O EspÃ­rito que ditou essa comunicaÃ§Ã£o,\r\nsolicitado a declinar o nome, respondeu: â€œPara quÃª? Acreditais que\r\nsomente os EspÃ­ritos dos grandes homens vos vÃªm dizer coisas boas?\r\nNÃ£o levais em nenhuma consideraÃ§Ã£o aqueles que nÃ£o conheceis\r\nou que sÃ£o ignorados na vossa Terra? Ficai sabendo que muitos nÃ£o\r\ntomam um nome senÃ£o para vos contentar.â€', 'O sono', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '206-revision-v1', '', '', '2021-01-25 09:05:33', '2021-01-25 12:05:33', '', 206, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/206-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(208, 1, '2021-01-25 09:14:49', '2021-01-25 12:14:49', 'Conversas Familiares de AlÃ©m-TÃºmulo\r\nRevista EspÃ­rita 1858, pag.515, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nUMA VIÃšVA DE MALABAR\r\n\r\nDesejÃ¡vamos interrogar uma dessas mulheres da\r\nÃndia, obrigadas a se queimarem sobre os corpos dos maridos.\r\nNÃ£o conhecendo nenhuma delas, tÃ­nhamos pedido a SÃ£o LuÃ­s\r\nque nos enviasse uma que pudesse responder Ã s nossas\r\nperguntas de maneira satisfatÃ³ria. Ele nos respondeu que o faria\r\nde bom grado dentro de algum tempo. Na sessÃ£o da Sociedade,\r\ndo dia 2 de novembro de 1858, o Sr. Adrien, mÃ©dium vidente,\r\navistou uma, disposta a falar, e da qual nos deu a seguinte\r\ndescriÃ§Ã£o:\r\nOlhos negros e grandes; esclerÃ³ticas levemente\r\namareladas; rosto arredondado; faces salientes e gordas; pele\r\namarelo-aÃ§afrÃ£o; cÃ­lios longos e supercÃ­lios arqueados e negros;\r\nnariz um pouco grande e levemente achatado; boca grande e\r\nsensual; belos dentes, grandes e bem-dispostos; cabelos lisos,\r\nabundantes, negros e engordurados. Corpo obeso e rechonchudo,\r\nenvolvido por fino tecido de seda, deixando Ã  mostra a metade do\r\npeito. Pulseiras nos braÃ§os e pernas.\r\n\r\n1. Lembrais mais ou menos em que Ã©poca vivestes na\r\nÃndia e onde fostes queimada com o corpo de vosso marido?\r\nResp. â€“ [Ela fez um sinal, dando a entender que nÃ£o se\r\nlembrava.] â€“ SÃ£o LuÃ­s responde que foi hÃ¡ cerca de cem anos.\r\n\r\n2. Lembrais o nome que tÃ­nheis?\r\nResp. â€“ FÃ¡tima.\r\n\r\n3. Que religiÃ£o professÃ¡veis?\r\nResp. â€“ A maometana.\r\n\r\n4. Mas o maometanismo nÃ£o reprime tais sacrifÃ­cios?\r\nResp. â€“ Nasci muÃ§ulmana, mas meu marido pertencia Ã \r\nreligiÃ£o de Brahma. Tive de me conformar com os costumes do\r\npaÃ­s onde morava. As mulheres nÃ£o se pertencem.\r\n\r\n5. Que idade tÃ­nheis quando morrestes?\r\nResp. â€“ Creio que 20 anos, aproximadamente.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O Sr. Adrien observou que ela aparentava\r\nvinte e oito a trinta anos; mas que naquele paÃ­s as mulheres\r\nenvelhecem mais depressa.\r\n\r\n6. Vosso sacrifÃ­cio foi voluntÃ¡rio?\r\nResp. â€“ Preferia ter-me casado com outro. Refleti bem e\r\nconcebereis que todas pensamos do mesmo modo. Segui o costume,\r\nmas, no fundo, teria preferido nÃ£o o fazer. Esperei vÃ¡rios dias por\r\noutro marido, mas ninguÃ©m apareceu; entÃ£o obedeci Ã  lei.\r\n\r\n7. Que sentimento poderia ter ditado essa lei?\r\nResp. â€“ IdÃ©ia supersticiosa. Ao nos queimarem,\r\nimaginam agradar Ã  Divindade; que resgatamos as faltas daquele\r\nque acabamos de perder e que vamos ajudÃ¡-lo a viver feliz no\r\noutro mundo.\r\n\r\n8. Vosso marido ficou satisfeito com o sacrifÃ­cio?\r\nResp. â€“ Jamais procurei revÃª-lo.\r\n\r\n9. HÃ¡ mulheres que assim se sacrificam de livre vontade?\r\nResp. â€“ Poucas; uma em mil. No fundo elas nÃ£o\r\ndesejariam fazÃª-lo.\r\n\r\n10. O que se passou convosco no momento em que se\r\nextinguiu a vida corporal?\r\nResp. â€“ PerturbaÃ§Ã£o; experimentei uma espÃ©cie de\r\nnevoeiro e depois nÃ£o sei o que aconteceu. Minhas idÃ©ias nÃ£o se\r\naclararam senÃ£o muito tempo depois. Ia a toda parte, mas nÃ£o via\r\nbem; e ainda agora nÃ£o me sinto inteiramente esclarecida; tenho\r\nmuitas encarnaÃ§Ãµes a sofrer, a fim de me elevar; mas nÃ£o me\r\nqueimarei mais... NÃ£o vejo necessidade de me queimar, de lanÃ§arme no meio das chamas para me elevar...,\r\nsobretudo por faltas que nÃ£o cometi; depois, isto nÃ£o me agradou.\r\nAliÃ¡s, eu nunca procurei saber. Proporcionar-me-Ã­eis grande prazer\r\nse orÃ¡sseis por mim, pois agora compreendo que somente a prece Ã© capaz de fazer-nos\r\nsuportar corajosamente as provaÃ§Ãµes que nos sÃ£o enviadas... Ah! se\r\neu tivesse fÃ©!\r\n\r\n11. Pedis que oremos por vÃ³s; como somos cristÃ£os,\r\nnossas preces poderiam vos ser agradÃ¡veis?\r\nResp. â€“ NÃ£o hÃ¡ senÃ£o um Deus para todos os homens.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Em vÃ¡rias sessÃµes seguidas a mesma\r\nmulher foi vista entre os EspÃ­ritos que as assistiam. Disse que vinha\r\npara instruir-se. Parece que foi sensÃ­vel ao interesse que lhe\r\ntestemunhamos, porque nos seguiu vÃ¡rias vezes em outras reuniÃµes\r\ne, atÃ© mesmo, na rua.', 'Mulheres da Ãndia, queimadas sobre os corpos dos maridos', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'mulheres-da-india-queimadas-sobre-os-corpos-dos-maridos', '', '', '2021-01-25 09:15:13', '2021-01-25 12:15:13', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=208', 0, 'post', '', 0),

(209, 1, '2021-01-25 09:14:49', '2021-01-25 12:14:49', 'Conversas Familiares de AlÃ©m-TÃºmulo\r\nRevista EspÃ­rita 1858, pag.515, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nUMA VIÃšVA DE MALABAR\r\n\r\nDesejÃ¡vamos interrogar uma dessas mulheres da\r\nÃndia, obrigadas a se queimarem sobre os corpos dos maridos.\r\nNÃ£o conhecendo nenhuma delas, tÃ­nhamos pedido a SÃ£o LuÃ­s\r\nque nos enviasse uma que pudesse responder Ã s nossas\r\nperguntas de maneira satisfatÃ³ria. Ele nos respondeu que o faria\r\nde bom grado dentro de algum tempo. Na sessÃ£o da Sociedade,\r\ndo dia 2 de novembro de 1858, o Sr. Adrien, mÃ©dium vidente,\r\navistou uma, disposta a falar, e da qual nos deu a seguinte\r\ndescriÃ§Ã£o:\r\nOlhos negros e grandes; esclerÃ³ticas levemente\r\namareladas; rosto arredondado; faces salientes e gordas; pele\r\namarelo-aÃ§afrÃ£o; cÃ­lios longos e supercÃ­lios arqueados e negros;\r\nnariz um pouco grande e levemente achatado; boca grande e\r\nsensual; belos dentes, grandes e bem-dispostos; cabelos lisos,\r\nabundantes, negros e engordurados. Corpo obeso e rechonchudo,\r\nenvolvido por fino tecido de seda, deixando Ã  mostra a metade do\r\npeito. Pulseiras nos braÃ§os e pernas.\r\n\r\n1. Lembrais mais ou menos em que Ã©poca vivestes na\r\nÃndia e onde fostes queimada com o corpo de vosso marido?\r\nResp. â€“ [Ela fez um sinal, dando a entender que nÃ£o se\r\nlembrava.] â€“ SÃ£o LuÃ­s responde que foi hÃ¡ cerca de cem anos.\r\n\r\n2. Lembrais o nome que tÃ­nheis?\r\nResp. â€“ FÃ¡tima.\r\n\r\n3. Que religiÃ£o professÃ¡veis?\r\nResp. â€“ A maometana.\r\n\r\n4. Mas o maometanismo nÃ£o reprime tais sacrifÃ­cios?\r\nResp. â€“ Nasci muÃ§ulmana, mas meu marido pertencia Ã \r\nreligiÃ£o de Brahma. Tive de me conformar com os costumes do\r\npaÃ­s onde morava. As mulheres nÃ£o se pertencem.\r\n\r\n5. Que idade tÃ­nheis quando morrestes?\r\nResp. â€“ Creio que 20 anos, aproximadamente.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O Sr. Adrien observou que ela aparentava\r\nvinte e oito a trinta anos; mas que naquele paÃ­s as mulheres\r\nenvelhecem mais depressa.\r\n\r\n6. Vosso sacrifÃ­cio foi voluntÃ¡rio?\r\nResp. â€“ Preferia ter-me casado com outro. Refleti bem e\r\nconcebereis que todas pensamos do mesmo modo. Segui o costume,\r\nmas, no fundo, teria preferido nÃ£o o fazer. Esperei vÃ¡rios dias por\r\noutro marido, mas ninguÃ©m apareceu; entÃ£o obedeci Ã  lei.\r\n\r\n7. Que sentimento poderia ter ditado essa lei?\r\nResp. â€“ IdÃ©ia supersticiosa. Ao nos queimarem,\r\nimaginam agradar Ã  Divindade; que resgatamos as faltas daquele\r\nque acabamos de perder e que vamos ajudÃ¡-lo a viver feliz no\r\noutro mundo.\r\n\r\n8. Vosso marido ficou satisfeito com o sacrifÃ­cio?\r\nResp. â€“ Jamais procurei revÃª-lo.\r\n\r\n9. HÃ¡ mulheres que assim se sacrificam de livre vontade?\r\nResp. â€“ Poucas; uma em mil. No fundo elas nÃ£o\r\ndesejariam fazÃª-lo.\r\n\r\n10. O que se passou convosco no momento em que se\r\nextinguiu a vida corporal?\r\nResp. â€“ PerturbaÃ§Ã£o; experimentei uma espÃ©cie de\r\nnevoeiro e depois nÃ£o sei o que aconteceu. Minhas idÃ©ias nÃ£o se\r\naclararam senÃ£o muito tempo depois. Ia a toda parte, mas nÃ£o via\r\nbem; e ainda agora nÃ£o me sinto inteiramente esclarecida; tenho\r\nmuitas encarnaÃ§Ãµes a sofrer, a fim de me elevar; mas nÃ£o me\r\nqueimarei mais... NÃ£o vejo necessidade de me queimar, de lanÃ§arme no meio das chamas para me elevar...,\r\nsobretudo por faltas que nÃ£o cometi; depois, isto nÃ£o me agradou.\r\nAliÃ¡s, eu nunca procurei saber. Proporcionar-me-Ã­eis grande prazer\r\nse orÃ¡sseis por mim, pois agora compreendo que somente a prece Ã© capaz de fazer-nos\r\nsuportar corajosamente as provaÃ§Ãµes que nos sÃ£o enviadas... Ah! se\r\neu tivesse fÃ©!\r\n\r\n11. Pedis que oremos por vÃ³s; como somos cristÃ£os,\r\nnossas preces poderiam vos ser agradÃ¡veis?\r\nResp. â€“ NÃ£o hÃ¡ senÃ£o um Deus para todos os homens.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Em vÃ¡rias sessÃµes seguidas a mesma\r\nmulher foi vista entre os EspÃ­ritos que as assistiam. Disse que vinha\r\npara instruir-se. Parece que foi sensÃ­vel ao interesse que lhe\r\ntestemunhamos, porque nos seguiu vÃ¡rias vezes em outras reuniÃµes\r\ne, atÃ© mesmo, na rua.', 'Mulheres da Ãndia, queimadas sobre os corpos dos maridos', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '208-revision-v1', '', '', '2021-01-25 09:14:49', '2021-01-25 12:14:49', '', 208, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/208-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(210, 1, '2021-01-26 16:24:02', '2021-01-26 19:24:02', 'Revista EspÃ­rita, Janeiro de 1859, pÃ¡g. 14 , Paris, FranÃ§a\r\n\r\n(...)\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Podem os EspÃ­ritos revelar o futuro?\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Os EspÃ­ritos nÃ£o conhecem o futuro senÃ£o em razÃ£o de\r\nsua elevaÃ§Ã£o. Os inferiores nem mesmo o seu prÃ³prio futuro</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">conhecem e, com mais forte razÃ£o, desconhecem o dos outros. Os\r\nEspÃ­ritos superiores o conhecem, mas nem sempre lhes Ã©\r\npermitido revelÃ¡-lo. Em princÃ­pio, e por um sÃ¡bio desÃ­gnio da\r\nProvidÃªncia, o futuro nos deve ser ocultado. Se o conhecÃªssemos,\r\nnosso livre-arbÃ­trio seria tolhido. A certeza do sucesso tirar-nos-ia\r\na vontade de fazer qualquer coisa, porque nÃ£o verÃ­amos a\r\nnecessidade de nos darmos a esse trabalho; a certeza de uma\r\ndesgraÃ§a nos desencorajaria. Todavia, hÃ¡ casos em que o\r\nconhecimento do futuro pode ser Ãºtil, embora, nessa situaÃ§Ã£o,\r\njamais possamos ser juÃ­zes. Os EspÃ­ritos no-lo revelam quando o\r\njulgam conveniente e quando tÃªm a permissÃ£o de Deus. EntÃ£o o\r\nfazem espontaneamente e nÃ£o a pedido nosso. Ã‰ preciso esperar\r\ncom confianÃ§a a oportunidade e, sobretudo, nÃ£o insistir em caso de\r\nrecusa, pois, de outro modo, correrÃ­amos o risco de tratar com\r\nEspÃ­ritos levianos, que se divertem Ã  nossa custa.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Os EspÃ­ritos podem guiar-nos por meio de conselhos diretos\r\nnas coisas da vida?\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Sim, podem e o fazem de bom grado. Esses conselhos\r\nnos chegam diariamente pelos pensamentos que nos sugerem.\r\nMuitas vezes fazemos coisas cujo mÃ©rito nos atribuÃ­mos quando,\r\nna realidade, resultam apenas de uma inspiraÃ§Ã£o que nos foi\r\ntransmitida. Ora, como estamos rodeados de EspÃ­ritos que nos\r\ninfluenciam neste ou naquele sentido, temos sempre o livre-arbÃ­trio\r\npara nos guiar na escolha; e felizes seremos se preferirmos o nosso\r\ngÃªnio bom.\r\nAlÃ©m dos conselhos ocultos, podemos obter estes\r\ndiretamente atravÃ©s de um mÃ©dium; mas aqui Ã© o caso de\r\nrecordarmos os princÃ­pios fundamentais que acabamos de emitir. A\r\nprimeira coisa a considerar Ã© a qualidade do mÃ©dium, se nÃ£o somos\r\nnÃ³s prÃ³prios. Um mÃ©dium que sÃ³ boas comunicaÃ§Ãµes obtÃ©m;\r\nque, por suas qualidades pessoais nÃ£o simpatiza senÃ£o com os\r\nEspÃ­ritos bons, Ã© um ser precioso, do qual podemos esperar grandes</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">coisas, desde que o secundemos na pureza de suas prÃ³prias\r\ninstruÃ§Ãµes e o utilizemos convenientemente; direi mais: Ã© um\r\ninstrumento providencial.\r\nNÃ£o menos importante, o segundo ponto consiste na\r\nnatureza dos EspÃ­ritos aos quais nos dirigimos. NÃ£o devemos crer\r\nque possamos ser guiados corretamente pelo primeiro que apareÃ§a.\r\nAquele que visse nas comunicaÃ§Ãµes espÃ­ritas apenas um meio de\r\nadivinhaÃ§Ã£o e no mÃ©dium um leitor de </span><span class=\"fontstyle0\">buena dicha</span><span class=\"fontstyle2\">1 </span><span class=\"fontstyle2\">enganar-se-ia\r\nredondamente. Ã‰ preciso considerar que no mundo dos EspÃ­ritos\r\ntemos amigos que por nÃ³s se interessam, muito mais sinceros e\r\ndevotados do que os que tomam esses tÃ­tulos na Terra, e que nÃ£o\r\ntÃªm o menor interesse em nos lisonjear ou em nos enganar. SÃ£o,\r\nalÃ©m do nosso EspÃ­rito protetor, parentes ou pessoas a quem nos\r\nafeiÃ§oamos quando vivas, ou EspÃ­ritos que nos querem o bem por\r\nsimpatia. Quando chamados vÃªm de boa vontade e atÃ© mesmo\r\nquando nÃ£o sÃ£o chamados; muitas vezes os temos ao nosso lado,\r\nsem que o suspeitemos. AtravÃ©s dos mÃ©diuns podemos pedir-lhes\r\nconselhos diretos e os recebemos, mesmo espontaneamente, sem\r\nque lhos tenhamos pedido. Fazem-no sobretudo </span><span class=\"fontstyle0\">na intimidade, no\r\nsilÃªncio, e desde que nenhuma influÃªncia estranha os venha perturbar</span><span class=\"fontstyle2\">; sÃ£o,\r\naliÃ¡s, muito prudentes e, de sua parte, jamais devemos temer uma\r\nindiscriÃ§Ã£o: calam-se quando hÃ¡ ouvidos em demasia. Fazem-no\r\nainda com mais prazer quando estÃ£o em frequente comunicaÃ§Ã£o\r\nconosco. Como nÃ£o dizem senÃ£o coisas adequadas e conforme a\r\noportunidade, Ã© preciso esperar a sua boa vontade e nÃ£o acreditar\r\nque, Ã  primeira vista, venham satisfazer a todos os nossos pedidos.\r\nQuerem assim provar que nÃ£o estÃ£o Ã s nossas ordens.\r\nA natureza das respostas depende muito da maneira de\r\nfazer as perguntas. Ã‰ necessÃ¡rio aprender a conversar com os\r\nEspÃ­ritos como se aprende a conversar com os homens: em tudo Ã©\r\npreciso experiÃªncia. Por outro lado, o hÃ¡bito faz que os EspÃ­ritos se</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">identifiquem conosco e com o mÃ©dium, os fluidos se combinem e\r\nas comunicaÃ§Ãµes sejam mais fÃ¡ceis; entÃ£o entre eles e nÃ³s\r\nestabelecem-se verdadeiras conversaÃ§Ãµes familiares; o que nÃ£o\r\ndizem num dia falarÃ£o noutro. Habituam-se Ã  nossa maneira de ser,\r\ncomo nÃ³s Ã  deles: ficamos reciprocamente mais Ã  vontade. Quanto\r\nÃ  ingerÃªncia dos EspÃ­ritos maus e dos EspÃ­ritos enganadores, o que\r\nconstitui o grande escolho, a experiÃªncia nos ensina a combatÃª-los\r\ne podemos sempre evitÃ¡-los. Se nÃ£o lhes damos atenÃ§Ã£o, eles nÃ£o\r\nvÃªm, porque sabem que vÃ£o perder tempo.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">Qual poderÃ¡ ser a utilidade da propagaÃ§Ã£o das idÃ©ias\r\nespÃ­ritas? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Sendo o Espiritismo a prova palpÃ¡vel e evidente da\r\nexistÃªncia, da individualidade e da imortalidade da alma, Ã© a\r\ndestruiÃ§Ã£o do materialismo, essa negaÃ§Ã£o de toda religiÃ£o, essa\r\nchaga de toda sociedade. O nÃºmero dos materialistas que ele\r\nconduziu a idÃ©ias mais sÃ£s Ã© considerÃ¡vel e aumenta diariamente: sÃ³\r\nisso seria um benefÃ­cio social. NÃ£o somente prova a existÃªncia e a\r\nimortalidade da alma, como ainda mostra o seu estado feliz ou\r\ndesgraÃ§ado, conforme os mÃ©ritos desta vida. As penas e\r\nrecompensas futuras nÃ£o sÃ£o mais uma teoria, mas um fato patente\r\naos nossos olhos. Ora, como nÃ£o hÃ¡ religiÃ£o possÃ­vel sem a crenÃ§a\r\nem Deus, na existÃªncia da alma e nas penas e recompensas futuras,\r\no Espiritismo traz de volta a essas crenÃ§as as pessoas nas quais elas\r\nestavam apagadas; resulta daÃ­ que ele Ã© o mais poderoso auxiliar das\r\nidÃ©ias religiosas: dÃ¡ religiÃ£o aos que nÃ£o a possuem, fortifica-a\r\nnaqueles em que Ã© vacilante, consola pela certeza do futuro, faz\r\nsuportar com paciÃªncia e resignaÃ§Ã£o as tribulaÃ§Ãµes da vida e desvia\r\ndo pensamento o suicÃ­dio, idÃ©ia que naturalmente repelimos\r\nquando vemos as conseqÃ¼Ãªncias; eis por que sÃ£o felizes os que\r\npenetraram em seus mistÃ©rios. Para eles o Espiritismo Ã© a luz que\r\ndissipa as trevas e as angÃºstias da dÃºvida.\r\nSe considerarmos agora a moral ensinada pelos\r\nEspÃ­ritos superiores, concluiremos que ela Ã© toda evangÃ©lica; prega\r\na caridade evangÃ©lica em toda a sua sublimidade e faz mais: mostra</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">a sua necessidade tanto para a felicidade presente quanto para a\r\nfutura, porque as consequÃªncias do bem e do mal que fazemos\r\nestÃ£o diante dos nossos olhos. Reconduzindo os homens aos\r\nsentimentos de seus deveres recÃ­procos, o Espiritismo neutraliza o\r\nefeito das doutrinas que subvertem a ordem social.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">NÃ£o podem essas crenÃ§as representar um perigo para a\r\nrazÃ£o? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Todas as ciÃªncias nÃ£o forneceram o seu contingente para\r\nos hospitais de alienados? Devemos, por isso, condenÃ¡-las? NÃ£o\r\nestÃ£o largamente representadas entre elas as crenÃ§as religiosas?\r\nSeria justo, por isso, proscrever a religiÃ£o? Acaso conhecemos\r\ntodos os loucos produzidos pelo medo ao diabo? Todas as grandes\r\npreocupaÃ§Ãµes intelectuais levam Ã  exaltaÃ§Ã£o e podem reagir de\r\nmaneira lastimÃ¡vel sobre um cÃ©rebro fraco. TerÃ­amos razÃ£o de ver\r\nno Espiritismo um perigo especial se ele fosse a Ãºnica causa ou a\r\ncausa preponderante da loucura. Fez-se grande alarido em torno de\r\ndois ou trÃªs casos que, em outras circunstÃ¢ncias, nÃ£o teriam\r\nmerecido nenhuma atenÃ§Ã£o, ao nÃ£o se levar em consideraÃ§Ã£o as\r\ncausas predisponentes anteriores. PoderÃ­amos citar outros em que,\r\nbem compreendidas, as idÃ©ias espÃ­ritas poderiam deter o\r\ndesenvolvimento da loucura.\r\nEm resumo, o Espiritismo nÃ£o oferece maior perigo de\r\nloucura do que as mil e uma causas que a produzem diariamente.\r\nDigo mais: oferece bem menos perigo, visto trazer em si mesmo o\r\ncorretivo e, pela direÃ§Ã£o que dÃ¡ Ã s idÃ©ias e a calma que proporciona\r\nao espÃ­rito dos que o compreendem, pode neutralizar o efeito das\r\ncausas estranhas. O desespero Ã© uma dessas causas. Ora, ao nos\r\nfazer encarar as coisas mais desagradÃ¡veis com sangue-frio e\r\nresignaÃ§Ã£o, o Espiritismo atenua os funestos efeitos do desespero.\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">As crenÃ§as espÃ­ritas nÃ£o sÃ£o a consagraÃ§Ã£o das idÃ©ias\r\nsupersticiosas da AntigÃ¼idade e da Idade MÃ©dia e, assim, nÃ£o devem ser\r\nendossadas? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ As pessoas sem religiÃ£o nÃ£o tacham de superstiÃ§Ã£o a\r\nmaioria das crenÃ§as religiosas? Uma idÃ©ia sÃ³ Ã© supersticiosa</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">quando Ã© falsa; deixa de o ser quando se torna uma verdade. EstÃ¡\r\nprovado que no fundo da maioria das superstiÃ§Ãµes existe uma\r\nverdade amplificada e desnaturada pela imaginaÃ§Ã£o. Ora, tirar\r\ndessas idÃ©ias todo o seu conteÃºdo fantÃ¡stico e deixar apenas a\r\nrealidade Ã© destruir a superstiÃ§Ã£o. Tal Ã© o efeito da ciÃªncia espÃ­rita,\r\nque pÃµe a nu o que hÃ¡ de verdadeiro e de falso nas crenÃ§as\r\npopulares. Por muito tempo as apariÃ§Ãµes foram consideradas\r\ncomo crenÃ§as supersticiosas; hoje, que sÃ£o um fato provado e,\r\nmais ainda, perfeitamente explicado, entraram no domÃ­nio dos\r\nfenÃ´menos naturais. Por mais que as condenemos, nÃ£o\r\nimpediremos que continuem a produzir-se. Todavia, os que se\r\nderam conta e as compreenderam, nÃ£o apenas nÃ£o se apavoram\r\ncomo estÃ£o satisfeitos, e isso a tal ponto que aqueles que nÃ£o tÃªm\r\nessas idÃ©ias desejariam tÃª-las. Deixando o campo livre Ã \r\nimaginaÃ§Ã£o, os fenÃ´menos incompreendidos representam a fonte\r\nde uma porÃ§Ã£o de idÃ©ias acessÃ³rias, absurdas, que degeneram em\r\nsuperstiÃ§Ã£o. Mostremos a realidade, expliquemos a causa e a\r\nimaginaÃ§Ã£o se detÃ©m no limite do possÃ­vel; o maravilhoso, o\r\nabsurdo e o impossÃ­vel desaparecem e, com eles a superstiÃ§Ã£o. Tais\r\nsÃ£o, dentre outras, as prÃ¡ticas cabalÃ­sticas, a virtude dos signos e\r\ndas palavras mÃ¡gicas, as fÃ³rmulas sacramentais, os amuletos, os\r\ndias nefastos, as horas diabÃ³licas e tantas outras coisas que o\r\nEspiritismo, bem compreendido, demonstra o ridÃ­culo.\r\nTais sÃ£o, PrÃ­ncipe, as respostas que julguei adequadas\r\nÃ s perguntas com que me honrastes. Sentir-me-ei feliz se elas\r\npuderem corroborar as idÃ©ias que Vossa Alteza jÃ¡ possui sobre o\r\nassunto e vos levarem a aprofundar uma questÃ£o de tÃ£o elevado\r\ninteresse; mais feliz ainda se meu concurso ulterior puder ser de\r\nalguma utilidade.\r\nCom o mais profundo respeito, sou, de Vossa Alteza,\r\nmuito humilde e muito obediente servidor.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">Allan Kardec</span>', 'Ã€ Sua Alteza, PrÃ­ncipe G.', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'a-sua-alteza-principe-g', '', '', '2021-01-26 16:24:34', '2021-01-26 19:24:34', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=210', 0, 'post', '', 0),

(211, 1, '2021-01-26 16:24:02', '2021-01-26 19:24:02', 'Revista EspÃ­rita, Janeiro de 1859, pÃ¡g. 14 , Paris, FranÃ§a\r\n\r\n(...)\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Podem os EspÃ­ritos revelar o futuro?\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Os EspÃ­ritos nÃ£o conhecem o futuro senÃ£o em razÃ£o de\r\nsua elevaÃ§Ã£o. Os inferiores nem mesmo o seu prÃ³prio futuro</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">conhecem e, com mais forte razÃ£o, desconhecem o dos outros. Os\r\nEspÃ­ritos superiores o conhecem, mas nem sempre lhes Ã©\r\npermitido revelÃ¡-lo. Em princÃ­pio, e por um sÃ¡bio desÃ­gnio da\r\nProvidÃªncia, o futuro nos deve ser ocultado. Se o conhecÃªssemos,\r\nnosso livre-arbÃ­trio seria tolhido. A certeza do sucesso tirar-nos-ia\r\na vontade de fazer qualquer coisa, porque nÃ£o verÃ­amos a\r\nnecessidade de nos darmos a esse trabalho; a certeza de uma\r\ndesgraÃ§a nos desencorajaria. Todavia, hÃ¡ casos em que o\r\nconhecimento do futuro pode ser Ãºtil, embora, nessa situaÃ§Ã£o,\r\njamais possamos ser juÃ­zes. Os EspÃ­ritos no-lo revelam quando o\r\njulgam conveniente e quando tÃªm a permissÃ£o de Deus. EntÃ£o o\r\nfazem espontaneamente e nÃ£o a pedido nosso. Ã‰ preciso esperar\r\ncom confianÃ§a a oportunidade e, sobretudo, nÃ£o insistir em caso de\r\nrecusa, pois, de outro modo, correrÃ­amos o risco de tratar com\r\nEspÃ­ritos levianos, que se divertem Ã  nossa custa.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Os EspÃ­ritos podem guiar-nos por meio de conselhos diretos\r\nnas coisas da vida?\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Sim, podem e o fazem de bom grado. Esses conselhos\r\nnos chegam diariamente pelos pensamentos que nos sugerem.\r\nMuitas vezes fazemos coisas cujo mÃ©rito nos atribuÃ­mos quando,\r\nna realidade, resultam apenas de uma inspiraÃ§Ã£o que nos foi\r\ntransmitida. Ora, como estamos rodeados de EspÃ­ritos que nos\r\ninfluenciam neste ou naquele sentido, temos sempre o livre-arbÃ­trio\r\npara nos guiar na escolha; e felizes seremos se preferirmos o nosso\r\ngÃªnio bom.\r\nAlÃ©m dos conselhos ocultos, podemos obter estes\r\ndiretamente atravÃ©s de um mÃ©dium; mas aqui Ã© o caso de\r\nrecordarmos os princÃ­pios fundamentais que acabamos de emitir. A\r\nprimeira coisa a considerar Ã© a qualidade do mÃ©dium, se nÃ£o somos\r\nnÃ³s prÃ³prios. Um mÃ©dium que sÃ³ boas comunicaÃ§Ãµes obtÃ©m;\r\nque, por suas qualidades pessoais nÃ£o simpatiza senÃ£o com os\r\nEspÃ­ritos bons, Ã© um ser precioso, do qual podemos esperar grandes</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">coisas, desde que o secundemos na pureza de suas prÃ³prias\r\ninstruÃ§Ãµes e o utilizemos convenientemente; direi mais: Ã© um\r\ninstrumento providencial.\r\nNÃ£o menos importante, o segundo ponto consiste na\r\nnatureza dos EspÃ­ritos aos quais nos dirigimos. NÃ£o devemos crer\r\nque possamos ser guiados corretamente pelo primeiro que apareÃ§a.\r\nAquele que visse nas comunicaÃ§Ãµes espÃ­ritas apenas um meio de\r\nadivinhaÃ§Ã£o e no mÃ©dium um leitor de </span><span class=\"fontstyle0\">buena dicha</span><span class=\"fontstyle2\">1 </span><span class=\"fontstyle2\">enganar-se-ia\r\nredondamente. Ã‰ preciso considerar que no mundo dos EspÃ­ritos\r\ntemos amigos que por nÃ³s se interessam, muito mais sinceros e\r\ndevotados do que os que tomam esses tÃ­tulos na Terra, e que nÃ£o\r\ntÃªm o menor interesse em nos lisonjear ou em nos enganar. SÃ£o,\r\nalÃ©m do nosso EspÃ­rito protetor, parentes ou pessoas a quem nos\r\nafeiÃ§oamos quando vivas, ou EspÃ­ritos que nos querem o bem por\r\nsimpatia. Quando chamados vÃªm de boa vontade e atÃ© mesmo\r\nquando nÃ£o sÃ£o chamados; muitas vezes os temos ao nosso lado,\r\nsem que o suspeitemos. AtravÃ©s dos mÃ©diuns podemos pedir-lhes\r\nconselhos diretos e os recebemos, mesmo espontaneamente, sem\r\nque lhos tenhamos pedido. Fazem-no sobretudo </span><span class=\"fontstyle0\">na intimidade, no\r\nsilÃªncio, e desde que nenhuma influÃªncia estranha os venha perturbar</span><span class=\"fontstyle2\">; sÃ£o,\r\naliÃ¡s, muito prudentes e, de sua parte, jamais devemos temer uma\r\nindiscriÃ§Ã£o: calam-se quando hÃ¡ ouvidos em demasia. Fazem-no\r\nainda com mais prazer quando estÃ£o em frequente comunicaÃ§Ã£o\r\nconosco. Como nÃ£o dizem senÃ£o coisas adequadas e conforme a\r\noportunidade, Ã© preciso esperar a sua boa vontade e nÃ£o acreditar\r\nque, Ã  primeira vista, venham satisfazer a todos os nossos pedidos.\r\nQuerem assim provar que nÃ£o estÃ£o Ã s nossas ordens.\r\nA natureza das respostas depende muito da maneira de\r\nfazer as perguntas. Ã‰ necessÃ¡rio aprender a conversar com os\r\nEspÃ­ritos como se aprende a conversar com os homens: em tudo Ã©\r\npreciso experiÃªncia. Por outro lado, o hÃ¡bito faz que os EspÃ­ritos se</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">identifiquem conosco e com o mÃ©dium, os fluidos se combinem e\r\nas comunicaÃ§Ãµes sejam mais fÃ¡ceis; entÃ£o entre eles e nÃ³s\r\nestabelecem-se verdadeiras conversaÃ§Ãµes familiares; o que nÃ£o\r\ndizem num dia falarÃ£o noutro. Habituam-se Ã  nossa maneira de ser,\r\ncomo nÃ³s Ã  deles: ficamos reciprocamente mais Ã  vontade. Quanto\r\nÃ  ingerÃªncia dos EspÃ­ritos maus e dos EspÃ­ritos enganadores, o que\r\nconstitui o grande escolho, a experiÃªncia nos ensina a combatÃª-los\r\ne podemos sempre evitÃ¡-los. Se nÃ£o lhes damos atenÃ§Ã£o, eles nÃ£o\r\nvÃªm, porque sabem que vÃ£o perder tempo.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">Qual poderÃ¡ ser a utilidade da propagaÃ§Ã£o das idÃ©ias\r\nespÃ­ritas? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Sendo o Espiritismo a prova palpÃ¡vel e evidente da\r\nexistÃªncia, da individualidade e da imortalidade da alma, Ã© a\r\ndestruiÃ§Ã£o do materialismo, essa negaÃ§Ã£o de toda religiÃ£o, essa\r\nchaga de toda sociedade. O nÃºmero dos materialistas que ele\r\nconduziu a idÃ©ias mais sÃ£s Ã© considerÃ¡vel e aumenta diariamente: sÃ³\r\nisso seria um benefÃ­cio social. NÃ£o somente prova a existÃªncia e a\r\nimortalidade da alma, como ainda mostra o seu estado feliz ou\r\ndesgraÃ§ado, conforme os mÃ©ritos desta vida. As penas e\r\nrecompensas futuras nÃ£o sÃ£o mais uma teoria, mas um fato patente\r\naos nossos olhos. Ora, como nÃ£o hÃ¡ religiÃ£o possÃ­vel sem a crenÃ§a\r\nem Deus, na existÃªncia da alma e nas penas e recompensas futuras,\r\no Espiritismo traz de volta a essas crenÃ§as as pessoas nas quais elas\r\nestavam apagadas; resulta daÃ­ que ele Ã© o mais poderoso auxiliar das\r\nidÃ©ias religiosas: dÃ¡ religiÃ£o aos que nÃ£o a possuem, fortifica-a\r\nnaqueles em que Ã© vacilante, consola pela certeza do futuro, faz\r\nsuportar com paciÃªncia e resignaÃ§Ã£o as tribulaÃ§Ãµes da vida e desvia\r\ndo pensamento o suicÃ­dio, idÃ©ia que naturalmente repelimos\r\nquando vemos as conseqÃ¼Ãªncias; eis por que sÃ£o felizes os que\r\npenetraram em seus mistÃ©rios. Para eles o Espiritismo Ã© a luz que\r\ndissipa as trevas e as angÃºstias da dÃºvida.\r\nSe considerarmos agora a moral ensinada pelos\r\nEspÃ­ritos superiores, concluiremos que ela Ã© toda evangÃ©lica; prega\r\na caridade evangÃ©lica em toda a sua sublimidade e faz mais: mostra</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">a sua necessidade tanto para a felicidade presente quanto para a\r\nfutura, porque as consequÃªncias do bem e do mal que fazemos\r\nestÃ£o diante dos nossos olhos. Reconduzindo os homens aos\r\nsentimentos de seus deveres recÃ­procos, o Espiritismo neutraliza o\r\nefeito das doutrinas que subvertem a ordem social.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">NÃ£o podem essas crenÃ§as representar um perigo para a\r\nrazÃ£o? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Todas as ciÃªncias nÃ£o forneceram o seu contingente para\r\nos hospitais de alienados? Devemos, por isso, condenÃ¡-las? NÃ£o\r\nestÃ£o largamente representadas entre elas as crenÃ§as religiosas?\r\nSeria justo, por isso, proscrever a religiÃ£o? Acaso conhecemos\r\ntodos os loucos produzidos pelo medo ao diabo? Todas as grandes\r\npreocupaÃ§Ãµes intelectuais levam Ã  exaltaÃ§Ã£o e podem reagir de\r\nmaneira lastimÃ¡vel sobre um cÃ©rebro fraco. TerÃ­amos razÃ£o de ver\r\nno Espiritismo um perigo especial se ele fosse a Ãºnica causa ou a\r\ncausa preponderante da loucura. Fez-se grande alarido em torno de\r\ndois ou trÃªs casos que, em outras circunstÃ¢ncias, nÃ£o teriam\r\nmerecido nenhuma atenÃ§Ã£o, ao nÃ£o se levar em consideraÃ§Ã£o as\r\ncausas predisponentes anteriores. PoderÃ­amos citar outros em que,\r\nbem compreendidas, as idÃ©ias espÃ­ritas poderiam deter o\r\ndesenvolvimento da loucura.\r\nEm resumo, o Espiritismo nÃ£o oferece maior perigo de\r\nloucura do que as mil e uma causas que a produzem diariamente.\r\nDigo mais: oferece bem menos perigo, visto trazer em si mesmo o\r\ncorretivo e, pela direÃ§Ã£o que dÃ¡ Ã s idÃ©ias e a calma que proporciona\r\nao espÃ­rito dos que o compreendem, pode neutralizar o efeito das\r\ncausas estranhas. O desespero Ã© uma dessas causas. Ora, ao nos\r\nfazer encarar as coisas mais desagradÃ¡veis com sangue-frio e\r\nresignaÃ§Ã£o, o Espiritismo atenua os funestos efeitos do desespero.\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">As crenÃ§as espÃ­ritas nÃ£o sÃ£o a consagraÃ§Ã£o das idÃ©ias\r\nsupersticiosas da AntigÃ¼idade e da Idade MÃ©dia e, assim, nÃ£o devem ser\r\nendossadas? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ As pessoas sem religiÃ£o nÃ£o tacham de superstiÃ§Ã£o a\r\nmaioria das crenÃ§as religiosas? Uma idÃ©ia sÃ³ Ã© supersticiosa</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">quando Ã© falsa; deixa de o ser quando se torna uma verdade. EstÃ¡\r\nprovado que no fundo da maioria das superstiÃ§Ãµes existe uma\r\nverdade amplificada e desnaturada pela imaginaÃ§Ã£o. Ora, tirar\r\ndessas idÃ©ias todo o seu conteÃºdo fantÃ¡stico e deixar apenas a\r\nrealidade Ã© destruir a superstiÃ§Ã£o. Tal Ã© o efeito da ciÃªncia espÃ­rita,\r\nque pÃµe a nu o que hÃ¡ de verdadeiro e de falso nas crenÃ§as\r\npopulares. Por muito tempo as apariÃ§Ãµes foram consideradas\r\ncomo crenÃ§as supersticiosas; hoje, que sÃ£o um fato provado e,\r\nmais ainda, perfeitamente explicado, entraram no domÃ­nio dos\r\nfenÃ´menos naturais. Por mais que as condenemos, nÃ£o\r\nimpediremos que continuem a produzir-se. Todavia, os que se\r\nderam conta e as compreenderam, nÃ£o apenas nÃ£o se apavoram\r\ncomo estÃ£o satisfeitos, e isso a tal ponto que aqueles que nÃ£o tÃªm\r\nessas idÃ©ias desejariam tÃª-las. Deixando o campo livre Ã \r\nimaginaÃ§Ã£o, os fenÃ´menos incompreendidos representam a fonte\r\nde uma porÃ§Ã£o de idÃ©ias acessÃ³rias, absurdas, que degeneram em\r\nsuperstiÃ§Ã£o. Mostremos a realidade, expliquemos a causa e a\r\nimaginaÃ§Ã£o se detÃ©m no limite do possÃ­vel; o maravilhoso, o\r\nabsurdo e o impossÃ­vel desaparecem e, com eles a superstiÃ§Ã£o. Tais\r\nsÃ£o, dentre outras, as prÃ¡ticas cabalÃ­sticas, a virtude dos signos e\r\ndas palavras mÃ¡gicas, as fÃ³rmulas sacramentais, os amuletos, os\r\ndias nefastos, as horas diabÃ³licas e tantas outras coisas que o\r\nEspiritismo, bem compreendido, demonstra o ridÃ­culo.\r\nTais sÃ£o, PrÃ­ncipe, as respostas que julguei adequadas\r\nÃ s perguntas com que me honrastes. Sentir-me-ei feliz se elas\r\npuderem corroborar as idÃ©ias que Vossa Alteza jÃ¡ possui sobre o\r\nassunto e vos levarem a aprofundar uma questÃ£o de tÃ£o elevado\r\ninteresse; mais feliz ainda se meu concurso ulterior puder ser de\r\nalguma utilidade.\r\nCom o mais profundo respeito, sou, de Vossa Alteza,\r\nmuito humilde e muito obediente servidor.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">Allan Kardec</span>', 'A Sua Alteza, PrÃ­ncipe G.', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '210-revision-v1', '', '', '2021-01-26 16:24:02', '2021-01-26 19:24:02', '', 210, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/210-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(212, 1, '2021-01-26 16:24:34', '2021-01-26 19:24:34', 'Revista EspÃ­rita, Janeiro de 1859, pÃ¡g. 14 , Paris, FranÃ§a\r\n\r\n(...)\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Podem os EspÃ­ritos revelar o futuro?\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Os EspÃ­ritos nÃ£o conhecem o futuro senÃ£o em razÃ£o de\r\nsua elevaÃ§Ã£o. Os inferiores nem mesmo o seu prÃ³prio futuro</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">conhecem e, com mais forte razÃ£o, desconhecem o dos outros. Os\r\nEspÃ­ritos superiores o conhecem, mas nem sempre lhes Ã©\r\npermitido revelÃ¡-lo. Em princÃ­pio, e por um sÃ¡bio desÃ­gnio da\r\nProvidÃªncia, o futuro nos deve ser ocultado. Se o conhecÃªssemos,\r\nnosso livre-arbÃ­trio seria tolhido. A certeza do sucesso tirar-nos-ia\r\na vontade de fazer qualquer coisa, porque nÃ£o verÃ­amos a\r\nnecessidade de nos darmos a esse trabalho; a certeza de uma\r\ndesgraÃ§a nos desencorajaria. Todavia, hÃ¡ casos em que o\r\nconhecimento do futuro pode ser Ãºtil, embora, nessa situaÃ§Ã£o,\r\njamais possamos ser juÃ­zes. Os EspÃ­ritos no-lo revelam quando o\r\njulgam conveniente e quando tÃªm a permissÃ£o de Deus. EntÃ£o o\r\nfazem espontaneamente e nÃ£o a pedido nosso. Ã‰ preciso esperar\r\ncom confianÃ§a a oportunidade e, sobretudo, nÃ£o insistir em caso de\r\nrecusa, pois, de outro modo, correrÃ­amos o risco de tratar com\r\nEspÃ­ritos levianos, que se divertem Ã  nossa custa.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Os EspÃ­ritos podem guiar-nos por meio de conselhos diretos\r\nnas coisas da vida?\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Sim, podem e o fazem de bom grado. Esses conselhos\r\nnos chegam diariamente pelos pensamentos que nos sugerem.\r\nMuitas vezes fazemos coisas cujo mÃ©rito nos atribuÃ­mos quando,\r\nna realidade, resultam apenas de uma inspiraÃ§Ã£o que nos foi\r\ntransmitida. Ora, como estamos rodeados de EspÃ­ritos que nos\r\ninfluenciam neste ou naquele sentido, temos sempre o livre-arbÃ­trio\r\npara nos guiar na escolha; e felizes seremos se preferirmos o nosso\r\ngÃªnio bom.\r\nAlÃ©m dos conselhos ocultos, podemos obter estes\r\ndiretamente atravÃ©s de um mÃ©dium; mas aqui Ã© o caso de\r\nrecordarmos os princÃ­pios fundamentais que acabamos de emitir. A\r\nprimeira coisa a considerar Ã© a qualidade do mÃ©dium, se nÃ£o somos\r\nnÃ³s prÃ³prios. Um mÃ©dium que sÃ³ boas comunicaÃ§Ãµes obtÃ©m;\r\nque, por suas qualidades pessoais nÃ£o simpatiza senÃ£o com os\r\nEspÃ­ritos bons, Ã© um ser precioso, do qual podemos esperar grandes</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">coisas, desde que o secundemos na pureza de suas prÃ³prias\r\ninstruÃ§Ãµes e o utilizemos convenientemente; direi mais: Ã© um\r\ninstrumento providencial.\r\nNÃ£o menos importante, o segundo ponto consiste na\r\nnatureza dos EspÃ­ritos aos quais nos dirigimos. NÃ£o devemos crer\r\nque possamos ser guiados corretamente pelo primeiro que apareÃ§a.\r\nAquele que visse nas comunicaÃ§Ãµes espÃ­ritas apenas um meio de\r\nadivinhaÃ§Ã£o e no mÃ©dium um leitor de </span><span class=\"fontstyle0\">buena dicha</span><span class=\"fontstyle2\">1 </span><span class=\"fontstyle2\">enganar-se-ia\r\nredondamente. Ã‰ preciso considerar que no mundo dos EspÃ­ritos\r\ntemos amigos que por nÃ³s se interessam, muito mais sinceros e\r\ndevotados do que os que tomam esses tÃ­tulos na Terra, e que nÃ£o\r\ntÃªm o menor interesse em nos lisonjear ou em nos enganar. SÃ£o,\r\nalÃ©m do nosso EspÃ­rito protetor, parentes ou pessoas a quem nos\r\nafeiÃ§oamos quando vivas, ou EspÃ­ritos que nos querem o bem por\r\nsimpatia. Quando chamados vÃªm de boa vontade e atÃ© mesmo\r\nquando nÃ£o sÃ£o chamados; muitas vezes os temos ao nosso lado,\r\nsem que o suspeitemos. AtravÃ©s dos mÃ©diuns podemos pedir-lhes\r\nconselhos diretos e os recebemos, mesmo espontaneamente, sem\r\nque lhos tenhamos pedido. Fazem-no sobretudo </span><span class=\"fontstyle0\">na intimidade, no\r\nsilÃªncio, e desde que nenhuma influÃªncia estranha os venha perturbar</span><span class=\"fontstyle2\">; sÃ£o,\r\naliÃ¡s, muito prudentes e, de sua parte, jamais devemos temer uma\r\nindiscriÃ§Ã£o: calam-se quando hÃ¡ ouvidos em demasia. Fazem-no\r\nainda com mais prazer quando estÃ£o em frequente comunicaÃ§Ã£o\r\nconosco. Como nÃ£o dizem senÃ£o coisas adequadas e conforme a\r\noportunidade, Ã© preciso esperar a sua boa vontade e nÃ£o acreditar\r\nque, Ã  primeira vista, venham satisfazer a todos os nossos pedidos.\r\nQuerem assim provar que nÃ£o estÃ£o Ã s nossas ordens.\r\nA natureza das respostas depende muito da maneira de\r\nfazer as perguntas. Ã‰ necessÃ¡rio aprender a conversar com os\r\nEspÃ­ritos como se aprende a conversar com os homens: em tudo Ã©\r\npreciso experiÃªncia. Por outro lado, o hÃ¡bito faz que os EspÃ­ritos se</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">identifiquem conosco e com o mÃ©dium, os fluidos se combinem e\r\nas comunicaÃ§Ãµes sejam mais fÃ¡ceis; entÃ£o entre eles e nÃ³s\r\nestabelecem-se verdadeiras conversaÃ§Ãµes familiares; o que nÃ£o\r\ndizem num dia falarÃ£o noutro. Habituam-se Ã  nossa maneira de ser,\r\ncomo nÃ³s Ã  deles: ficamos reciprocamente mais Ã  vontade. Quanto\r\nÃ  ingerÃªncia dos EspÃ­ritos maus e dos EspÃ­ritos enganadores, o que\r\nconstitui o grande escolho, a experiÃªncia nos ensina a combatÃª-los\r\ne podemos sempre evitÃ¡-los. Se nÃ£o lhes damos atenÃ§Ã£o, eles nÃ£o\r\nvÃªm, porque sabem que vÃ£o perder tempo.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">Qual poderÃ¡ ser a utilidade da propagaÃ§Ã£o das idÃ©ias\r\nespÃ­ritas? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Sendo o Espiritismo a prova palpÃ¡vel e evidente da\r\nexistÃªncia, da individualidade e da imortalidade da alma, Ã© a\r\ndestruiÃ§Ã£o do materialismo, essa negaÃ§Ã£o de toda religiÃ£o, essa\r\nchaga de toda sociedade. O nÃºmero dos materialistas que ele\r\nconduziu a idÃ©ias mais sÃ£s Ã© considerÃ¡vel e aumenta diariamente: sÃ³\r\nisso seria um benefÃ­cio social. NÃ£o somente prova a existÃªncia e a\r\nimortalidade da alma, como ainda mostra o seu estado feliz ou\r\ndesgraÃ§ado, conforme os mÃ©ritos desta vida. As penas e\r\nrecompensas futuras nÃ£o sÃ£o mais uma teoria, mas um fato patente\r\naos nossos olhos. Ora, como nÃ£o hÃ¡ religiÃ£o possÃ­vel sem a crenÃ§a\r\nem Deus, na existÃªncia da alma e nas penas e recompensas futuras,\r\no Espiritismo traz de volta a essas crenÃ§as as pessoas nas quais elas\r\nestavam apagadas; resulta daÃ­ que ele Ã© o mais poderoso auxiliar das\r\nidÃ©ias religiosas: dÃ¡ religiÃ£o aos que nÃ£o a possuem, fortifica-a\r\nnaqueles em que Ã© vacilante, consola pela certeza do futuro, faz\r\nsuportar com paciÃªncia e resignaÃ§Ã£o as tribulaÃ§Ãµes da vida e desvia\r\ndo pensamento o suicÃ­dio, idÃ©ia que naturalmente repelimos\r\nquando vemos as conseqÃ¼Ãªncias; eis por que sÃ£o felizes os que\r\npenetraram em seus mistÃ©rios. Para eles o Espiritismo Ã© a luz que\r\ndissipa as trevas e as angÃºstias da dÃºvida.\r\nSe considerarmos agora a moral ensinada pelos\r\nEspÃ­ritos superiores, concluiremos que ela Ã© toda evangÃ©lica; prega\r\na caridade evangÃ©lica em toda a sua sublimidade e faz mais: mostra</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">a sua necessidade tanto para a felicidade presente quanto para a\r\nfutura, porque as consequÃªncias do bem e do mal que fazemos\r\nestÃ£o diante dos nossos olhos. Reconduzindo os homens aos\r\nsentimentos de seus deveres recÃ­procos, o Espiritismo neutraliza o\r\nefeito das doutrinas que subvertem a ordem social.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">NÃ£o podem essas crenÃ§as representar um perigo para a\r\nrazÃ£o? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Todas as ciÃªncias nÃ£o forneceram o seu contingente para\r\nos hospitais de alienados? Devemos, por isso, condenÃ¡-las? NÃ£o\r\nestÃ£o largamente representadas entre elas as crenÃ§as religiosas?\r\nSeria justo, por isso, proscrever a religiÃ£o? Acaso conhecemos\r\ntodos os loucos produzidos pelo medo ao diabo? Todas as grandes\r\npreocupaÃ§Ãµes intelectuais levam Ã  exaltaÃ§Ã£o e podem reagir de\r\nmaneira lastimÃ¡vel sobre um cÃ©rebro fraco. TerÃ­amos razÃ£o de ver\r\nno Espiritismo um perigo especial se ele fosse a Ãºnica causa ou a\r\ncausa preponderante da loucura. Fez-se grande alarido em torno de\r\ndois ou trÃªs casos que, em outras circunstÃ¢ncias, nÃ£o teriam\r\nmerecido nenhuma atenÃ§Ã£o, ao nÃ£o se levar em consideraÃ§Ã£o as\r\ncausas predisponentes anteriores. PoderÃ­amos citar outros em que,\r\nbem compreendidas, as idÃ©ias espÃ­ritas poderiam deter o\r\ndesenvolvimento da loucura.\r\nEm resumo, o Espiritismo nÃ£o oferece maior perigo de\r\nloucura do que as mil e uma causas que a produzem diariamente.\r\nDigo mais: oferece bem menos perigo, visto trazer em si mesmo o\r\ncorretivo e, pela direÃ§Ã£o que dÃ¡ Ã s idÃ©ias e a calma que proporciona\r\nao espÃ­rito dos que o compreendem, pode neutralizar o efeito das\r\ncausas estranhas. O desespero Ã© uma dessas causas. Ora, ao nos\r\nfazer encarar as coisas mais desagradÃ¡veis com sangue-frio e\r\nresignaÃ§Ã£o, o Espiritismo atenua os funestos efeitos do desespero.\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">As crenÃ§as espÃ­ritas nÃ£o sÃ£o a consagraÃ§Ã£o das idÃ©ias\r\nsupersticiosas da AntigÃ¼idade e da Idade MÃ©dia e, assim, nÃ£o devem ser\r\nendossadas? </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ As pessoas sem religiÃ£o nÃ£o tacham de superstiÃ§Ã£o a\r\nmaioria das crenÃ§as religiosas? Uma idÃ©ia sÃ³ Ã© supersticiosa</span><span class=\"fontstyle3\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">quando Ã© falsa; deixa de o ser quando se torna uma verdade. EstÃ¡\r\nprovado que no fundo da maioria das superstiÃ§Ãµes existe uma\r\nverdade amplificada e desnaturada pela imaginaÃ§Ã£o. Ora, tirar\r\ndessas idÃ©ias todo o seu conteÃºdo fantÃ¡stico e deixar apenas a\r\nrealidade Ã© destruir a superstiÃ§Ã£o. Tal Ã© o efeito da ciÃªncia espÃ­rita,\r\nque pÃµe a nu o que hÃ¡ de verdadeiro e de falso nas crenÃ§as\r\npopulares. Por muito tempo as apariÃ§Ãµes foram consideradas\r\ncomo crenÃ§as supersticiosas; hoje, que sÃ£o um fato provado e,\r\nmais ainda, perfeitamente explicado, entraram no domÃ­nio dos\r\nfenÃ´menos naturais. Por mais que as condenemos, nÃ£o\r\nimpediremos que continuem a produzir-se. Todavia, os que se\r\nderam conta e as compreenderam, nÃ£o apenas nÃ£o se apavoram\r\ncomo estÃ£o satisfeitos, e isso a tal ponto que aqueles que nÃ£o tÃªm\r\nessas idÃ©ias desejariam tÃª-las. Deixando o campo livre Ã \r\nimaginaÃ§Ã£o, os fenÃ´menos incompreendidos representam a fonte\r\nde uma porÃ§Ã£o de idÃ©ias acessÃ³rias, absurdas, que degeneram em\r\nsuperstiÃ§Ã£o. Mostremos a realidade, expliquemos a causa e a\r\nimaginaÃ§Ã£o se detÃ©m no limite do possÃ­vel; o maravilhoso, o\r\nabsurdo e o impossÃ­vel desaparecem e, com eles a superstiÃ§Ã£o. Tais\r\nsÃ£o, dentre outras, as prÃ¡ticas cabalÃ­sticas, a virtude dos signos e\r\ndas palavras mÃ¡gicas, as fÃ³rmulas sacramentais, os amuletos, os\r\ndias nefastos, as horas diabÃ³licas e tantas outras coisas que o\r\nEspiritismo, bem compreendido, demonstra o ridÃ­culo.\r\nTais sÃ£o, PrÃ­ncipe, as respostas que julguei adequadas\r\nÃ s perguntas com que me honrastes. Sentir-me-ei feliz se elas\r\npuderem corroborar as idÃ©ias que Vossa Alteza jÃ¡ possui sobre o\r\nassunto e vos levarem a aprofundar uma questÃ£o de tÃ£o elevado\r\ninteresse; mais feliz ainda se meu concurso ulterior puder ser de\r\nalguma utilidade.\r\nCom o mais profundo respeito, sou, de Vossa Alteza,\r\nmuito humilde e muito obediente servidor.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">Allan Kardec</span>', 'Ã€ Sua Alteza, PrÃ­ncipe G.', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '210-revision-v1', '', '', '2021-01-26 16:24:34', '2021-01-26 19:24:34', '', 210, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/210-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(213, 1, '2021-01-26 20:39:22', '2021-01-26 23:39:22', 'Revista EspÃ­rita, 1859, pÃ¡g. 41, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Os anjos-da-guarda</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">ComunicaÃ§Ã£o espontÃ¢nea obtida pelo Sr. L..., um dos mÃ©diuns da Sociedade.\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">HÃ¡ uma doutrina, a dos anjos guardiÃ£es, que, pelo seu\r\nencanto e doÃ§ura, deveria converter os mais incrÃ©dulos. NÃ£o vos\r\nparece grandemente consoladora a idÃ©ia de terdes sempre junto de\r\nvÃ³s seres que vos sÃ£o superiores, prontos sempre a vos aconselhar\r\ne amparar, a vos ajudar na ascensÃ£o Ã  abrupta montanha do bem;\r\nmais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais\r\nintimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado\r\npor ordem de Deus. Foi Deus quem aÃ­ os colocou e, aÃ­\r\npermanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porÃ©m </span><span class=\"fontstyle2\">penosa missÃ£o. Sim, onde quer que estejais, estarÃ£o convosco. Nem\r\nnos cÃ¡rceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidÃ£o,\r\nnem na solidÃ£o, estais separados desses amigos a quem nÃ£o podeis\r\nver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo\r\nque lhes ouve os ponderados conselhos.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nAh! Se conhecÃªsseis bem esta verdade! Quanto vos\r\najudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos EspÃ­ritos\r\nmaus! Mas, oh! quantas vezes, no dia solene, nÃ£o se verÃ¡ esse anjo\r\nconstrangido a vos observar: â€œNÃ£o te aconselhei isto? Entretanto,\r\nnÃ£o o fizeste. NÃ£o te mostrei o abismo? Contudo, nele te\r\nprecipitaste! NÃ£o fiz ecoar na tua consciÃªncia a voz da verdade?\r\nPreferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!â€ Oh!\r\ninterrogai os vossos anjos guardiÃ£es; estabelecei entre eles e vÃ³s\r\nessa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. NÃ£o\r\npenseis em lhes ocultar nada, pois que eles tÃªm o olhar de Deus e\r\nnÃ£o podeis enganÃ¡-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na\r\nvida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais\r\nfelizes tornareis vossas existÃªncias. Vamos, homens, coragem! De\r\numa vez por todas, lanÃ§ai para longe todos os preconceitos e idÃ©ias\r\npreconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos\r\nabre. Caminhai! Tendes guias: segui-os. Que a meta nÃ£o vos falte,\r\nporquanto essa meta Ã© o prÃ³prio Deus.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nAos que considerem impossÃ­vel que EspÃ­ritos\r\nverdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tÃ£o laboriosa e de\r\ntodos os instantes, diremos que nÃ£o vos influenciamos as almas,\r\nestando embora muitos milhÃµes de lÃ©guas distantes de vÃ³s. O\r\nespaÃ§o, para nÃ³s, nada Ã©, e, nÃ£o obstante viverem noutro mundo, os\r\nnossos EspÃ­ritos conservam suas ligaÃ§Ãµes com os vossos. Gozamos\r\nde qualidades que nÃ£o podeis compreender, mas ficai certos de que\r\nDeus nÃ£o nos impÃ´s tarefa superior Ã s nossas forÃ§as e de que nÃ£o\r\nvos deixou sÃ³s na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo da\r\nguarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho.\r\nAlegra-se, quando o vÃª no bom caminho; sofre, quando lhe\r\ndespreza os conselhos.\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">NÃ£o receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao\r\ncontrÃ¡rio, procurai estar sempre em relaÃ§Ã£o conosco. Sereis assim\r\nmais fortes e mais felizes. SÃ£o essas comunicaÃ§Ãµes de cada um com\r\no seu EspÃ­rito familiar que fazem sejam mÃ©diuns todos os homens,\r\nmÃ©diuns ignorados hoje, mas que se manifestarÃ£o mais tarde e se\r\nespalharÃ£o qual oceano sem margens, levando de roldÃ£o a\r\nincredulidade e a ignorÃ¢ncia. Homens doutos, instruÃ­ os vossos\r\nsemelhantes; homens de talento, educai os vossos irmÃ£os. NÃ£o\r\nimaginais que obras fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos\r\nimpÃµe. Para que vos outorgou Deus a inteligÃªncia e a ciÃªncia, senÃ£o\r\npara repartirdes com os vossos irmÃ£os, senÃ£o para fazerdes que se\r\nadiantem pela senda que conduz Ã  bem-aventuranÃ§a, Ã  felicidade\r\neterna?</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">SÃ£o LuÃ­s, Santo Agostinho</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle4\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">ObservaÃ§Ã£o </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Nada tem de surpreendente a doutrina dos\r\nanjos guardiÃ£es, a velarem pelos seus protegidos, malgrado a\r\ndistÃ¢ncia que medeia entre os mundos. Ã‰, ao contrÃ¡rio, grandiosa e\r\nsublime. NÃ£o vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de\r\nlonge, e auxiliÃ¡-lo com seus conselhos, correspondendo-se com\r\nele? Que motivo de espanto haverÃ¡, entÃ£o, em que os EspÃ­ritos\r\npossam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles\r\ntomaram sob sua proteÃ§Ã£o, uma vez que, para eles, a distÃ¢ncia que\r\nvai de um mundo a outro Ã© menor do que a que, neste planeta,\r\nsepara os continentes?</span>\r\n\r\n&nbsp;', 'Os anjos-da-guarda (2)', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'os-anjos-da-guarda-2', '', '', '2021-01-26 20:39:22', '2021-01-26 23:39:22', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=213', 0, 'post', '', 0),

(214, 1, '2021-01-26 20:39:22', '2021-01-26 23:39:22', 'Revista EspÃ­rita, 1859, pÃ¡g. 41, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Os anjos-da-guarda</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">ComunicaÃ§Ã£o espontÃ¢nea obtida pelo Sr. L..., um dos mÃ©diuns da Sociedade.\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">HÃ¡ uma doutrina, a dos anjos guardiÃ£es, que, pelo seu\r\nencanto e doÃ§ura, deveria converter os mais incrÃ©dulos. NÃ£o vos\r\nparece grandemente consoladora a idÃ©ia de terdes sempre junto de\r\nvÃ³s seres que vos sÃ£o superiores, prontos sempre a vos aconselhar\r\ne amparar, a vos ajudar na ascensÃ£o Ã  abrupta montanha do bem;\r\nmais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais\r\nintimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado\r\npor ordem de Deus. Foi Deus quem aÃ­ os colocou e, aÃ­\r\npermanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porÃ©m </span><span class=\"fontstyle2\">penosa missÃ£o. Sim, onde quer que estejais, estarÃ£o convosco. Nem\r\nnos cÃ¡rceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidÃ£o,\r\nnem na solidÃ£o, estais separados desses amigos a quem nÃ£o podeis\r\nver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo\r\nque lhes ouve os ponderados conselhos.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nAh! Se conhecÃªsseis bem esta verdade! Quanto vos\r\najudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos EspÃ­ritos\r\nmaus! Mas, oh! quantas vezes, no dia solene, nÃ£o se verÃ¡ esse anjo\r\nconstrangido a vos observar: â€œNÃ£o te aconselhei isto? Entretanto,\r\nnÃ£o o fizeste. NÃ£o te mostrei o abismo? Contudo, nele te\r\nprecipitaste! NÃ£o fiz ecoar na tua consciÃªncia a voz da verdade?\r\nPreferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!â€ Oh!\r\ninterrogai os vossos anjos guardiÃ£es; estabelecei entre eles e vÃ³s\r\nessa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. NÃ£o\r\npenseis em lhes ocultar nada, pois que eles tÃªm o olhar de Deus e\r\nnÃ£o podeis enganÃ¡-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na\r\nvida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais\r\nfelizes tornareis vossas existÃªncias. Vamos, homens, coragem! De\r\numa vez por todas, lanÃ§ai para longe todos os preconceitos e idÃ©ias\r\npreconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos\r\nabre. Caminhai! Tendes guias: segui-os. Que a meta nÃ£o vos falte,\r\nporquanto essa meta Ã© o prÃ³prio Deus.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nAos que considerem impossÃ­vel que EspÃ­ritos\r\nverdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tÃ£o laboriosa e de\r\ntodos os instantes, diremos que nÃ£o vos influenciamos as almas,\r\nestando embora muitos milhÃµes de lÃ©guas distantes de vÃ³s. O\r\nespaÃ§o, para nÃ³s, nada Ã©, e, nÃ£o obstante viverem noutro mundo, os\r\nnossos EspÃ­ritos conservam suas ligaÃ§Ãµes com os vossos. Gozamos\r\nde qualidades que nÃ£o podeis compreender, mas ficai certos de que\r\nDeus nÃ£o nos impÃ´s tarefa superior Ã s nossas forÃ§as e de que nÃ£o\r\nvos deixou sÃ³s na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo da\r\nguarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho.\r\nAlegra-se, quando o vÃª no bom caminho; sofre, quando lhe\r\ndespreza os conselhos.\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">NÃ£o receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao\r\ncontrÃ¡rio, procurai estar sempre em relaÃ§Ã£o conosco. Sereis assim\r\nmais fortes e mais felizes. SÃ£o essas comunicaÃ§Ãµes de cada um com\r\no seu EspÃ­rito familiar que fazem sejam mÃ©diuns todos os homens,\r\nmÃ©diuns ignorados hoje, mas que se manifestarÃ£o mais tarde e se\r\nespalharÃ£o qual oceano sem margens, levando de roldÃ£o a\r\nincredulidade e a ignorÃ¢ncia. Homens doutos, instruÃ­ os vossos\r\nsemelhantes; homens de talento, educai os vossos irmÃ£os. NÃ£o\r\nimaginais que obras fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos\r\nimpÃµe. Para que vos outorgou Deus a inteligÃªncia e a ciÃªncia, senÃ£o\r\npara repartirdes com os vossos irmÃ£os, senÃ£o para fazerdes que se\r\nadiantem pela senda que conduz Ã  bem-aventuranÃ§a, Ã  felicidade\r\neterna?</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">SÃ£o LuÃ­s, Santo Agostinho</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle4\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">ObservaÃ§Ã£o </span><span class=\"fontstyle2\">â€“ Nada tem de surpreendente a doutrina dos\r\nanjos guardiÃ£es, a velarem pelos seus protegidos, malgrado a\r\ndistÃ¢ncia que medeia entre os mundos. Ã‰, ao contrÃ¡rio, grandiosa e\r\nsublime. NÃ£o vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de\r\nlonge, e auxiliÃ¡-lo com seus conselhos, correspondendo-se com\r\nele? Que motivo de espanto haverÃ¡, entÃ£o, em que os EspÃ­ritos\r\npossam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles\r\ntomaram sob sua proteÃ§Ã£o, uma vez que, para eles, a distÃ¢ncia que\r\nvai de um mundo a outro Ã© menor do que a que, neste planeta,\r\nsepara os continentes?</span>\r\n\r\n&nbsp;', 'Os anjos-da-guarda (2)', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '213-revision-v1', '', '', '2021-01-26 20:39:22', '2021-01-26 23:39:22', '', 213, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/213-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(215, 1, '2021-01-26 20:45:47', '2021-01-26 23:45:47', '{\n \"blogname\": {\n \"value\": \"Esp\\u00edrita em Moeda MG - Espiritismo, Estudos da Revista Esp\\u00edrita, de 1858 a 1869, Allan Kardec\",\n \"type\": \"option\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-26 23:43:41\"\n },\n \"blogdescription\": {\n \"value\": \"Estudo da Doutrina Esp\\u00edrita, Espiritismo, Revista Esp\\u00edrita, de 1858 a 1869, Allan Kardec, em Moeda MG\",\n \"type\": \"option\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-26 23:45:47\"\n },\n \"spintech::logo\_width\": {\n \"value\": 150,\n \"type\": \"theme\_mod\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-26 23:45:47\"\n }\n}', '', '', 'trash', 'closed', 'closed', '', 'df693c21-7990-4532-8924-4f14f06dfcec', '', '', '2021-01-26 20:45:47', '2021-01-26 23:45:47', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=215', 0, 'customize\_changeset', '', 0),

(216, 1, '2021-01-27 08:08:57', '2021-01-27 11:08:57', '{\n \"blogdescription\": {\n \"value\": \"Estudo da Doutrina Esp\\u00edrita, Espiritismo, Revista Esp\\u00edrita, de 1858 a 1869: \\\"NAITRE, MOURRIR, RENAITRE ENCORE ET PROGRESSER SANS CESSE TELLE EST LA LOI.\\\"\",\n \"type\": \"option\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-27 11:08:57\"\n }\n}', '', '', 'trash', 'closed', 'closed', '', 'fd1df9eb-fdd1-452c-a86a-5b6a7e2483f4', '', '', '2021-01-27 08:08:57', '2021-01-27 11:08:57', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/fd1df9eb-fdd1-452c-a86a-5b6a7e2483f4/', 0, 'customize\_changeset', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(217, 1, '2021-01-27 09:21:56', '2021-01-27 12:21:56', '<a href=\"https://pere-lachaise.com/tombe/kardec-allan/\">CemitÃ©rio Pere Lachaise</a>\r\n\r\n<strong>Uma viagem emocionante no tempo</strong>\r\n\r\nOriginal em FRANCÃŠS\r\nHome&gt; Artigos&gt; Tumba&gt; DivisÃ£o&gt; DivisÃ£o 89&gt; KARDEC Allan\r\nKARDEC Allan\r\nTÃºmulo do TeÃ³logo FilÃ³sofo da DivisÃ£o 89 K\r\n\r\n<strong>Quem Ã© Allan Kardec?</strong>\r\nData de nascimento: 3 de outubro de 1804 (Lyon, FranÃ§a)\r\nData da morte: 31 de marÃ§o de 1869 (Paris, FranÃ§a) aos 64 anos.\r\nAtividade principal: pedagogo francÃªs, fundador da filosofia espÃ­rita ou espiritualismo.\r\n\r\nNome de nascimento: Hippolyte LÃ©on Denizard Rivail.\r\nSigno: Libra.\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-222 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/allan-kardec-1-300x300.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"300\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nLocalize o tÃºmulo de Allan Kardec\r\n&gt;&gt; DivisÃ£o n Â° 89 &lt;&lt;\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-225 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec-1-300x138.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"138\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<strong>Biografia de Allan Kardec</strong>\r\n\r\nEducador emÃ©rito, conhecido por suas inÃºmeras obras de educaÃ§Ã£o, e entÃ£o fundador da doutrina do EspÃ­rito (tambÃ©m conhecida como Espiritismo), Allan Kardec permanece atÃ© hoje um dos filÃ³sofos franceses mais populares do Brasil. Se os milhares de centros espirituais do paÃ­s ainda perpetuam suas teses em seu ensino,\r\nsuas obras ainda sÃ£o vendidas aos milhares, seja no Brasil, mas tambÃ©m na AmÃ©rica Latina ou na FranÃ§a. Mais de um sÃ©culo e meio apÃ³s sua morte, Allan Kardec une e ainda une multidÃµes, como evidenciado pelas centenas de visitantes que vÃªm todos os dias para meditar em seu tÃºmulo.\r\n\r\nUma infÃ¢ncia na pequena burguesia de Lyon\r\nNascido Hippolyte LÃ©on Denizar Rivail, Allan Kardec (tambÃ©m encontramos a grafia Alan Kardec) nasceu em 3 de outubro de 1804 em Lyon, em uma famÃ­lia de notÃ¡veis, renomada na magistratura e na barra. O terceiro de uma famÃ­lia de quatro filhos, no entanto nÃ£o conhecia seus dois filhos mais velhos, que morreram ainda jovens. De sua irmÃ£ Isaure,\r\nnascido em 1806, tambÃ©m sabemos muito pouco.\r\n\r\nAtraÃ­do pelas ciÃªncias sociais e pela filosofia desde cedo, Allan Kardec nÃ£o seguirÃ¡ o caminho de ouro de seus pais que o viram tornar-se magistrado por sua vez. Enviado para a SuÃ­Ã§a quando tinha 10 anos para escapar dos problemas ligados ao fim do Primeiro ImpÃ©rio NapoleÃ´nico,\r\ntornou-se entÃ£o um dos discÃ­pulos mais fiÃ©is do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, cujas idÃ©ias e sistema de ensino teriam uma influÃªncia considerÃ¡vel em sua futura carreira na FranÃ§a, especialmente no campo da fraternidade universal. TambÃ©m estÃ¡ lÃ¡,\r\nna companhia de outros jovens da rica burguesia de toda a Europa, ele aprendeu inglÃªs, alemÃ£o e holandÃªs, trÃªs lÃ­nguas que acabou dominando notavelmente.\r\n\r\nParis, os primeiros passos do professor de Kardec\r\nApÃ³s completar seus estudos, o jovem Allan Kardec mudou-se para Paris em 1820,\r\nonde fundou em sua casa a 35, Rue de SÃ¨vres, um curso particular sobre mÃ©todos educacionais e correntes de pensamento de Pestalozzi, seu professor suÃ­Ã§o. TambÃ©m dÃ¡ aulas de fÃ­sica-quÃ­mica, anatomia e astronomia, com o objetivo de sempre tornar seu conteÃºdo atraente, interessante e educativo. Em paralelo,\r\no jovem pedagogo desenvolve um novo mÃ©todo de aprender a contar, bem como um dispositivo mnemÃ´nico para melhorar a aprendizagem da histÃ³ria francesa, e publica vÃ¡rias obras educativas, incluindo a proposta de Plano de melhoria da educaÃ§Ã£o pÃºblica, em 1928. Com esta obra, concedido pela Royal Academy of Arras,\r\nKardec entÃ£o comeÃ§ou a se firmar na sociedade educacional da Ã©poca.\r\n\r\nEm 1832, Allan Kardec casou-se com AmÃ©lie Boudet, uma professora que trabalhou com ele em sua escola, e tambÃ©m ajudou em seu trabalho educacional. Mas na dÃ©cada de 1850, enfrentando muitas dificuldades financeiras,\r\no professor Ã© forÃ§ado a fechar sua escola. Seu domÃ­nio da lÃ­ngua alemÃ£ o levou a embarcar na traduÃ§Ã£o de vÃ¡rias obras educacionais para a Alemanha sobre educaÃ§Ã£o e moral, a fim de ganhar a vida. Apaixonado por educaÃ§Ã£o, ele continua dando cursos gratuitos de quÃ­mica e astronomia,\r\npara continuar esta obra de transmissÃ£o que lhe toca o coraÃ§Ã£o.\r\n\r\n1855, seu inÃ­cio no espiritualismo\r\nForam suas imensas qualidades como professor que lhe abriram as portas, por acaso, no mundo do espiritualismo. Em 1855, quando ele tinha 51 anos,\r\nAllan Kardec Ã©, de fato, chamado para supervisionar e organizar novas prÃ¡ticas vindas direto dos Estados Unidos: sessÃµes de toca-discos e comunicaÃ§Ãµes com os espÃ­ritos. Obra que marcarÃ¡ o pedagogo para o resto da carreira.\r\n\r\nCom todo o rigor cientÃ­fico, as qualidades da observaÃ§Ã£o,\r\ne da determinaÃ§Ã£o que o caracteriza, Allan Kardec lanÃ§a entÃ£o, nos anos seguintes, um estudo aprofundado das manifestaÃ§Ãµes dos espÃ­ritos e da comunicaÃ§Ã£o com os defuntos, com o objetivo de poder elevar a disciplina ao grau de ciÃªncia. .\r\n\r\nO sucesso internacional da doutrina espiritualista\r\nConvencido de que existe uma vida apÃ³s a morte, de que a alma realmente tem existÃªncia prÃ³pria, ou de que todos os fatos qualificados como â€œsobrenaturaisâ€ sÃ£o totalmente regidos por leis cientÃ­ficas, o professor consegue formalizar uma doutrina espiritualista filosÃ³fica, que nÃ³s encontrar teorizado em vÃ¡rias obras importantes,\r\nincluindo o muito famoso Livre des Spirits (abril de 1857), ou o Livre des Mediums (janeiro de 1861) - esses livros tambÃ©m sÃ£o constantemente reeditados atÃ© hoje. Em 1858, ele tambÃ©m fundou a Revue Spirite, uma revista de estudos psicolÃ³gicos publicada atÃ© hoje, bem como a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais,\r\nprimeira empresa desse tipo.\r\n\r\nSe acreditarmos neste trecho do Livro dos EspÃ­ritos, \"o homem nÃ£o Ã© apenas feito de matÃ©ria, hÃ¡ nele um princÃ­pio pensante vinculado ao corpo fÃ­sico que ele deixa, como se deixa uma vestimenta usada, na sua presente encarnaÃ§Ã£o estÃ¡ completo. Uma vez desencarnado,\r\nos mortos podem se comunicar com os vivos, seja diretamente ou por meio de mÃ©diuns de forma visÃ­vel ou invisÃ­vel. \"\r\n\r\nFoi durante esse trabalho que ele tambÃ©m decidiu mudar seu nome de LÃ©on Rivail para o patronÃ­mico de Allan Kardec, nome que corresponderia ao do druida que ele teria encarnado em uma vida anterior.\r\nMuito rapidamente, o trabalho cientÃ­fico de Kardec ganhou destaque na esfera artÃ­stica da Ã©poca; Victor Hugo, arrasado com a morte de sua filha LÃ©opoldine, ThÃ©ophile Gautier, mas tambÃ©m de Arthur Conan Doyle, aliou-se Ã  causa do espiritismo, convencido do mÃ©rito de suas teses.\r\nO espiritualismo assim formalizado por Kardec difundiu-se entÃ£o com rara velocidade na sociedade da Ã©poca, apesar das polÃªmicas que suscitou.\r\n\r\nMorte e posteridade pÃ³stuma\r\nAtingido por um aneurisma rompido, Allan Kardec morreu repentinamente em 31 de marÃ§o de 1869, deixando muitos livros em andamento;\r\ntantos textos inacabados que serÃ£o agrupados e publicados alguns anos apÃ³s sua morte sob a coleÃ§Ã£o \"As obras pÃ³stumas de Allan Kardec\".\r\n\r\nSomente no final do sÃ©culo XIX o movimento espÃ­rita chegou Ã  AmÃ©rica Latina, e ao Brasil em particular,\r\nonde a esfera intelectual da Ã©poca acolheu com certo interesse as teses formalizadas por Kardec, entÃ£o perpetuadas por seus seguidores. Ainda hoje, mais de 4 milhÃµes de brasileiros se declaram espiritualistas, seduzidos pela heranÃ§a do educador francÃªs.\r\n\r\nMonumento funerÃ¡rio de Allan Kardec\r\nO tÃºmulo de Allan Kardec Ã© um dos cemitÃ©rios mais populares e floridos de PÃ¨re-Lachaise. Muitos visitantes - principalmente brasileiros - vÃªm para se recompor ou simplesmente tocÃ¡-la. TambÃ©m recebe regularmente visitas de filÃ³sofos, educadores,\r\ne mÃ©diuns em busca de inspiraÃ§Ã£o para o desenvolvimento de seus trabalhos. Como Kardec previu antes de sua morte, os admiradores mais fervorosos do teÃ³rico francÃªs acreditam firmemente que o tÃºmulo teria o poder de conceder desejos, convertendo-o em um verdadeiro lugar de contemplaÃ§Ã£o.\r\n\r\nDeve ser dito que o monumento,\r\nprojetado no estilo de um grande dolmen de granito, tem algo para impressionar. Na parte superior do antro estÃ¡ gravado o lema \"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal Ã© a lei\". No centro estÃ¡ um busto de bronze do prÃ³prio Allan Kardec, obra de Paul-Gabriel Capellaro,\r\ne cuja estela afirma: \"Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, o poder da causa Ã© devido Ã  magnitude do efeito\".\r\n\r\nPara ir mais longe ... com Allan Kardec', 'Sobre Allan Kardec - pequena biografia - Paris', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'sobre-allan-kardec-pequena-biografia-paris', '', '', '2021-01-27 09:51:48', '2021-01-27 12:51:48', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=217', 0, 'post', '', 0),

(218, 1, '2021-01-27 09:21:56', '2021-01-27 12:21:56', 'https://pere-lachaise.com/tombe/kardec-allan/', 'Um tour sobre Allan Kardec - Paris - artigo em francÃªs', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '217-revision-v1', '', '', '2021-01-27 09:21:56', '2021-01-27 12:21:56', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/217-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(221, 1, '2021-01-27 09:42:54', '2021-01-27 12:42:54', '<a href=\"https://pere-lachaise.com/tombe/kardec-allan/\">CemitÃ©rio Pere Lachaise</a>\n\n<strong>Uma viagem emocionante no tempo</strong>\n\nOriginal em FRANCÃŠS\nHome&gt; Artigos&gt; Tumba&gt; DivisÃ£o&gt; DivisÃ£o 89&gt; KARDEC Allan\nKARDEC Allan\nTÃºmulo do TeÃ³logo FilÃ³sofo da DivisÃ£o 89 K\n\n<strong>Quem Ã© Allan Kardec?</strong>\nData de nascimento: 3 de outubro de 1804 (Lyon, FranÃ§a)\nData da morte: 31 de marÃ§o de 1869 (Paris, FranÃ§a) aos 64 anos.\nAtividade principal: pedagogo francÃªs, fundador da filosofia espÃ­rita ou espiritualismo.\n\nNome de nascimento: Hippolyte LÃ©on Denizard Rivail.\nSigno: Libra.\n\n<img class=\"size-medium wp-image-222 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/allan-kardec-1-300x300.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"300\" />\n\n&nbsp;\n\n&nbsp;\n\n&nbsp;\n\n&nbsp;\n\n&nbsp;\n\n&nbsp;\n\nLocalize o tÃºmulo de Allan Kardec\n&gt;&gt; DivisÃ£o n Â° 89 &lt;&lt;\n\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-225\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec-1-300x138.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"138\" />\n\n<strong>Biografia de Allan Kardec</strong>\n\nEducador emÃ©rito, conhecido por suas inÃºmeras obras de educaÃ§Ã£o, e entÃ£o fundador da doutrina do EspÃ­rito (tambÃ©m conhecida como Espiritismo), Allan Kardec permanece atÃ© hoje um dos filÃ³sofos franceses mais populares do Brasil. Se os milhares de centros espirituais do paÃ­s ainda perpetuam suas teses em seu ensino,\nsuas obras ainda sÃ£o vendidas aos milhares, seja no Brasil, mas tambÃ©m na AmÃ©rica Latina ou na FranÃ§a. Mais de um sÃ©culo e meio apÃ³s sua morte, Allan Kardec une e ainda une multidÃµes, como evidenciado pelas centenas de visitantes que vÃªm todos os dias para meditar em seu tÃºmulo.\n\nUma infÃ¢ncia na pequena burguesia de Lyon\nNascido Hippolyte LÃ©on Denizar Rivail, Allan Kardec (tambÃ©m encontramos a grafia Alan Kardec) nasceu em 3 de outubro de 1804 em Lyon, em uma famÃ­lia de notÃ¡veis, renomada na magistratura e na barra. O terceiro de uma famÃ­lia de quatro filhos, no entanto nÃ£o conhecia seus dois filhos mais velhos, que morreram ainda jovens. De sua irmÃ£ Isaure,\nnascido em 1806, tambÃ©m sabemos muito pouco.\n\nAtraÃ­do pelas ciÃªncias sociais e pela filosofia desde cedo, Allan Kardec nÃ£o seguirÃ¡ o caminho de ouro de seus pais que o viram tornar-se magistrado por sua vez. Enviado para a SuÃ­Ã§a quando tinha 10 anos para escapar dos problemas ligados ao fim do Primeiro ImpÃ©rio NapoleÃ´nico,\ntornou-se entÃ£o um dos discÃ­pulos mais fiÃ©is do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, cujas idÃ©ias e sistema de ensino teriam uma influÃªncia considerÃ¡vel em sua futura carreira na FranÃ§a, especialmente no campo da fraternidade universal. TambÃ©m estÃ¡ lÃ¡,\nna companhia de outros jovens da rica burguesia de toda a Europa, ele aprendeu inglÃªs, alemÃ£o e holandÃªs, trÃªs lÃ­nguas que acabou dominando notavelmente.\n\nParis, os primeiros passos do professor de Kardec\nApÃ³s completar seus estudos, o jovem Allan Kardec mudou-se para Paris em 1820,\nonde fundou em sua casa a 35, Rue de SÃ¨vres, um curso particular sobre mÃ©todos educacionais e correntes de pensamento de Pestalozzi, seu professor suÃ­Ã§o. TambÃ©m dÃ¡ aulas de fÃ­sica-quÃ­mica, anatomia e astronomia, com o objetivo de sempre tornar seu conteÃºdo atraente, interessante e educativo. Em paralelo,\no jovem pedagogo desenvolve um novo mÃ©todo de aprender a contar, bem como um dispositivo mnemÃ´nico para melhorar a aprendizagem da histÃ³ria francesa, e publica vÃ¡rias obras educativas, incluindo a proposta de Plano de melhoria da educaÃ§Ã£o pÃºblica, em 1928. Com esta obra, concedido pela Royal Academy of Arras,\nKardec entÃ£o comeÃ§ou a se firmar na sociedade educacional da Ã©poca.\n\nEm 1832, Allan Kardec casou-se com AmÃ©lie Boudet, uma professora que trabalhou com ele em sua escola, e tambÃ©m ajudou em seu trabalho educacional. Mas na dÃ©cada de 1850, enfrentando muitas dificuldades financeiras,\no professor Ã© forÃ§ado a fechar sua escola. Seu domÃ­nio da lÃ­ngua alemÃ£ o levou a embarcar na traduÃ§Ã£o de vÃ¡rias obras educacionais para a Alemanha sobre educaÃ§Ã£o e moral, a fim de ganhar a vida. Apaixonado por educaÃ§Ã£o, ele continua dando cursos gratuitos de quÃ­mica e astronomia,\npara continuar esta obra de transmissÃ£o que lhe toca o coraÃ§Ã£o.\n\n1855, seu inÃ­cio no espiritualismo\nForam suas imensas qualidades como professor que lhe abriram as portas, por acaso, no mundo do espiritualismo. Em 1855, quando ele tinha 51 anos,\nAllan Kardec Ã©, de fato, chamado para supervisionar e organizar novas prÃ¡ticas vindas direto dos Estados Unidos: sessÃµes de toca-discos e comunicaÃ§Ãµes com os espÃ­ritos. Obra que marcarÃ¡ o pedagogo para o resto da carreira.\n\nCom todo o rigor cientÃ­fico, as qualidades da observaÃ§Ã£o,\ne da determinaÃ§Ã£o que o caracteriza, Allan Kardec lanÃ§a entÃ£o, nos anos seguintes, um estudo aprofundado das manifestaÃ§Ãµes dos espÃ­ritos e da comunicaÃ§Ã£o com os defuntos, com o objetivo de poder elevar a disciplina ao grau de ciÃªncia. .\n\nO sucesso internacional da doutrina espiritualista\nConvencido de que existe uma vida apÃ³s a morte, de que a alma realmente tem existÃªncia prÃ³pria, ou de que todos os fatos qualificados como â€œsobrenaturaisâ€ sÃ£o totalmente regidos por leis cientÃ­ficas, o professor consegue formalizar uma doutrina espiritualista filosÃ³fica, que nÃ³s encontrar teorizado em vÃ¡rias obras importantes,\nincluindo o muito famoso Livre des Spirits (abril de 1857), ou o Livre des Mediums (janeiro de 1861) - esses livros tambÃ©m sÃ£o constantemente reeditados atÃ© hoje. Em 1858, ele tambÃ©m fundou a Revue Spirite, uma revista de estudos psicolÃ³gicos publicada atÃ© hoje, bem como a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais,\nprimeira empresa desse tipo.\n\nSe acreditarmos neste trecho do Livro dos EspÃ­ritos, \"o homem nÃ£o Ã© apenas feito de matÃ©ria, hÃ¡ nele um princÃ­pio pensante vinculado ao corpo fÃ­sico que ele deixa, como se deixa uma vestimenta usada, na sua presente encarnaÃ§Ã£o estÃ¡ completo. Uma vez desencarnado,\nos mortos podem se comunicar com os vivos, seja diretamente ou por meio de mÃ©diuns de forma visÃ­vel ou invisÃ­vel. \"\n\nFoi durante esse trabalho que ele tambÃ©m decidiu mudar seu nome de LÃ©on Rivail para o patronÃ­mico de Allan Kardec, nome que corresponderia ao do druida que ele teria encarnado em uma vida anterior.\nMuito rapidamente, o trabalho cientÃ­fico de Kardec ganhou destaque na esfera artÃ­stica da Ã©poca; Victor Hugo, arrasado com a morte de sua filha LÃ©opoldine, ThÃ©ophile Gautier, mas tambÃ©m de Arthur Conan Doyle, aliou-se Ã  causa do espiritismo, convencido do mÃ©rito de suas teses.\nO espiritualismo assim formalizado por Kardec difundiu-se entÃ£o com rara velocidade na sociedade da Ã©poca, apesar das polÃªmicas que suscitou.\n\nMorte e posteridade pÃ³stuma\nAtingido por um aneurisma rompido, Allan Kardec morreu repentinamente em 31 de marÃ§o de 1869, deixando muitos livros em andamento;\ntantos textos inacabados que serÃ£o agrupados e publicados alguns anos apÃ³s sua morte sob a coleÃ§Ã£o \"As obras pÃ³stumas de Allan Kardec\".\n\nSomente no final do sÃ©culo XIX o movimento espÃ­rita chegou Ã  AmÃ©rica Latina, e ao Brasil em particular,\nonde a esfera intelectual da Ã©poca acolheu com certo interesse as teses formalizadas por Kardec, entÃ£o perpetuadas por seus seguidores. Ainda hoje, mais de 4 milhÃµes de brasileiros se declaram espiritualistas, seduzidos pela heranÃ§a do educador francÃªs.\n\nMonumento funerÃ¡rio de Allan Kardec\nO tÃºmulo de Allan Kardec Ã© um dos cemitÃ©rios mais populares e floridos de PÃ¨re-Lachaise. Muitos visitantes - principalmente brasileiros - vÃªm para se recompor ou simplesmente tocÃ¡-la. TambÃ©m recebe regularmente visitas de filÃ³sofos, educadores,\ne mÃ©diuns em busca de inspiraÃ§Ã£o para o desenvolvimento de seus trabalhos. Como Kardec previu antes de sua morte, os admiradores mais fervorosos do teÃ³rico francÃªs acreditam firmemente que o tÃºmulo teria o poder de conceder desejos, convertendo-o em um verdadeiro lugar de contemplaÃ§Ã£o.\n\nDeve ser dito que o monumento,\nprojetado no estilo de um grande dolmen de granito, tem algo para impressionar. Na parte superior do antro estÃ¡ gravado o lema \"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal Ã© a lei\". No centro estÃ¡ um busto de bronze do prÃ³prio Allan Kardec, obra de Paul-Gabriel Capellaro,\ne cuja estela afirma: \"Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, o poder da causa Ã© devido Ã  magnitude do efeito\".\n\nPara ir mais longe ... com Allan Kardec', 'Um tour sobre Allan Kardec - Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '217-autosave-v1', '', '', '2021-01-27 09:42:54', '2021-01-27 12:42:54', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/217-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(222, 1, '2021-01-27 09:37:44', '2021-01-27 12:37:44', '', 'allan-kardec', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'allan-kardec-2', '', '', '2021-01-27 09:37:44', '2021-01-27 12:37:44', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/allan-kardec-1.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(223, 1, '2021-01-27 09:37:48', '2021-01-27 12:37:48', '', 'tumba-allankardec', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'tumba-allankardec', '', '', '2021-01-27 09:37:48', '2021-01-27 12:37:48', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(224, 1, '2021-01-27 09:39:07', '2021-01-27 12:39:07', '<a href=\"https://pere-lachaise.com/tombe/kardec-allan/\">CemitÃ©rio Pere Lachaise</a>\r\n\r\n<strong>Uma viagem emocionante no tempo</strong>\r\n\r\nOriginal em FRANCÃŠS\r\nHome&gt; Artigos&gt; Tumba&gt; DivisÃ£o&gt; DivisÃ£o 89&gt; KARDEC Allan\r\nKARDEC Allan\r\nTÃºmulo do TeÃ³logo FilÃ³sofo da DivisÃ£o 89 K\r\n\r\n<strong>Quem Ã© Allan Kardec?</strong>\r\nData de nascimento: 3 de outubro de 1804 (Lyon, FranÃ§a)\r\nData da morte: 31 de marÃ§o de 1869 (Paris, FranÃ§a) aos 64 anos.\r\nAtividade principal: pedagogo francÃªs, fundador da filosofia espÃ­rita ou espiritualismo.\r\nNome de nascimento: Hippolyte LÃ©on Denizard Rivail.\r\nSigno: Libra.\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-222 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/allan-kardec-1-300x300.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"300\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nLocalize o tÃºmulo de Allan Kardec\r\n&gt;&gt; DivisÃ£o n Â° 89 &lt;&lt;\r\n\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-223\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec-300x138.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"138\" />\r\n\r\n<strong>Biografia de Allan Kardec</strong>\r\n\r\nEducador emÃ©rito, conhecido por suas inÃºmeras obras de educaÃ§Ã£o, e entÃ£o fundador da doutrina do EspÃ­rito (tambÃ©m conhecida como Espiritismo), Allan Kardec permanece atÃ© hoje um dos filÃ³sofos franceses mais populares do Brasil. Se os milhares de centros espirituais do paÃ­s ainda perpetuam suas teses em seu ensino,\r\nsuas obras ainda sÃ£o vendidas aos milhares, seja no Brasil, mas tambÃ©m na AmÃ©rica Latina ou na FranÃ§a. Mais de um sÃ©culo e meio apÃ³s sua morte, Allan Kardec une e ainda une multidÃµes, como evidenciado pelas centenas de visitantes que vÃªm todos os dias para meditar em seu tÃºmulo.\r\n\r\nUma infÃ¢ncia na pequena burguesia de Lyon\r\nNascido Hippolyte LÃ©on Denizar Rivail, Allan Kardec (tambÃ©m encontramos a grafia Alan Kardec) nasceu em 3 de outubro de 1804 em Lyon, em uma famÃ­lia de notÃ¡veis, renomada na magistratura e na barra. O terceiro de uma famÃ­lia de quatro filhos, no entanto nÃ£o conhecia seus dois filhos mais velhos, que morreram ainda jovens. De sua irmÃ£ Isaure,\r\nnascido em 1806, tambÃ©m sabemos muito pouco.\r\n\r\nAtraÃ­do pelas ciÃªncias sociais e pela filosofia desde cedo, Allan Kardec nÃ£o seguirÃ¡ o caminho de ouro de seus pais que o viram tornar-se magistrado por sua vez. Enviado para a SuÃ­Ã§a quando tinha 10 anos para escapar dos problemas ligados ao fim do Primeiro ImpÃ©rio NapoleÃ´nico,\r\ntornou-se entÃ£o um dos discÃ­pulos mais fiÃ©is do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, cujas idÃ©ias e sistema de ensino teriam uma influÃªncia considerÃ¡vel em sua futura carreira na FranÃ§a, especialmente no campo da fraternidade universal. TambÃ©m estÃ¡ lÃ¡,\r\nna companhia de outros jovens da rica burguesia de toda a Europa, ele aprendeu inglÃªs, alemÃ£o e holandÃªs, trÃªs lÃ­nguas que acabou dominando notavelmente.\r\n\r\nParis, os primeiros passos do professor de Kardec\r\nApÃ³s completar seus estudos, o jovem Allan Kardec mudou-se para Paris em 1820,\r\nonde fundou em sua casa a 35, Rue de SÃ¨vres, um curso particular sobre mÃ©todos educacionais e correntes de pensamento de Pestalozzi, seu professor suÃ­Ã§o. TambÃ©m dÃ¡ aulas de fÃ­sica-quÃ­mica, anatomia e astronomia, com o objetivo de sempre tornar seu conteÃºdo atraente, interessante e educativo. Em paralelo,\r\no jovem pedagogo desenvolve um novo mÃ©todo de aprender a contar, bem como um dispositivo mnemÃ´nico para melhorar a aprendizagem da histÃ³ria francesa, e publica vÃ¡rias obras educativas, incluindo a proposta de Plano de melhoria da educaÃ§Ã£o pÃºblica, em 1928. Com esta obra, concedido pela Royal Academy of Arras,\r\nKardec entÃ£o comeÃ§ou a se firmar na sociedade educacional da Ã©poca.\r\n\r\nEm 1832, Allan Kardec casou-se com AmÃ©lie Boudet, uma professora que trabalhou com ele em sua escola, e tambÃ©m ajudou em seu trabalho educacional. Mas na dÃ©cada de 1850, enfrentando muitas dificuldades financeiras,\r\no professor Ã© forÃ§ado a fechar sua escola. Seu domÃ­nio da lÃ­ngua alemÃ£ o levou a embarcar na traduÃ§Ã£o de vÃ¡rias obras educacionais para a Alemanha sobre educaÃ§Ã£o e moral, a fim de ganhar a vida. Apaixonado por educaÃ§Ã£o, ele continua dando cursos gratuitos de quÃ­mica e astronomia,\r\npara continuar esta obra de transmissÃ£o que lhe toca o coraÃ§Ã£o.\r\n\r\n1855, seu inÃ­cio no espiritualismo\r\nForam suas imensas qualidades como professor que lhe abriram as portas, por acaso, no mundo do espiritualismo. Em 1855, quando ele tinha 51 anos,\r\nAllan Kardec Ã©, de fato, chamado para supervisionar e organizar novas prÃ¡ticas vindas direto dos Estados Unidos: sessÃµes de toca-discos e comunicaÃ§Ãµes com os espÃ­ritos. Obra que marcarÃ¡ o pedagogo para o resto da carreira.\r\n\r\nCom todo o rigor cientÃ­fico, as qualidades da observaÃ§Ã£o,\r\ne da determinaÃ§Ã£o que o caracteriza, Allan Kardec lanÃ§a entÃ£o, nos anos seguintes, um estudo aprofundado das manifestaÃ§Ãµes dos espÃ­ritos e da comunicaÃ§Ã£o com os defuntos, com o objetivo de poder elevar a disciplina ao grau de ciÃªncia. .\r\n\r\nO sucesso internacional da doutrina espiritualista\r\nConvencido de que existe uma vida apÃ³s a morte, de que a alma realmente tem existÃªncia prÃ³pria, ou de que todos os fatos qualificados como â€œsobrenaturaisâ€ sÃ£o totalmente regidos por leis cientÃ­ficas, o professor consegue formalizar uma doutrina espiritualista filosÃ³fica, que nÃ³s encontrar teorizado em vÃ¡rias obras importantes,\r\nincluindo o muito famoso Livre des Spirits (abril de 1857), ou o Livre des Mediums (janeiro de 1861) - esses livros tambÃ©m sÃ£o constantemente reeditados atÃ© hoje. Em 1858, ele tambÃ©m fundou a Revue Spirite, uma revista de estudos psicolÃ³gicos publicada atÃ© hoje, bem como a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais,\r\nprimeira empresa desse tipo.\r\n\r\nSe acreditarmos neste trecho do Livro dos EspÃ­ritos, \"o homem nÃ£o Ã© apenas feito de matÃ©ria, hÃ¡ nele um princÃ­pio pensante vinculado ao corpo fÃ­sico que ele deixa, como se deixa uma vestimenta usada, na sua presente encarnaÃ§Ã£o estÃ¡ completo. Uma vez desencarnado,\r\nos mortos podem se comunicar com os vivos, seja diretamente ou por meio de mÃ©diuns de forma visÃ­vel ou invisÃ­vel. \"\r\n\r\nFoi durante esse trabalho que ele tambÃ©m decidiu mudar seu nome de LÃ©on Rivail para o patronÃ­mico de Allan Kardec, nome que corresponderia ao do druida que ele teria encarnado em uma vida anterior.\r\nMuito rapidamente, o trabalho cientÃ­fico de Kardec ganhou destaque na esfera artÃ­stica da Ã©poca; Victor Hugo, arrasado com a morte de sua filha LÃ©opoldine, ThÃ©ophile Gautier, mas tambÃ©m de Arthur Conan Doyle, aliou-se Ã  causa do espiritismo, convencido do mÃ©rito de suas teses.\r\nO espiritualismo assim formalizado por Kardec difundiu-se entÃ£o com rara velocidade na sociedade da Ã©poca, apesar das polÃªmicas que suscitou.\r\n\r\nMorte e posteridade pÃ³stuma\r\nAtingido por um aneurisma rompido, Allan Kardec morreu repentinamente em 31 de marÃ§o de 1869, deixando muitos livros em andamento;\r\ntantos textos inacabados que serÃ£o agrupados e publicados alguns anos apÃ³s sua morte sob a coleÃ§Ã£o \"As obras pÃ³stumas de Allan Kardec\".\r\n\r\nSomente no final do sÃ©culo XIX o movimento espÃ­rita chegou Ã  AmÃ©rica Latina, e ao Brasil em particular,\r\nonde a esfera intelectual da Ã©poca acolheu com certo interesse as teses formalizadas por Kardec, entÃ£o perpetuadas por seus seguidores. Ainda hoje, mais de 4 milhÃµes de brasileiros se declaram espiritualistas, seduzidos pela heranÃ§a do educador francÃªs.\r\n\r\nMonumento funerÃ¡rio de Allan Kardec\r\nO tÃºmulo de Allan Kardec Ã© um dos cemitÃ©rios mais populares e floridos de PÃ¨re-Lachaise. Muitos visitantes - principalmente brasileiros - vÃªm para se recompor ou simplesmente tocÃ¡-la. TambÃ©m recebe regularmente visitas de filÃ³sofos, educadores,\r\ne mÃ©diuns em busca de inspiraÃ§Ã£o para o desenvolvimento de seus trabalhos. Como Kardec previu antes de sua morte, os admiradores mais fervorosos do teÃ³rico francÃªs acreditam firmemente que o tÃºmulo teria o poder de conceder desejos, convertendo-o em um verdadeiro lugar de contemplaÃ§Ã£o.\r\n\r\nDeve ser dito que o monumento,\r\nprojetado no estilo de um grande dolmen de granito, tem algo para impressionar. Na parte superior do antro estÃ¡ gravado o lema \"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal Ã© a lei\". No centro estÃ¡ um busto de bronze do prÃ³prio Allan Kardec, obra de Paul-Gabriel Capellaro,\r\ne cuja estela afirma: \"Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, o poder da causa Ã© devido Ã  magnitude do efeito\".\r\n\r\nPara ir mais longe ... com Allan Kardec', 'Um tour sobre Allan Kardec - Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '217-revision-v1', '', '', '2021-01-27 09:39:07', '2021-01-27 12:39:07', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/217-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(225, 1, '2021-01-27 09:41:12', '2021-01-27 12:41:12', '', 'tumba-allankardec', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'tumba-allankardec-2', '', '', '2021-01-27 09:41:12', '2021-01-27 12:41:12', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec-1.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(226, 1, '2021-01-27 09:41:47', '2021-01-27 12:41:47', '<a href=\"https://pere-lachaise.com/tombe/kardec-allan/\">CemitÃ©rio Pere Lachaise</a>\r\n\r\n<strong>Uma viagem emocionante no tempo</strong>\r\n\r\nOriginal em FRANCÃŠS\r\nHome&gt; Artigos&gt; Tumba&gt; DivisÃ£o&gt; DivisÃ£o 89&gt; KARDEC Allan\r\nKARDEC Allan\r\nTÃºmulo do TeÃ³logo FilÃ³sofo da DivisÃ£o 89 K<img class=\"alignnone size-medium wp-image-225\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec-1-300x138.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"138\" />\r\n\r\n<strong>Quem Ã© Allan Kardec?</strong>\r\nData de nascimento: 3 de outubro de 1804 (Lyon, FranÃ§a)\r\nData da morte: 31 de marÃ§o de 1869 (Paris, FranÃ§a) aos 64 anos.\r\nAtividade principal: pedagogo francÃªs, fundador da filosofia espÃ­rita ou espiritualismo.\r\nNome de nascimento: Hippolyte LÃ©on Denizard Rivail.\r\nSigno: Libra.\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-222 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/allan-kardec-1-300x300.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"300\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nLocalize o tÃºmulo de Allan Kardec\r\n&gt;&gt; DivisÃ£o n Â° 89 &lt;&lt;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<strong>Biografia de Allan Kardec</strong>\r\n\r\nEducador emÃ©rito, conhecido por suas inÃºmeras obras de educaÃ§Ã£o, e entÃ£o fundador da doutrina do EspÃ­rito (tambÃ©m conhecida como Espiritismo), Allan Kardec permanece atÃ© hoje um dos filÃ³sofos franceses mais populares do Brasil. Se os milhares de centros espirituais do paÃ­s ainda perpetuam suas teses em seu ensino,\r\nsuas obras ainda sÃ£o vendidas aos milhares, seja no Brasil, mas tambÃ©m na AmÃ©rica Latina ou na FranÃ§a. Mais de um sÃ©culo e meio apÃ³s sua morte, Allan Kardec une e ainda une multidÃµes, como evidenciado pelas centenas de visitantes que vÃªm todos os dias para meditar em seu tÃºmulo.\r\n\r\nUma infÃ¢ncia na pequena burguesia de Lyon\r\nNascido Hippolyte LÃ©on Denizar Rivail, Allan Kardec (tambÃ©m encontramos a grafia Alan Kardec) nasceu em 3 de outubro de 1804 em Lyon, em uma famÃ­lia de notÃ¡veis, renomada na magistratura e na barra. O terceiro de uma famÃ­lia de quatro filhos, no entanto nÃ£o conhecia seus dois filhos mais velhos, que morreram ainda jovens. De sua irmÃ£ Isaure,\r\nnascido em 1806, tambÃ©m sabemos muito pouco.\r\n\r\nAtraÃ­do pelas ciÃªncias sociais e pela filosofia desde cedo, Allan Kardec nÃ£o seguirÃ¡ o caminho de ouro de seus pais que o viram tornar-se magistrado por sua vez. Enviado para a SuÃ­Ã§a quando tinha 10 anos para escapar dos problemas ligados ao fim do Primeiro ImpÃ©rio NapoleÃ´nico,\r\ntornou-se entÃ£o um dos discÃ­pulos mais fiÃ©is do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, cujas idÃ©ias e sistema de ensino teriam uma influÃªncia considerÃ¡vel em sua futura carreira na FranÃ§a, especialmente no campo da fraternidade universal. TambÃ©m estÃ¡ lÃ¡,\r\nna companhia de outros jovens da rica burguesia de toda a Europa, ele aprendeu inglÃªs, alemÃ£o e holandÃªs, trÃªs lÃ­nguas que acabou dominando notavelmente.\r\n\r\nParis, os primeiros passos do professor de Kardec\r\nApÃ³s completar seus estudos, o jovem Allan Kardec mudou-se para Paris em 1820,\r\nonde fundou em sua casa a 35, Rue de SÃ¨vres, um curso particular sobre mÃ©todos educacionais e correntes de pensamento de Pestalozzi, seu professor suÃ­Ã§o. TambÃ©m dÃ¡ aulas de fÃ­sica-quÃ­mica, anatomia e astronomia, com o objetivo de sempre tornar seu conteÃºdo atraente, interessante e educativo. Em paralelo,\r\no jovem pedagogo desenvolve um novo mÃ©todo de aprender a contar, bem como um dispositivo mnemÃ´nico para melhorar a aprendizagem da histÃ³ria francesa, e publica vÃ¡rias obras educativas, incluindo a proposta de Plano de melhoria da educaÃ§Ã£o pÃºblica, em 1928. Com esta obra, concedido pela Royal Academy of Arras,\r\nKardec entÃ£o comeÃ§ou a se firmar na sociedade educacional da Ã©poca.\r\n\r\nEm 1832, Allan Kardec casou-se com AmÃ©lie Boudet, uma professora que trabalhou com ele em sua escola, e tambÃ©m ajudou em seu trabalho educacional. Mas na dÃ©cada de 1850, enfrentando muitas dificuldades financeiras,\r\no professor Ã© forÃ§ado a fechar sua escola. Seu domÃ­nio da lÃ­ngua alemÃ£ o levou a embarcar na traduÃ§Ã£o de vÃ¡rias obras educacionais para a Alemanha sobre educaÃ§Ã£o e moral, a fim de ganhar a vida. Apaixonado por educaÃ§Ã£o, ele continua dando cursos gratuitos de quÃ­mica e astronomia,\r\npara continuar esta obra de transmissÃ£o que lhe toca o coraÃ§Ã£o.\r\n\r\n1855, seu inÃ­cio no espiritualismo\r\nForam suas imensas qualidades como professor que lhe abriram as portas, por acaso, no mundo do espiritualismo. Em 1855, quando ele tinha 51 anos,\r\nAllan Kardec Ã©, de fato, chamado para supervisionar e organizar novas prÃ¡ticas vindas direto dos Estados Unidos: sessÃµes de toca-discos e comunicaÃ§Ãµes com os espÃ­ritos. Obra que marcarÃ¡ o pedagogo para o resto da carreira.\r\n\r\nCom todo o rigor cientÃ­fico, as qualidades da observaÃ§Ã£o,\r\ne da determinaÃ§Ã£o que o caracteriza, Allan Kardec lanÃ§a entÃ£o, nos anos seguintes, um estudo aprofundado das manifestaÃ§Ãµes dos espÃ­ritos e da comunicaÃ§Ã£o com os defuntos, com o objetivo de poder elevar a disciplina ao grau de ciÃªncia. .\r\n\r\nO sucesso internacional da doutrina espiritualista\r\nConvencido de que existe uma vida apÃ³s a morte, de que a alma realmente tem existÃªncia prÃ³pria, ou de que todos os fatos qualificados como â€œsobrenaturaisâ€ sÃ£o totalmente regidos por leis cientÃ­ficas, o professor consegue formalizar uma doutrina espiritualista filosÃ³fica, que nÃ³s encontrar teorizado em vÃ¡rias obras importantes,\r\nincluindo o muito famoso Livre des Spirits (abril de 1857), ou o Livre des Mediums (janeiro de 1861) - esses livros tambÃ©m sÃ£o constantemente reeditados atÃ© hoje. Em 1858, ele tambÃ©m fundou a Revue Spirite, uma revista de estudos psicolÃ³gicos publicada atÃ© hoje, bem como a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais,\r\nprimeira empresa desse tipo.\r\n\r\nSe acreditarmos neste trecho do Livro dos EspÃ­ritos, \"o homem nÃ£o Ã© apenas feito de matÃ©ria, hÃ¡ nele um princÃ­pio pensante vinculado ao corpo fÃ­sico que ele deixa, como se deixa uma vestimenta usada, na sua presente encarnaÃ§Ã£o estÃ¡ completo. Uma vez desencarnado,\r\nos mortos podem se comunicar com os vivos, seja diretamente ou por meio de mÃ©diuns de forma visÃ­vel ou invisÃ­vel. \"\r\n\r\nFoi durante esse trabalho que ele tambÃ©m decidiu mudar seu nome de LÃ©on Rivail para o patronÃ­mico de Allan Kardec, nome que corresponderia ao do druida que ele teria encarnado em uma vida anterior.\r\nMuito rapidamente, o trabalho cientÃ­fico de Kardec ganhou destaque na esfera artÃ­stica da Ã©poca; Victor Hugo, arrasado com a morte de sua filha LÃ©opoldine, ThÃ©ophile Gautier, mas tambÃ©m de Arthur Conan Doyle, aliou-se Ã  causa do espiritismo, convencido do mÃ©rito de suas teses.\r\nO espiritualismo assim formalizado por Kardec difundiu-se entÃ£o com rara velocidade na sociedade da Ã©poca, apesar das polÃªmicas que suscitou.\r\n\r\nMorte e posteridade pÃ³stuma\r\nAtingido por um aneurisma rompido, Allan Kardec morreu repentinamente em 31 de marÃ§o de 1869, deixando muitos livros em andamento;\r\ntantos textos inacabados que serÃ£o agrupados e publicados alguns anos apÃ³s sua morte sob a coleÃ§Ã£o \"As obras pÃ³stumas de Allan Kardec\".\r\n\r\nSomente no final do sÃ©culo XIX o movimento espÃ­rita chegou Ã  AmÃ©rica Latina, e ao Brasil em particular,\r\nonde a esfera intelectual da Ã©poca acolheu com certo interesse as teses formalizadas por Kardec, entÃ£o perpetuadas por seus seguidores. Ainda hoje, mais de 4 milhÃµes de brasileiros se declaram espiritualistas, seduzidos pela heranÃ§a do educador francÃªs.\r\n\r\nMonumento funerÃ¡rio de Allan Kardec\r\nO tÃºmulo de Allan Kardec Ã© um dos cemitÃ©rios mais populares e floridos de PÃ¨re-Lachaise. Muitos visitantes - principalmente brasileiros - vÃªm para se recompor ou simplesmente tocÃ¡-la. TambÃ©m recebe regularmente visitas de filÃ³sofos, educadores,\r\ne mÃ©diuns em busca de inspiraÃ§Ã£o para o desenvolvimento de seus trabalhos. Como Kardec previu antes de sua morte, os admiradores mais fervorosos do teÃ³rico francÃªs acreditam firmemente que o tÃºmulo teria o poder de conceder desejos, convertendo-o em um verdadeiro lugar de contemplaÃ§Ã£o.\r\n\r\nDeve ser dito que o monumento,\r\nprojetado no estilo de um grande dolmen de granito, tem algo para impressionar. Na parte superior do antro estÃ¡ gravado o lema \"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal Ã© a lei\". No centro estÃ¡ um busto de bronze do prÃ³prio Allan Kardec, obra de Paul-Gabriel Capellaro,\r\ne cuja estela afirma: \"Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, o poder da causa Ã© devido Ã  magnitude do efeito\".\r\n\r\nPara ir mais longe ... com Allan Kardec', 'Um tour sobre Allan Kardec - Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '217-revision-v1', '', '', '2021-01-27 09:41:47', '2021-01-27 12:41:47', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/217-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(227, 1, '2021-01-27 09:43:47', '2021-01-27 12:43:47', '<a href=\"https://pere-lachaise.com/tombe/kardec-allan/\">CemitÃ©rio Pere Lachaise</a>\r\n\r\n<strong>Uma viagem emocionante no tempo</strong>\r\n\r\nOriginal em FRANCÃŠS\r\nHome&gt; Artigos&gt; Tumba&gt; DivisÃ£o&gt; DivisÃ£o 89&gt; KARDEC Allan\r\nKARDEC Allan\r\nTÃºmulo do TeÃ³logo FilÃ³sofo da DivisÃ£o 89 K\r\n\r\n<strong>Quem Ã© Allan Kardec?</strong>\r\nData de nascimento: 3 de outubro de 1804 (Lyon, FranÃ§a)\r\nData da morte: 31 de marÃ§o de 1869 (Paris, FranÃ§a) aos 64 anos.\r\nAtividade principal: pedagogo francÃªs, fundador da filosofia espÃ­rita ou espiritualismo.\r\n\r\nNome de nascimento: Hippolyte LÃ©on Denizard Rivail.\r\nSigno: Libra.\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-222 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/allan-kardec-1-300x300.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"300\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nLocalize o tÃºmulo de Allan Kardec\r\n&gt;&gt; DivisÃ£o n Â° 89 &lt;&lt;\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-225 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec-1-300x138.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"138\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<strong>Biografia de Allan Kardec</strong>\r\n\r\nEducador emÃ©rito, conhecido por suas inÃºmeras obras de educaÃ§Ã£o, e entÃ£o fundador da doutrina do EspÃ­rito (tambÃ©m conhecida como Espiritismo), Allan Kardec permanece atÃ© hoje um dos filÃ³sofos franceses mais populares do Brasil. Se os milhares de centros espirituais do paÃ­s ainda perpetuam suas teses em seu ensino,\r\nsuas obras ainda sÃ£o vendidas aos milhares, seja no Brasil, mas tambÃ©m na AmÃ©rica Latina ou na FranÃ§a. Mais de um sÃ©culo e meio apÃ³s sua morte, Allan Kardec une e ainda une multidÃµes, como evidenciado pelas centenas de visitantes que vÃªm todos os dias para meditar em seu tÃºmulo.\r\n\r\nUma infÃ¢ncia na pequena burguesia de Lyon\r\nNascido Hippolyte LÃ©on Denizar Rivail, Allan Kardec (tambÃ©m encontramos a grafia Alan Kardec) nasceu em 3 de outubro de 1804 em Lyon, em uma famÃ­lia de notÃ¡veis, renomada na magistratura e na barra. O terceiro de uma famÃ­lia de quatro filhos, no entanto nÃ£o conhecia seus dois filhos mais velhos, que morreram ainda jovens. De sua irmÃ£ Isaure,\r\nnascido em 1806, tambÃ©m sabemos muito pouco.\r\n\r\nAtraÃ­do pelas ciÃªncias sociais e pela filosofia desde cedo, Allan Kardec nÃ£o seguirÃ¡ o caminho de ouro de seus pais que o viram tornar-se magistrado por sua vez. Enviado para a SuÃ­Ã§a quando tinha 10 anos para escapar dos problemas ligados ao fim do Primeiro ImpÃ©rio NapoleÃ´nico,\r\ntornou-se entÃ£o um dos discÃ­pulos mais fiÃ©is do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, cujas idÃ©ias e sistema de ensino teriam uma influÃªncia considerÃ¡vel em sua futura carreira na FranÃ§a, especialmente no campo da fraternidade universal. TambÃ©m estÃ¡ lÃ¡,\r\nna companhia de outros jovens da rica burguesia de toda a Europa, ele aprendeu inglÃªs, alemÃ£o e holandÃªs, trÃªs lÃ­nguas que acabou dominando notavelmente.\r\n\r\nParis, os primeiros passos do professor de Kardec\r\nApÃ³s completar seus estudos, o jovem Allan Kardec mudou-se para Paris em 1820,\r\nonde fundou em sua casa a 35, Rue de SÃ¨vres, um curso particular sobre mÃ©todos educacionais e correntes de pensamento de Pestalozzi, seu professor suÃ­Ã§o. TambÃ©m dÃ¡ aulas de fÃ­sica-quÃ­mica, anatomia e astronomia, com o objetivo de sempre tornar seu conteÃºdo atraente, interessante e educativo. Em paralelo,\r\no jovem pedagogo desenvolve um novo mÃ©todo de aprender a contar, bem como um dispositivo mnemÃ´nico para melhorar a aprendizagem da histÃ³ria francesa, e publica vÃ¡rias obras educativas, incluindo a proposta de Plano de melhoria da educaÃ§Ã£o pÃºblica, em 1928. Com esta obra, concedido pela Royal Academy of Arras,\r\nKardec entÃ£o comeÃ§ou a se firmar na sociedade educacional da Ã©poca.\r\n\r\nEm 1832, Allan Kardec casou-se com AmÃ©lie Boudet, uma professora que trabalhou com ele em sua escola, e tambÃ©m ajudou em seu trabalho educacional. Mas na dÃ©cada de 1850, enfrentando muitas dificuldades financeiras,\r\no professor Ã© forÃ§ado a fechar sua escola. Seu domÃ­nio da lÃ­ngua alemÃ£ o levou a embarcar na traduÃ§Ã£o de vÃ¡rias obras educacionais para a Alemanha sobre educaÃ§Ã£o e moral, a fim de ganhar a vida. Apaixonado por educaÃ§Ã£o, ele continua dando cursos gratuitos de quÃ­mica e astronomia,\r\npara continuar esta obra de transmissÃ£o que lhe toca o coraÃ§Ã£o.\r\n\r\n1855, seu inÃ­cio no espiritualismo\r\nForam suas imensas qualidades como professor que lhe abriram as portas, por acaso, no mundo do espiritualismo. Em 1855, quando ele tinha 51 anos,\r\nAllan Kardec Ã©, de fato, chamado para supervisionar e organizar novas prÃ¡ticas vindas direto dos Estados Unidos: sessÃµes de toca-discos e comunicaÃ§Ãµes com os espÃ­ritos. Obra que marcarÃ¡ o pedagogo para o resto da carreira.\r\n\r\nCom todo o rigor cientÃ­fico, as qualidades da observaÃ§Ã£o,\r\ne da determinaÃ§Ã£o que o caracteriza, Allan Kardec lanÃ§a entÃ£o, nos anos seguintes, um estudo aprofundado das manifestaÃ§Ãµes dos espÃ­ritos e da comunicaÃ§Ã£o com os defuntos, com o objetivo de poder elevar a disciplina ao grau de ciÃªncia. .\r\n\r\nO sucesso internacional da doutrina espiritualista\r\nConvencido de que existe uma vida apÃ³s a morte, de que a alma realmente tem existÃªncia prÃ³pria, ou de que todos os fatos qualificados como â€œsobrenaturaisâ€ sÃ£o totalmente regidos por leis cientÃ­ficas, o professor consegue formalizar uma doutrina espiritualista filosÃ³fica, que nÃ³s encontrar teorizado em vÃ¡rias obras importantes,\r\nincluindo o muito famoso Livre des Spirits (abril de 1857), ou o Livre des Mediums (janeiro de 1861) - esses livros tambÃ©m sÃ£o constantemente reeditados atÃ© hoje. Em 1858, ele tambÃ©m fundou a Revue Spirite, uma revista de estudos psicolÃ³gicos publicada atÃ© hoje, bem como a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais,\r\nprimeira empresa desse tipo.\r\n\r\nSe acreditarmos neste trecho do Livro dos EspÃ­ritos, \"o homem nÃ£o Ã© apenas feito de matÃ©ria, hÃ¡ nele um princÃ­pio pensante vinculado ao corpo fÃ­sico que ele deixa, como se deixa uma vestimenta usada, na sua presente encarnaÃ§Ã£o estÃ¡ completo. Uma vez desencarnado,\r\nos mortos podem se comunicar com os vivos, seja diretamente ou por meio de mÃ©diuns de forma visÃ­vel ou invisÃ­vel. \"\r\n\r\nFoi durante esse trabalho que ele tambÃ©m decidiu mudar seu nome de LÃ©on Rivail para o patronÃ­mico de Allan Kardec, nome que corresponderia ao do druida que ele teria encarnado em uma vida anterior.\r\nMuito rapidamente, o trabalho cientÃ­fico de Kardec ganhou destaque na esfera artÃ­stica da Ã©poca; Victor Hugo, arrasado com a morte de sua filha LÃ©opoldine, ThÃ©ophile Gautier, mas tambÃ©m de Arthur Conan Doyle, aliou-se Ã  causa do espiritismo, convencido do mÃ©rito de suas teses.\r\nO espiritualismo assim formalizado por Kardec difundiu-se entÃ£o com rara velocidade na sociedade da Ã©poca, apesar das polÃªmicas que suscitou.\r\n\r\nMorte e posteridade pÃ³stuma\r\nAtingido por um aneurisma rompido, Allan Kardec morreu repentinamente em 31 de marÃ§o de 1869, deixando muitos livros em andamento;\r\ntantos textos inacabados que serÃ£o agrupados e publicados alguns anos apÃ³s sua morte sob a coleÃ§Ã£o \"As obras pÃ³stumas de Allan Kardec\".\r\n\r\nSomente no final do sÃ©culo XIX o movimento espÃ­rita chegou Ã  AmÃ©rica Latina, e ao Brasil em particular,\r\nonde a esfera intelectual da Ã©poca acolheu com certo interesse as teses formalizadas por Kardec, entÃ£o perpetuadas por seus seguidores. Ainda hoje, mais de 4 milhÃµes de brasileiros se declaram espiritualistas, seduzidos pela heranÃ§a do educador francÃªs.\r\n\r\nMonumento funerÃ¡rio de Allan Kardec\r\nO tÃºmulo de Allan Kardec Ã© um dos cemitÃ©rios mais populares e floridos de PÃ¨re-Lachaise. Muitos visitantes - principalmente brasileiros - vÃªm para se recompor ou simplesmente tocÃ¡-la. TambÃ©m recebe regularmente visitas de filÃ³sofos, educadores,\r\ne mÃ©diuns em busca de inspiraÃ§Ã£o para o desenvolvimento de seus trabalhos. Como Kardec previu antes de sua morte, os admiradores mais fervorosos do teÃ³rico francÃªs acreditam firmemente que o tÃºmulo teria o poder de conceder desejos, convertendo-o em um verdadeiro lugar de contemplaÃ§Ã£o.\r\n\r\nDeve ser dito que o monumento,\r\nprojetado no estilo de um grande dolmen de granito, tem algo para impressionar. Na parte superior do antro estÃ¡ gravado o lema \"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal Ã© a lei\". No centro estÃ¡ um busto de bronze do prÃ³prio Allan Kardec, obra de Paul-Gabriel Capellaro,\r\ne cuja estela afirma: \"Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, o poder da causa Ã© devido Ã  magnitude do efeito\".\r\n\r\nPara ir mais longe ... com Allan Kardec', 'Um tour sobre Allan Kardec - Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '217-revision-v1', '', '', '2021-01-27 09:43:47', '2021-01-27 12:43:47', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/217-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(228, 1, '2021-01-27 09:47:32', '2021-01-27 12:47:32', '<a href=\"https://pere-lachaise.com/tombe/kardec-allan/\">CemitÃ©rio Pere Lachaise</a>\r\n\r\n<strong>Uma viagem emocionante no tempo</strong>\r\n\r\nOriginal em FRANCÃŠS\r\nHome&gt; Artigos&gt; Tumba&gt; DivisÃ£o&gt; DivisÃ£o 89&gt; KARDEC Allan\r\nKARDEC Allan\r\nTÃºmulo do TeÃ³logo FilÃ³sofo da DivisÃ£o 89 K\r\n\r\n<strong>Quem Ã© Allan Kardec?</strong>\r\nData de nascimento: 3 de outubro de 1804 (Lyon, FranÃ§a)\r\nData da morte: 31 de marÃ§o de 1869 (Paris, FranÃ§a) aos 64 anos.\r\nAtividade principal: pedagogo francÃªs, fundador da filosofia espÃ­rita ou espiritualismo.\r\n\r\nNome de nascimento: Hippolyte LÃ©on Denizard Rivail.\r\nSigno: Libra.\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-222 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/allan-kardec-1-300x300.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"300\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nLocalize o tÃºmulo de Allan Kardec\r\n&gt;&gt; DivisÃ£o n Â° 89 &lt;&lt;\r\n\r\n<img class=\"size-medium wp-image-225 alignleft\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/tumba-allankardec-1-300x138.jpg\" alt=\"\" width=\"300\" height=\"138\" />\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\n<strong>Biografia de Allan Kardec</strong>\r\n\r\nEducador emÃ©rito, conhecido por suas inÃºmeras obras de educaÃ§Ã£o, e entÃ£o fundador da doutrina do EspÃ­rito (tambÃ©m conhecida como Espiritismo), Allan Kardec permanece atÃ© hoje um dos filÃ³sofos franceses mais populares do Brasil. Se os milhares de centros espirituais do paÃ­s ainda perpetuam suas teses em seu ensino,\r\nsuas obras ainda sÃ£o vendidas aos milhares, seja no Brasil, mas tambÃ©m na AmÃ©rica Latina ou na FranÃ§a. Mais de um sÃ©culo e meio apÃ³s sua morte, Allan Kardec une e ainda une multidÃµes, como evidenciado pelas centenas de visitantes que vÃªm todos os dias para meditar em seu tÃºmulo.\r\n\r\nUma infÃ¢ncia na pequena burguesia de Lyon\r\nNascido Hippolyte LÃ©on Denizar Rivail, Allan Kardec (tambÃ©m encontramos a grafia Alan Kardec) nasceu em 3 de outubro de 1804 em Lyon, em uma famÃ­lia de notÃ¡veis, renomada na magistratura e na barra. O terceiro de uma famÃ­lia de quatro filhos, no entanto nÃ£o conhecia seus dois filhos mais velhos, que morreram ainda jovens. De sua irmÃ£ Isaure,\r\nnascido em 1806, tambÃ©m sabemos muito pouco.\r\n\r\nAtraÃ­do pelas ciÃªncias sociais e pela filosofia desde cedo, Allan Kardec nÃ£o seguirÃ¡ o caminho de ouro de seus pais que o viram tornar-se magistrado por sua vez. Enviado para a SuÃ­Ã§a quando tinha 10 anos para escapar dos problemas ligados ao fim do Primeiro ImpÃ©rio NapoleÃ´nico,\r\ntornou-se entÃ£o um dos discÃ­pulos mais fiÃ©is do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi, cujas idÃ©ias e sistema de ensino teriam uma influÃªncia considerÃ¡vel em sua futura carreira na FranÃ§a, especialmente no campo da fraternidade universal. TambÃ©m estÃ¡ lÃ¡,\r\nna companhia de outros jovens da rica burguesia de toda a Europa, ele aprendeu inglÃªs, alemÃ£o e holandÃªs, trÃªs lÃ­nguas que acabou dominando notavelmente.\r\n\r\nParis, os primeiros passos do professor de Kardec\r\nApÃ³s completar seus estudos, o jovem Allan Kardec mudou-se para Paris em 1820,\r\nonde fundou em sua casa a 35, Rue de SÃ¨vres, um curso particular sobre mÃ©todos educacionais e correntes de pensamento de Pestalozzi, seu professor suÃ­Ã§o. TambÃ©m dÃ¡ aulas de fÃ­sica-quÃ­mica, anatomia e astronomia, com o objetivo de sempre tornar seu conteÃºdo atraente, interessante e educativo. Em paralelo,\r\no jovem pedagogo desenvolve um novo mÃ©todo de aprender a contar, bem como um dispositivo mnemÃ´nico para melhorar a aprendizagem da histÃ³ria francesa, e publica vÃ¡rias obras educativas, incluindo a proposta de Plano de melhoria da educaÃ§Ã£o pÃºblica, em 1928. Com esta obra, concedido pela Royal Academy of Arras,\r\nKardec entÃ£o comeÃ§ou a se firmar na sociedade educacional da Ã©poca.\r\n\r\nEm 1832, Allan Kardec casou-se com AmÃ©lie Boudet, uma professora que trabalhou com ele em sua escola, e tambÃ©m ajudou em seu trabalho educacional. Mas na dÃ©cada de 1850, enfrentando muitas dificuldades financeiras,\r\no professor Ã© forÃ§ado a fechar sua escola. Seu domÃ­nio da lÃ­ngua alemÃ£ o levou a embarcar na traduÃ§Ã£o de vÃ¡rias obras educacionais para a Alemanha sobre educaÃ§Ã£o e moral, a fim de ganhar a vida. Apaixonado por educaÃ§Ã£o, ele continua dando cursos gratuitos de quÃ­mica e astronomia,\r\npara continuar esta obra de transmissÃ£o que lhe toca o coraÃ§Ã£o.\r\n\r\n1855, seu inÃ­cio no espiritualismo\r\nForam suas imensas qualidades como professor que lhe abriram as portas, por acaso, no mundo do espiritualismo. Em 1855, quando ele tinha 51 anos,\r\nAllan Kardec Ã©, de fato, chamado para supervisionar e organizar novas prÃ¡ticas vindas direto dos Estados Unidos: sessÃµes de toca-discos e comunicaÃ§Ãµes com os espÃ­ritos. Obra que marcarÃ¡ o pedagogo para o resto da carreira.\r\n\r\nCom todo o rigor cientÃ­fico, as qualidades da observaÃ§Ã£o,\r\ne da determinaÃ§Ã£o que o caracteriza, Allan Kardec lanÃ§a entÃ£o, nos anos seguintes, um estudo aprofundado das manifestaÃ§Ãµes dos espÃ­ritos e da comunicaÃ§Ã£o com os defuntos, com o objetivo de poder elevar a disciplina ao grau de ciÃªncia. .\r\n\r\nO sucesso internacional da doutrina espiritualista\r\nConvencido de que existe uma vida apÃ³s a morte, de que a alma realmente tem existÃªncia prÃ³pria, ou de que todos os fatos qualificados como â€œsobrenaturaisâ€ sÃ£o totalmente regidos por leis cientÃ­ficas, o professor consegue formalizar uma doutrina espiritualista filosÃ³fica, que nÃ³s encontrar teorizado em vÃ¡rias obras importantes,\r\nincluindo o muito famoso Livre des Spirits (abril de 1857), ou o Livre des Mediums (janeiro de 1861) - esses livros tambÃ©m sÃ£o constantemente reeditados atÃ© hoje. Em 1858, ele tambÃ©m fundou a Revue Spirite, uma revista de estudos psicolÃ³gicos publicada atÃ© hoje, bem como a Sociedade Parisiense de Estudos Espirituais,\r\nprimeira empresa desse tipo.\r\n\r\nSe acreditarmos neste trecho do Livro dos EspÃ­ritos, \"o homem nÃ£o Ã© apenas feito de matÃ©ria, hÃ¡ nele um princÃ­pio pensante vinculado ao corpo fÃ­sico que ele deixa, como se deixa uma vestimenta usada, na sua presente encarnaÃ§Ã£o estÃ¡ completo. Uma vez desencarnado,\r\nos mortos podem se comunicar com os vivos, seja diretamente ou por meio de mÃ©diuns de forma visÃ­vel ou invisÃ­vel. \"\r\n\r\nFoi durante esse trabalho que ele tambÃ©m decidiu mudar seu nome de LÃ©on Rivail para o patronÃ­mico de Allan Kardec, nome que corresponderia ao do druida que ele teria encarnado em uma vida anterior.\r\nMuito rapidamente, o trabalho cientÃ­fico de Kardec ganhou destaque na esfera artÃ­stica da Ã©poca; Victor Hugo, arrasado com a morte de sua filha LÃ©opoldine, ThÃ©ophile Gautier, mas tambÃ©m de Arthur Conan Doyle, aliou-se Ã  causa do espiritismo, convencido do mÃ©rito de suas teses.\r\nO espiritualismo assim formalizado por Kardec difundiu-se entÃ£o com rara velocidade na sociedade da Ã©poca, apesar das polÃªmicas que suscitou.\r\n\r\nMorte e posteridade pÃ³stuma\r\nAtingido por um aneurisma rompido, Allan Kardec morreu repentinamente em 31 de marÃ§o de 1869, deixando muitos livros em andamento;\r\ntantos textos inacabados que serÃ£o agrupados e publicados alguns anos apÃ³s sua morte sob a coleÃ§Ã£o \"As obras pÃ³stumas de Allan Kardec\".\r\n\r\nSomente no final do sÃ©culo XIX o movimento espÃ­rita chegou Ã  AmÃ©rica Latina, e ao Brasil em particular,\r\nonde a esfera intelectual da Ã©poca acolheu com certo interesse as teses formalizadas por Kardec, entÃ£o perpetuadas por seus seguidores. Ainda hoje, mais de 4 milhÃµes de brasileiros se declaram espiritualistas, seduzidos pela heranÃ§a do educador francÃªs.\r\n\r\nMonumento funerÃ¡rio de Allan Kardec\r\nO tÃºmulo de Allan Kardec Ã© um dos cemitÃ©rios mais populares e floridos de PÃ¨re-Lachaise. Muitos visitantes - principalmente brasileiros - vÃªm para se recompor ou simplesmente tocÃ¡-la. TambÃ©m recebe regularmente visitas de filÃ³sofos, educadores,\r\ne mÃ©diuns em busca de inspiraÃ§Ã£o para o desenvolvimento de seus trabalhos. Como Kardec previu antes de sua morte, os admiradores mais fervorosos do teÃ³rico francÃªs acreditam firmemente que o tÃºmulo teria o poder de conceder desejos, convertendo-o em um verdadeiro lugar de contemplaÃ§Ã£o.\r\n\r\nDeve ser dito que o monumento,\r\nprojetado no estilo de um grande dolmen de granito, tem algo para impressionar. Na parte superior do antro estÃ¡ gravado o lema \"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal Ã© a lei\". No centro estÃ¡ um busto de bronze do prÃ³prio Allan Kardec, obra de Paul-Gabriel Capellaro,\r\ne cuja estela afirma: \"Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, o poder da causa Ã© devido Ã  magnitude do efeito\".\r\n\r\nPara ir mais longe ... com Allan Kardec', 'Sobre Allan Kardec - pequena biografia - Paris', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '217-revision-v1', '', '', '2021-01-27 09:47:32', '2021-01-27 12:47:32', '', 217, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/217-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(230, 1, '2021-01-28 10:40:39', '2021-01-28 13:40:39', 'Revista EspÃ­rita, Dezembro de 1859, pÃ¡g 502 (30 de setembro de 1859 â€“ MÃ©dium, Sr. R...)\r\n\r\nAmai-vos uns aos outros; toda a lei se resume neste\r\npreceito, lei divina pela qual Deus cria incessantemente e governa\r\nos mundos. O amor Ã© a lei de atraÃ§Ã£o para os seres vivos e\r\norganizados; a atraÃ§Ã£o Ã© a lei de amor para a matÃ©ria inorgÃ¢nica.\r\nJamais vos esqueÃ§ais de que o EspÃ­rito, seja qual for o\r\nseu grau de adiantamento e a sua situaÃ§Ã£o, como reencarnado ou na\r\nerraticidade, estÃ¡ sempre colocado entre um superior, que o guia e\r\naperfeiÃ§oa, e um inferior, perante o qual tem os mesmos deveres a\r\ncumprir.\r\n\r\nSede, pois, caridosos, nÃ£o somente dessa caridade que\r\nvos leva a tirar do bolso o Ã³bolo que dais friamente Ã quele que ousa\r\npedir, mas ide ao encontro das misÃ©rias ocultas.\r\n\r\nSede indulgentes para com os defeitos de vossos\r\nsemelhantes. Em lugar de desprezar a ignorÃ¢ncia e o vÃ­cio, instrui-\r\nos e moralizai-os.\r\n\r\nSede mansos e benevolentes para com tudo que\r\nvos seja inferior.\r\n\r\nSede-o mesmo perante os seres mais Ã­nfimos da\r\ncriaÃ§Ã£o, e tereis obedecido Ã  lei de Deus.\r\n\r\nVicente de Paulo\r\n\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-231\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/saovicentedepaulo-186x300.jpg\" alt=\"\" width=\"186\" height=\"300\" />\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Geralmente os EspÃ­ritos considerados\r\npelos homens como santos nÃ£o se prevalecem dessa qualidade;\r\nassim, SÃ£o Vicente de Paulo assina simplesmente Vicente de Paulo;\r\nSÃ£o LuÃ­s assina LuÃ­s. Aqueles que, ao contrÃ¡rio, usurpam nomes e\r\nqualidades que lhes nÃ£o pertencem, de ordinÃ¡rio exibem falsos\r\ntÃ­tulos, sem dÃºvida pensando impor-se mais facilmente. Entretanto,\r\nessa mÃ¡scara nÃ£o pode enganar a quem quer que se dÃª ao trabalho\r\nde lhes estudar a linguagem; a dos EspÃ­ritos verdadeiramente\r\nsuperiores tem uma marca que nÃ£o nos permite enganar.', 'Mensagem de Vicente de Paulo', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'mensagem-de-vicente-de-paulo', '', '', '2021-01-28 10:40:39', '2021-01-28 13:40:39', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=230', 0, 'post', '', 0),

(231, 1, '2021-01-28 10:39:41', '2021-01-28 13:39:41', '', 'saovicentedepaulo', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'saovicentedepaulo', '', '', '2021-01-28 10:39:41', '2021-01-28 13:39:41', '', 230, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/saovicentedepaulo.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(232, 1, '2021-01-28 10:40:39', '2021-01-28 13:40:39', 'Revista EspÃ­rita, Dezembro de 1859, pÃ¡g 502 (30 de setembro de 1859 â€“ MÃ©dium, Sr. R...)\r\n\r\nAmai-vos uns aos outros; toda a lei se resume neste\r\npreceito, lei divina pela qual Deus cria incessantemente e governa\r\nos mundos. O amor Ã© a lei de atraÃ§Ã£o para os seres vivos e\r\norganizados; a atraÃ§Ã£o Ã© a lei de amor para a matÃ©ria inorgÃ¢nica.\r\nJamais vos esqueÃ§ais de que o EspÃ­rito, seja qual for o\r\nseu grau de adiantamento e a sua situaÃ§Ã£o, como reencarnado ou na\r\nerraticidade, estÃ¡ sempre colocado entre um superior, que o guia e\r\naperfeiÃ§oa, e um inferior, perante o qual tem os mesmos deveres a\r\ncumprir.\r\n\r\nSede, pois, caridosos, nÃ£o somente dessa caridade que\r\nvos leva a tirar do bolso o Ã³bolo que dais friamente Ã quele que ousa\r\npedir, mas ide ao encontro das misÃ©rias ocultas.\r\n\r\nSede indulgentes para com os defeitos de vossos\r\nsemelhantes. Em lugar de desprezar a ignorÃ¢ncia e o vÃ­cio, instrui-\r\nos e moralizai-os.\r\n\r\nSede mansos e benevolentes para com tudo que\r\nvos seja inferior.\r\n\r\nSede-o mesmo perante os seres mais Ã­nfimos da\r\ncriaÃ§Ã£o, e tereis obedecido Ã  lei de Deus.\r\n\r\nVicente de Paulo\r\n\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-231\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/saovicentedepaulo-186x300.jpg\" alt=\"\" width=\"186\" height=\"300\" />\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Geralmente os EspÃ­ritos considerados\r\npelos homens como santos nÃ£o se prevalecem dessa qualidade;\r\nassim, SÃ£o Vicente de Paulo assina simplesmente Vicente de Paulo;\r\nSÃ£o LuÃ­s assina LuÃ­s. Aqueles que, ao contrÃ¡rio, usurpam nomes e\r\nqualidades que lhes nÃ£o pertencem, de ordinÃ¡rio exibem falsos\r\ntÃ­tulos, sem dÃºvida pensando impor-se mais facilmente. Entretanto,\r\nessa mÃ¡scara nÃ£o pode enganar a quem quer que se dÃª ao trabalho\r\nde lhes estudar a linguagem; a dos EspÃ­ritos verdadeiramente\r\nsuperiores tem uma marca que nÃ£o nos permite enganar.', 'Mensagem de Vicente de Paulo', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '230-revision-v1', '', '', '2021-01-28 10:40:39', '2021-01-28 13:40:39', '', 230, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/230-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(233, 1, '2021-01-28 11:06:57', '2021-01-28 14:06:57', 'Os Expoentes da CodificaÃ§Ã£o LuÃ­s IX\r\n\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-236\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/sao\_luis-150x300.jpg\" alt=\"\" width=\"150\" height=\"300\" />\r\n\r\nEnviado em 31/07/2015 | Escrito por Jornal Mundo EspÃ­rita\r\n\r\nâ€œO bem reinarÃ¡ na Terra quando, entre os EspÃ­ritos que a vÃªm habitar, os bons predominarem, porque, entÃ£o, farÃ£o que aÃ­ reinem o amor e a justiÃ§a, fonte do bem e da felicidade.(â€¦)â€\r\n\r\nAssim inicia a resposta Ã  Ãºltima questÃ£o de O Livro dos EspÃ­ritos e que, Ã  semelhanÃ§a de vÃ¡rias outras, sÃ£o atribuÃ­das ao espÃ­rito SÃ£o LuÃ­s. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, ele responde a questÃµes que se encontram no cap. IV,\r\nitens 24 e 25; cap. V, itens 28 a 31; cap. X, itens 19 a 21; cap. XIII, item 20; cap. XVI, item 15, bem assim derrama a sua sabedoria em vÃ¡rios itens de O Livro dos MÃ©diuns, lecionando conceitos acerca do â€œ: LaboratÃ³rio do Mundo InvisÃ­velâ€ e â€œDas manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas espontÃ¢neasâ€.\r\n\r\nSÃ£o LuÃ­s foi canonizado pela Igreja CatÃ³lica, no ano de 1297, pelo papa BonifÃ¡cio VIII. Adquiriu renome como soberano imparcial. Filho de Branca de Castela, foi coroado rei de FranÃ§a, em Reims, em novembro de 1226, com apenas 12 anos de idade. Durante 10 anos, atÃ© seu casamento com Margarida de ProvenÃ§a, foi sua mÃ£e que exerceu a RegÃªncia, embora somente em 1242 ele tenha assumido\r\npessoalmente o poder, tomando o nome de LuÃ­s IX.\r\n\r\nSob a orientaÃ§Ã£o de sua mÃ£e, tornou-se um soberano piedoso e altruÃ­sta. Seus sÃºditos o admiravam pela sua imparcialidade e algumas gravuras o mostram ministrando justiÃ§a sob um carvalho, numa floresta perto de Paris, recordando exatamente a qualidade que o caracterizava.\r\n\r\nAumentou, durante o seu reinado, o poder real Ã  custa dos nobres , que, mesmo assim o respeitavam pela sua justiÃ§a. Ele organizou um sistema de controle para evitar abusos administrativos e, desta forma, fortalecer o poder central.\r\n\r\nInstituiu assemblÃ©ias judiciÃ¡rias que, posteriormente viriam dar origem aos parlamentos.\r\n\r\nCatÃ³lico fervoroso, ele fez construir, em 1245/1248, a Sainte Chapelle, em Paris e organizou a sÃ©tima Cruzada contra o Egito, sendo capturado pelos muÃ§ulmanos em 1250.\r\n\r\nResgatado, apÃ³s o pagamento de elevado resgate, ele passou os 4 anos seguintes na SÃ­ria, fortificando as posiÃ§Ãµes ditas cristÃ£s.\r\n\r\nDe volta a FranÃ§a, estabeleceu algumas medidas como a proibiÃ§Ã£o do duelo judiciÃ¡rio, proibiÃ§Ã£o do jogo e a instituiÃ§Ã£o de penalidades para a blasfÃªmia.\r\n\r\nÃ‰ de sua iniciativa a construÃ§Ã£o da Sorbonne, que tantas personalidades ilustres formaria para a Humanidade, bem assim construiu o HospÃ­cio dos Quinze-Vingts.\r\n\r\nEm 1270, empreendeu nova Cruzada. Ao desembarcar em Cartago, seu exÃ©rcito e ele prÃ³prio sÃ£o vitimados pela peste.\r\n\r\nChamado de o â€œbom rei LuÃ­sâ€ , referÃªncia que lhe faz , inclusive o EspÃ­rito perturbador da rua des Noyers (O Livro dos MÃ©diuns, item 95), foi considerado um soberano ideal, admirado mesmo por seus inimigos pela sua integridade.\r\n\r\nNada menos que cinco mensagens se permitiu inserir o Codificador no cap. XXXI de O Livro dos MÃ©diuns, da autoria de LuÃ­s IX, que assina SÃ£o LuÃ­s e exorta os espÃ­ritas nos seguintes termos: â€œ(â€¦) Quanto mais modestos fordes, tanto mais conseguireis tornar-vos apreciados. Nenhum mÃ³vel pessoal vos faÃ§a agir e\r\nencontrareis nas vossas consciÃªncias uma forÃ§a de atraÃ§Ã£o que sÃ³ o bem proporciona.\r\n\r\nPor ordem de Deus, os EspÃ­ritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceÃ§Ã£o. Fazei o mesmo, vÃ³s outros, espÃ­ritas.â€ (item VI)\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nBibliografia:\r\n\r\nEnciclopÃ©dia Mirador Internacional, vol. 13, verbete: LuÃ­s IX.\r\nEnciclopÃ©dia Delta Universal, vol. 9, verbete: LuÃ­s IX.\r\nKARDEC, Allan. O livro dos espÃ­ritos, Rio de Janeiro, 1974.\r\nKARDEC, Allan. O livro dos mÃ©diuns, Rio de Janeiro, 1986.\r\nKARDEC, Allan. O evangelho segundo o espiritismo, Rio de Janeiro, 1987.', 'Quem Ã© o mentor SÃ£o LuÃ­s?', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'quem-e-o-mentor-sao-luis', '', '', '2021-01-28 11:13:47', '2021-01-28 14:13:47', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=233', 0, 'post', '', 0),

(234, 1, '2021-01-28 11:06:57', '2021-01-28 14:06:57', '<header>\r\n<h1 class=\"entry-title\">Os Expoentes da CodificaÃ§Ã£o LuÃ­s IX</h1>\r\n<p class=\"article-info\">Enviado em <time class=\"updated\" datetime=\"2015-07-31T16:27:21+00:00\">31/07/2015</time> | Escrito por Jornal Mundo EspÃ­rita</p>\r\n\r\n</header>\r\n<div class=\"entry-content\">\r\n\r\nOs Expoentes da CodificaÃ§Ã£o LuÃ­s IX\r\n\r\n<i>â€œO bem reinarÃ¡ na Terra quando, entre os EspÃ­ritos que a vÃªm habitar, os bons predominarem, porque, entÃ£o, farÃ£o que aÃ­ reinem o amor e a justiÃ§a, fonte do bem e da felicidade.(â€¦)â€</i>\r\n\r\nAssim inicia a resposta Ã  Ãºltima questÃ£o de O Livro dos EspÃ­ritos e que, Ã \r\nsemelhanÃ§a de vÃ¡rias outras, sÃ£o atribuÃ­das ao espÃ­rito SÃ£o LuÃ­s. Em O Evangelho\r\nSegundo o Espiritismo, ele responde a questÃµes que se encontram no cap. IV,\r\nitens 24 e 25; cap. V, itens 28 a 31; cap. X, itens 19 a 21; cap. XIII, item 20;\r\ncap. XVI, item 15, bem assim derrama a sua sabedoria em vÃ¡rios itens de O Livro\r\ndos MÃ©diuns, lecionando conceitos acerca do â€œ: LaboratÃ³rio do Mundo InvisÃ­velâ€ e\r\nâ€œDas manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas espontÃ¢neasâ€.\r\n\r\nSÃ£o LuÃ­s foi canonizado pela Igreja CatÃ³lica, no ano de 1297, pelo papa\r\nBonifÃ¡cio VIII. Adquiriu renome como soberano imparcial. Filho de Branca de\r\nCastela, foi coroado rei de FranÃ§a, em Reims, em novembro de 1226, com apenas 12\r\nanos de idade. Durante 10 anos, atÃ© seu casamento com Margarida de ProvenÃ§a, foi\r\nsua mÃ£e que exerceu a RegÃªncia, embora somente em 1242 ele tenha assumido\r\npessoalmente o poder, tomando o nome de LuÃ­s IX.\r\n\r\nSob a orientaÃ§Ã£o de sua mÃ£e, tornou-se um soberano piedoso e altruÃ­sta. Seus\r\nsÃºditos o admiravam pela sua imparcialidade e algumas gravuras o mostram\r\nministrando justiÃ§a sob um carvalho, numa floresta perto de Paris, recordando\r\nexatamente a qualidade que o caracterizava.\r\n\r\nAumentou, durante o seu reinado, o poder real Ã  custa dos nobres , que, mesmo\r\nassim o respeitavam pela sua justiÃ§a. Ele organizou um sistema de controle para\r\nevitar abusos administrativos e, desta forma, fortalecer o poder central.\r\n\r\nInstituiu assemblÃ©ias judiciÃ¡rias que, posteriormente viriam dar origem aos\r\nparlamentos.\r\n\r\nCatÃ³lico fervoroso, ele fez construir, em 1245/1248, a Sainte Chapelle, em\r\nParis e organizou a sÃ©tima Cruzada contra o Egito, sendo capturado pelos\r\nmuÃ§ulmanos em 1250.\r\n\r\nResgatado, apÃ³s o pagamento de elevado resgate, ele passou os 4 anos\r\nseguintes na SÃ­ria, fortificando as posiÃ§Ãµes ditas cristÃ£s.\r\n\r\nDe volta a FranÃ§a, estabeleceu algumas medidas como a proibiÃ§Ã£o do duelo\r\njudiciÃ¡rio, proibiÃ§Ã£o do jogo e a instituiÃ§Ã£o de penalidades para a blasfÃªmia.\r\n\r\nÃ‰ de sua iniciativa a construÃ§Ã£o da Sorbonne, que tantas personalidades\r\nilustres formaria para a Humanidade, bem assim construiu o HospÃ­cio dos\r\nQuinze-Vingts.\r\n\r\nEm 1270, empreendeu nova Cruzada. Ao desembarcar em Cartago, seu exÃ©rcito e\r\nele prÃ³prio sÃ£o vitimados pela peste.\r\n\r\nChamado de o â€œbom rei LuÃ­sâ€ , referÃªncia que lhe faz , inclusive o EspÃ­rito\r\nperturbador da rua des Noyers (O Livro dos MÃ©diuns, item 95), foi considerado um\r\nsoberano ideal, admirado mesmo por seus inimigos pela sua integridade.\r\n\r\nNada menos que cinco mensagens se permitiu inserir o Codificador no cap. XXXI\r\nde O Livro dos MÃ©diuns, da autoria de LuÃ­s IX, que assina SÃ£o LuÃ­s e exorta os\r\nespÃ­ritas nos seguintes termos: <i>â€œ(â€¦) Quanto mais modestos fordes, tanto\r\nmais conseguireis tornar-vos apreciados. Nenhum mÃ³vel pessoal vos faÃ§a agir e\r\nencontrareis nas vossas consciÃªncias uma forÃ§a de atraÃ§Ã£o que sÃ³ o bem\r\nproporciona. </i>\r\n\r\nPor ordem de Deus, os EspÃ­ritos trabalham pelo progresso de todos, sem\r\nexceÃ§Ã£o. Fazei o mesmo, vÃ³s outros, espÃ­ritas.â€ (item VI)\r\n<h3>Bibliografia:</h3>\r\nEnciclopÃ©dia Mirador Internacional, vol. 13, verbete: LuÃ­s IX.\r\nEnciclopÃ©dia Delta Universal, vol. 9, verbete: LuÃ­s IX.\r\nKARDEC, Allan. O livro dos espÃ­ritos, Rio de Janeiro, 1974.\r\nKARDEC, Allan. O livro dos mÃ©diuns, Rio de Janeiro, 1986.\r\nKARDEC, Allan. O evangelho segundo o espiritismo, Rio de Janeiro, 1987.\r\n\r\n</div>', 'Quem Ã© o mentor SÃ£o Luis?', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '233-revision-v1', '', '', '2021-01-28 11:06:57', '2021-01-28 14:06:57', '', 233, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/233-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(235, 1, '2021-01-28 11:13:29', '2021-01-28 14:13:29', 'Os Expoentes da CodificaÃ§Ã£o LuÃ­s IX\n\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-236\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/sao\_luis-150x300.jpg\" alt=\"\" width=\"150\" height=\"300\" />\n\nEnviado em 31/07/2015 | Escrito por Jornal Mundo EspÃ­rita\n\nâ€œO bem reinarÃ¡ na Terra quando, entre os EspÃ­ritos que a vÃªm habitar, os bons predominarem, porque, entÃ£o, farÃ£o que aÃ­ reinem o amor e a justiÃ§a, fonte do bem e da felicidade.(â€¦)â€\n\nAssim inicia a resposta Ã  Ãºltima questÃ£o de O Livro dos EspÃ­ritos e que, Ã  semelhanÃ§a de vÃ¡rias outras, sÃ£o atribuÃ­das ao espÃ­rito SÃ£o LuÃ­s. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, ele responde a questÃµes que se encontram no cap. IV,\nitens 24 e 25; cap. V, itens 28 a 31; cap. X, itens 19 a 21; cap. XIII, item 20; cap. XVI, item 15, bem assim derrama a sua sabedoria em vÃ¡rios itens de O Livro dos MÃ©diuns, lecionando conceitos acerca do â€œ: LaboratÃ³rio do Mundo InvisÃ­velâ€ e â€œDas manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas espontÃ¢neasâ€.\n\nSÃ£o LuÃ­s foi canonizado pela Igreja CatÃ³lica, no ano de 1297, pelo papa BonifÃ¡cio VIII. Adquiriu renome como soberano imparcial. Filho de Branca de Castela, foi coroado rei de FranÃ§a, em Reims, em novembro de 1226, com apenas 12 anos de idade. Durante 10 anos, atÃ© seu casamento com Margarida de ProvenÃ§a, foi sua mÃ£e que exerceu a RegÃªncia, embora somente em 1242 ele tenha assumido\npessoalmente o poder, tomando o nome de LuÃ­s IX.\n\nSob a orientaÃ§Ã£o de sua mÃ£e, tornou-se um soberano piedoso e altruÃ­sta. Seus sÃºditos o admiravam pela sua imparcialidade e algumas gravuras o mostram ministrando justiÃ§a sob um carvalho, numa floresta perto de Paris, recordando exatamente a qualidade que o caracterizava.\n\nAumentou, durante o seu reinado, o poder real Ã  custa dos nobres , que, mesmo assim o respeitavam pela sua justiÃ§a. Ele organizou um sistema de controle para evitar abusos administrativos e, desta forma, fortalecer o poder central.\n\nInstituiu assemblÃ©ias judiciÃ¡rias que, posteriormente viriam dar origem aos parlamentos.\n\nCatÃ³lico fervoroso, ele fez construir, em 1245/1248, a Sainte Chapelle, em Paris e organizou a sÃ©tima Cruzada contra o Egito, sendo capturado pelos muÃ§ulmanos em 1250.\n\nResgatado, apÃ³s o pagamento de elevado resgate, ele passou os 4 anos seguintes na SÃ­ria, fortificando as posiÃ§Ãµes ditas cristÃ£s.\n\nDe volta a FranÃ§a, estabeleceu algumas medidas como a proibiÃ§Ã£o do duelo judiciÃ¡rio, proibiÃ§Ã£o do jogo e a instituiÃ§Ã£o de penalidades para a blasfÃªmia.\n\nÃ‰ de sua iniciativa a construÃ§Ã£o da Sorbonne, que tantas personalidades ilustres formaria para a Humanidade, bem assim construiu o HospÃ­cio dos Quinze-Vingts.\n\nEm 1270, empreendeu nova Cruzada. Ao desembarcar em Cartago, seu exÃ©rcito e ele prÃ³prio sÃ£o vitimados pela peste.\n\nChamado de o â€œbom rei LuÃ­sâ€ , referÃªncia que lhe faz , inclusive o EspÃ­rito perturbador da rua des Noyers (O Livro dos MÃ©diuns, item 95), foi considerado um soberano ideal, admirado mesmo por seus inimigos pela sua integridade.\n\nNada menos que cinco mensagens se permitiu inserir o Codificador no cap. XXXI de O Livro dos MÃ©diuns, da autoria de LuÃ­s IX, que assina SÃ£o LuÃ­s e exorta os espÃ­ritas nos seguintes termos: â€œ(â€¦) Quanto mais modestos fordes, tanto mais conseguireis tornar-vos apreciados. Nenhum mÃ³vel pessoal vos faÃ§a agir e\nencontrareis nas vossas consciÃªncias uma forÃ§a de atraÃ§Ã£o que sÃ³ o bem proporciona.\n\nPor ordem de Deus, os EspÃ­ritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceÃ§Ã£o. Fazei o mesmo, vÃ³s outros, espÃ­ritas.â€ (item VI)\n\n&nbsp;\n\nBibliografia:\n\nEnciclopÃ©dia Mirador Internacional, vol. 13, verbete: LuÃ­s IX.\nEnciclopÃ©dia Delta Universal, vol. 9, verbete: LuÃ­s IX.\nKARDEC, Allan. O livro dos espÃ­ritos, Rio de Janeiro, 1974.\nKARDEC, Allan. O livro dos mÃ©diuns, Rio de Janeiro, 1986.\nKARDEC, Allan. O evangelho segundo o espiritismo, Rio de Janeiro, 1987.', 'Quem Ã© o mentor SÃ£o LuÃ­s?', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '233-autosave-v1', '', '', '2021-01-28 11:13:29', '2021-01-28 14:13:29', '', 233, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/233-autosave-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(236, 1, '2021-01-28 11:12:57', '2021-01-28 14:12:57', '', 'sao\_luis', '', 'inherit', 'open', 'closed', '', 'sao\_luis', '', '', '2021-01-28 11:12:57', '2021-01-28 14:12:57', '', 233, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/sao\_luis.jpg', 0, 'attachment', 'image/jpeg', 0),

(237, 1, '2021-01-28 11:13:47', '2021-01-28 14:13:47', 'Os Expoentes da CodificaÃ§Ã£o LuÃ­s IX\r\n\r\n<img class=\"alignnone size-medium wp-image-236\" src=\"https://espiritamoeda.online.bhz.br/wp-content/uploads/2021/01/sao\_luis-150x300.jpg\" alt=\"\" width=\"150\" height=\"300\" />\r\n\r\nEnviado em 31/07/2015 | Escrito por Jornal Mundo EspÃ­rita\r\n\r\nâ€œO bem reinarÃ¡ na Terra quando, entre os EspÃ­ritos que a vÃªm habitar, os bons predominarem, porque, entÃ£o, farÃ£o que aÃ­ reinem o amor e a justiÃ§a, fonte do bem e da felicidade.(â€¦)â€\r\n\r\nAssim inicia a resposta Ã  Ãºltima questÃ£o de O Livro dos EspÃ­ritos e que, Ã  semelhanÃ§a de vÃ¡rias outras, sÃ£o atribuÃ­das ao espÃ­rito SÃ£o LuÃ­s. Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, ele responde a questÃµes que se encontram no cap. IV,\r\nitens 24 e 25; cap. V, itens 28 a 31; cap. X, itens 19 a 21; cap. XIII, item 20; cap. XVI, item 15, bem assim derrama a sua sabedoria em vÃ¡rios itens de O Livro dos MÃ©diuns, lecionando conceitos acerca do â€œ: LaboratÃ³rio do Mundo InvisÃ­velâ€ e â€œDas manifestaÃ§Ãµes fÃ­sicas espontÃ¢neasâ€.\r\n\r\nSÃ£o LuÃ­s foi canonizado pela Igreja CatÃ³lica, no ano de 1297, pelo papa BonifÃ¡cio VIII. Adquiriu renome como soberano imparcial. Filho de Branca de Castela, foi coroado rei de FranÃ§a, em Reims, em novembro de 1226, com apenas 12 anos de idade. Durante 10 anos, atÃ© seu casamento com Margarida de ProvenÃ§a, foi sua mÃ£e que exerceu a RegÃªncia, embora somente em 1242 ele tenha assumido\r\npessoalmente o poder, tomando o nome de LuÃ­s IX.\r\n\r\nSob a orientaÃ§Ã£o de sua mÃ£e, tornou-se um soberano piedoso e altruÃ­sta. Seus sÃºditos o admiravam pela sua imparcialidade e algumas gravuras o mostram ministrando justiÃ§a sob um carvalho, numa floresta perto de Paris, recordando exatamente a qualidade que o caracterizava.\r\n\r\nAumentou, durante o seu reinado, o poder real Ã  custa dos nobres , que, mesmo assim o respeitavam pela sua justiÃ§a. Ele organizou um sistema de controle para evitar abusos administrativos e, desta forma, fortalecer o poder central.\r\n\r\nInstituiu assemblÃ©ias judiciÃ¡rias que, posteriormente viriam dar origem aos parlamentos.\r\n\r\nCatÃ³lico fervoroso, ele fez construir, em 1245/1248, a Sainte Chapelle, em Paris e organizou a sÃ©tima Cruzada contra o Egito, sendo capturado pelos muÃ§ulmanos em 1250.\r\n\r\nResgatado, apÃ³s o pagamento de elevado resgate, ele passou os 4 anos seguintes na SÃ­ria, fortificando as posiÃ§Ãµes ditas cristÃ£s.\r\n\r\nDe volta a FranÃ§a, estabeleceu algumas medidas como a proibiÃ§Ã£o do duelo judiciÃ¡rio, proibiÃ§Ã£o do jogo e a instituiÃ§Ã£o de penalidades para a blasfÃªmia.\r\n\r\nÃ‰ de sua iniciativa a construÃ§Ã£o da Sorbonne, que tantas personalidades ilustres formaria para a Humanidade, bem assim construiu o HospÃ­cio dos Quinze-Vingts.\r\n\r\nEm 1270, empreendeu nova Cruzada. Ao desembarcar em Cartago, seu exÃ©rcito e ele prÃ³prio sÃ£o vitimados pela peste.\r\n\r\nChamado de o â€œbom rei LuÃ­sâ€ , referÃªncia que lhe faz , inclusive o EspÃ­rito perturbador da rua des Noyers (O Livro dos MÃ©diuns, item 95), foi considerado um soberano ideal, admirado mesmo por seus inimigos pela sua integridade.\r\n\r\nNada menos que cinco mensagens se permitiu inserir o Codificador no cap. XXXI de O Livro dos MÃ©diuns, da autoria de LuÃ­s IX, que assina SÃ£o LuÃ­s e exorta os espÃ­ritas nos seguintes termos: â€œ(â€¦) Quanto mais modestos fordes, tanto mais conseguireis tornar-vos apreciados. Nenhum mÃ³vel pessoal vos faÃ§a agir e\r\nencontrareis nas vossas consciÃªncias uma forÃ§a de atraÃ§Ã£o que sÃ³ o bem proporciona.\r\n\r\nPor ordem de Deus, os EspÃ­ritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceÃ§Ã£o. Fazei o mesmo, vÃ³s outros, espÃ­ritas.â€ (item VI)\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nBibliografia:\r\n\r\nEnciclopÃ©dia Mirador Internacional, vol. 13, verbete: LuÃ­s IX.\r\nEnciclopÃ©dia Delta Universal, vol. 9, verbete: LuÃ­s IX.\r\nKARDEC, Allan. O livro dos espÃ­ritos, Rio de Janeiro, 1974.\r\nKARDEC, Allan. O livro dos mÃ©diuns, Rio de Janeiro, 1986.\r\nKARDEC, Allan. O evangelho segundo o espiritismo, Rio de Janeiro, 1987.', 'Quem Ã© o mentor SÃ£o LuÃ­s?', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '233-revision-v1', '', '', '2021-01-28 11:13:47', '2021-01-28 14:13:47', '', 233, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/233-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(239, 1, '2021-01-28 21:39:53', '2021-01-29 00:39:53', '<strong>O EspÃ­rito e o CÃ£ozinho</strong>\r\n\r\n(Sociedade, 4 de maio de 1860 â€“ MÃ©dium: Sr. Didier)\r\n\r\nRevista EspÃ­rita, maio de 1860, pÃ¡g. 258, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nO Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite o seguinte fato:\r\n\r\nâ€œUm rapaz faleceu hÃ¡ oito meses e sua famÃ­lia, na qual\r\nhÃ¡ trÃªs irmÃ£s mÃ©diuns, o evoca quase diariamente, por meio de uma\r\ncesta. Cada vez que o EspÃ­rito Ã© chamado, um cÃ£ozinho, do qual\r\nmuito gostava, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando\r\npequenos ganidos. A primeira vez que isto aconteceu, a cesta\r\nescreveu:\r\n\r\nâ€˜Meu bravo cachorrinho, que me reconhece.â€™\r\n\r\nâ€œNÃ£o presenciei o fato, mas as pessoas, das quais o ouvi\r\nvÃ¡rias vezes, o testemunharam e sÃ£o excelentes espÃ­ritas e muito\r\nsÃ©rias para que eu possa pÃ´r em dÃºvida a sua veracidade. Perguntei\r\na mim mesmo se o perispÃ­rito conservava partÃ­culas materiais\r\nsuficientes para afetar o olfato do cÃ£o, ou se este seria dotado da\r\nfaculdade de ver os EspÃ­ritos. Ã‰ um problema que me parece Ãºtil\r\naprofundar, caso ainda nÃ£o esteja resolvido.â€\r\n\r\n1. EvocaÃ§Ã£o do Sr. M\*\*\*, morto hÃ¡ oito meses, do qual acabamos de falar.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui.\r\n\r\n2. Confirmais o fato relativo ao vosso cÃ£o, que vem cheirar a cesta que serve Ã s vossas evocaÃ§Ãµes, e que parece reconhecer-vos?\r\nResp. â€“ Sim.\r\n\r\n3. PoderÃ­eis dizer-nos a causa que atrai o cÃ£o para a cesta?\r\nResp. â€“ A extrema finura dos sentidos pode levar a\r\nadivinhar a presenÃ§a do EspÃ­rito e atÃ© vÃª-lo.\r\n\r\n4. O cÃ£o vos vÃª ou vos sente?\r\nResp. â€“ O olfato, sobretudo, e o fluido magnÃ©tico.\r\n\r\nCharlet\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Charlet, o pintor, deu Ã  Sociedade uma sÃ©rie de comunicaÃ§Ãµes muito notÃ¡veis sobre os animais, e que publicaremos brevemente. Por certo foi a esse tÃ­tulo que interferiu espontaneamente na presente evocaÃ§Ã£o.\r\n\r\n5. Considerando que Charlet quer mesmo intervir na\r\nquestÃ£o de que nos ocupamos, nÃ³s lhe pedimos que dÃª algumas\r\nexplicaÃ§Ãµes a respeito.\r\nResp. â€“ Com prazer. O fato Ã© perfeitamente verossÃ­mil\r\ne, em conseqÃ¼Ãªncia, natural. Falo em geral, pois nÃ£o conheÃ§o\r\naquele de que se trata. O cÃ£o Ã© dotado de uma organizaÃ§Ã£o muito\r\nparticular; compreende o homem, eis tudo. Sente-o, segue-o em\r\ntodas as suas aÃ§Ãµes com a curiosidade de uma crianÃ§a; ama-o e\r\nchega mesmo a ponto â€“ e temos muitos exemplos para confirmar\r\no que adiantamos â€“ de a ele se devotar. O cÃ£o deve ser â€“ nÃ£o tenho\r\ncerteza, entendei bem â€“ um desses animais vindos de um mundo jÃ¡\r\navanÃ§ado, para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo,\r\nguardÃ¡-lo. Acabo de falar das qualidades morais que, positivamente,\r\no cÃ£o possui. Quanto Ã s suas faculdades sensitivas, sÃ£o\r\nextremamente apuradas. Todos os caÃ§adores conhecem a sutileza\r\ndo faro do cÃ£o; alÃ©m dessa faculdade, o cÃ£o compreende quase\r\ntodas as aÃ§Ãµes do homem; compreende a importÃ¢ncia de sua\r\nmorte. Por que nÃ£o adivinharia a sua alma e por que, mesmo, nÃ£o\r\na veria?\r\nCharlet\r\n\r\nNo dia seguinte a Sra. Lesc..., mÃ©dium, membro da Sociedade, obteve em particular a explicaÃ§Ã£o seguinte, sobre o mesmo assunto:\r\n\r\nâ€œO fato citado na Sociedade Ã© verÃ­dico, embora o perispÃ­rito desprendido do corpo nÃ£o tenha nenhuma de suas emanaÃ§Ãµes. O cÃ£o farejava a presenÃ§a do dono; quando digo farejava, entendo que seus Ã³rgÃ£os percebiam sem que os olhos vissem, sem que o nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presenÃ§a do dono, e essa advertÃªncia lhe era dada, sobretudo, pela vontade que se desprendia do EspÃ­rito dos que evocavam o morto. A vontade humana alcanÃ§a e adverte o instinto dos animais, principalmente dos cÃ£es, antes que algum sinal exterior o tenha revelado. O cÃ£o Ã© posto, por suas fibras nervosas, em contato direto conosco, EspÃ­rito, quase tanto quanto com os homens; percebe as apariÃ§Ãµes; dÃ¡-se conta da diferenÃ§a existente entre elas e as coisas reais ou terrestres e lhes tem um grande pavor.\r\n\r\nO cÃ£o uiva Ã  Lua, conforme a expressÃ£o vulgar; uiva tambÃ©m\r\nquando sente a morte chegar. Em ambos os casos, e em muitos\r\noutros ainda, o cÃ£o Ã© intuitivo. Acrescentarei que seu Ã³rgÃ£o visual Ã©\r\nmenos desenvolvido que seu Ã³rgÃ£o perceptivo; ele vÃª menos do\r\nque sente. O fluido elÃ©trico o penetra quase que habitualmente. O\r\nfato que me serviu de ponto de partida nada tem de surpreendente,\r\nporque, no momento do desprendimento da vontade que chamava\r\nseu dono, o cÃ£o sentia sua presenÃ§a quase tÃ£o depressa que o\r\nprÃ³prio EspÃ­rito ouvia e respondia Ã  chamada que lhe era feita.â€\r\n\r\nGeorges (EspÃ­rito familiar)', 'Os cÃ£es sentem a presenÃ§a dos EspÃ­ritos ?', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'os-caes-sentem-a-presenca-dos-espiritos', '', '', '2021-01-28 21:40:19', '2021-01-29 00:40:19', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=239', 0, 'post', '', 0),

(240, 1, '2021-01-28 21:39:53', '2021-01-29 00:39:53', 'O EspÃ­rito e o CÃ£ozinho\r\n(Sociedade, 4 de maio de 1860 â€“ MÃ©dium: Sr. Didier)\r\n\r\nRevista EspÃ­rita, maio de 1860, pÃ¡g. 258, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nO Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite o seguinte fato:\r\n\r\nâ€œUm rapaz faleceu hÃ¡ oito meses e sua famÃ­lia, na qual\r\nhÃ¡ trÃªs irmÃ£s mÃ©diuns, o evoca quase diariamente, por meio de uma\r\ncesta. Cada vez que o EspÃ­rito Ã© chamado, um cÃ£ozinho, do qual\r\nmuito gostava, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando\r\npequenos ganidos. A primeira vez que isto aconteceu, a cesta\r\nescreveu:\r\n\r\nâ€˜Meu bravo cachorrinho, que me reconhece.â€™\r\n\r\nâ€œNÃ£o presenciei o fato, mas as pessoas, das quais o ouvi\r\nvÃ¡rias vezes, o testemunharam e sÃ£o excelentes espÃ­ritas e muito\r\nsÃ©rias para que eu possa pÃ´r em dÃºvida a sua veracidade. Perguntei\r\na mim mesmo se o perispÃ­rito conservava partÃ­culas materiais\r\nsuficientes para afetar o olfato do cÃ£o, ou se este seria dotado da\r\nfaculdade de ver os EspÃ­ritos. Ã‰ um problema que me parece Ãºtil\r\naprofundar, caso ainda nÃ£o esteja resolvido.â€\r\n\r\n1. EvocaÃ§Ã£o do Sr. M\*\*\*, morto hÃ¡ oito meses, do qual acabamos de falar.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui.\r\n\r\n2. Confirmais o fato relativo ao vosso cÃ£o, que vem cheirar a cesta que serve Ã s vossas evocaÃ§Ãµes, e que parece reconhecer-vos?\r\nResp. â€“ Sim.\r\n\r\n3. PoderÃ­eis dizer-nos a causa que atrai o cÃ£o para a cesta?\r\nResp. â€“ A extrema finura dos sentidos pode levar a\r\nadivinhar a presenÃ§a do EspÃ­rito e atÃ© vÃª-lo.\r\n\r\n4. O cÃ£o vos vÃª ou vos sente?\r\nResp. â€“ O olfato, sobretudo, e o fluido magnÃ©tico.\r\n\r\nCharlet\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Charlet, o pintor, deu Ã  Sociedade uma sÃ©rie de comunicaÃ§Ãµes muito notÃ¡veis sobre os animais, e que publicaremos brevemente. Por certo foi a esse tÃ­tulo que interferiu espontaneamente na presente evocaÃ§Ã£o.\r\n\r\n5. Considerando que Charlet quer mesmo intervir na\r\nquestÃ£o de que nos ocupamos, nÃ³s lhe pedimos que dÃª algumas\r\nexplicaÃ§Ãµes a respeito.\r\nResp. â€“ Com prazer. O fato Ã© perfeitamente verossÃ­mil\r\ne, em conseqÃ¼Ãªncia, natural. Falo em geral, pois nÃ£o conheÃ§o\r\naquele de que se trata. O cÃ£o Ã© dotado de uma organizaÃ§Ã£o muito\r\nparticular; compreende o homem, eis tudo. Sente-o, segue-o em\r\ntodas as suas aÃ§Ãµes com a curiosidade de uma crianÃ§a; ama-o e\r\nchega mesmo a ponto â€“ e temos muitos exemplos para confirmar\r\no que adiantamos â€“ de a ele se devotar. O cÃ£o deve ser â€“ nÃ£o tenho\r\ncerteza, entendei bem â€“ um desses animais vindos de um mundo jÃ¡\r\navanÃ§ado, para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo,\r\nguardÃ¡-lo. Acabo de falar das qualidades morais que, positivamente,\r\no cÃ£o possui. Quanto Ã s suas faculdades sensitivas, sÃ£o\r\nextremamente apuradas. Todos os caÃ§adores conhecem a sutileza\r\ndo faro do cÃ£o; alÃ©m dessa faculdade, o cÃ£o compreende quase\r\ntodas as aÃ§Ãµes do homem; compreende a importÃ¢ncia de sua\r\nmorte. Por que nÃ£o adivinharia a sua alma e por que, mesmo, nÃ£o\r\na veria?\r\nCharlet\r\n\r\nNo dia seguinte a Sra. Lesc..., mÃ©dium, membro da Sociedade, obteve em particular a explicaÃ§Ã£o seguinte, sobre o mesmo assunto:\r\n\r\nâ€œO fato citado na Sociedade Ã© verÃ­dico, embora o perispÃ­rito desprendido do corpo nÃ£o tenha nenhuma de suas emanaÃ§Ãµes. O cÃ£o farejava a presenÃ§a do dono; quando digo farejava, entendo que seus Ã³rgÃ£os percebiam sem que os olhos vissem, sem que o nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presenÃ§a do dono, e essa advertÃªncia lhe era dada, sobretudo, pela vontade que se desprendia do EspÃ­rito dos que evocavam o morto. A vontade humana alcanÃ§a e adverte o instinto dos animais, principalmente dos cÃ£es, antes que algum sinal exterior o tenha revelado. O cÃ£o Ã© posto, por suas fibras nervosas, em contato direto conosco, EspÃ­rito, quase tanto quanto com os homens; percebe as apariÃ§Ãµes; dÃ¡-se conta da diferenÃ§a existente entre elas e as coisas reais ou terrestres e lhes tem um grande pavor.\r\n\r\nO cÃ£o uiva Ã  Lua, conforme a expressÃ£o vulgar; uiva tambÃ©m\r\nquando sente a morte chegar. Em ambos os casos, e em muitos\r\noutros ainda, o cÃ£o Ã© intuitivo. Acrescentarei que seu Ã³rgÃ£o visual Ã©\r\nmenos desenvolvido que seu Ã³rgÃ£o perceptivo; ele vÃª menos do\r\nque sente. O fluido elÃ©trico o penetra quase que habitualmente. O\r\nfato que me serviu de ponto de partida nada tem de surpreendente,\r\nporque, no momento do desprendimento da vontade que chamava\r\nseu dono, o cÃ£o sentia sua presenÃ§a quase tÃ£o depressa que o\r\nprÃ³prio EspÃ­rito ouvia e respondia Ã  chamada que lhe era feita.â€\r\n\r\nGeorges (EspÃ­rito familiar)', 'Os cÃ£es sentem a presenÃ§a dos EspÃ­ritos ?', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '239-revision-v1', '', '', '2021-01-28 21:39:53', '2021-01-29 00:39:53', '', 239, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/239-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(241, 1, '2021-01-28 21:40:19', '2021-01-29 00:40:19', '<strong>O EspÃ­rito e o CÃ£ozinho</strong>\r\n\r\n(Sociedade, 4 de maio de 1860 â€“ MÃ©dium: Sr. Didier)\r\n\r\nRevista EspÃ­rita, maio de 1860, pÃ¡g. 258, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n&nbsp;\r\n\r\nO Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite o seguinte fato:\r\n\r\nâ€œUm rapaz faleceu hÃ¡ oito meses e sua famÃ­lia, na qual\r\nhÃ¡ trÃªs irmÃ£s mÃ©diuns, o evoca quase diariamente, por meio de uma\r\ncesta. Cada vez que o EspÃ­rito Ã© chamado, um cÃ£ozinho, do qual\r\nmuito gostava, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando\r\npequenos ganidos. A primeira vez que isto aconteceu, a cesta\r\nescreveu:\r\n\r\nâ€˜Meu bravo cachorrinho, que me reconhece.â€™\r\n\r\nâ€œNÃ£o presenciei o fato, mas as pessoas, das quais o ouvi\r\nvÃ¡rias vezes, o testemunharam e sÃ£o excelentes espÃ­ritas e muito\r\nsÃ©rias para que eu possa pÃ´r em dÃºvida a sua veracidade. Perguntei\r\na mim mesmo se o perispÃ­rito conservava partÃ­culas materiais\r\nsuficientes para afetar o olfato do cÃ£o, ou se este seria dotado da\r\nfaculdade de ver os EspÃ­ritos. Ã‰ um problema que me parece Ãºtil\r\naprofundar, caso ainda nÃ£o esteja resolvido.â€\r\n\r\n1. EvocaÃ§Ã£o do Sr. M\*\*\*, morto hÃ¡ oito meses, do qual acabamos de falar.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui.\r\n\r\n2. Confirmais o fato relativo ao vosso cÃ£o, que vem cheirar a cesta que serve Ã s vossas evocaÃ§Ãµes, e que parece reconhecer-vos?\r\nResp. â€“ Sim.\r\n\r\n3. PoderÃ­eis dizer-nos a causa que atrai o cÃ£o para a cesta?\r\nResp. â€“ A extrema finura dos sentidos pode levar a\r\nadivinhar a presenÃ§a do EspÃ­rito e atÃ© vÃª-lo.\r\n\r\n4. O cÃ£o vos vÃª ou vos sente?\r\nResp. â€“ O olfato, sobretudo, e o fluido magnÃ©tico.\r\n\r\nCharlet\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Charlet, o pintor, deu Ã  Sociedade uma sÃ©rie de comunicaÃ§Ãµes muito notÃ¡veis sobre os animais, e que publicaremos brevemente. Por certo foi a esse tÃ­tulo que interferiu espontaneamente na presente evocaÃ§Ã£o.\r\n\r\n5. Considerando que Charlet quer mesmo intervir na\r\nquestÃ£o de que nos ocupamos, nÃ³s lhe pedimos que dÃª algumas\r\nexplicaÃ§Ãµes a respeito.\r\nResp. â€“ Com prazer. O fato Ã© perfeitamente verossÃ­mil\r\ne, em conseqÃ¼Ãªncia, natural. Falo em geral, pois nÃ£o conheÃ§o\r\naquele de que se trata. O cÃ£o Ã© dotado de uma organizaÃ§Ã£o muito\r\nparticular; compreende o homem, eis tudo. Sente-o, segue-o em\r\ntodas as suas aÃ§Ãµes com a curiosidade de uma crianÃ§a; ama-o e\r\nchega mesmo a ponto â€“ e temos muitos exemplos para confirmar\r\no que adiantamos â€“ de a ele se devotar. O cÃ£o deve ser â€“ nÃ£o tenho\r\ncerteza, entendei bem â€“ um desses animais vindos de um mundo jÃ¡\r\navanÃ§ado, para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo,\r\nguardÃ¡-lo. Acabo de falar das qualidades morais que, positivamente,\r\no cÃ£o possui. Quanto Ã s suas faculdades sensitivas, sÃ£o\r\nextremamente apuradas. Todos os caÃ§adores conhecem a sutileza\r\ndo faro do cÃ£o; alÃ©m dessa faculdade, o cÃ£o compreende quase\r\ntodas as aÃ§Ãµes do homem; compreende a importÃ¢ncia de sua\r\nmorte. Por que nÃ£o adivinharia a sua alma e por que, mesmo, nÃ£o\r\na veria?\r\nCharlet\r\n\r\nNo dia seguinte a Sra. Lesc..., mÃ©dium, membro da Sociedade, obteve em particular a explicaÃ§Ã£o seguinte, sobre o mesmo assunto:\r\n\r\nâ€œO fato citado na Sociedade Ã© verÃ­dico, embora o perispÃ­rito desprendido do corpo nÃ£o tenha nenhuma de suas emanaÃ§Ãµes. O cÃ£o farejava a presenÃ§a do dono; quando digo farejava, entendo que seus Ã³rgÃ£os percebiam sem que os olhos vissem, sem que o nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presenÃ§a do dono, e essa advertÃªncia lhe era dada, sobretudo, pela vontade que se desprendia do EspÃ­rito dos que evocavam o morto. A vontade humana alcanÃ§a e adverte o instinto dos animais, principalmente dos cÃ£es, antes que algum sinal exterior o tenha revelado. O cÃ£o Ã© posto, por suas fibras nervosas, em contato direto conosco, EspÃ­rito, quase tanto quanto com os homens; percebe as apariÃ§Ãµes; dÃ¡-se conta da diferenÃ§a existente entre elas e as coisas reais ou terrestres e lhes tem um grande pavor.\r\n\r\nO cÃ£o uiva Ã  Lua, conforme a expressÃ£o vulgar; uiva tambÃ©m\r\nquando sente a morte chegar. Em ambos os casos, e em muitos\r\noutros ainda, o cÃ£o Ã© intuitivo. Acrescentarei que seu Ã³rgÃ£o visual Ã©\r\nmenos desenvolvido que seu Ã³rgÃ£o perceptivo; ele vÃª menos do\r\nque sente. O fluido elÃ©trico o penetra quase que habitualmente. O\r\nfato que me serviu de ponto de partida nada tem de surpreendente,\r\nporque, no momento do desprendimento da vontade que chamava\r\nseu dono, o cÃ£o sentia sua presenÃ§a quase tÃ£o depressa que o\r\nprÃ³prio EspÃ­rito ouvia e respondia Ã  chamada que lhe era feita.â€\r\n\r\nGeorges (EspÃ­rito familiar)', 'Os cÃ£es sentem a presenÃ§a dos EspÃ­ritos ?', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '239-revision-v1', '', '', '2021-01-28 21:40:19', '2021-01-29 00:40:19', '', 239, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/239-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(242, 1, '2021-01-28 21:48:44', '2021-01-29 00:48:44', '{\n \"spintech::abv\_hdr\_hiring\_content\": {\n \"value\": \"\\\"Espiritismo, estudo da doutrina.\\\"\",\n \"type\": \"theme\_mod\",\n \"user\_id\": 1,\n \"date\_modified\_gmt\": \"2021-01-29 00:48:44\"\n }\n}', '', '', 'trash', 'closed', 'closed', '', '71f330f4-f8ef-4b5c-9a75-9468d9a4f0b8', '', '', '2021-01-28 21:48:44', '2021-01-29 00:48:44', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/71f330f4-f8ef-4b5c-9a75-9468d9a4f0b8/', 0, 'customize\_changeset', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(243, 1, '2021-01-29 10:48:31', '2021-01-29 13:48:31', 'O EspÃ­rito de um Idiota\r\n\r\nRevista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 260, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nSociedade, 25 de maio de 1860\r\n\r\nCharles de Saint-G... Ã© um jovem idiota de treze anos,\r\nvivo, cujas faculdades intelectuais sÃ£o de tal nulidade que nem\r\nmesmo reconhece os pais e apenas Ã© capaz de alimentar-se. HÃ¡ nele\r\numa parada completa do desenvolvimento em todo o sistema\r\norgÃ¢nico. Pensou-se que ele poderia constituir-se num interessante\r\nassunto de estudo psicolÃ³gico.\r\n\r\n1. [A SÃ£o LuÃ­s] PoderÃ­eis dizer-nos se podemos evocar\r\no EspÃ­rito dessa crianÃ§a?\r\nResp. â€“ Podeis fazÃª-lo como se evocÃ¡sseis um morto.\r\n\r\n2. Vossa resposta faz-nos supor que a evocaÃ§Ã£o poderia\r\nser feita em qualquer momento.\r\nResp. â€“ Sim. Sua alma estÃ¡ atada ao corpo por laÃ§os\r\nmateriais, mas nÃ£o espirituais; ela pode sempre se desprender.\r\n\r\n3. EvocaÃ§Ã£o de Ch. de Saint-G...\r\nResp. â€“ Sou um pobre EspÃ­rito, preso Ã  Terra como uma\r\nave pelo pÃ©.\r\n\r\n4. Em vosso estado atual, como EspÃ­rito, tendes\r\nconsciÃªncia de vossa nulidade neste mundo?\r\nResp. â€“ Certamente; sinto bem o meu cativeiro.\r\n\r\n5. Quando vosso corpo dorme e vosso EspÃ­rito se\r\ndesprende, tendes as idÃ©ias tÃ£o lÃºcidas quanto se estivÃ©sseis em\r\nestado normal?\r\nResp. â€“ Quando meu corpo infeliz repousa, estou um\r\npouco mais livre para me elevar ao cÃ©u, a que aspiro.\r\n\r\n6. Como EspÃ­rito, experimentais um pensamento\r\npenoso de vosso estado corporal?\r\nResp. â€“ Sim, pois Ã© uma puniÃ§Ã£o.\r\n\r\n7. Recordai-vos da vossa existÃªncia precedente?\r\nResp. â€“ Oh, sim! Ela Ã© a causa de meu exÃ­lio atual.\r\n\r\n8. Qual foi essa existÃªncia?\r\nResp. â€“ Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.\r\n\r\n9. Dissestes que vossa condiÃ§Ã£o atual Ã© uma puniÃ§Ã£o;\r\nentÃ£o nÃ£o a escolhestes?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n10. Como pode vossa existÃªncia atual servir ao vosso\r\nprogresso, no estado de nulidade em que vos encontrais?\r\nResp. â€“ Ela nÃ£o me Ã© nula perante Deus, que a impÃ´s.\r\n\r\n11. Prevedes a duraÃ§Ã£o da vossa existÃªncia atual?\r\nResp. â€“ NÃ£o; mais alguns anos e retornarei Ã  minha\r\npÃ¡tria.\r\n\r\n12. Desde vossa precedente existÃªncia atÃ© a encarnaÃ§Ã£o\r\natual, que fizestes como EspÃ­rito?\r\nResp. â€“ Porque eu era um EspÃ­rito leviano, Deus me\r\naprisionou.\r\n\r\n13. No estado de vigÃ­lia tendes consciÃªncia do que se\r\npassa ao vosso redor, apesar da imperfeiÃ§Ã£o dos vossos Ã³rgÃ£os?\r\nResp. â€“ Vejo, entendo, mas meu corpo nÃ£o compreende\r\ne nada vÃª.\r\n\r\n14. Podemos fazer algo que vos seja Ãºtil?\r\nResp. â€“ Nada.\r\n\r\n15. [A SÃ£o LuÃ­s] As preces por um EspÃ­rito\r\nreencarnado podem ter a mesma eficÃ¡cia que a dirigida a um\r\nerrante?\r\nResp. â€“ As preces sÃ£o sempre boas e agradÃ¡veis a Deus.\r\nNa posiÃ§Ã£o deste pobre EspÃ­rito, elas em nada lhe poderÃ£o servir;\r\nservirÃ£o mais tarde, pois Deus as deixa de reserva.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ NinguÃ©m desconhecerÃ¡ o alto ensinamento\r\nmoral que resulta desta evocaÃ§Ã£o. AlÃ©m disso, ela confirma o que\r\nsempre foi dito sobre os idiotas. Sua nulidade moral nada tem a ver\r\ncom a nulidade do EspÃ­rito, que, abstraÃ§Ã£o feita dos Ã³rgÃ£os, goza\r\nde todas as suas faculdades. A imperfeiÃ§Ã£o dos Ã³rgÃ£os Ã© apenas um\r\nobstÃ¡culo Ã  livre manifestaÃ§Ã£o das faculdades; nÃ£o as aniquila. Ã‰ o\r\ncaso de um homem vigoroso, cujos membros seriam comprimidos\r\npor laÃ§os. Sabe-se que, em certas regiÃµes, longe de ser um objeto de\r\ndesprezo, os cretinos sÃ£o cercados de cuidados benevolentes. Esse\r\nsentimento nÃ£o decorreria de uma intuiÃ§Ã£o do verdadeiro estado\r\ndesses infortunados, tanto mais dignos de atenÃ§Ãµes quanto seu\r\nEspÃ­rito, que compreende a posiÃ§Ã£o em que se encontra e deve\r\nsofrer por se ver como um refugo da sociedade?', 'O EspÃ­rito de um Idiota', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'o-espirito-de-um-idiota', '', '', '2021-01-29 10:48:31', '2021-01-29 13:48:31', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=243', 0, 'post', '', 0),

(244, 1, '2021-01-29 10:48:31', '2021-01-29 13:48:31', 'O EspÃ­rito de um Idiota\r\n\r\nRevista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 260, Paris, FranÃ§a\r\n\r\nSociedade, 25 de maio de 1860\r\n\r\nCharles de Saint-G... Ã© um jovem idiota de treze anos,\r\nvivo, cujas faculdades intelectuais sÃ£o de tal nulidade que nem\r\nmesmo reconhece os pais e apenas Ã© capaz de alimentar-se. HÃ¡ nele\r\numa parada completa do desenvolvimento em todo o sistema\r\norgÃ¢nico. Pensou-se que ele poderia constituir-se num interessante\r\nassunto de estudo psicolÃ³gico.\r\n\r\n1. [A SÃ£o LuÃ­s] PoderÃ­eis dizer-nos se podemos evocar\r\no EspÃ­rito dessa crianÃ§a?\r\nResp. â€“ Podeis fazÃª-lo como se evocÃ¡sseis um morto.\r\n\r\n2. Vossa resposta faz-nos supor que a evocaÃ§Ã£o poderia\r\nser feita em qualquer momento.\r\nResp. â€“ Sim. Sua alma estÃ¡ atada ao corpo por laÃ§os\r\nmateriais, mas nÃ£o espirituais; ela pode sempre se desprender.\r\n\r\n3. EvocaÃ§Ã£o de Ch. de Saint-G...\r\nResp. â€“ Sou um pobre EspÃ­rito, preso Ã  Terra como uma\r\nave pelo pÃ©.\r\n\r\n4. Em vosso estado atual, como EspÃ­rito, tendes\r\nconsciÃªncia de vossa nulidade neste mundo?\r\nResp. â€“ Certamente; sinto bem o meu cativeiro.\r\n\r\n5. Quando vosso corpo dorme e vosso EspÃ­rito se\r\ndesprende, tendes as idÃ©ias tÃ£o lÃºcidas quanto se estivÃ©sseis em\r\nestado normal?\r\nResp. â€“ Quando meu corpo infeliz repousa, estou um\r\npouco mais livre para me elevar ao cÃ©u, a que aspiro.\r\n\r\n6. Como EspÃ­rito, experimentais um pensamento\r\npenoso de vosso estado corporal?\r\nResp. â€“ Sim, pois Ã© uma puniÃ§Ã£o.\r\n\r\n7. Recordai-vos da vossa existÃªncia precedente?\r\nResp. â€“ Oh, sim! Ela Ã© a causa de meu exÃ­lio atual.\r\n\r\n8. Qual foi essa existÃªncia?\r\nResp. â€“ Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.\r\n\r\n9. Dissestes que vossa condiÃ§Ã£o atual Ã© uma puniÃ§Ã£o;\r\nentÃ£o nÃ£o a escolhestes?\r\nResp. â€“ NÃ£o.\r\n\r\n10. Como pode vossa existÃªncia atual servir ao vosso\r\nprogresso, no estado de nulidade em que vos encontrais?\r\nResp. â€“ Ela nÃ£o me Ã© nula perante Deus, que a impÃ´s.\r\n\r\n11. Prevedes a duraÃ§Ã£o da vossa existÃªncia atual?\r\nResp. â€“ NÃ£o; mais alguns anos e retornarei Ã  minha\r\npÃ¡tria.\r\n\r\n12. Desde vossa precedente existÃªncia atÃ© a encarnaÃ§Ã£o\r\natual, que fizestes como EspÃ­rito?\r\nResp. â€“ Porque eu era um EspÃ­rito leviano, Deus me\r\naprisionou.\r\n\r\n13. No estado de vigÃ­lia tendes consciÃªncia do que se\r\npassa ao vosso redor, apesar da imperfeiÃ§Ã£o dos vossos Ã³rgÃ£os?\r\nResp. â€“ Vejo, entendo, mas meu corpo nÃ£o compreende\r\ne nada vÃª.\r\n\r\n14. Podemos fazer algo que vos seja Ãºtil?\r\nResp. â€“ Nada.\r\n\r\n15. [A SÃ£o LuÃ­s] As preces por um EspÃ­rito\r\nreencarnado podem ter a mesma eficÃ¡cia que a dirigida a um\r\nerrante?\r\nResp. â€“ As preces sÃ£o sempre boas e agradÃ¡veis a Deus.\r\nNa posiÃ§Ã£o deste pobre EspÃ­rito, elas em nada lhe poderÃ£o servir;\r\nservirÃ£o mais tarde, pois Deus as deixa de reserva.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ NinguÃ©m desconhecerÃ¡ o alto ensinamento\r\nmoral que resulta desta evocaÃ§Ã£o. AlÃ©m disso, ela confirma o que\r\nsempre foi dito sobre os idiotas. Sua nulidade moral nada tem a ver\r\ncom a nulidade do EspÃ­rito, que, abstraÃ§Ã£o feita dos Ã³rgÃ£os, goza\r\nde todas as suas faculdades. A imperfeiÃ§Ã£o dos Ã³rgÃ£os Ã© apenas um\r\nobstÃ¡culo Ã  livre manifestaÃ§Ã£o das faculdades; nÃ£o as aniquila. Ã‰ o\r\ncaso de um homem vigoroso, cujos membros seriam comprimidos\r\npor laÃ§os. Sabe-se que, em certas regiÃµes, longe de ser um objeto de\r\ndesprezo, os cretinos sÃ£o cercados de cuidados benevolentes. Esse\r\nsentimento nÃ£o decorreria de uma intuiÃ§Ã£o do verdadeiro estado\r\ndesses infortunados, tanto mais dignos de atenÃ§Ãµes quanto seu\r\nEspÃ­rito, que compreende a posiÃ§Ã£o em que se encontra e deve\r\nsofrer por se ver como um refugo da sociedade?', 'O EspÃ­rito de um Idiota', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '243-revision-v1', '', '', '2021-01-29 10:48:31', '2021-01-29 13:48:31', '', 243, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/243-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(245, 1, '2021-01-29 13:03:07', '2021-01-29 16:03:07', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 263, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<strong>SRA . DURET</strong>\r\n\r\nMÃ©dium escrevente, morta a 1 o de maio de 1860, em SÃ©tif, ArgÃ©lia,\r\nevocada primeiro em casa do Sr. Allan Kardec, a 21 de maio, depois a 25, na Sociedade.\r\n\r\n1. EvocaÃ§Ã£o.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui.\r\n\r\n2. Conhecemo-nos de nome, se nÃ£o de fato; e embora\r\njamais me tenhais visto, sois capaz de reconhecer-me?\r\nResp. â€“ Oh! muito bem.\r\n\r\n3. JÃ¡ viestes visitar-me depois que morrestes?\r\nResp. â€“ NÃ£o; ainda, nÃ£o, mas sabia muito bem que me\r\nchamarÃ­eis.\r\n\r\n4. Como mÃ©dium, e perfeitamente iniciada no\r\nEspiritismo, pensei que, melhor que outro, poderÃ­eis dar-nos\r\nexplicaÃ§Ãµes instrutivas sobre diferentes pontos da CiÃªncia.\r\nResp. â€“ Responderei o melhor que puder.\r\n\r\n5. Esta primeira evocaÃ§Ã£o tem por objetivo apenas\r\nrenovar, de certo modo, nosso conhecimento e nos pÃ´r em\r\ncontato. Quanto Ã s perguntas, como sÃ£o de interesse geral, prefiro\r\nfazÃª-las na Sociedade. Indago, pois, se consentirÃ­eis em vir.\r\nResp. â€“ Sim, com prazer. Responderei e pedirei a Deus\r\nque me esclareÃ§a.\r\n\r\n6. HÃ¡ cinco mÃ©diuns aqui; tendes preferÃªncia por algum\r\ndeles para vos servir de intÃ©rprete?\r\nResp. â€“ Isto me Ã© indiferente, contanto que seja um bom\r\nmÃ©dium.\r\n\r\n7. Como mÃ©dium, fostes enganada alguma vez pelos\r\nEspÃ­ritos em vossas comunicaÃ§Ãµes?\r\nResp. â€“ Oh! muitas vezes. HÃ¡ poucos mÃ©diuns que nÃ£o\r\no sejam mais ou menos.\r\nNota â€“ No dia seguinte a Sra. Duret manifestou-se\r\nespontaneamente e confessou pesar por nÃ£o lhe terem feito maior\r\nnÃºmero de perguntas na vÃ©spera.\r\n\r\n8. Se nÃ£o o fiz, como disse, foi porque as reservava para\r\na Sociedade. Queria tÃ£o-somente assegurar-me se podia contar\r\nconvosco.\r\nResp. â€“ O que se faz em vossa casa tambÃ©m Ã© dado para\r\na instruÃ§Ã£o da Sociedade e, muitas vezes, Ã© Ãºtil aproveitar os\r\ninstantes em que o EspÃ­rito quer comunicar-se, pois nem sempre as\r\ncondiÃ§Ãµes lhe sÃ£o igualmente favorÃ¡veis.\r\n\r\n9. Quais as circunstÃ¢ncias que lhe podem ser\r\nfavorÃ¡veis?\r\nResp. â€“ HÃ¡ muitas que conheceis. Mas Ã© preciso saibais\r\nque isso nem sempre depende dele. Por vezes necessita ser assistido\r\npor outros EspÃ­ritos, que podem nÃ£o estar ali no momento.\r\n10. Considerando que viestes espontaneamente, devo\r\nsupor que estais num desses momentos propÃ­cios e o aproveitarei,\r\nse quiserdes. Dissestes ontem que muitas vezes fostes enganada\r\ncomo mÃ©dium. Vedes agora os EspÃ­ritos que vos enganaram?\r\nResp. â€“ Sim, vejo-os perfeitamente. Bem que eles ainda\r\ngostariam de me envolver, mas vejo bastante claro, agora. NÃ£o sou\r\nmais o seu joguete. EntÃ£o os repilo.\r\n\r\n11. Dissestes tambÃ©m que hÃ¡ poucos mÃ©diuns que nÃ£o\r\ntenham sido mais ou menos enganados. De que depende isto?\r\nResp. â€“ Muito do mÃ©dium e daquele que interroga.\r\n\r\n12. PoderÃ­eis explicar mais claramente?\r\nResp. â€“ Quero dizer que sempre Ã© possÃ­vel preservar-se\r\ndos EspÃ­ritos maus, desde que se o queira. A primeira condiÃ§Ã£o\r\npara isso Ã© nÃ£o os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos. Quanto vos\r\nteria a dizer sobre isto! Ah! se os mÃ©diuns soubessem todo o erro\r\nque cometem, dando trela aos EspÃ­ritos malÃ©volos!\r\n\r\n13. Ã‰ no mundo dos EspÃ­ritos que cometem erros?\r\nResp. â€“ Sim; e tambÃ©m no mundo dos vivos.\r\n\r\n14. Qual o erro que podem cometer no mundo dos\r\nvivos?\r\nResp. â€“ VÃ¡rios. Para comeÃ§ar, tornam-se presa dos\r\nEspÃ­ritos maus, que deles abusam e os impelem ao mal, excitando\r\ntodas as imperfeiÃ§Ãµes que neles se encontram em germe,\r\nprincipalmente o orgulho e a inveja. Depois, Deus os pune, muitas\r\nvezes, pelos sofrimentos da vida.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Temos mais de um exemplo de mÃ©diuns\r\ndotados das mais felizes disposiÃ§Ãµes, e que a desgraÃ§a perseguiu e\r\nabateu, depois de se terem deixado dominar pelos EspÃ­ritos maus.\r\n\r\n15. Mas, entÃ£o, nÃ£o seria melhor nÃ£o ser mÃ©dium, jÃ¡ que\r\nessa faculdade pode arrastar a tÃ£o graves inconvenientes?\r\nResp. â€“ Acreditais que os EspÃ­ritos maus sÃ³ venham\r\natacar os mÃ©diuns? A mediunidade, ao contrÃ¡rio, Ã© um meio\r\nprecioso de os reconhecer e de se resguardar contra eles. Ã‰ o\r\nremÃ©dio que, em sua bondade, Deus pÃµe ao lado do mal. Ã‰ o aviso\r\ndo bom pai, que ama os filhos e quer preservÃ¡-los do perigo.\r\nInfelizmente, os que desfrutam desse dom nÃ£o sabem ou nÃ£o\r\nquerem aproveitÃ¡-lo. SÃ£o como o imprudente, que se fere com a\r\narma que deveria servir para defendÃª-lo.\r\n\r\n16. Sois vÃ³s mesma, Sra. Duret, que dais as respostas?\r\nResp. â€“ Sou eu mesma que as dou, e vo-lo asseguro em\r\nnome de Deus. Mas creio que, se tivesse sido abandonada a mim\r\nmesma, nÃ£o seria capaz de responder. Os pensamentos me vÃªm de\r\nmais alto.\r\n\r\n17. Vedes o EspÃ­rito que vo-las inspira?\r\nResp. â€“ NÃ£o. HÃ¡ aqui uma multidÃ£o de EspÃ­ritos, diante\r\ndos quais me inclino, e cujos pensamentos parecem irradiar sobre\r\nmim.\r\n\r\n18. Assim, um EspÃ­rito pode receber inspiraÃ§Ã£o de\r\noutros, tÃ£o bem quanto aquele que estÃ¡ encarnado, e lhes servir de\r\nintermediÃ¡rio?\r\nResp. â€“ NÃ£o o duvideis; muitas vezes julga responder\r\npor si mesmo, quando nÃ£o Ã© mais que um eco.\r\n\r\n19. Quer os pensamentos sejam pessoalmente vossos,\r\nquer sejam sugeridos, pouco nos importa, desde que sejam bons, e\r\nnÃ³s agradecemos aos EspÃ­ritos bons que vo-los sugerem. Mas,\r\nentÃ£o, perguntarei: por que esses mesmos EspÃ­ritos nÃ£o respondem\r\ndiretamente?\r\nResp. â€“ Eles o fariam, se os interrogÃ¡sseis. Foi a mim\r\nque evocastes. Eles querem responder e, entÃ£o, servem-se de mim\r\npara minha prÃ³pria instruÃ§Ã£o.\r\n\r\n20. O EspÃ­rito que obsidiou um mÃ©dium em vida ainda\r\no obsidiarÃ¡ apÃ³s a morte?\r\nResp. â€“ A morte nÃ£o liberta o homem da obsessÃ£o dos\r\nEspÃ­ritos maus; Ã© a figura dos demÃ´nios, atormentando as almas\r\npenadas. Sim, esses EspÃ­ritos os perseguem apÃ³s a morte e lhes\r\ncausam terrÃ­veis sofrimentos, porque o EspÃ­rito atormentado se\r\nsente sob uma constriÃ§Ã£o de que nÃ£o se pode desembaraÃ§ar.\r\nAquele, ao contrÃ¡rio, que se libertou da obsessÃ£o em vida, Ã© forte,\r\ne os EspÃ­ritos maus o encaram com temor e respeito; encontraram\r\no seu mestre.\r\n\r\n21. HÃ¡ muitos mÃ©diuns realmente bons, na completa\r\nacepÃ§Ã£o da palavra?\r\nResp. â€“ NÃ£o sÃ£o os mÃ©dicos que faltam, mas os bons\r\nmÃ©dicos sÃ£o raros. DÃ¡-se o mesmo com os mÃ©diuns.\r\n\r\n22. Por qual sinal podemos reconhecer que as\r\ncomunicaÃ§Ãµes de um mÃ©dium merecem confianÃ§a?\r\nResp. â€“ As comunicaÃ§Ãµes dos EspÃ­ritos bons tÃªm um\r\ncarÃ¡ter com o qual nÃ£o podemos nos enganar, quando nos damos\r\nao trabalho de as estudar. Quanto ao mÃ©dium, o melhor seria\r\naquele que jamais tivesse sido enganado, pois isso seria a prova de\r\nque sÃ³ atrai EspÃ­ritos bons.\r\n\r\n23. Mas nÃ£o hÃ¡ mÃ©diuns dotados de excelentes\r\nqualidades morais e que sÃ£o enganados?\r\nResp. â€“ Sim, os EspÃ­ritos maus podem fazer tentativas,\r\ne nÃ£o triunfam senÃ£o pela fraqueza ou pela excessiva confianÃ§a do\r\nmÃ©dium que se deixa enganar. Mas isso nÃ£o dura e os EspÃ­ritos\r\nbons facilmente vencem, quando hÃ¡ vontade.\r\n\r\n24. A faculdade mediÃºnica Ã© independente das\r\nqualidades morais do mÃ©dium?\r\nResp. â€“ Sim. Muitas vezes Ã© dada em alto grau a pessoas\r\nviciosas, a fim de ajudÃ¡-las a corrigir-se. SerÃ¡ que os doentes nÃ£o\r\nprecisam mais de remÃ©dio que as pessoas sadias? Os EspÃ­ritos\r\nmaus por vezes lhes dÃ£o bons conselhos sem o saber; a isso sÃ£o\r\nimpelidos pelos bons. Mas elas nÃ£o os aproveitam, porque, por\r\norgulho, nÃ£o os tomam para si.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Isto Ã© perfeitamente exato. Muitas vezes\r\ntemos visto EspÃ­ritos inferiores darem rudes liÃ§Ãµes em termos\r\npouco comedidos; assinalar defeitos, expor ao ridÃ­culo as\r\nimperfeiÃ§Ãµes alheias, com mais ou menos habilidade, conforme as\r\ncircunstÃ¢ncias, e por vezes de modo muito espirituoso.\r\n\r\n25. EspÃ­ritos bons podem comunicar-se por maus\r\nmÃ©diuns?\r\nResp. â€“ Algumas vezes mÃ©diuns imperfeitos podem\r\nreceber belas comunicaÃ§Ãµes, que nÃ£o procederiam senÃ£o dos\r\nEspÃ­ritos bons. Mas, quanto mais sÃ¡bias e sublimes, tanto mais\r\nculpados serÃ£o os mÃ©diuns por nÃ£o as aproveitar. Oh! sim; sÃ£o\r\nmuito culpados e sofrerÃ£o cruelmente por sua cegueira.\r\n\r\n26. As boas intenÃ§Ãµes e as qualidades pessoais de quem\r\ninterroga podem conjurar os EspÃ­ritos maus, atraÃ­dos por um\r\nmÃ©dium imperfeito, e lhe assegurar boas comunicaÃ§Ãµes?\r\nResp. â€“ Os EspÃ­ritos bons apreciam a intenÃ§Ã£o e,\r\nquando o julgam Ãºtil, podem servir-se de qualquer espÃ©cie de\r\nmÃ©dium, conforme o objetivo a que se propÃµe. Mas, em geral, as\r\ncomunicaÃ§Ãµes sÃ£o tanto mais seguras quanto mais sÃ©rias as\r\nqualidades do mÃ©dium.\r\n\r\n27. Como nenhum homem Ã© perfeito, segue-se que nÃ£o\r\nhÃ¡ mÃ©diuns perfeitos?\r\nResp. â€“ HÃ¡ os que sÃ£o tÃ£o perfeitos quanto o comporta\r\na humanidade terrena. SÃ£o raros, mas existem; sÃ£o os preferidos de\r\nDeus e se preparam grandes alegrias no mundo dos EspÃ­ritos.\r\n\r\n28. Quais os defeitos que dÃ£o mais acesso aos EspÃ­ritos\r\nmaus?\r\nResp. â€“ JÃ¡ vo-lo disse: o orgulho e a inveja, sendo esta\r\numa conseqÃ¼Ãªncia do orgulho e do egoÃ­smo. Deus ama os\r\nhumildes e castiga os soberbos.\r\n\r\n29. Disso concluÃ­s que o mÃ©dium que nÃ£o Ã© humilde\r\nnÃ£o merece nenhuma confianÃ§a?\r\nResp. â€“ NÃ£o de maneira absoluta. Mas se no mÃ©dium\r\nreconheceis orgulho, inveja e pouca caridade, tendes muito mais\r\nchances de ser enganado.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O que leva a perder muitos mÃ©diuns Ã© o\r\nfato de se julgarem os Ãºnicos capazes de receber boas comu-\r\nnicaÃ§Ãµes e desprezarem as dos outros. Julgam que sÃ£o profetas,\r\nquando nÃ£o passam de intÃ©rpretes de EspÃ­ritos astuciosos que os\r\nenlaÃ§am em suas redes, persuadindo-os de que tudo quanto\r\nescrevem Ã© sublime e nÃ£o mais precisam de conselhos. A crenÃ§a de\r\ncertos mÃ©diuns na infalibilidade e na superioridade de suas\r\ncomunicaÃ§Ãµes Ã© tal, que nelas tocar Ã© quase uma profanaÃ§Ã£o; delas\r\nduvidar Ã© quase uma injÃºria; mais ainda: Ã© atÃ© expor-se a deles fazer\r\ninimigos, porquanto mais valeria dizer a um poeta que os seus\r\nversos sÃ£o maus. Esse sentimento, que tem por princÃ­pio evidente\r\no orgulho, Ã© alimentado pelos EspÃ­ritos que os assistem e que tÃªm\r\nmuito cuidado em lhes inspirar o afastamento de quem quer que os\r\npossa esclarecer. SÃ³ isto deveria ser suficiente para lhes abrir os\r\nolhos, caso nÃ£o estivessem fascinados. HÃ¡ um princÃ­pio, que\r\nninguÃ©m poderia contestar: os EspÃ­ritos bons sÃ³ aconselham o\r\nbem. Portanto, tudo quanto nÃ£o for o bem, no sentido absoluto, nÃ£o\r\npode provir de um EspÃ­rito bom. ConseqÃ¼entemente, todo\r\nconselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que reflita o menor\r\npensamento mau, Ã©, por isso mesmo, de origem suspeita, sejam\r\nquais forem as qualidades ou a redundÃ¢ncia do estilo.\r\nUm sinal nÃ£o menos caracterÃ­stico dessa origem Ã© a\r\nlisonja, de que os EspÃ­ritos maus sÃ£o prÃ³digos em relaÃ§Ã£o a certos\r\nmÃ©diuns. A propÃ³sito, sabem exaltar os dotes fÃ­sicos ou as\r\nqualidades morais, afagar as secretas inclinaÃ§Ãµes, excitar a cobiÃ§a e\r\na cupidez e, mesmo censurar o orgulho e aconselhar a humildade,\r\nagrilhoar-lhes a vaidade e o amor-prÃ³prio. Um dos meios que\r\nempregam consiste, sobretudo, em convencÃª-los de sua\r\nsuperioridade como mÃ©diuns, apresentando-os como apÃ³stolos de\r\nmissÃµes, pelo menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas\r\nas qualidades seria a humildade, unida Ã  simplicidade e Ã  caridade.\r\nFascinados pelo nome de seres venerados, dos quais se\r\njulgam intÃ©rpretes, nÃ£o percebem as verdadeiras intenÃ§Ãµes dos\r\nfalsos EspÃ­ritos, mau grado seu, porquanto seria impossÃ­vel a\r\nEspÃ­ritos inferiores simular completamente todas as qualidades que\r\nnÃ£o possuem. Os mÃ©diuns nÃ£o se libertarÃ£o verdadeiramente da\r\nobsessÃ£o de que sÃ£o alvo senÃ£o quando compreenderem esta\r\nverdade. SÃ³ entÃ£o os EspÃ­ritos maus, por seu lado, compreenderÃ£o\r\nque perdem tempo com pessoas que nÃ£o poderiam pegar em falta.', 'O MÃ©dium: impacto no trabalho mediÃºnico', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'o-medium-impacto-no-trabalho-mediunico', '', '', '2021-01-29 13:03:07', '2021-01-29 16:03:07', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=245', 0, 'post', '', 0),

(246, 1, '2021-01-29 11:44:50', '2021-01-29 14:44:50', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 263, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<strong>SRA . DURET</strong>\r\n\r\nMÃ©dium escrevente, morta a 1 o de maio de 1860, em SÃ©tif, ArgÃ©lia,\r\nevocada primeiro em casa do Sr. Allan Kardec, a 21 de maio, depois a 25, na Sociedade.\r\n\r\n1. EvocaÃ§Ã£o.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui.\r\n\r\n2. Conhecemo-nos de nome, se nÃ£o de fato; e embora\r\njamais me tenhais visto, sois capaz de reconhecer-me?\r\nResp. â€“ Oh! muito bem.\r\n\r\n3. JÃ¡ viestes visitar-me depois que morrestes?\r\nResp. â€“ NÃ£o; ainda, nÃ£o, mas sabia muito bem que me\r\nchamarÃ­eis.\r\n\r\n4. Como mÃ©dium, e perfeitamente iniciada no\r\nEspiritismo, pensei que, melhor que outro, poderÃ­eis dar-nos\r\nexplicaÃ§Ãµes instrutivas sobre diferentes pontos da CiÃªncia.\r\nResp. â€“ Responderei o melhor que puder.\r\n\r\n5. Esta primeira evocaÃ§Ã£o tem por objetivo apenas\r\nrenovar, de certo modo, nosso conhecimento e nos pÃ´r em\r\ncontato. Quanto Ã s perguntas, como sÃ£o de interesse geral, prefiro\r\nfazÃª-las na Sociedade. Indago, pois, se consentirÃ­eis em vir.\r\nResp. â€“ Sim, com prazer. Responderei e pedirei a Deus\r\nque me esclareÃ§a.\r\n\r\n6. HÃ¡ cinco mÃ©diuns aqui; tendes preferÃªncia por algum\r\ndeles para vos servir de intÃ©rprete?\r\nResp. â€“ Isto me Ã© indiferente, contanto que seja um bom\r\nmÃ©dium.\r\n7. Como mÃ©dium, fostes enganada alguma vez pelos\r\nEspÃ­ritos em vossas comunicaÃ§Ãµes?\r\nResp. â€“ Oh! muitas vezes. HÃ¡ poucos mÃ©diuns que nÃ£o\r\no sejam mais ou menos.\r\nNota â€“ No dia seguinte a Sra. Duret manifestou-se\r\nespontaneamente e confessou pesar por nÃ£o lhe terem feito maior\r\nnÃºmero de perguntas na vÃ©spera.\r\n8. Se nÃ£o o fiz, como disse, foi porque as reservava para\r\na Sociedade. Queria tÃ£o-somente assegurar-me se podia contar\r\nconvosco.\r\nResp. â€“ O que se faz em vossa casa tambÃ©m Ã© dado para\r\na instruÃ§Ã£o da Sociedade e, muitas vezes, Ã© Ãºtil aproveitar os\r\ninstantes em que o EspÃ­rito quer comunicar-se, pois nem sempre as\r\ncondiÃ§Ãµes lhe sÃ£o igualmente favorÃ¡veis.\r\n9. Quais as circunstÃ¢ncias que lhe podem ser\r\nfavorÃ¡veis?\r\nResp. â€“ HÃ¡ muitas que conheceis. Mas Ã© preciso saibais\r\nque isso nem sempre depende dele. Por vezes necessita ser assistido\r\npor outros EspÃ­ritos, que podem nÃ£o estar ali no momento.\r\n10. Considerando que viestes espontaneamente, devo\r\nsupor que estais num desses momentos propÃ­cios e o aproveitarei,\r\nse quiserdes. Dissestes ontem que muitas vezes fostes enganada\r\ncomo mÃ©dium. Vedes agora os EspÃ­ritos que vos enganaram?\r\nJ UNHO DE 1860\r\n265\r\nResp. â€“ Sim, vejo-os perfeitamente. Bem que eles ainda\r\ngostariam de me envolver, mas vejo bastante claro, agora. NÃ£o sou\r\nmais o seu joguete. EntÃ£o os repilo.\r\n11. Dissestes tambÃ©m que hÃ¡ poucos mÃ©diuns que nÃ£o\r\ntenham sido mais ou menos enganados. De que depende isto?\r\nResp. â€“ Muito do mÃ©dium e daquele que interroga.\r\n12. PoderÃ­eis explicar mais claramente?\r\nResp. â€“ Quero dizer que sempre Ã© possÃ­vel preservar-se\r\ndos EspÃ­ritos maus, desde que se o queira. A primeira condiÃ§Ã£o\r\npara isso Ã© nÃ£o os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos. Quanto vos\r\nteria a dizer sobre isto! Ah! se os mÃ©diuns soubessem todo o erro\r\nque cometem, dando trela aos EspÃ­ritos malÃ©volos!\r\n13. Ã‰ no mundo dos EspÃ­ritos que cometem erros?\r\nResp. â€“ Sim; e tambÃ©m no mundo dos vivos.\r\n14. Qual o erro que podem cometer no mundo dos\r\nvivos?\r\nResp. â€“ VÃ¡rios. Para comeÃ§ar, tornam-se presa dos\r\nEspÃ­ritos maus, que deles abusam e os impelem ao mal, excitando\r\ntodas as imperfeiÃ§Ãµes que neles se encontram em germe,\r\nprincipalmente o orgulho e a inveja. Depois, Deus os pune, muitas\r\nvezes, pelos sofrimentos da vida.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Temos mais de um exemplo de mÃ©diuns\r\ndotados das mais felizes disposiÃ§Ãµes, e que a desgraÃ§a perseguiu e\r\nabateu, depois de se terem deixado dominar pelos EspÃ­ritos maus.\r\n15. Mas, entÃ£o, nÃ£o seria melhor nÃ£o ser mÃ©dium, jÃ¡ que\r\nessa faculdade pode arrastar a tÃ£o graves inconvenientes?\r\nResp. â€“ Acreditais que os EspÃ­ritos maus sÃ³ venham\r\natacar os mÃ©diuns? A mediunidade, ao contrÃ¡rio, Ã© um meio\r\nprecioso de os reconhecer e de se resguardar contra eles. Ã‰ o\r\nR EVISTA E SPÃRITA\r\n266\r\nremÃ©dio que, em sua bondade, Deus pÃµe ao lado do mal. Ã‰ o aviso\r\ndo bom pai, que ama os filhos e quer preservÃ¡-los do perigo.\r\nInfelizmente, os que desfrutam desse dom nÃ£o sabem ou nÃ£o\r\nquerem aproveitÃ¡-lo. SÃ£o como o imprudente, que se fere com a\r\narma que deveria servir para defendÃª-lo.\r\n16. Sois vÃ³s mesma, Sra. Duret, que dais as respostas?\r\nResp. â€“ Sou eu mesma que as dou, e vo-lo asseguro em\r\nnome de Deus. Mas creio que, se tivesse sido abandonada a mim\r\nmesma, nÃ£o seria capaz de responder. Os pensamentos me vÃªm de\r\nmais alto.\r\n17. Vedes o EspÃ­rito que vo-las inspira?\r\nResp. â€“ NÃ£o. HÃ¡ aqui uma multidÃ£o de EspÃ­ritos, diante\r\ndos quais me inclino, e cujos pensamentos parecem irradiar sobre\r\nmim.\r\n18. Assim, um EspÃ­rito pode receber inspiraÃ§Ã£o de\r\noutros, tÃ£o bem quanto aquele que estÃ¡ encarnado, e lhes servir de\r\nintermediÃ¡rio?\r\nResp. â€“ NÃ£o o duvideis; muitas vezes julga responder\r\npor si mesmo, quando nÃ£o Ã© mais que um eco.\r\n19. Quer os pensamentos sejam pessoalmente vossos,\r\nquer sejam sugeridos, pouco nos importa, desde que sejam bons, e\r\nnÃ³s agradecemos aos EspÃ­ritos bons que vo-los sugerem. Mas,\r\nentÃ£o, perguntarei: por que esses mesmos EspÃ­ritos nÃ£o respondem\r\ndiretamente?\r\nResp. â€“ Eles o fariam, se os interrogÃ¡sseis. Foi a mim\r\nque evocastes. Eles querem responder e, entÃ£o, servem-se de mim\r\npara minha prÃ³pria instruÃ§Ã£o.\r\n20. O EspÃ­rito que obsidiou um mÃ©dium em vida ainda\r\no obsidiarÃ¡ apÃ³s a morte?\r\nResp. â€“ A morte nÃ£o liberta o homem da obsessÃ£o dos\r\nEspÃ­ritos maus; Ã© a figura dos demÃ´nios, atormentando as almas\r\nJ UNHO DE 1860\r\n267\r\npenadas. Sim, esses EspÃ­ritos os perseguem apÃ³s a morte e lhes\r\ncausam terrÃ­veis sofrimentos, porque o EspÃ­rito atormentado se\r\nsente sob uma constriÃ§Ã£o de que nÃ£o se pode desembaraÃ§ar.\r\nAquele, ao contrÃ¡rio, que se libertou da obsessÃ£o em vida, Ã© forte,\r\ne os EspÃ­ritos maus o encaram com temor e respeito; encontraram\r\no seu mestre.\r\n21. HÃ¡ muitos mÃ©diuns realmente bons, na completa\r\nacepÃ§Ã£o da palavra?\r\nResp. â€“ NÃ£o sÃ£o os mÃ©dicos que faltam, mas os bons\r\nmÃ©dicos sÃ£o raros. DÃ¡-se o mesmo com os mÃ©diuns.\r\n22. Por qual sinal podemos reconhecer que as\r\ncomunicaÃ§Ãµes de um mÃ©dium merecem confianÃ§a?\r\nResp. â€“ As comunicaÃ§Ãµes dos EspÃ­ritos bons tÃªm um\r\ncarÃ¡ter com o qual nÃ£o podemos nos enganar, quando nos damos\r\nao trabalho de as estudar. Quanto ao mÃ©dium, o melhor seria\r\naquele que jamais tivesse sido enganado, pois isso seria a prova de\r\nque sÃ³ atrai EspÃ­ritos bons.\r\n23. Mas nÃ£o hÃ¡ mÃ©diuns dotados de excelentes\r\nqualidades morais e que sÃ£o enganados?\r\nResp. â€“ Sim, os EspÃ­ritos maus podem fazer tentativas,\r\ne nÃ£o triunfam senÃ£o pela fraqueza ou pela excessiva confianÃ§a do\r\nmÃ©dium que se deixa enganar. Mas isso nÃ£o dura e os EspÃ­ritos\r\nbons facilmente vencem, quando hÃ¡ vontade.\r\n24. A faculdade mediÃºnica Ã© independente das\r\nqualidades morais do mÃ©dium?\r\nResp. â€“ Sim. Muitas vezes Ã© dada em alto grau a pessoas\r\nviciosas, a fim de ajudÃ¡-las a corrigir-se. SerÃ¡ que os doentes nÃ£o\r\nprecisam mais de remÃ©dio que as pessoas sadias? Os EspÃ­ritos\r\nmaus por vezes lhes dÃ£o bons conselhos sem o saber; a isso sÃ£o\r\nimpelidos pelos bons. Mas elas nÃ£o os aproveitam, porque, por\r\norgulho, nÃ£o os tomam para si.\r\nR EVISTA E SPÃRITA\r\n268\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Isto Ã© perfeitamente exato. Muitas vezes\r\ntemos visto EspÃ­ritos inferiores darem rudes liÃ§Ãµes em termos\r\npouco comedidos; assinalar defeitos, expor ao ridÃ­culo as\r\nimperfeiÃ§Ãµes alheias, com mais ou menos habilidade, conforme as\r\ncircunstÃ¢ncias, e por vezes de modo muito espirituoso.\r\n25. EspÃ­ritos bons podem comunicar-se por maus\r\nmÃ©diuns?\r\nResp. â€“ Algumas vezes mÃ©diuns imperfeitos podem\r\nreceber belas comunicaÃ§Ãµes, que nÃ£o procederiam senÃ£o dos\r\nEspÃ­ritos bons. Mas, quanto mais sÃ¡bias e sublimes, tanto mais\r\nculpados serÃ£o os mÃ©diuns por nÃ£o as aproveitar. Oh! sim; sÃ£o\r\nmuito culpados e sofrerÃ£o cruelmente por sua cegueira.\r\n26. As boas intenÃ§Ãµes e as qualidades pessoais de quem\r\ninterroga podem conjurar os EspÃ­ritos maus, atraÃ­dos por um\r\nmÃ©dium imperfeito, e lhe assegurar boas comunicaÃ§Ãµes?\r\nResp. â€“ Os EspÃ­ritos bons apreciam a intenÃ§Ã£o e,\r\nquando o julgam Ãºtil, podem servir-se de qualquer espÃ©cie de\r\nmÃ©dium, conforme o objetivo a que se propÃµe. Mas, em geral, as\r\ncomunicaÃ§Ãµes sÃ£o tanto mais seguras quanto mais sÃ©rias as\r\nqualidades do mÃ©dium.\r\n27. Como nenhum homem Ã© perfeito, segue-se que nÃ£o\r\nhÃ¡ mÃ©diuns perfeitos?\r\nResp. â€“ HÃ¡ os que sÃ£o tÃ£o perfeitos quanto o comporta\r\na humanidade terrena. SÃ£o raros, mas existem; sÃ£o os preferidos de\r\nDeus e se preparam grandes alegrias no mundo dos EspÃ­ritos.\r\n28. Quais os defeitos que dÃ£o mais acesso aos EspÃ­ritos\r\nmaus?\r\nResp. â€“ JÃ¡ vo-lo disse: o orgulho e a inveja, sendo esta\r\numa conseqÃ¼Ãªncia do orgulho e do egoÃ­smo. Deus ama os\r\nhumildes e castiga os soberbos.\r\nJ UNHO DE 1860\r\n269\r\n29. Disso concluÃ­s que o mÃ©dium que nÃ£o Ã© humilde\r\nnÃ£o merece nenhuma confianÃ§a?\r\nResp. â€“ NÃ£o de maneira absoluta. Mas se no mÃ©dium\r\nreconheceis orgulho, inveja e pouca caridade, tendes muito mais\r\nchances de ser enganado.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O que leva a perder muitos mÃ©diuns Ã© o\r\nfato de se julgarem os Ãºnicos capazes de receber boas comu-\r\nnicaÃ§Ãµes e desprezarem as dos outros. Julgam que sÃ£o profetas,\r\nquando nÃ£o passam de intÃ©rpretes de EspÃ­ritos astuciosos que os\r\nenlaÃ§am em suas redes, persuadindo-os de que tudo quanto\r\nescrevem Ã© sublime e nÃ£o mais precisam de conselhos. A crenÃ§a de\r\ncertos mÃ©diuns na infalibilidade e na superioridade de suas\r\ncomunicaÃ§Ãµes Ã© tal, que nelas tocar Ã© quase uma profanaÃ§Ã£o; delas\r\nduvidar Ã© quase uma injÃºria; mais ainda: Ã© atÃ© expor-se a deles fazer\r\ninimigos, porquanto mais valeria dizer a um poeta que os seus\r\nversos sÃ£o maus. Esse sentimento, que tem por princÃ­pio evidente\r\no orgulho, Ã© alimentado pelos EspÃ­ritos que os assistem e que tÃªm\r\nmuito cuidado em lhes inspirar o afastamento de quem quer que os\r\npossa esclarecer. SÃ³ isto deveria ser suficiente para lhes abrir os\r\nolhos, caso nÃ£o estivessem fascinados. HÃ¡ um princÃ­pio, que\r\nninguÃ©m poderia contestar: os EspÃ­ritos bons sÃ³ aconselham o\r\nbem. Portanto, tudo quanto nÃ£o for o bem, no sentido absoluto, nÃ£o\r\npode provir de um EspÃ­rito bom. ConseqÃ¼entemente, todo\r\nconselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que reflita o menor\r\npensamento mau, Ã©, por isso mesmo, de origem suspeita, sejam\r\nquais forem as qualidades ou a redundÃ¢ncia do estilo.\r\nUm sinal nÃ£o menos caracterÃ­stico dessa origem Ã© a\r\nlisonja, de que os EspÃ­ritos maus sÃ£o prÃ³digos em relaÃ§Ã£o a certos\r\nmÃ©diuns. A propÃ³sito, sabem exaltar os dotes fÃ­sicos ou as\r\nqualidades morais, afagar as secretas inclinaÃ§Ãµes, excitar a cobiÃ§a e\r\na cupidez e, mesmo censurar o orgulho e aconselhar a humildade,\r\nagrilhoar-lhes a vaidade e o amor-prÃ³prio. Um dos meios que\r\nempregam consiste, sobretudo, em convencÃª-los de sua\r\nR EVISTA E SPÃRITA\r\n270\r\nsuperioridade como mÃ©diuns, apresentando-os como apÃ³stolos de\r\nmissÃµes, pelo menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas\r\nas qualidades seria a humildade, unida Ã  simplicidade e Ã  caridade.\r\nFascinados pelo nome de seres venerados, dos quais se\r\njulgam intÃ©rpretes, nÃ£o percebem as verdadeiras intenÃ§Ãµes dos\r\nfalsos EspÃ­ritos, mau grado seu, porquanto seria impossÃ­vel a\r\nEspÃ­ritos inferiores simular completamente todas as qualidades que\r\nnÃ£o possuem. Os mÃ©diuns nÃ£o se libertarÃ£o verdadeiramente da\r\nobsessÃ£o de que sÃ£o alvo senÃ£o quando compreenderem esta\r\nverdade. SÃ³ entÃ£o os EspÃ­ritos maus, por seu lado, compreenderÃ£o\r\nque perdem tempo com pessoas que nÃ£o poderiam pegar em falta.', '', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '245-revision-v1', '', '', '2021-01-29 11:44:50', '2021-01-29 14:44:50', '', 245, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/245-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(247, 1, '2021-01-29 13:03:07', '2021-01-29 16:03:07', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 263, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<strong>SRA . DURET</strong>\r\n\r\nMÃ©dium escrevente, morta a 1 o de maio de 1860, em SÃ©tif, ArgÃ©lia,\r\nevocada primeiro em casa do Sr. Allan Kardec, a 21 de maio, depois a 25, na Sociedade.\r\n\r\n1. EvocaÃ§Ã£o.\r\nResp. â€“ Eis-me aqui.\r\n\r\n2. Conhecemo-nos de nome, se nÃ£o de fato; e embora\r\njamais me tenhais visto, sois capaz de reconhecer-me?\r\nResp. â€“ Oh! muito bem.\r\n\r\n3. JÃ¡ viestes visitar-me depois que morrestes?\r\nResp. â€“ NÃ£o; ainda, nÃ£o, mas sabia muito bem que me\r\nchamarÃ­eis.\r\n\r\n4. Como mÃ©dium, e perfeitamente iniciada no\r\nEspiritismo, pensei que, melhor que outro, poderÃ­eis dar-nos\r\nexplicaÃ§Ãµes instrutivas sobre diferentes pontos da CiÃªncia.\r\nResp. â€“ Responderei o melhor que puder.\r\n\r\n5. Esta primeira evocaÃ§Ã£o tem por objetivo apenas\r\nrenovar, de certo modo, nosso conhecimento e nos pÃ´r em\r\ncontato. Quanto Ã s perguntas, como sÃ£o de interesse geral, prefiro\r\nfazÃª-las na Sociedade. Indago, pois, se consentirÃ­eis em vir.\r\nResp. â€“ Sim, com prazer. Responderei e pedirei a Deus\r\nque me esclareÃ§a.\r\n\r\n6. HÃ¡ cinco mÃ©diuns aqui; tendes preferÃªncia por algum\r\ndeles para vos servir de intÃ©rprete?\r\nResp. â€“ Isto me Ã© indiferente, contanto que seja um bom\r\nmÃ©dium.\r\n\r\n7. Como mÃ©dium, fostes enganada alguma vez pelos\r\nEspÃ­ritos em vossas comunicaÃ§Ãµes?\r\nResp. â€“ Oh! muitas vezes. HÃ¡ poucos mÃ©diuns que nÃ£o\r\no sejam mais ou menos.\r\nNota â€“ No dia seguinte a Sra. Duret manifestou-se\r\nespontaneamente e confessou pesar por nÃ£o lhe terem feito maior\r\nnÃºmero de perguntas na vÃ©spera.\r\n\r\n8. Se nÃ£o o fiz, como disse, foi porque as reservava para\r\na Sociedade. Queria tÃ£o-somente assegurar-me se podia contar\r\nconvosco.\r\nResp. â€“ O que se faz em vossa casa tambÃ©m Ã© dado para\r\na instruÃ§Ã£o da Sociedade e, muitas vezes, Ã© Ãºtil aproveitar os\r\ninstantes em que o EspÃ­rito quer comunicar-se, pois nem sempre as\r\ncondiÃ§Ãµes lhe sÃ£o igualmente favorÃ¡veis.\r\n\r\n9. Quais as circunstÃ¢ncias que lhe podem ser\r\nfavorÃ¡veis?\r\nResp. â€“ HÃ¡ muitas que conheceis. Mas Ã© preciso saibais\r\nque isso nem sempre depende dele. Por vezes necessita ser assistido\r\npor outros EspÃ­ritos, que podem nÃ£o estar ali no momento.\r\n10. Considerando que viestes espontaneamente, devo\r\nsupor que estais num desses momentos propÃ­cios e o aproveitarei,\r\nse quiserdes. Dissestes ontem que muitas vezes fostes enganada\r\ncomo mÃ©dium. Vedes agora os EspÃ­ritos que vos enganaram?\r\nResp. â€“ Sim, vejo-os perfeitamente. Bem que eles ainda\r\ngostariam de me envolver, mas vejo bastante claro, agora. NÃ£o sou\r\nmais o seu joguete. EntÃ£o os repilo.\r\n\r\n11. Dissestes tambÃ©m que hÃ¡ poucos mÃ©diuns que nÃ£o\r\ntenham sido mais ou menos enganados. De que depende isto?\r\nResp. â€“ Muito do mÃ©dium e daquele que interroga.\r\n\r\n12. PoderÃ­eis explicar mais claramente?\r\nResp. â€“ Quero dizer que sempre Ã© possÃ­vel preservar-se\r\ndos EspÃ­ritos maus, desde que se o queira. A primeira condiÃ§Ã£o\r\npara isso Ã© nÃ£o os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos. Quanto vos\r\nteria a dizer sobre isto! Ah! se os mÃ©diuns soubessem todo o erro\r\nque cometem, dando trela aos EspÃ­ritos malÃ©volos!\r\n\r\n13. Ã‰ no mundo dos EspÃ­ritos que cometem erros?\r\nResp. â€“ Sim; e tambÃ©m no mundo dos vivos.\r\n\r\n14. Qual o erro que podem cometer no mundo dos\r\nvivos?\r\nResp. â€“ VÃ¡rios. Para comeÃ§ar, tornam-se presa dos\r\nEspÃ­ritos maus, que deles abusam e os impelem ao mal, excitando\r\ntodas as imperfeiÃ§Ãµes que neles se encontram em germe,\r\nprincipalmente o orgulho e a inveja. Depois, Deus os pune, muitas\r\nvezes, pelos sofrimentos da vida.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Temos mais de um exemplo de mÃ©diuns\r\ndotados das mais felizes disposiÃ§Ãµes, e que a desgraÃ§a perseguiu e\r\nabateu, depois de se terem deixado dominar pelos EspÃ­ritos maus.\r\n\r\n15. Mas, entÃ£o, nÃ£o seria melhor nÃ£o ser mÃ©dium, jÃ¡ que\r\nessa faculdade pode arrastar a tÃ£o graves inconvenientes?\r\nResp. â€“ Acreditais que os EspÃ­ritos maus sÃ³ venham\r\natacar os mÃ©diuns? A mediunidade, ao contrÃ¡rio, Ã© um meio\r\nprecioso de os reconhecer e de se resguardar contra eles. Ã‰ o\r\nremÃ©dio que, em sua bondade, Deus pÃµe ao lado do mal. Ã‰ o aviso\r\ndo bom pai, que ama os filhos e quer preservÃ¡-los do perigo.\r\nInfelizmente, os que desfrutam desse dom nÃ£o sabem ou nÃ£o\r\nquerem aproveitÃ¡-lo. SÃ£o como o imprudente, que se fere com a\r\narma que deveria servir para defendÃª-lo.\r\n\r\n16. Sois vÃ³s mesma, Sra. Duret, que dais as respostas?\r\nResp. â€“ Sou eu mesma que as dou, e vo-lo asseguro em\r\nnome de Deus. Mas creio que, se tivesse sido abandonada a mim\r\nmesma, nÃ£o seria capaz de responder. Os pensamentos me vÃªm de\r\nmais alto.\r\n\r\n17. Vedes o EspÃ­rito que vo-las inspira?\r\nResp. â€“ NÃ£o. HÃ¡ aqui uma multidÃ£o de EspÃ­ritos, diante\r\ndos quais me inclino, e cujos pensamentos parecem irradiar sobre\r\nmim.\r\n\r\n18. Assim, um EspÃ­rito pode receber inspiraÃ§Ã£o de\r\noutros, tÃ£o bem quanto aquele que estÃ¡ encarnado, e lhes servir de\r\nintermediÃ¡rio?\r\nResp. â€“ NÃ£o o duvideis; muitas vezes julga responder\r\npor si mesmo, quando nÃ£o Ã© mais que um eco.\r\n\r\n19. Quer os pensamentos sejam pessoalmente vossos,\r\nquer sejam sugeridos, pouco nos importa, desde que sejam bons, e\r\nnÃ³s agradecemos aos EspÃ­ritos bons que vo-los sugerem. Mas,\r\nentÃ£o, perguntarei: por que esses mesmos EspÃ­ritos nÃ£o respondem\r\ndiretamente?\r\nResp. â€“ Eles o fariam, se os interrogÃ¡sseis. Foi a mim\r\nque evocastes. Eles querem responder e, entÃ£o, servem-se de mim\r\npara minha prÃ³pria instruÃ§Ã£o.\r\n\r\n20. O EspÃ­rito que obsidiou um mÃ©dium em vida ainda\r\no obsidiarÃ¡ apÃ³s a morte?\r\nResp. â€“ A morte nÃ£o liberta o homem da obsessÃ£o dos\r\nEspÃ­ritos maus; Ã© a figura dos demÃ´nios, atormentando as almas\r\npenadas. Sim, esses EspÃ­ritos os perseguem apÃ³s a morte e lhes\r\ncausam terrÃ­veis sofrimentos, porque o EspÃ­rito atormentado se\r\nsente sob uma constriÃ§Ã£o de que nÃ£o se pode desembaraÃ§ar.\r\nAquele, ao contrÃ¡rio, que se libertou da obsessÃ£o em vida, Ã© forte,\r\ne os EspÃ­ritos maus o encaram com temor e respeito; encontraram\r\no seu mestre.\r\n\r\n21. HÃ¡ muitos mÃ©diuns realmente bons, na completa\r\nacepÃ§Ã£o da palavra?\r\nResp. â€“ NÃ£o sÃ£o os mÃ©dicos que faltam, mas os bons\r\nmÃ©dicos sÃ£o raros. DÃ¡-se o mesmo com os mÃ©diuns.\r\n\r\n22. Por qual sinal podemos reconhecer que as\r\ncomunicaÃ§Ãµes de um mÃ©dium merecem confianÃ§a?\r\nResp. â€“ As comunicaÃ§Ãµes dos EspÃ­ritos bons tÃªm um\r\ncarÃ¡ter com o qual nÃ£o podemos nos enganar, quando nos damos\r\nao trabalho de as estudar. Quanto ao mÃ©dium, o melhor seria\r\naquele que jamais tivesse sido enganado, pois isso seria a prova de\r\nque sÃ³ atrai EspÃ­ritos bons.\r\n\r\n23. Mas nÃ£o hÃ¡ mÃ©diuns dotados de excelentes\r\nqualidades morais e que sÃ£o enganados?\r\nResp. â€“ Sim, os EspÃ­ritos maus podem fazer tentativas,\r\ne nÃ£o triunfam senÃ£o pela fraqueza ou pela excessiva confianÃ§a do\r\nmÃ©dium que se deixa enganar. Mas isso nÃ£o dura e os EspÃ­ritos\r\nbons facilmente vencem, quando hÃ¡ vontade.\r\n\r\n24. A faculdade mediÃºnica Ã© independente das\r\nqualidades morais do mÃ©dium?\r\nResp. â€“ Sim. Muitas vezes Ã© dada em alto grau a pessoas\r\nviciosas, a fim de ajudÃ¡-las a corrigir-se. SerÃ¡ que os doentes nÃ£o\r\nprecisam mais de remÃ©dio que as pessoas sadias? Os EspÃ­ritos\r\nmaus por vezes lhes dÃ£o bons conselhos sem o saber; a isso sÃ£o\r\nimpelidos pelos bons. Mas elas nÃ£o os aproveitam, porque, por\r\norgulho, nÃ£o os tomam para si.\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ Isto Ã© perfeitamente exato. Muitas vezes\r\ntemos visto EspÃ­ritos inferiores darem rudes liÃ§Ãµes em termos\r\npouco comedidos; assinalar defeitos, expor ao ridÃ­culo as\r\nimperfeiÃ§Ãµes alheias, com mais ou menos habilidade, conforme as\r\ncircunstÃ¢ncias, e por vezes de modo muito espirituoso.\r\n\r\n25. EspÃ­ritos bons podem comunicar-se por maus\r\nmÃ©diuns?\r\nResp. â€“ Algumas vezes mÃ©diuns imperfeitos podem\r\nreceber belas comunicaÃ§Ãµes, que nÃ£o procederiam senÃ£o dos\r\nEspÃ­ritos bons. Mas, quanto mais sÃ¡bias e sublimes, tanto mais\r\nculpados serÃ£o os mÃ©diuns por nÃ£o as aproveitar. Oh! sim; sÃ£o\r\nmuito culpados e sofrerÃ£o cruelmente por sua cegueira.\r\n\r\n26. As boas intenÃ§Ãµes e as qualidades pessoais de quem\r\ninterroga podem conjurar os EspÃ­ritos maus, atraÃ­dos por um\r\nmÃ©dium imperfeito, e lhe assegurar boas comunicaÃ§Ãµes?\r\nResp. â€“ Os EspÃ­ritos bons apreciam a intenÃ§Ã£o e,\r\nquando o julgam Ãºtil, podem servir-se de qualquer espÃ©cie de\r\nmÃ©dium, conforme o objetivo a que se propÃµe. Mas, em geral, as\r\ncomunicaÃ§Ãµes sÃ£o tanto mais seguras quanto mais sÃ©rias as\r\nqualidades do mÃ©dium.\r\n\r\n27. Como nenhum homem Ã© perfeito, segue-se que nÃ£o\r\nhÃ¡ mÃ©diuns perfeitos?\r\nResp. â€“ HÃ¡ os que sÃ£o tÃ£o perfeitos quanto o comporta\r\na humanidade terrena. SÃ£o raros, mas existem; sÃ£o os preferidos de\r\nDeus e se preparam grandes alegrias no mundo dos EspÃ­ritos.\r\n\r\n28. Quais os defeitos que dÃ£o mais acesso aos EspÃ­ritos\r\nmaus?\r\nResp. â€“ JÃ¡ vo-lo disse: o orgulho e a inveja, sendo esta\r\numa conseqÃ¼Ãªncia do orgulho e do egoÃ­smo. Deus ama os\r\nhumildes e castiga os soberbos.\r\n\r\n29. Disso concluÃ­s que o mÃ©dium que nÃ£o Ã© humilde\r\nnÃ£o merece nenhuma confianÃ§a?\r\nResp. â€“ NÃ£o de maneira absoluta. Mas se no mÃ©dium\r\nreconheceis orgulho, inveja e pouca caridade, tendes muito mais\r\nchances de ser enganado.\r\n\r\nObservaÃ§Ã£o â€“ O que leva a perder muitos mÃ©diuns Ã© o\r\nfato de se julgarem os Ãºnicos capazes de receber boas comu-\r\nnicaÃ§Ãµes e desprezarem as dos outros. Julgam que sÃ£o profetas,\r\nquando nÃ£o passam de intÃ©rpretes de EspÃ­ritos astuciosos que os\r\nenlaÃ§am em suas redes, persuadindo-os de que tudo quanto\r\nescrevem Ã© sublime e nÃ£o mais precisam de conselhos. A crenÃ§a de\r\ncertos mÃ©diuns na infalibilidade e na superioridade de suas\r\ncomunicaÃ§Ãµes Ã© tal, que nelas tocar Ã© quase uma profanaÃ§Ã£o; delas\r\nduvidar Ã© quase uma injÃºria; mais ainda: Ã© atÃ© expor-se a deles fazer\r\ninimigos, porquanto mais valeria dizer a um poeta que os seus\r\nversos sÃ£o maus. Esse sentimento, que tem por princÃ­pio evidente\r\no orgulho, Ã© alimentado pelos EspÃ­ritos que os assistem e que tÃªm\r\nmuito cuidado em lhes inspirar o afastamento de quem quer que os\r\npossa esclarecer. SÃ³ isto deveria ser suficiente para lhes abrir os\r\nolhos, caso nÃ£o estivessem fascinados. HÃ¡ um princÃ­pio, que\r\nninguÃ©m poderia contestar: os EspÃ­ritos bons sÃ³ aconselham o\r\nbem. Portanto, tudo quanto nÃ£o for o bem, no sentido absoluto, nÃ£o\r\npode provir de um EspÃ­rito bom. ConseqÃ¼entemente, todo\r\nconselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que reflita o menor\r\npensamento mau, Ã©, por isso mesmo, de origem suspeita, sejam\r\nquais forem as qualidades ou a redundÃ¢ncia do estilo.\r\nUm sinal nÃ£o menos caracterÃ­stico dessa origem Ã© a\r\nlisonja, de que os EspÃ­ritos maus sÃ£o prÃ³digos em relaÃ§Ã£o a certos\r\nmÃ©diuns. A propÃ³sito, sabem exaltar os dotes fÃ­sicos ou as\r\nqualidades morais, afagar as secretas inclinaÃ§Ãµes, excitar a cobiÃ§a e\r\na cupidez e, mesmo censurar o orgulho e aconselhar a humildade,\r\nagrilhoar-lhes a vaidade e o amor-prÃ³prio. Um dos meios que\r\nempregam consiste, sobretudo, em convencÃª-los de sua\r\nsuperioridade como mÃ©diuns, apresentando-os como apÃ³stolos de\r\nmissÃµes, pelo menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas\r\nas qualidades seria a humildade, unida Ã  simplicidade e Ã  caridade.\r\nFascinados pelo nome de seres venerados, dos quais se\r\njulgam intÃ©rpretes, nÃ£o percebem as verdadeiras intenÃ§Ãµes dos\r\nfalsos EspÃ­ritos, mau grado seu, porquanto seria impossÃ­vel a\r\nEspÃ­ritos inferiores simular completamente todas as qualidades que\r\nnÃ£o possuem. Os mÃ©diuns nÃ£o se libertarÃ£o verdadeiramente da\r\nobsessÃ£o de que sÃ£o alvo senÃ£o quando compreenderem esta\r\nverdade. SÃ³ entÃ£o os EspÃ­ritos maus, por seu lado, compreenderÃ£o\r\nque perdem tempo com pessoas que nÃ£o poderiam pegar em falta.', 'O MÃ©dium: impacto no trabalho mediÃºnico', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '245-revision-v1', '', '', '2021-01-29 13:03:07', '2021-01-29 16:03:07', '', 245, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/245-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);

INSERT INTO `wp\_posts` (`ID`, `post\_author`, `post\_date`, `post\_date\_gmt`, `post\_content`, `post\_title`, `post\_excerpt`, `post\_status`, `comment\_status`, `ping\_status`, `post\_password`, `post\_name`, `to\_ping`, `pinged`, `post\_modified`, `post\_modified\_gmt`, `post\_content\_filtered`, `post\_parent`, `guid`, `menu\_order`, `post\_type`, `post\_mime\_type`, `comment\_count`) VALUES

(248, 1, '2021-01-30 17:53:06', '2021-01-30 20:53:06', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g, 352,Â  Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Sociedade, 29 de junho de 1860</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">1. EvocaÃ§Ã£o do EspÃ­rito perturbador da Rua des Noyers.\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Por que me chamais? Quereis pedradas? Seria,\r\nentÃ£o, um salve-se quem puder, nÃ£o obstante o vosso ar de bravura.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n2. Mesmo que nos atirasses pedras, nÃ£o terÃ­amos medo.\r\nPergunto se de fato tu as podes lanÃ§ar.\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Aqui talvez nÃ£o pudesse; tendes um guarda que vela bem por vÃ³s.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n3. Na Rua des Noyers havia alguÃ©m que te servia de\r\nauxiliar para facilitar as brincadeiras de mau gosto com os\r\nhabitantes da casa?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Certamente; encontrei um bom instrumento e\r\nnenhum EspÃ­rito douto, sÃ¡bio e virtuoso para me impedir. Porque\r\nsou alegre, Ã s vezes gosto de me divertir.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n4. Qual era a pessoa que te servia de instrumento?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Uma criada.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n5. Ela te servia de auxiliar sem que o soubesse?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Oh, sim! Pobre </span><span class=\"fontstyle3\">menina</span><span class=\"fontstyle2\">! Era a mais apavorada.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n6. Entre as pessoas que se encontram aqui, haverÃ¡\r\nalguma capaz de te auxiliar a produzir efeitos semelhantes?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Bem que eu poderia encontrar uma, se ela\r\nquisesse prestar-se a isso; mas nÃ£o para manipular aqui.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n7. Podes designÃ¡-la?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Sim. Ali, Ã  direita daquele que fala; ele usa Ã³culos.</span>\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">ObservaÃ§Ã£o â€“ </span><span class=\"fontstyle2\">Com efeito, o EspÃ­rito designa um\r\nmembro da Sociedade, que Ã© um pouco mÃ©dium escrevente, mas\r\nque nunca produziu nenhuma manifestaÃ§Ã£o fÃ­sica. Ã‰ provÃ¡vel que\r\nseja uma nova brincadeira do EspÃ­rito.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n8. Ages com objetivo hostil?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ NÃ£o tenho nenhum objetivo hostil; mas os homens, que se apoderam de tudo, tirarÃ£o sua vantagem.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n9. Que queres dizer com isto? NÃ£o te compreendemos.\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Procurava divertir-me, mas estudais a coisa e\r\ntendes um fato a mais para mostrar que existimos.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">10. Onde conseguias os objetos que atiravas?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ SÃ£o muito comuns; encontrei-os no pÃ¡tio e nos jardins vizinhos.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">11. Encontraste </span><span class=\"fontstyle3\">todos </span><span class=\"fontstyle2\">ou fabricaste alguns?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Nada criei, nada compus.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">12. Se nÃ£o os tivesses encontrado, poderias fabricÃ¡-los?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Teria sido mais difÃ­cil; mas, a rigor, a gente mistura matÃ©rias e isto faz um todo qualquer.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n13. Dize-nos, agora, como os lanÃ§aste?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Ah! Isto Ã© mais difÃ­cil de dizer; servi-me da natureza elÃ©trica daquela menina, junto Ã  minha, menos material.\r\nAssim, pudemos ambos transportar aqueles diversos materiais.\r\n(Vide a nota que segue Ã  evocaÃ§Ã£o).</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n14. Imagino que gostarias de dar algumas informaÃ§Ãµes a teu respeito. Em primeiro lugar, dize-nos se morreste hÃ¡ muito tempo?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ HÃ¡ muito tempo; hÃ¡ bem uns cinqÃ¼enta anos.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">15. Que eras em vida?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ NÃ£o era grande coisa; costurava molambos </span><span class=\"fontstyle2\">neste bairro. Algumas vezes me diziam tolices, porque gostava muito do licor vermelho do ingÃªnuo NoÃ©. Assim, eu queria que todos sumissem daqui.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n16. Foi por ti mesmo e de boa vontade que respondeste Ã s nossas perguntas?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Eu tinha um orientador.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n17. Quem Ã© esse orientador?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ O vosso bom rei LuÃ­s.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">ObservaÃ§Ã£o â€“ </span><span class=\"fontstyle2\">Esta pergunta foi motivada pela natureza de\r\ncertas respostas, que parecem ultrapassar o alcance do EspÃ­rito, pelo\r\nfundo das idÃ©ias e mesmo pela forma da linguagem. Nada hÃ¡ de\r\nsurpreendente tenha sido ele auxiliado por um EspÃ­rito mais\r\nesclarecido, que queria aproveitar a ocasiÃ£o para nos instruir. Isto Ã©\r\num fato muito comum. Mas â€“ notÃ¡vel particularidade nesta\r\ncircunstÃ¢ncia â€“ a influÃªncia do outro EspÃ­rito se fez sentir sobre a\r\nprÃ³pria letra: a das respostas onde interferiu Ã© mais regular e\r\ncorrente; a das outras Ã© angulosa, grosseira, irregular, geralmente\r\npouco legÃ­vel e mostra um carÃ¡ter diverso.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n18. Que fazes agora? Ocupas-te com o teu futuro?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Ainda nÃ£o; erro. Pensam tÃ£o pouco em mim aÃ­ na Terra, que ninguÃ©m ora por mim. Assim, nÃ£o sou ajudado e nÃ£o trabalho.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n19. Qual era teu nome quando vivias?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Jeannet.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n20. Muito bem! Oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocaÃ§Ã£o te deu prazer ou te contrariou?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Antes prazer, porquanto sois criaturas boas,\r\nalegres, embora um pouco austeros. Tanto faz: ouvistes a mim e\r\nestou contente.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">Jeannet</span>', 'EspÃ­rito zombeteiro e perturbador', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'espirito-zombeteiro-e-perturbador', '', '', '2021-01-30 17:53:06', '2021-01-30 20:53:06', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=248', 0, 'post', '', 0),

(249, 1, '2021-01-30 17:53:06', '2021-01-30 20:53:06', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g, 352,Â  Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Sociedade, 29 de junho de 1860</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">1. EvocaÃ§Ã£o do EspÃ­rito perturbador da Rua des Noyers.\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Por que me chamais? Quereis pedradas? Seria,\r\nentÃ£o, um salve-se quem puder, nÃ£o obstante o vosso ar de bravura.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n2. Mesmo que nos atirasses pedras, nÃ£o terÃ­amos medo.\r\nPergunto se de fato tu as podes lanÃ§ar.\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Aqui talvez nÃ£o pudesse; tendes um guarda que vela bem por vÃ³s.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n3. Na Rua des Noyers havia alguÃ©m que te servia de\r\nauxiliar para facilitar as brincadeiras de mau gosto com os\r\nhabitantes da casa?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Certamente; encontrei um bom instrumento e\r\nnenhum EspÃ­rito douto, sÃ¡bio e virtuoso para me impedir. Porque\r\nsou alegre, Ã s vezes gosto de me divertir.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n4. Qual era a pessoa que te servia de instrumento?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Uma criada.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n5. Ela te servia de auxiliar sem que o soubesse?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Oh, sim! Pobre </span><span class=\"fontstyle3\">menina</span><span class=\"fontstyle2\">! Era a mais apavorada.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n6. Entre as pessoas que se encontram aqui, haverÃ¡\r\nalguma capaz de te auxiliar a produzir efeitos semelhantes?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Bem que eu poderia encontrar uma, se ela\r\nquisesse prestar-se a isso; mas nÃ£o para manipular aqui.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n7. Podes designÃ¡-la?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Sim. Ali, Ã  direita daquele que fala; ele usa Ã³culos.</span>\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">ObservaÃ§Ã£o â€“ </span><span class=\"fontstyle2\">Com efeito, o EspÃ­rito designa um\r\nmembro da Sociedade, que Ã© um pouco mÃ©dium escrevente, mas\r\nque nunca produziu nenhuma manifestaÃ§Ã£o fÃ­sica. Ã‰ provÃ¡vel que\r\nseja uma nova brincadeira do EspÃ­rito.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n8. Ages com objetivo hostil?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ NÃ£o tenho nenhum objetivo hostil; mas os homens, que se apoderam de tudo, tirarÃ£o sua vantagem.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n9. Que queres dizer com isto? NÃ£o te compreendemos.\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Procurava divertir-me, mas estudais a coisa e\r\ntendes um fato a mais para mostrar que existimos.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">10. Onde conseguias os objetos que atiravas?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ SÃ£o muito comuns; encontrei-os no pÃ¡tio e nos jardins vizinhos.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">11. Encontraste </span><span class=\"fontstyle3\">todos </span><span class=\"fontstyle2\">ou fabricaste alguns?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Nada criei, nada compus.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">12. Se nÃ£o os tivesses encontrado, poderias fabricÃ¡-los?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Teria sido mais difÃ­cil; mas, a rigor, a gente mistura matÃ©rias e isto faz um todo qualquer.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n13. Dize-nos, agora, como os lanÃ§aste?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Ah! Isto Ã© mais difÃ­cil de dizer; servi-me da natureza elÃ©trica daquela menina, junto Ã  minha, menos material.\r\nAssim, pudemos ambos transportar aqueles diversos materiais.\r\n(Vide a nota que segue Ã  evocaÃ§Ã£o).</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n14. Imagino que gostarias de dar algumas informaÃ§Ãµes a teu respeito. Em primeiro lugar, dize-nos se morreste hÃ¡ muito tempo?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ HÃ¡ muito tempo; hÃ¡ bem uns cinqÃ¼enta anos.\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">15. Que eras em vida?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ NÃ£o era grande coisa; costurava molambos </span><span class=\"fontstyle2\">neste bairro. Algumas vezes me diziam tolices, porque gostava muito do licor vermelho do ingÃªnuo NoÃ©. Assim, eu queria que todos sumissem daqui.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n16. Foi por ti mesmo e de boa vontade que respondeste Ã s nossas perguntas?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Eu tinha um orientador.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n17. Quem Ã© esse orientador?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ O vosso bom rei LuÃ­s.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">ObservaÃ§Ã£o â€“ </span><span class=\"fontstyle2\">Esta pergunta foi motivada pela natureza de\r\ncertas respostas, que parecem ultrapassar o alcance do EspÃ­rito, pelo\r\nfundo das idÃ©ias e mesmo pela forma da linguagem. Nada hÃ¡ de\r\nsurpreendente tenha sido ele auxiliado por um EspÃ­rito mais\r\nesclarecido, que queria aproveitar a ocasiÃ£o para nos instruir. Isto Ã©\r\num fato muito comum. Mas â€“ notÃ¡vel particularidade nesta\r\ncircunstÃ¢ncia â€“ a influÃªncia do outro EspÃ­rito se fez sentir sobre a\r\nprÃ³pria letra: a das respostas onde interferiu Ã© mais regular e\r\ncorrente; a das outras Ã© angulosa, grosseira, irregular, geralmente\r\npouco legÃ­vel e mostra um carÃ¡ter diverso.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n18. Que fazes agora? Ocupas-te com o teu futuro?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Ainda nÃ£o; erro. Pensam tÃ£o pouco em mim aÃ­ na Terra, que ninguÃ©m ora por mim. Assim, nÃ£o sou ajudado e nÃ£o trabalho.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n19. Qual era teu nome quando vivias?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Jeannet.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n20. Muito bem! Oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocaÃ§Ã£o te deu prazer ou te contrariou?\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Resp</span><span class=\"fontstyle2\">. â€“ Antes prazer, porquanto sois criaturas boas,\r\nalegres, embora um pouco austeros. Tanto faz: ouvistes a mim e\r\nestou contente.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">Jeannet</span>', 'EspÃ­rito zombeteiro e perturbador', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '248-revision-v1', '', '', '2021-01-30 17:53:06', '2021-01-30 20:53:06', '', 248, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/248-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(250, 1, '2021-01-30 18:11:08', '2021-01-30 21:11:08', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 469, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\"><strong>JÃšPITER</strong>\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">MÃ©dium â€“ Sra. Costel</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Infinitamente maior que a Terra, o planeta JÃºpiter nÃ£o\r\napresenta o mesmo aspecto. Ã‰ inundado por uma luz pura e\r\nbrilhante, que ilumina sem ofuscar. As Ã¡rvores, as flores, os insetos,\r\nos animais, dos quais os vossos sÃ£o o ponto de partida, ali sÃ£o\r\nmaiores e aperfeiÃ§oados; a Natureza Ã© mais grandiosa e mais\r\nvariada; a temperatura Ã© igual e deliciosa; a harmonia das esferas\r\nencanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam Ã©\r\na mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiÃ§oada e, sobretudo\r\npurificada. NÃ£o somos submetidos Ã s condiÃ§Ãµes materiais de vossa\r\nnatureza: nÃ£o temos as necessidades, nem as doenÃ§as que lhes sÃ£o\r\nconseqÃ¼Ãªncia. Somos almas revestidas de um envoltÃ³rio diÃ¡fano,\r\nque conserva os traÃ§os de nossas passadas migraÃ§Ãµes; aparecemos\r\naos amigos tal como nos conheceram, porÃ©m iluminados por uma\r\nluz divina, transfigurados por nossas impressÃµes interiores, que sÃ£o\r\nsempre elevadas.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nComo a Terra, JÃºpiter Ã© dividido num grande nÃºmero\r\nde paÃ­ses de aspectos variados, mas nÃ£o de clima. As diferenÃ§as de\r\ncondiÃ§Ãµes sÃ£o determinadas apenas pela superioridade moral e de\r\ninteligÃªncia; nÃ£o hÃ¡ senhores nem escravos; os mais elevados graus\r\nsÃ£o marcados somente pelas comunicaÃ§Ãµes mais diretas e mais</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">frequentes com os EspÃ­ritos puros e pelas mais importantes\r\nfunÃ§Ãµes que nos sÃ£o confiadas. Vossas habitaÃ§Ãµes nÃ£o vos podem\r\ndar nenhuma idÃ©ia das nossas, pois nÃ£o temos as mesmas\r\nnecessidades. Cultivamos as artes, chegadas a um grau de perfeiÃ§Ã£o\r\ndesconhecida entre vÃ³s. Gozamos de espetÃ¡culos sublimes; entre\r\neles, o que mais admiramos, Ã  medida que melhor compreendemos,\r\nÃ© o da inesgotÃ¡vel variedade das criaÃ§Ãµes, variedades harmoniosas\r\nque tÃªm o mesmo ponto de partida e se aperfeiÃ§oam no mesmo\r\nsentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza\r\nhumana, nÃ³s os encontramos engrandecidos e purificados, e o\r\ndesejo incessante que temos, de alcanÃ§ar o plano dos EspÃ­ritos\r\npuros, nÃ£o Ã© um tormento, mas uma nobre ambiÃ§Ã£o que nos impele\r\nao aperfeiÃ§oamento. Estudamos incessantemente, com amor, para\r\nnos elevarmos atÃ© eles, o que tambÃ©m fazem os seres inferiores\r\npara nos igualarem. Vossos pequenos Ã³dios, vossos ciÃºmes\r\nmesquinhos nos sÃ£o desconhecidos; um laÃ§o de amor e de\r\nfraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. Em\r\nvosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o\r\nbem, da noite para admirar a luz, da doenÃ§a para apreciar a saÃºde.\r\nAqui, esses contrastes nÃ£o sÃ£o necessÃ¡rios; a eterna luz, a eterna\r\nbondade, a calma eterna da alma nos cumulam de uma eterna\r\nalegria. Eis o que o EspÃ­rito humano tem mais dificuldade para\r\ncompreender: se foi engenhoso para pintar os tormentos do\r\ninferno, jamais pÃ´de representar as alegrias do cÃ©u. E por quÃª?\r\nPorque, sendo inferior, sÃ³ tendo suportado sofrimentos e misÃ©rias,\r\nnÃ£o foi capaz de entrever as claridades celestes; nÃ£o vos pode falar\r\nsenÃ£o do que conhece, como o viajante descreve os paÃ­ses que\r\npercorreu. Mas, Ã  medida que se eleva e se depura, o horizonte se\r\naclara e ele compreende o bem que estÃ¡ Ã  sua frente, como\r\ncompreendeu o mal que ficou para trÃ¡s.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nJÃ¡ outros EspÃ­ritos tentaram vos fazer compreender,\r\ntanto quanto o permite a vossa natureza, o estado dos mundos\r\nfelizes, a fim de vos estimular a seguir o Ãºnico caminho que a eles</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">pode conduzir. Mas hÃ¡ entre vÃ³s os que estÃ£o de tal modo ligados\r\nÃ  matÃ©ria, que ainda preferem as alegrias materiais da Terra Ã s\r\nalegrias puras, reservadas ao homem que sabe desligar-se delas. </span><span class=\"fontstyle2\">Que gozem, pois, enquanto estÃ£o aqui! Porque um triste revÃ©s os\r\nespera, talvez mesmo nesta vida. Os que escolhemos para nossos\r\nintÃ©rpretes sÃ£o os primeiros a receber a luz. Infelizes, sobretudo, os\r\nque nÃ£o aproveitam o favor que Deus lhes concede, porquanto sua\r\njustiÃ§a pesarÃ¡ sobre eles!</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Georges</span>', 'JÃºpiter', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'jupiter', '', '', '2021-01-30 18:12:23', '2021-01-30 21:12:23', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=250', 0, 'post', '', 0),

(251, 1, '2021-01-30 18:11:08', '2021-01-30 21:11:08', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 469, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\"><strong>JÃšPITER</strong>\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">MÃ©dium â€“ Sra. Costel</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Infinitamente maior que a Terra, o planeta JÃºpiter nÃ£o\r\napresenta o mesmo aspecto. Ã‰ inundado por uma luz pura e\r\nbrilhante, que ilumina sem ofuscar. As Ã¡rvores, as flores, os insetos,\r\nos animais, dos quais os vossos sÃ£o o ponto de partida, ali sÃ£o\r\nmaiores e aperfeiÃ§oados; a Natureza Ã© mais grandiosa e mais\r\nvariada; a temperatura Ã© igual e deliciosa; a harmonia das esferas\r\nencanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam Ã©\r\na mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiÃ§oada e, sobretudo\r\npurificada. NÃ£o somos submetidos Ã s condiÃ§Ãµes materiais de vossa\r\nnatureza: nÃ£o temos as necessidades, nem as doenÃ§as que lhes sÃ£o\r\nconseqÃ¼Ãªncia. Somos almas revestidas de um envoltÃ³rio diÃ¡fano,\r\nque conserva os traÃ§os de nossas passadas migraÃ§Ãµes; aparecemos\r\naos amigos tal como nos conheceram, porÃ©m iluminados por uma\r\nluz divina, transfigurados por nossas impressÃµes interiores, que sÃ£o\r\nsempre elevadas.\r\nComo a Terra, JÃºpiter Ã© dividido num grande nÃºmero\r\nde paÃ­ses de aspectos variados, mas nÃ£o de clima. As diferenÃ§as de\r\ncondiÃ§Ãµes sÃ£o determinadas apenas pela superioridade moral e de\r\ninteligÃªncia; nÃ£o hÃ¡ senhores nem escravos; os mais elevados graus\r\nsÃ£o marcados somente pelas comunicaÃ§Ãµes mais diretas e mai</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">frequentes com os EspÃ­ritos puros e pelas mais importantes\r\nfunÃ§Ãµes que nos sÃ£o confiadas. Vossas habitaÃ§Ãµes nÃ£o vos podem\r\ndar nenhuma idÃ©ia das nossas, pois nÃ£o temos as mesmas\r\nnecessidades. Cultivamos as artes, chegadas a um grau de perfeiÃ§Ã£o\r\ndesconhecida entre vÃ³s. Gozamos de espetÃ¡culos sublimes; entre\r\neles, o que mais admiramos, Ã  medida que melhor compreendemos,\r\nÃ© o da inesgotÃ¡vel variedade das criaÃ§Ãµes, variedades harmoniosas\r\nque tÃªm o mesmo ponto de partida e se aperfeiÃ§oam no mesmo\r\nsentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza\r\nhumana, nÃ³s os encontramos engrandecidos e purificados, e o\r\ndesejo incessante que temos, de alcanÃ§ar o plano dos EspÃ­ritos\r\npuros, nÃ£o Ã© um tormento, mas uma nobre ambiÃ§Ã£o que nos impele\r\nao aperfeiÃ§oamento. Estudamos incessantemente, com amor, para\r\nnos elevarmos atÃ© eles, o que tambÃ©m fazem os seres inferiores\r\npara nos igualarem. Vossos pequenos Ã³dios, vossos ciÃºmes\r\nmesquinhos nos sÃ£o desconhecidos; um laÃ§o de amor e de\r\nfraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. Em\r\nvosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o\r\nbem, da noite para admirar a luz, da doenÃ§a para apreciar a saÃºde.\r\nAqui, esses contrastes nÃ£o sÃ£o necessÃ¡rios; a eterna luz, a eterna\r\nbondade, a calma eterna da alma nos cumulam de uma eterna\r\nalegria. Eis o que o EspÃ­rito humano tem mais dificuldade para\r\ncompreender: se foi engenhoso para pintar os tormentos do\r\ninferno, jamais pÃ´de representar as alegrias do cÃ©u. E por quÃª?\r\nPorque, sendo inferior, sÃ³ tendo suportado sofrimentos e misÃ©rias,\r\nnÃ£o foi capaz de entrever as claridades celestes; nÃ£o vos pode falar\r\nsenÃ£o do que conhece, como o viajante descreve os paÃ­ses que\r\npercorreu. Mas, Ã  medida que se eleva e se depura, o horizonte se\r\naclara e ele compreende o bem que estÃ¡ Ã  sua frente, como\r\ncompreendeu o mal que ficou para trÃ¡s.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nJÃ¡ outros EspÃ­ritos tentaram vos fazer compreender,\r\ntanto quanto o permite a vossa natureza, o estado dos mundos\r\nfelizes, a fim de vos estimular a seguir o Ãºnico caminho que a eles</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">pode conduzir. Mas hÃ¡ entre vÃ³s os que estÃ£o de tal modo ligados\r\nÃ  matÃ©ria, que ainda preferem as alegrias materiais da Terra Ã s\r\nalegrias puras, reservadas ao homem que sabe desligar-se delas. </span><span class=\"fontstyle2\">Que gozem, pois, enquanto estÃ£o aqui! Porque um triste revÃ©s os\r\nespera, talvez mesmo nesta vida. Os que escolhemos para nossos\r\nintÃ©rpretes sÃ£o os primeiros a receber a luz. Infelizes, sobretudo, os\r\nque nÃ£o aproveitam o favor que Deus lhes concede, porquanto sua\r\njustiÃ§a pesarÃ¡ sobre eles!\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Georges</span>', 'JÃºpiter', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '250-revision-v1', '', '', '2021-01-30 18:11:08', '2021-01-30 21:11:08', '', 250, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/250-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(252, 1, '2021-01-30 18:12:23', '2021-01-30 21:12:23', 'Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 469, Paris, FranÃ§a\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\"><strong>JÃšPITER</strong>\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">MÃ©dium â€“ Sra. Costel</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">Infinitamente maior que a Terra, o planeta JÃºpiter nÃ£o\r\napresenta o mesmo aspecto. Ã‰ inundado por uma luz pura e\r\nbrilhante, que ilumina sem ofuscar. As Ã¡rvores, as flores, os insetos,\r\nos animais, dos quais os vossos sÃ£o o ponto de partida, ali sÃ£o\r\nmaiores e aperfeiÃ§oados; a Natureza Ã© mais grandiosa e mais\r\nvariada; a temperatura Ã© igual e deliciosa; a harmonia das esferas\r\nencanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam Ã©\r\na mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiÃ§oada e, sobretudo\r\npurificada. NÃ£o somos submetidos Ã s condiÃ§Ãµes materiais de vossa\r\nnatureza: nÃ£o temos as necessidades, nem as doenÃ§as que lhes sÃ£o\r\nconseqÃ¼Ãªncia. Somos almas revestidas de um envoltÃ³rio diÃ¡fano,\r\nque conserva os traÃ§os de nossas passadas migraÃ§Ãµes; aparecemos\r\naos amigos tal como nos conheceram, porÃ©m iluminados por uma\r\nluz divina, transfigurados por nossas impressÃµes interiores, que sÃ£o\r\nsempre elevadas.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nComo a Terra, JÃºpiter Ã© dividido num grande nÃºmero\r\nde paÃ­ses de aspectos variados, mas nÃ£o de clima. As diferenÃ§as de\r\ncondiÃ§Ãµes sÃ£o determinadas apenas pela superioridade moral e de\r\ninteligÃªncia; nÃ£o hÃ¡ senhores nem escravos; os mais elevados graus\r\nsÃ£o marcados somente pelas comunicaÃ§Ãµes mais diretas e mais</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">frequentes com os EspÃ­ritos puros e pelas mais importantes\r\nfunÃ§Ãµes que nos sÃ£o confiadas. Vossas habitaÃ§Ãµes nÃ£o vos podem\r\ndar nenhuma idÃ©ia das nossas, pois nÃ£o temos as mesmas\r\nnecessidades. Cultivamos as artes, chegadas a um grau de perfeiÃ§Ã£o\r\ndesconhecida entre vÃ³s. Gozamos de espetÃ¡culos sublimes; entre\r\neles, o que mais admiramos, Ã  medida que melhor compreendemos,\r\nÃ© o da inesgotÃ¡vel variedade das criaÃ§Ãµes, variedades harmoniosas\r\nque tÃªm o mesmo ponto de partida e se aperfeiÃ§oam no mesmo\r\nsentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza\r\nhumana, nÃ³s os encontramos engrandecidos e purificados, e o\r\ndesejo incessante que temos, de alcanÃ§ar o plano dos EspÃ­ritos\r\npuros, nÃ£o Ã© um tormento, mas uma nobre ambiÃ§Ã£o que nos impele\r\nao aperfeiÃ§oamento. Estudamos incessantemente, com amor, para\r\nnos elevarmos atÃ© eles, o que tambÃ©m fazem os seres inferiores\r\npara nos igualarem. Vossos pequenos Ã³dios, vossos ciÃºmes\r\nmesquinhos nos sÃ£o desconhecidos; um laÃ§o de amor e de\r\nfraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. Em\r\nvosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o\r\nbem, da noite para admirar a luz, da doenÃ§a para apreciar a saÃºde.\r\nAqui, esses contrastes nÃ£o sÃ£o necessÃ¡rios; a eterna luz, a eterna\r\nbondade, a calma eterna da alma nos cumulam de uma eterna\r\nalegria. Eis o que o EspÃ­rito humano tem mais dificuldade para\r\ncompreender: se foi engenhoso para pintar os tormentos do\r\ninferno, jamais pÃ´de representar as alegrias do cÃ©u. E por quÃª?\r\nPorque, sendo inferior, sÃ³ tendo suportado sofrimentos e misÃ©rias,\r\nnÃ£o foi capaz de entrever as claridades celestes; nÃ£o vos pode falar\r\nsenÃ£o do que conhece, como o viajante descreve os paÃ­ses que\r\npercorreu. Mas, Ã  medida que se eleva e se depura, o horizonte se\r\naclara e ele compreende o bem que estÃ¡ Ã  sua frente, como\r\ncompreendeu o mal que ficou para trÃ¡s.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nJÃ¡ outros EspÃ­ritos tentaram vos fazer compreender,\r\ntanto quanto o permite a vossa natureza, o estado dos mundos\r\nfelizes, a fim de vos estimular a seguir o Ãºnico caminho que a eles</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">pode conduzir. Mas hÃ¡ entre vÃ³s os que estÃ£o de tal modo ligados\r\nÃ  matÃ©ria, que ainda preferem as alegrias materiais da Terra Ã s\r\nalegrias puras, reservadas ao homem que sabe desligar-se delas. </span><span class=\"fontstyle2\">Que gozem, pois, enquanto estÃ£o aqui! Porque um triste revÃ©s os\r\nespera, talvez mesmo nesta vida. Os que escolhemos para nossos\r\nintÃ©rpretes sÃ£o os primeiros a receber a luz. Infelizes, sobretudo, os\r\nque nÃ£o aproveitam o favor que Deus lhes concede, porquanto sua\r\njustiÃ§a pesarÃ¡ sobre eles!</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Georges</span>', 'JÃºpiter', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '250-revision-v1', '', '', '2021-01-30 18:12:23', '2021-01-30 21:12:23', '', 250, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/250-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(253, 1, '2021-01-31 16:01:06', '2021-01-31 19:01:06', '<strong> <span class=\"fontstyle0\">OS ESPÃRITOS PUROS</span></strong>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 471, Paris, FranÃ§a\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">MÃ©dium â€“ Sra. Costel</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Os puros EspÃ­ritos sÃ£o aqueles que, chegados ao mais\r\nalto grau da perfeiÃ§Ã£o, sÃ£o julgados dignos de ser admitidos aos pÃ©s\r\nde Deus. O infinito esplendor que os envolve nÃ£o os dispensa de\r\nser Ãºteis nas obras da CriaÃ§Ã£o: as funÃ§Ãµes que devem preencher\r\ncorrespondem Ã  extensÃ£o de suas faculdades. Esses EspÃ­ritos sÃ£o\r\nos ministros de Deus; sob suas ordens, regem os mundos\r\ninumerÃ¡veis; dirigem do alto os EspÃ­ritos e os humanos; estÃ£o\r\nligados entre si por um amor sem limites, e esse ardor se estende\r\nsobre todos os seres que procuram atrair para se tornarem dignos\r\nda suprema felicidade. Deus se irradia sobre eles e lhes transmite\r\nsuas ordens; eles o vÃªem sem serem ofuscados por sua luz.\r\nSua forma Ã© etÃ©rea, nada tendo de palpÃ¡vel; falam aos\r\nEspÃ­ritos superiores e lhes comunicam sua ciÃªncia; tornam-se\r\ninfalÃ­veis. Em suas fileiras Ã© que sÃ£o escolhidos os anjos-da-guarda,\r\nque bondosamente baixam o olhar sobre os mortais, e os\r\nrecomendam aos EspÃ­ritos superiores, que os amaram. Estes\r\nescolhem os agentes de sua direÃ§Ã£o nos EspÃ­ritos de segunda\r\nordem. Os EspÃ­ritos puros sÃ£o iguais, e nem poderia ser de outro\r\nmodo, pois somente sÃ£o chamados a essa posiÃ§Ã£o depois de\r\nhaverem atingido o mais alto grau de perfeiÃ§Ã£o. HÃ¡ igualdade, mas</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">nÃ£o uniformidade, porquanto nÃ£o quis Deus que nenhuma de suas\r\nobras fosse idÃªntica. Os EspÃ­ritos puros conservam sua\r\npersonalidade, que apenas adquiriu a perfeiÃ§Ã£o mais completa no\r\nsentido de seu ponto de partida.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nNÃ£o Ã© permitido dar mais detalhes sobre esse mundo\r\nsupremo.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Georges</span>', 'Os EspÃ­ritos Puros', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'os-espiritos-puros', '', '', '2021-01-31 16:01:06', '2021-01-31 19:01:06', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=253', 0, 'post', '', 0),

(254, 1, '2021-01-31 16:01:06', '2021-01-31 19:01:06', '<strong> <span class=\"fontstyle0\">OS ESPÃRITOS PUROS</span></strong>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Revista EspÃ­rita 1860, pÃ¡g. 471, Paris, FranÃ§a\r\n</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">MÃ©dium â€“ Sra. Costel</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">Os puros EspÃ­ritos sÃ£o aqueles que, chegados ao mais\r\nalto grau da perfeiÃ§Ã£o, sÃ£o julgados dignos de ser admitidos aos pÃ©s\r\nde Deus. O infinito esplendor que os envolve nÃ£o os dispensa de\r\nser Ãºteis nas obras da CriaÃ§Ã£o: as funÃ§Ãµes que devem preencher\r\ncorrespondem Ã  extensÃ£o de suas faculdades. Esses EspÃ­ritos sÃ£o\r\nos ministros de Deus; sob suas ordens, regem os mundos\r\ninumerÃ¡veis; dirigem do alto os EspÃ­ritos e os humanos; estÃ£o\r\nligados entre si por um amor sem limites, e esse ardor se estende\r\nsobre todos os seres que procuram atrair para se tornarem dignos\r\nda suprema felicidade. Deus se irradia sobre eles e lhes transmite\r\nsuas ordens; eles o vÃªem sem serem ofuscados por sua luz.\r\nSua forma Ã© etÃ©rea, nada tendo de palpÃ¡vel; falam aos\r\nEspÃ­ritos superiores e lhes comunicam sua ciÃªncia; tornam-se\r\ninfalÃ­veis. Em suas fileiras Ã© que sÃ£o escolhidos os anjos-da-guarda,\r\nque bondosamente baixam o olhar sobre os mortais, e os\r\nrecomendam aos EspÃ­ritos superiores, que os amaram. Estes\r\nescolhem os agentes de sua direÃ§Ã£o nos EspÃ­ritos de segunda\r\nordem. Os EspÃ­ritos puros sÃ£o iguais, e nem poderia ser de outro\r\nmodo, pois somente sÃ£o chamados a essa posiÃ§Ã£o depois de\r\nhaverem atingido o mais alto grau de perfeiÃ§Ã£o. HÃ¡ igualdade, mas</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">nÃ£o uniformidade, porquanto nÃ£o quis Deus que nenhuma de suas\r\nobras fosse idÃªntica. Os EspÃ­ritos puros conservam sua\r\npersonalidade, que apenas adquiriu a perfeiÃ§Ã£o mais completa no\r\nsentido de seu ponto de partida.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nNÃ£o Ã© permitido dar mais detalhes sobre esse mundo\r\nsupremo.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\n</span><span class=\"fontstyle3\">Georges</span>', 'Os EspÃ­ritos Puros', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '253-revision-v1', '', '', '2021-01-31 16:01:06', '2021-01-31 19:01:06', '', 253, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/01/253-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0),

(255, 1, '2021-02-03 18:56:00', '2021-02-03 21:56:00', '<span class=\"fontstyle0\">A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Revista EspÃ­rita 1860, pag. 478, Paris, FranÃ§a</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">MÃ©dium â€“ Sra. de B...</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">â€œAmemo-nos uns aos outros e faÃ§amos aos outros o\r\nque quererÃ­amos que nos fizessem eles.â€ Toda a religiÃ£o, toda a\r\nmoral se acham encerradas nestes dois preceitos. Se fossem\r\nobservados nesse mundo todos serÃ­eis felizes: nÃ£o mais aÃ­ Ã³dios,\r\nnem ressentimentos. Direi ainda: nÃ£o mais pobreza, porquanto, do\r\nsupÃ©rfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">37 </span><span class=\"fontstyle0\">N. do T.: </span><span class=\"fontstyle2\">Com o mesmo tÃ­tulo esta mensagem foi inserida por Allan\r\nKardec em </span><span class=\"fontstyle3\">O Evangelho segundo o Espiritismo</span><span class=\"fontstyle2\">, capÃ­tulo XIII, item 10.\r\n(3</span><span class=\"fontstyle2\">a </span><span class=\"fontstyle2\">ediÃ§Ã£o definitiva â€“ 1866).</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">nÃ£o mais verÃ­eis, nos quarteirÃµes sombrios onde habitei durante a\r\nminha Ãºltima encarnaÃ§Ã£o, pobres mulheres arrastando consigo\r\nmiserÃ¡veis crianÃ§as a quem tudo faltava.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nRicos! pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que tenhais, ao sairdes do vossoÂ  invÃ³lucro terreno, um cortejo de EspÃ­ritos agradecidos, a recebervos no limiar de um mundo mais ditoso.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nSe pudÃ©sseis saber da alegria que experimentei ao encontrar no AlÃ©m aqueles a quem, na minha Ãºltima existÃªncia, me fora dado servir!... Dai e amai ao vosso prÃ³ximo; amai-o como a vÃ³s mesmos, porque o sabeis, vÃ³s tambÃ©m, agora que Deus permitiu comeÃ§Ã¡sseis a vos instruir na ciÃªncia espÃ­rita, que, repelindo um desgraÃ§ado, estareis, quiÃ§Ã¡, afastando de vÃ³s um irmÃ£o, um pai, um amigo vosso de outrora. Se assim for, de que\r\ndesespero nÃ£o vos sentireis presa, ao reconhecÃª-lo no mundo espÃ­rita!</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nDesejo compreendais bem o que seja a </span><span class=\"fontstyle3\">caridade moral</span><span class=\"fontstyle2\">, que todos podem praticar, que </span><span class=\"fontstyle3\">nada custa</span><span class=\"fontstyle2\">, materialmente falando, porÃ©m, que Ã© a mais difÃ­cil de exercer-se.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nA caridade moral consiste em se suportarem umas Ã s\r\noutras as criaturas e Ã© o que menos fazeis nesse mundo inferior,\r\nonde vos achais, por agora, encarnados. Sede, pois, caridosos,\r\nporque avanÃ§areis mais no bom caminho; sede humanos e\r\nsuportai-vos uns aos outros. Grande mÃ©rito hÃ¡, crede-me, em um\r\nhomem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. Ã‰\r\num gÃªnero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra\r\nzombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; nÃ£o ver\r\no sorriso de desdÃ©m com que vos recebem pessoas que, muitas\r\nvezes erradamente, se supÃµem acima de vÃ³s, quando na vida\r\nespÃ­rita, a </span><span class=\"fontstyle3\">Ãºnica real</span><span class=\"fontstyle2\">, estÃ£o, nÃ£o raro, muito abaixo, constitui\r\nmerecimento, nÃ£o do ponto de vista da humildade, mas do da</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">caridade, porquanto nÃ£o dar atenÃ§Ã£o ao mau proceder de outrem Ã©\r\ncaridade moral. Passando junto a um pobre enfermo, olhÃ¡-lo com\r\ncompaixÃ£o tem sempre muito mais mÃ©rito do que atirar-lhe um\r\nÃ³bolo com desprezo.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nContudo, nÃ£o se deve tomar essa figura ao pÃ© da letra,\r\nporque essa caridade nÃ£o deve impedir a outra. Tende, porÃ©m,\r\ncuidado principalmente em nÃ£o tratar com desprezo o vosso\r\nsemelhante. Lembrai-vos de tudo o que jÃ¡ vos tenho dito: Tende\r\npresente sempre que, repelindo um pobre, talvez repilais um\r\nEspÃ­rito que vos foi caro e que, no momento, se encontra em\r\nposiÃ§Ã£o inferior Ã  vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a\r\nquem, por felicidade, eu pudera auxiliar algumas vezes, e ao qual, a\r\nmeu turno, </span><span class=\"fontstyle3\">tenho agora de implorar auxÃ­lio</span><span class=\"fontstyle2\">.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nSede, pois, caridosos; nÃ£o sejais desdenhosos; sabei deixar passar uma palavra que vos fere e nÃ£o julgueis que ser caridosos seja apenas prodigalizar o auxÃ­lio material, mas tambÃ©m praticar a caridade moral. Eu vo-lo repito: praticai uma e outra.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nLembrai-vos de que Jesus disse que todos somos\r\nirmÃ£os e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o\r\nmendigo. Virei ainda para vos dar uma comunicaÃ§Ã£o mais longa,\r\npois agora sou chamada. Adeus: pensai nos que sofrem e orai.\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">IrmÃ£ RosÃ¡lia</span>', 'A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL', '', 'publish', 'open', 'open', '', 'a-caridade-material-e-a-caridade-moral', '', '', '2021-02-03 18:56:00', '2021-02-03 21:56:00', '', 0, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/?p=255', 0, 'post', '', 0),

(256, 1, '2021-02-03 18:56:00', '2021-02-03 21:56:00', '<span class=\"fontstyle0\">A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">Revista EspÃ­rita 1860, pag. 478, Paris, FranÃ§a</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle0\">MÃ©dium â€“ Sra. de B...</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">â€œAmemo-nos uns aos outros e faÃ§amos aos outros o\r\nque quererÃ­amos que nos fizessem eles.â€ Toda a religiÃ£o, toda a\r\nmoral se acham encerradas nestes dois preceitos. Se fossem\r\nobservados nesse mundo todos serÃ­eis felizes: nÃ£o mais aÃ­ Ã³dios,\r\nnem ressentimentos. Direi ainda: nÃ£o mais pobreza, porquanto, do\r\nsupÃ©rfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">37 </span><span class=\"fontstyle0\">N. do T.: </span><span class=\"fontstyle2\">Com o mesmo tÃ­tulo esta mensagem foi inserida por Allan\r\nKardec em </span><span class=\"fontstyle3\">O Evangelho segundo o Espiritismo</span><span class=\"fontstyle2\">, capÃ­tulo XIII, item 10.\r\n(3</span><span class=\"fontstyle2\">a </span><span class=\"fontstyle2\">ediÃ§Ã£o definitiva â€“ 1866).</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">nÃ£o mais verÃ­eis, nos quarteirÃµes sombrios onde habitei durante a\r\nminha Ãºltima encarnaÃ§Ã£o, pobres mulheres arrastando consigo\r\nmiserÃ¡veis crianÃ§as a quem tudo faltava.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nRicos! pensai nisto um pouco. Auxiliai os infelizes o melhor que puderdes. Dai, para que Deus, um dia, vos retribua o bem que houverdes feito, para que tenhais, ao sairdes do vossoÂ  invÃ³lucro terreno, um cortejo de EspÃ­ritos agradecidos, a recebervos no limiar de um mundo mais ditoso.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nSe pudÃ©sseis saber da alegria que experimentei ao encontrar no AlÃ©m aqueles a quem, na minha Ãºltima existÃªncia, me fora dado servir!... Dai e amai ao vosso prÃ³ximo; amai-o como a vÃ³s mesmos, porque o sabeis, vÃ³s tambÃ©m, agora que Deus permitiu comeÃ§Ã¡sseis a vos instruir na ciÃªncia espÃ­rita, que, repelindo um desgraÃ§ado, estareis, quiÃ§Ã¡, afastando de vÃ³s um irmÃ£o, um pai, um amigo vosso de outrora. Se assim for, de que\r\ndesespero nÃ£o vos sentireis presa, ao reconhecÃª-lo no mundo espÃ­rita!</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nDesejo compreendais bem o que seja a </span><span class=\"fontstyle3\">caridade moral</span><span class=\"fontstyle2\">, que todos podem praticar, que </span><span class=\"fontstyle3\">nada custa</span><span class=\"fontstyle2\">, materialmente falando, porÃ©m, que Ã© a mais difÃ­cil de exercer-se.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nA caridade moral consiste em se suportarem umas Ã s\r\noutras as criaturas e Ã© o que menos fazeis nesse mundo inferior,\r\nonde vos achais, por agora, encarnados. Sede, pois, caridosos,\r\nporque avanÃ§areis mais no bom caminho; sede humanos e\r\nsuportai-vos uns aos outros. Grande mÃ©rito hÃ¡, crede-me, em um\r\nhomem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. Ã‰\r\num gÃªnero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra\r\nzombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; nÃ£o ver\r\no sorriso de desdÃ©m com que vos recebem pessoas que, muitas\r\nvezes erradamente, se supÃµem acima de vÃ³s, quando na vida\r\nespÃ­rita, a </span><span class=\"fontstyle3\">Ãºnica real</span><span class=\"fontstyle2\">, estÃ£o, nÃ£o raro, muito abaixo, constitui\r\nmerecimento, nÃ£o do ponto de vista da humildade, mas do da</span><span class=\"fontstyle0\">\r\n</span><span class=\"fontstyle2\">caridade, porquanto nÃ£o dar atenÃ§Ã£o ao mau proceder de outrem Ã©\r\ncaridade moral. Passando junto a um pobre enfermo, olhÃ¡-lo com\r\ncompaixÃ£o tem sempre muito mais mÃ©rito do que atirar-lhe um\r\nÃ³bolo com desprezo.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nContudo, nÃ£o se deve tomar essa figura ao pÃ© da letra,\r\nporque essa caridade nÃ£o deve impedir a outra. Tende, porÃ©m,\r\ncuidado principalmente em nÃ£o tratar com desprezo o vosso\r\nsemelhante. Lembrai-vos de tudo o que jÃ¡ vos tenho dito: Tende\r\npresente sempre que, repelindo um pobre, talvez repilais um\r\nEspÃ­rito que vos foi caro e que, no momento, se encontra em\r\nposiÃ§Ã£o inferior Ã  vossa. Encontrei aqui um dos pobres da Terra, a\r\nquem, por felicidade, eu pudera auxiliar algumas vezes, e ao qual, a\r\nmeu turno, </span><span class=\"fontstyle3\">tenho agora de implorar auxÃ­lio</span><span class=\"fontstyle2\">.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nSede, pois, caridosos; nÃ£o sejais desdenhosos; sabei deixar passar uma palavra que vos fere e nÃ£o julgueis que ser caridosos seja apenas prodigalizar o auxÃ­lio material, mas tambÃ©m praticar a caridade moral. Eu vo-lo repito: praticai uma e outra.</span>\r\n\r\n<span class=\"fontstyle2\">\r\nLembrai-vos de que Jesus disse que todos somos\r\nirmÃ£os e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o\r\nmendigo. Virei ainda para vos dar uma comunicaÃ§Ã£o mais longa,\r\npois agora sou chamada. Adeus: pensai nos que sofrem e orai.\r\n</span><span class=\"fontstyle4\">IrmÃ£ RosÃ¡lia</span>', 'A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL', '', 'inherit', 'closed', 'closed', '', '255-revision-v1', '', '', '2021-02-03 18:56:00', '2021-02-03 21:56:00', '', 255, 'https://espiritamoeda.online.bhz.br/2021/02/255-revision-v1/', 0, 'revision', '', 0);